

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARTA IZABEL SCHNEIDER FIORENTIN

IMIGRANTES BRASILEIROS RADICADOS NO PARAGUAI (1970-2016):
RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS ENTRE OS IMIGRANTES E SEUS
DESCENDENTES E A SOCIEDADE PARAGUAIA

CURITIBA

2017

MARTA IZABEL SCHNEIDER FIORENTIN

IMIGRANTES BRASILEIROS RADICADOS NO PARAGUAI (1970-2016):
RELAÇÕES SOCIOCULTURAIS ENTRE OS IMIGRANTES E SEUS
DESCENDENTES E A SOCIEDADE PARAGUAIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas - Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em História.

Prof. Orientador: Dr. Antônio Cesar de Almeida Santos

CURITIBA
2017

Catálogo na publicação
Mariluci Zanela – CRB 9/1233
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Fiorentin, Marta Izabel Schneider

Imigrantes brasileiros radicados no Paraguai (1970-2016):
relações socioculturais entre os imigrantes e seus descendentes e a
sociedade paraguaia / Marta Izabel Schneider Fiorentin – Curitiba,
2017.

188 f.; 29 cm.

Orientador: Antônio Cesar de Almeida Santos
Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Migração - Movimentos sociais. 2. Identidade cultural. 3.
Sociabilidade - Migração. I. Título.

CDD 989.207 3



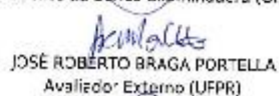
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS HUMANAS
Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA
Código CAPES: 40801016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

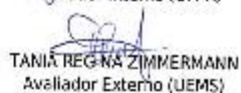
Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Tese de Doutorado de **MARTA IZABEL SCHNEIDER FLORENTIN**, intitulada: **"Imigrantes brasileiros radicados no Paraguai (1970-2016): relações socioculturais entre os imigrantes e seus descendentes e a sociedade Paraguaiá"**. Após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

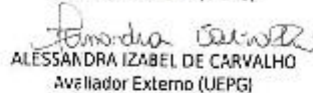
CURITIBA, 06 de Abril de 2017.


SERGIO ODILON MACALÁN
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


JOSÉ ROBERTO BRAGA PORTELLA
Avaliador Externo (UFPR)


LUIZ CARLOS RIBEFIRO
Avaliador Interno (UFPR)


TANIA REGINA ZIMMERMANN
Avaliador Externo (UEMS)


ALESSANDRA IZABEL DE CARVALHO
Avaliador Externo (UEPG)



AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que caminharam comigo nesta trajetória, algumas bem próximas, outras nem tanto, porém as singularidades foram importantes. Meu especial agradecimento:

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pelos ensinamentos, orientações e excelência.

Ao professor orientador Antônio Cesar de Almeida Santos, pelo profissionalismo, pela paciência no ofício de orientar, pelo tempo dedicado e, principalmente, por ter exercido papel decisivo em momentos cruciais, indicando caminhos, prestando apoio, mostrando-se, acima de tudo, um ser humano incrível. Diante de tanta dedicação, só havia uma coisa a ser feita, seguir em frente!

Ao professor José Roberto Braga Portella, pela observação certa no contexto da decisão de ingressar neste programa de Doutorado: “objeto de estudo você tem!”

Aos professores de Seminário de Tese Maria Luiza Andreazza e Luiz Geraldo da Silva, por acreditarem em meu projeto de pesquisa e por terem contribuído para seu aprimoramento.

Aos professor José Roberto Braga Portella e a professora Joseli Maria Nunes Mendonça, pelas sugestões e considerações feitas no Exame de Qualificação, contribuindo com a produção e finalização da pesquisa.

Ao professor Sergio Nadalin, do qual tive a honra de ser aluna na disciplina de Histórias das Populações.

À secretária Maria Cristina, pelo atendimento prestativo, eficiente e sempre solidário. Profissional exemplar.

Ao meu esposo Ivair e a meu filho Vinícius Augusto, pelo apoio incondicional, fazendo as vezes de mãe, esposa, secretária do lar e muito mais durante minhas ausências. Pelas vezes que fizeram papel de refúgio e fortaleza, restabelecendo minhas forças, para então seguir pesquisando.

À minha pequena filha, Sofia Helena, por seu sorriso inspirador.

Aos meus pais e familiares, pelo acompanhamento, apoio e compreensão nas minhas ausências.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa de estudos durante todo o período de realização deste doutorado.

À Universidade Paranaense e aos colegas de trabalho pelo apoio e incentivo.

Aos entrevistados Ana Laura L. Khun, Áureo Friguetto, Cládis de Paiva, Lourdes Leitchaveis, Cláudio Chiossi, Joseli Dalke, Eduino Moh, Renato Schneider (*in memoriam*), Sinaide Backes, Nildo Schneider, Edicleide Turcato, Marcos Voigt, Julli Wendpap, Vivian Schneider, Fabiana Schwerz, Wagner Salvadego, Gabriel Posselt, Daniela Nodari, Elizangela Zarete, Josemar da Silva e Camila Mascarelo, pela disponibilidade e humildade em dividir suas experiências de vida.

A todos, do fundo do meu coração, muito obrigada!

Uma vivência, algo pelo qual simplesmente eu passei, eu atravessei, ou algo que me aconteceu, ela não é nada se ela não puder ser transformada em alguma narrativa compartilhável e transmissível ao grupo ao qual eu pertenço. É a transmissão, é o compartilhar, que transforma a vivência em experiência.

Walter Benjamin

RESUMO

O tema central desta tese são as experiências dos imigrantes brasileiros no leste do Paraguai (1970-2016) e suas relações socioculturais com a sociedade paraguaia, em uma perspectiva de integração cultural. Como metodologia de investigação contou-se com recurso da História Oral, utilizando-se de entrevistas tratadas enquanto fontes históricas. Os depoimentos, permitiram alcançar dados e informações das diferentes gerações de imigrantes que se fixaram no Paraguai. Para tanto, apresentam-se os fatores que impulsionaram as migrações: a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu, a modernização agrícola e os sonhos familiares de adquirir mais terras no Paraguai. Reconstruíram-se os tempos de chegada dos imigrantes brasileiros em solo paraguaio por meio de seus relatos: o estabelecimento das famílias na nova terra, as estratégias de sobrevivência e os primeiros contatos com os paraguaios. Trata-se também das experiências vividas por descendentes de imigrantes e do estreitamento dos contatos multiétnicos em espaços de sociabilidades, no período 1970-2016. Revelam-se aspectos socioculturais e comportamentais para compreender a forma como esses sujeitos e seus descendentes construíram suas identidades no Paraguai dando visibilidade ao sujeito histórico e à complexidade real da vida cotidiana, individual, da família e da sociedade. Conclui-se com uma reflexão sobre a resignificação, do ponto de vista de que o sujeito histórico é capaz de assumir uma identidade fluida devido às suas práticas culturais e sociais que estão em constante movimento, fazendo surgir novas formas de viver, ver, pensar e organizar o mundo. E esses significados vão sendo compartilhados no conjunto de relações que se estabelecem ao longo dos processos sociais e históricos, em especial para os descendentes de imigrantes radicados no Paraguai.

Palavras-chave: Migração, contatos étnicos, identidade cultural, História oral, Paraguai.

ABSTRACT

The central subject of this thesis is to analyze the experiences of Brazilian immigrants in the east of Paraguay (1970-2016), their sociocultural relation with the Paraguayan society, in a perspective of cultural integration. As investigation methodology was a recourse to oral history. Using interviews treated as historical sources. The testimonies allowed to reach data and information of different generations of immigrants who settled in Paraguay. In this sense, the factors that drove the immigrations forward are presented, being them the construction of Itaipu Hydroelectric Power Plant, the agricultural modernization and the wish to purchase more land in Paraguay. The times when Brazilian immigrants arrived in Paraguayan lands were rebuilt through their accounts: when they arrived, the establishment of the families in the new lands, the survival strategies and the first contacts with the Paraguayans. The experiences lived by descendants of immigrants and the narrowing of multiethnic contacts in sociability spaces, in the period of 1970-2016, are regarded. Behavioral and sociocultural aspects are revealed, in order to understand the way these subjects and their descendants have built their identity in Paraguay. Visibility is given to the historical subject and the real complexity of everyday life, individual, of the family and the society. It is summed up with a reflection about reframing, from the point of view that the historical subject is capable of taking over a fluid identity due to their cultural and social practices that are constantly changing, creating new ways of living, seeing, thinking and organizing the world. And these meanings are shared in the circle of relationships established throughout the social and historical processes, especially for the descendants of immigrants settled in Paraguay.

Key words: Migration, ethnic contact, cultural identity, oral History, Paraguai.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Lago de Itaipu – Paraná	45
Figura 2: Evolução da população emigrante brasileira no Paraguai - 1943 a 2002 ..	56
Figura 3: Distribuição dos imigrantes brasileiros por departamento no Paraguai. Censo 2002 (a partir da variável “Fala a Língua Portuguesa”)	57
Figura 4: Último local de origem dos imigrantes brasileiros para o Paraguai	59
Quadro 1: Distribuição da população indígena, no Paraguai, por região (1981- 2012)	78
Gráfico 1: Distribuição relativa da população indígena por Estados (Paraguai, 2012)	76
Figura 5: Mapa político do Paraguai – divisão em Departamentos	92
Figura 6: O povoamento brasileiro no Paraguai oriental no final dos anos 1990	93
Figura 7: Principais focos de povoamento brasileiro no estado do Alto Paraná no final dos anos 1990	94
Figura 8: Principais focos de povoamento brasileiro no Estado de Canindeyú no final dos anos 1990	95
Figura 9: Convivência interétnica	102
Figura 10: Boletim Escolar <i>Escuela Básica Renacer</i> . Naranjal, Departamento de Alto Paraná, 2004.....	115
Figura 11: Boletim escolar emitido pelo <i>Colégio Nacional Casillia Doz</i> , Departamento de Caaguazu, 2015.....	116
Figura 12: Irmãos biológicos, filhos de casamento misto, pai paraguaio e mãe descendente de imigrantes brasileiros.....	167

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
 CAPÍTULO I – FATORES QUE MOTIVARAM A EMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA O PARAGUAI A PARTIR DA DÉCADA DE 1970	 33
1.1 Cruzando a fronteira: a “outra picada”	33
1.2 Oeste do Paraná e Santa Catarina: ocupação e a modernização agrícola...	37
1.3 A Usina Hidrelétrica de Itaipu e o processo de emigração de brasileiros para o Paraguai	44
1.4 Quem eram os emigrantes brasileiros que seguiram para o Paraguai	51
 CAPÍTULO II – DOS PRIMEIROS TEMPOS NO PARAGUAI	 63
2.1 Da lembrança dos tempos de chegada	63
2.2 Contatos com povoados paraguaios.....	74
2.3 Cultivando a terra: o trabalho, as adversidades, as perdas e as conquistas	81
2.4 O surgimento do “espaço brasiguai”: distribuição espacial e “concentração” dos imigrantes	88
 CAPÍTULO III – AS NOVAS GERAÇÕES E O ESTREITAMENTO DOS CONTATOS MULTIÉTNICOS.....	 97
3.1 Identidades múltiplas e a questão do hibridismo cultural.....	97
3.2 Em casa e na escola: identidade entre fronteiras e construções	103
3.3 Visto como “outro” no próprio lugar de nascimento.....	116
3.4 Entre a manutenção e lento “desgaste” da cultura dos imigrantes brasileiros no Paraguai.....	122
3.5 Elementos da cultura paraguaia no “espaço brasiguai”: os gostos, as músicas, as comemorações cívicas e as crenças	127
 CAPÍTULO IV - ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DA INTER-RELAÇÃO SOCIAL	 135
4.1 Os lugares de sociabilidades: as comunidades paroquiais e escolares, clubes desportivos e associação de moradores	135

4.2 Dos espaços de convivência ao casamento interétnico.....	145
4.3 O lugar das novas gerações.....	156
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 170
 FONTES ORAIS	 176
 REFERÊNCIAS.....	 177

INTRODUÇÃO

A presença de imigrantes agricultores brasileiros no Paraguai é um tema com o qual tenho trabalhado desde 2008. Esse interesse resultou em uma dissertação de mestrado, defendida em 2010. Na dissertação, discuti as expectativas dos migrantes que se radicaram no país vizinho a partir da década de 1970, em um contexto de expulsão dos agricultores de suas terras no Brasil. Nesta tese, retomo o assunto; porém, meu foco está voltado agora para as relações desenvolvidas entre os filhos e netos daqueles imigrantes e a sociedade receptora.

Os movimentos migratórios se constituem como objeto de estudo nas mais diversas áreas do conhecimento e, desse modo, compõem abundante material. Migrar faz parte da história do homem, e foi por meio de deslocamentos que emergiram novos sujeitos sociais e, assim, novas culturas, as quais possibilitaram o surgimento de uma nova vida em territórios estranhos. Por essa razão, as reflexões sobre questões de cultura e identidade que se configuram em movimentos migratórios têm permeado e ampliado o campo de análise deste fenômeno social.

Nesse sentido, a concepção de integração social desenvolvida pelos descendentes, apresentada nesta tese, expõe experiências dos imigrantes brasileiros radicados no Paraguai e de seus descendentes, especificamente no período de 1970-2016, bem como as relações socioculturais entre os imigrantes, seus descendentes e a sociedade paraguaia. Para além de questões econômicas, propõe-se uma análise que considere a sociabilidade desses imigrantes e de seus descendentes na sociedade receptora.

De acordo com Albuquerque, dos atuais 6 milhões de habitantes do Paraguai, estima-se que 500 mil sejam de origem brasileira. Desses, 60% estão radicados no país há 30 anos, e 90% dos seus descendentes nasceram em solo paraguaio. Albuquerque faz alusão ao que chama de “alargamento” da fronteira com o Paraguai, caracterizado pela mistura cultural nas cidades fronteiriças e nos municípios paraguaios situados num “raio de até 100 quilômetros ou mais do limite internacional como Santa Rita, Naranjal, Santa Rosa, San Alberto, Katueté, Mbaracayu e La Paloma, entre outras”.¹

¹ ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**: a imigração brasileira no Paraguai. Fortaleza. 2005. 274 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005, p. 99.

Em períodos recentes, questões como a presença numerosa de imigrantes brasileiros no Paraguai, a existência de espaços de reprodução de cultura brasileira naquele país, a ocupação da Zona de Segurança Fronteiriça Paraguaia por imigrantes brasileiros e seus descendentes e manifestações antibrasileiras passaram a ser noticiadas por canais de televisão, emissoras de rádio e imprensa escrita com frequência.² Logo, o que se observa atualmente na área fronteiriça entre Brasil e Paraguai envolve um complexo fenômeno social, e a expressão humana dessa complexidade são os “brasiguaios”.

O termo “brasiguai” assumiu diferentes entendimentos ao longo desse processo. Primeiramente, foi utilizado para designar um contingente de imigrantes camponeses que, depois de terem o sonho migratório frustrado, viram-se obrigados a retornar ao Brasil, em meados da década de 1980. Mais tarde, após a década de 1990, o termo “brasiguai” foi empregado no Brasil para designar brasileiros imigrantes e seus descendentes radicados no Paraguai.³

Sobre o surgimento do termo, Albuquerque comenta: Os *brasiguaios* teriam sido “expulsos” daquele país [Paraguai] por causa da concentração de terra, da mecanização da agricultura, do fim dos contratos. Naquele período [1985], Sérgio Cruz (PT), deputado federal pelo Mato Grosso do Sul, usou o termo brasiguai durante uma manifestação de imigrantes na cidade fronteiriça de Mundo Novo (MS). Os grupos religiosos, a imprensa e os próprios “colonos” começaram a construir a identificação de brasiguaios como “vítima [sic] de um duplo processo de “expulsão” nacional”.⁴

Há também a definição apresentada por Gonçalves; segundo ela, no Paraguai, o termo “brasiguai” é utilizado para denominar os brasileiros que vivem radicados no país com seus respectivos filhos e netos, de forma que esse termo é aceito com mais frequência por parte dos filhos do que pelos primeiros migrantes.⁵

No entanto, para esta tese, considera-se o termo “brasiguai” com o significado implícito à palavra, *brasileiro mais paraguaio*, reunindo uma acepção

² FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai**: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá Editora, 2012.

³ ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Rev. Horiz. Antropol**, v. 15, n. 31, Porto Alegre Jan./June, 2009.

⁴ ALBUQUERQUE, J. L. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010. p. 228-229.

⁵ GONÇALVES, K. B. **Migrações brasileiras para o Paraguai**: territórios e identidades da Colônia de Nueva Esperanza. (YBY YAU) – Concepción. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.

própria, decorrente de anos de radicação no lugar de destino, bem como designando os descendentes de imigrantes que aprendem e mesclam duas culturas desde seu nascimento. Da mesma forma, o termo “espaço brasiguai” será empregado para designar a região Leste do Paraguai, ocupada por imigrantes brasileiros radicados e seus descendentes, os quais, ao longo de quarenta anos, “criaram raízes” e construíram um lugar característico, em que as duas culturas marcam a identidade cultural do lugar.

Todavia, o que nos chama a atenção é a realidade social e cultural vivida, em especial, pelos descendentes dos imigrantes. Esses indivíduos nasceram e cresceram naquele país, e naquele espaço foram/estão construindo suas vidas. Por conseguinte, surgem as questões: Quem são os “brasiguaios” do ponto de vista da identidade étnico-cultural? Como esses indivíduos se vêem sob o ponto de vista étnico-cultural? Estão socialmente integrados na sociedade em que vivem?

Vale ressaltar que os descendentes de imigrantes radicados no Paraguai são sujeitos de uma espécie de história de “quebra de fronteiras culturais”⁶. Essa geração, em um movimento que se entende ser dialético, está rompendo um quadro de estereótipo e preconceito, que tem suporte no imaginário da sociedade paraguaia em que o brasileiro é visto como invasor, capitalista e detentor de uma nacionalidade (identidade) estrangeira superior e inimiga. Este imaginário pode ter surgido no contexto do desfecho trágico da Guerra do Paraguai (1864-1870), em que a população paraguaia foi praticamente dizimada pelo exército brasileiro. Somada a isso, vem a ideia preconcebida de que o brasileiro é superior, fruto de uma nação tecnologicamente mais avançada em razão da implantação do sistema de *agrobusiness* naquele país. Como se todo imigrante brasileiro agricultor fosse um grande detentor de capital e grande latifundiário.

Em contrapartida a essa postura de senso comum, há uma história de radicação e o aparecimento de uma nova geração (os descendentes) que se socializa e se integra àquela sociedade. Esse cenário abre importantes brechas para um rompimento gradativo do estereótipo, na medida em que se estreitam os laços

⁶ Fronteiras culturais remetem à vivência, às sociedades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e ideias. [...], a fronteira cultural aponta para a forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento”. [...] A fronteira cultural é trânsito e passagem, que ultrapassa os próprios limites que fixa, ela proporciona o surgimento de algo novo e diferente, possibilitado pela situação exemplar do contato, da mistura, da troca, do hibridismo, da mestiçagem cultural e étnica”. PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das Fronteiras. In: MARTINS, Maria Helena (Org.). **Fronteiras culturais**. Brasil-Uruguai-Argentina. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002. p. 36.

de convivência e de sociabilidade interétnica aos quais esta tese dedica especial atenção.

As pesquisas acadêmicas sobre este movimento migratório até agora produzidas, e não menos importantes, versam especialmente sobre questões ligadas a conflitos agrários⁷, seguindo o viés do materialismo histórico. Para abordar a radicação de “brasiguaios” optou-se por um outro viés, no qual se priorizam questões ligadas ao cotidiano, às práticas culturais⁸ desses sujeitos no mundo privado e das sociabilidades. Para isto, a metodologia de investigação contou com o recurso da História Oral. Sendo assim, as motivações para as migrações, as relações que se estabeleceram no novo espaço físico e social, questões de cultura e identidade foram investigadas a partir de entrevistas tratadas enquanto fontes históricas. Os depoimentos, embora centrados nos registros da memória, permitiram alcançar dados e informações de homens e mulheres, jovens ou adultos da primeira e segunda gerações de imigrantes radicados no Paraguai. Ao se referir ao estudo de narrativas, Jacques Le Goff discorre que a habilidade de um historiador consiste em tirar das narrativas tudo o que elas contêm e não lhes acrescentar nada do que não contêm.⁹ Entende-se que essa premissa também se aplica à análise de depoimentos.

Nesse contexto, é válido lembrar que o “espaço brasiguai” - local de realização das entrevistas - é caracterizado por uma área de colonização recente, onde não há universidades ou centros de documentação e memória. Caracterizando-se, assim, a primeira e a segunda gerações num diálogo entre o passado, quando do momento dos deslocamentos, e o presente, momento da formação do espaço geográfico e das interrelações entre os sujeitos históricos, quais sejam, os imigrantes brasileiros radicados no Paraguai, em sua maioria agricultores, seus descendentes e os paraguaios. Cabe ressaltar que os descendentes estão seguindo diversos rumos em busca de novos horizontes profissionais.

⁷ Ver: ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Fortaleza. 2005. 274 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005; FOGEL, R. Efectos socioambientales del enclave sojero. Dinámica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: una organización del territorio al estilo brasileño. In: **Merma, soberanía y pobreza**. FOGEL, R.; RIQUELME, M. CERI, 2005; SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA/ADEPO, 2007.

⁸ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

⁹ LE GOFF, J. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1992.

Além da revisão passado-presente, a presença do historiador entrevistando testemunhas também demarca um momento particular no campo da historiografia, uma vez que foi na década de 1970 que a pesquisa histórica recuperou a importância das experiências individuais e das situações singulares, destacando as memórias e as lembranças do que fora vivido. Como salientou Marieta Ferreira, esse enfoque renovou as pesquisas no campo da história cultural.¹⁰ As fontes orais têm seu retorno em investigações históricas, permitindo descortinar experiências, visões e perspectivas dos sujeitos históricos que vivenciaram os processos históricos em que estão inseridos.

Conforme Ecléia Bosi, as memórias colhidas permitem que se conheça um pouco da experiência que os entrevistados tiveram, uma vez que se registram e transcrevem os depoimentos para organizar as informações a fim de contemplar o tema proposto¹¹ - as relações socioculturais entre os imigrantes e seus descendentes e a sociedade paraguaia.

Uma bibliografia especializada, composta de textos teóricos e historiográficos, deu o suporte teórico para a opção pela História Oral como a metodologia que melhor contemplaria o objeto de estudo desta tese.¹² Isto porque possibilita o acesso à história experienciada e contada pelos próprios sujeitos, neste caso específico, os imigrantes radicados e seus descendentes. As possibilidades e os limites da História Oral, vistos em clássicas e novas leituras, serviram de alicerce ao trabalho de investigação, que buscou uma nova perspectiva no que tange ao estudo do movimento migratório de brasileiros para o Paraguai.

Sem desconsiderar a importância dos estudos quantitativos sobre movimentos migratórios, especialmente nas áreas da demografia e economia, entende-se que essa metodologia não possibilitaria trazer à luz o significado social, histórico e subjetivo da interação dos imigrantes e seus descendentes no espaço de destino. A mobilidade da população decorrente dos movimentos migratórios supera

¹⁰ FERREIRA, M. M. História oral: um inventário das diferenças. In: _____ (Coord.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p. 1-13.

¹¹ BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz / Edusp, 1987.

¹² Entre outros autores, indico especialmente Michel Pollak, Marieta de Moraes Ferreira, Paul Thompson, Ecléia Bosi, José Carlos Meihy, Verena Alberti, Robert Frank e Alistar Thomson. Referências completas na bibliografia.

a possibilidade de análise dos métodos quantitativos e da criação de grandes modelos explicativos para a compreensão dessa dinâmica.¹³

Experiências de vida, significados, sentimentos, a complexidade da vida cotidiana, a construção e reconstrução de uma identidade individual e coletiva são processos sociais que só podem ser captados na trajetória de vida. Embora haja outras formas de se aproximar dessas informações, a coleta e o tratamento dos relatos obtidos por depoimentos sob a amplitude da História Oral são incomparáveis.

Alistar Thomson, ao enfatizar a contribuição dada pela História Oral aos estudos sobre migração, a partir da década de 1980, indica que esse tema é um dos mais importantes da pesquisa de história oral.¹⁴ Conforme Thomson, isso ocorre porque

[...] o testemunho oral e outras histórias de vida demonstram a “complexidade real do processo da migração” e mostram como estas políticas e padrões repercutem nas vidas e nos relacionamentos dos imigrantes individualmente, das famílias e das comunidades.¹⁵

De acordo com o mesmo autor, o depoimento é importante na medida em que permite ao pesquisador examinar o funcionamento interno de uma comunidade de migrantes. Para ele, a história da migração sofre de falta de registros e de documentação adequada e, pior que isso, são registros malfeitos, que não alcançam a dimensão do fenômeno para que possa ser entendido em sua complexidade.

Conforme já mencionamos, a maioria dos trabalhos acadêmicos já realizados sobre imigração de brasileiros para o Paraguai se concentra nas motivações econômicas ou, ainda, nos conflitos - gerados por motivações econômicas - entre imigrantes e a sociedade receptora. Neste ponto, destaca-se a obra do pesquisador Sylvain Sauchaud, que versa sobre a geografia e a dinâmica da migração brasileira no Paraguai.¹⁶ Sem desfazer a importância desses estudos, pois

¹³ THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

¹⁴ Nos Estados Unidos, Matthew S. Magda declara que "a história oral tem tido, entre as várias especializações na profissão histórica, talvez seu maior impacto na história étnica e do trabalho". Review Essay: Immigration and Ethnic Communities. **Oral History Review** v. 15, Fall 1987, p. 152. Citado por THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 344.

¹⁵ THOMSON, A. Histórias (co)movedoras: história oral e estudos de migração. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, 2002, p. 344.

¹⁶ SYLVAIN, S. **Geografía da la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA/ADEPO, 2007.

a migração não deve ser desconectada das questões econômicas, que integram o conjunto das motivações migratórias, optou-se por dar outro enfoque à questão dos imigrantes que se estabeleceram no Paraguai.

A dinâmica do estabelecimento desses indivíduos na sociedade receptora, as diferenças culturais sentidas no cotidiano, a adaptação, as diferenças socioculturais de uma geração para outra, os espaços de convivência mútua, a apropriação de elementos culturais da sociedade receptora são, enfim, manifestações que a História Oral possibilita coletar.

Outras importantes considerações acerca da História Oral são apresentadas pela historiadora Marieta Ferreira, para quem há um maior entendimento da realidade estudada, porque o “pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências”.¹⁷ Desde a infância¹⁸, partilhamos trajetórias de vida de conhecidos e familiares que migraram para o Paraguai, especialmente na década de 1980. As observações da historiadora Verena Alberti sobre o uso da metodologia de pesquisa baseada nas fontes orais indicam que a sua principal riqueza está em permitir o estudo das formas como as pessoas e os grupos sociais efetuam e elaboram experiências, incluindo situações de aprendizado.

Os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade, temas que, quando investigados no tempo presente, podem ser abordados por meio de entrevistas de História Oral.¹⁹

Estas observações vêm ao encontro de um conjunto de elementos que permeia a trajetória de imigração e o estabelecimento dos agricultores imigrantes e seus descendentes no Paraguai, sendo a primeira geração de entrevistados formada

¹⁷ FERREIRA, M. M. História oral e tempo presente. In: MEIHI, J. C. S. **(Re) Introduzindo história oral no Brasil**. São Paulo: Edusp, 1996. p. 16. Importante mencionar que a cidade de Toledo, local de moradia da pesquisadora, está localizada a 90 Km de distância da cidade paraguaia de Salto del Guairá e a 120 Km da cidade paraguaia de Ciudad del Este.

¹⁸ É importante destacar que a região em que sempre residimos (oeste do Paraná) é próxima da fronteira com o Paraguai. Esse fato representa uma possibilidade de investigação que dificilmente seria captada por quem não possui nenhum entendimento prévio da realidade estudada. Além de ser contemporâneo do objeto, é importante reconhecer o objeto de estudo em seu contexto social e histórico.

¹⁹ ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 163.

quase exclusivamente por agricultores, com as gerações seguintes exercendo diversas profissões.

Todavia, convém destacar que trabalhar com a memória pode ser tão rico quanto melindroso, justamente porque é necessário pleno domínio teórico e metodológico sobre a questão. Invocar a memória daqueles que vivenciaram a trajetória migratória é dar voz ao sujeito da história. Neste aspecto, Halbwachs, citado por Pollak, enfatiza “que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”.²⁰

Neste sentido, foi possível identificar estas mudanças, em especial na memória familiar dos depoentes mais velhos em relação às gerações mais novas. A lembrança dos tempos de chegada é muito forte para os imigrantes; contudo, para os descendentes evidenciam-se fragmentos da memória. Fragmentos não menos importantes, mas que, muitas vezes, fazem parte da memória familiar e que já não fazem tanto sentido diante de suas perspectivas de vida, diferentes das de seus pais e avós. Nesse quadro a riqueza da História Oral se evidencia, coroando a escolha de trabalhar com ela.

Para Halbwachs, a construção e os registros na memória são um fenômeno social e uma construção que se tem a partir das referências sobre o passado associadas a quadros sociais e a experiências afetivas que se encontram relacionadas a um conjunto complexo de representações. Desse modo, entendem-se como quadro de relações sociais a linguagem, a família, a religião e as classes sociais.²¹

A memória está apoiada em eventos do passado que permitem às narrativas compararem fatos remotos ao presente. Logo, fatos significativos vividos por cada sujeito histórico são relatados conforme suas percepções, os espaços e a temporalidade dos acontecimentos.²² Portanto, a memória e suas lembranças são frutos de um tempo e de um espaço e resultam das subjetividades de cada um.

Sobre a memória, portanto, acredita-se que deve ser entendida como fenômeno fundamental para a compreensão do convívio social e para a permanência e continuidade das transformações. Isto porque, conforme Ecléa Bosi,

²⁰ POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 203.

²¹ HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

²² Ibid.

“a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de referência a esse indivíduo”.²³

Nesse contexto, evidencia-se a história dos imigrantes na construção e na participação dos espaços de convivência na sociedade receptora, desde os tempos de chegada. Dessa forma, foi possível trazer à luz recortes importantes da memória dos indivíduos entrevistados, para a compreensão de como as inter-relações sociais foram sendo construídas ao longo de mais de quatro décadas, dos anos 1970 a 2016. Assim, identificam-se referências e manifestações que possibilitam a integração dos indivíduos na sua comunidade, bem como entre as demais comunidades que compõem a sociedade receptora. Tais referências, segundo Pollak, servem para “manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade”.²⁴

A memória pode ser vista como um fenômeno individual quando se refere a “acontecimentos vividos pessoalmente”²⁵, os quais muitas vezes datam de um passado recente, que só “é dado a conhecer por intermédio de pessoas que participaram ou testemunharam algum tipo de acontecimento”.²⁶ Por essa razão, tais relatos estão imbricados de lembranças, emoções ou vivências partilhadas que podem se transformar em experiências.

Entre as possibilidades da História Oral está a ideia de tornar a memória uma fonte, com suas verdades e mentiras, suas luzes e suas sombras, seus problemas e suas certezas, mas, acima de tudo, um objeto de estudo.²⁷ Para Pollak, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”, que ocorrem tanto na memória individual como coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos, e que, quando colocados à prova pelo historiador, passam do

²³ BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979. p. 4.

²⁴ POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 9.

²⁵ POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 02.

²⁶ SANTOS, A. C. A. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Comunicação apresentada à Mesa Redonda “A produção historiográfica e as fontes orais”, em evento comemorativo ao Sesquicentenário do Arquivo Público do Paraná. Curitiba, Paraná, 2005. p. 04.

²⁷ FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, T. **Questões para a história do presente**. Editora da Univ. do Sagrado Coração, 1999. p. 112.

“não-dito” a uma contestação e uma reivindicação, contestando assim sua credibilidade, sua aceitação e sua organização.²⁸ De acordo com Santos,

No momento em que uma entrevista é realizada, o entrevistado encontra um interlocutor com quem pode trocar impressões sobre a vida que transcorre ao seu redor, é um momento no qual lembranças são ordenadas com intuito de conferir, com a ajuda da imaginação, ou da saudade, um sentido à vivência do sujeito que narra a sua história.²⁹

A entrevista, assim,

É um exercício que necessita de um constante ir e voltar, pois cada lembrança está ancorada em um momento do presente. Do mesmo modo, cada lembrança trazida à tona pelo entrevistado irá associar-se a uma outra que, aparentemente, não mantém qualquer vínculo com a anterior.³⁰

Frank denomina essa condição como a “reconstrução através da duração que separa o momento rememorado do momento do relato”.³¹ E, segundo Bosi, sob uma perspectiva da psicologia social, qualquer mudança no ambiente pode atingir a qualidade da memória individual, visto que está atrelada à memória do grupo, que está “imbricada” à situação social à qual a pessoa está exposta.³² Este foi um dos desafios encontrados durante a realização das entrevistas. Por diversas vezes, foi necessário dar voltas até o entrevistado sentir vontade de relatar suas lembranças, fatos que o depoente pode acreditar não terem nenhum significado, mas que para o pesquisador são indícios importantes ao contexto da pesquisa. Dentre muitas situações, pode-se citar renúncias, frustrações, dificuldades cotidianas, escolhas, conquistas ou momentos felizes. Todas essas condições exigem do pesquisador domínio teórico e prático para trabalhar os melindres que podem ocorrer quando se lança mão da invocação da memória dos indivíduos.

Nesse sentido, desde os primeiros contatos até a realização da entrevista passos importantes foram dados, entre os quais o de agendar uma visita e fazer uma pré-entrevista. Conforme Meihy, “a mesma serve como etapa de preparação do

²⁸ POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 8.

²⁹ SANTOS, A. C. A. **Fontes orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. Comunicação apresentada à Mesa Redonda “A produção historiográfica e as fontes orais”, em evento comemorativo ao Sesquicentenário do Arquivo Público do Paraná. Curitiba, Paraná, 2005. p. 4.

³⁰ Ibid., p. 4.

³¹ FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, T. **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999, p. 109.

³² BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

encontro em que se dará a gravação. É importante que haja sempre que possível, um entendimento preparatório para que as pessoas a serem entrevistadas tenham conhecimento do projeto e do âmbito de sua participação”.³³

Foi recorrente a necessidade de reforçar esclarecimentos sobre o porquê da pesquisa: “Por que quer saber sobre atividades rotineiras, tipos de refeições, tipos de rezas, tipos de confraternizações?” Nesse ponto, foi recorrente ouvir “por que quer saber essas coisas?” ou “O que vai fazer com essas informações?” Mesmo tendo lançado mão de todos os argumentos cabíveis, houve situações em que não foi possível seguir com o trabalho, diante da recusa em conceder a entrevista. Houve ainda um caso em que, depois da entrevista concedida, o depoente solicitou que ela não fosse publicada.

Em síntese, é preciso entender o entrevistado em sua rotina, sua linguagem, seus referenciais e seus medos. Trata-se de um conjunto de fatores que podem facilitar ou dificultar a disposição do depoente para falar e partilhar suas lembranças. Estar diante de um gravador e de uma pessoa estranha e, em alguns casos, sob o olhar atento dos familiares que circulavam nos arredores no momento da entrevista,³⁴ gera reações adversas, que podem interferir diretamente na espontaneidade dos depoimentos.

Ao optar pela metodologia da História Oral (depoimentos), o historiador precisa também tomar cuidado com os informantes, que também são sujeitos da pesquisa. Isso porque, ao fornecer dados, o entrevistado faz uso de sua memória, expõe suas situações, sentimentos, emoções, vivências e desejos, os quais precisam ser filtrados pelo pesquisador. Para Paul Thompson, nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual. Apesar da subjetividade a que a fonte oral está sujeita, “a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história”.³⁵

Para Thompson, é preciso tomar cuidado na entrevista e na sua transcrição, de forma a constituir com precisão o relato oral. Do mesmo modo, deve ser feito, no decorrer da pesquisa, um cotejamento entre a documentação escrita já existente e a fonte oral, de modo que ambas auxiliem na compreensão dos acontecimentos. O

³³ MEIHY, J. C. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p. 179.

³⁴ Em razão dos conflitos de terra em algumas áreas do “espaço brasiguai”, há desconfiança em relação a “pessoas estranhas” que queiram fazer pesquisa ali. Existe o receio de que os entrevistados possam ser expostos na mídia, como de fato já aconteceu diversas vezes.

³⁵ THOMPSON, P. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 137.

importante é que o historiador perceba o que a testemunha quer expressar e quais os motivos para seu relato.³⁶

Outro desafio enfrentado durante a realização das entrevistas diz respeito às interrupções repentinas que inevitavelmente ocorrem nesse processo. Algum fator externo (a chegada repentina de um familiar, entre outros)³⁷ provoca mudanças no ambiente da entrevista. Em um momento da “viagem na memória” tem-se a impressão de que ela foi bruscamente interrompida; dificilmente é possível retornar ao mesmo ponto; quando isso ocorre, é lamentável. Há ainda situações em que o entrevistado acaba revivendo diante do pesquisador não somente situações boas, mas também as ruins, as quais podem ainda lhe trazer sofrimento e dor.³⁸ Foi o caso de um depoente³⁹ que, ao lembrar os tempos de chegada ao Paraguai, relatou a morte do filho em um trágico acidente. Com olhar perdido, o depoente observou que, talvez, se não tivesse migrado para o Paraguai, o filho ainda estivesse vivo. Como gravar ou transcrever a expressão de dor do depoente diante da reflexão sobre a escolha feita no passado? Nesse contexto, o pesquisador precisa respeitar o tempo do depoente, mesmo que isso lhe tome muitas horas de trabalho na transcrição das entrevistas. “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”.⁴⁰

Conforme indica Robert Frank, a tarefa do historiador é a de criticar, analisar e compreender o que há de representativo ou não num depoimento. Ele precisa explicar e selecionar para hierarquizar.⁴¹

Neste conjunto de procedimentos metodológicos cabe destacar também a ressalva feita por Pierre Bourdieu sobre os cuidados a serem tomados no tratamento das fontes. Segundo ele, ao fazer uso de uma entrevista, o pesquisador deve garantir a dignidade e a respeitabilidade do entrevistado. Na transcrição da própria entrevista, na qual faz o discurso oral passar por uma transformação decisiva, o pesquisador, sempre tomando as palavras dos entrevistados e, sobretudo, o texto

³⁶ Ibid., p. 137.

³⁷ Em uma das entrevistas, fomos interrompidos com a chegada da viatura da polícia. Colocamo-nos em sobressalto, entrevistador e entrevistado. Os policiais queriam apenas comprar uma dúzia de ovos.

³⁸ POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 8.

³⁹ Neste único caso optamos por não divulgar a identidade do depoente, para evitar constrangimento.

⁴⁰ POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 4.

⁴¹ FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, T. **Questões para a história do presente**. Bauru: Edusc, 1999. p. 109.

que fazemos preceder ao depoimento, está lá para direcionar o olhar do leitor para os traços pertinentes que a percepção distraída deixa escapar.

Eles têm a função de lembrar as condições sociais e os condicionantes, dos quais o autor do discurso é o produto, sua trajetória, sua formação, suas experiências profissionais, tudo o que se dissimula e se passa ao mesmo tempo no discurso transcrito, mas também na pronúncia e na entonação, apagadas pela transcrição, como toda linguagem de corpo, gestos, postura, mímicas, olhares, e também os silêncios, nos subentendidos e nos lapsos.⁴²

O historiador precisa ter sensibilidade epistemológica específica e aguçada, de modo que a história oral seja um método que se apoie na memória⁴³. No campo conceitual, entre as intenções deste trabalho está também o propósito de dar visibilidade ao processo de construção da identidade dos “brasiguaios”, assim como perceber mudanças decorrentes do deslocamento e fixação na sociedade de destino, em especial em relação à identidade cultural desses indivíduos. Nesse sentido, as entrevistas realizadas com os imigrantes e seus descendentes estabelecidos no espaço brasiguaiio mostraram-se essenciais para a elucidação desta problemática, trazendo à luz práticas sociais em que é possível visualizar elementos identitários resultantes do enraizamento desses indivíduos no lugar de destino.

Com relação à análise do conteúdo das entrevistas, foi possível identificar os significados do estreitamento das relações interétnicas produzidas desde os tempos de chegada e, conseqüentemente, o processo histórico de construção identitária dos descendentes de imigrantes.

Como aporte teórico sobre a questão identitária, a produção de Stuart Hall, que estuda as identidades culturais na perspectiva da pós-modernidade, apresenta a concepção de identidade do sujeito pós-moderno. Consideramos que os conceitos desenvolvidos por Hall oferecem fundamentos para a compreensão da constituição da identidade dos descendentes de imigrantes brasileiros radicados no Paraguai.

Sendo assim, um exemplo deste fenômeno social visualiza-se à medida que o descendente de imigrantes, no ambiente familiar, se identifica com os mais velhos, e no ambiente social se identifica com a cultura paraguaia. Conforme Hall, esse

⁴² BOURDIEU, P. Ao leitor. In: BOURDIEU, P. (Coord.). **A miséria do mundo**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 10.

⁴³ POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 8.

sujeito estaria sofrendo influência das formas como é representado ou interpretado pelos diferentes sistemas culturais. Isso ocorre, ainda segundo Hall, porque a visão de sujeito assume contornos históricos e não biológicos. Para o descendente de imigrantes que nasceu e sempre viveu na sociedade paraguaia, o que vai determinar sua identidade cultural é sua história vivida.

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; (...) que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.⁴⁴

Hall entende que o sujeito adere a identidades diversas, em diferentes contextos, que são, via de regra, contraditórias, impulsionando suas ações em inúmeras direções, de modo que suas identificações são continuamente deslocadas. Em síntese, identidade, sociedade e cultura não se separam.⁴⁵

Hall destaca também que a identidade é construída por meio da diferença e não fora dela, e que toda identidade “eu/nós” só se estabelece na relação com um outro. Assim, a unidade da identidade é constituída no interior dessa relação de exclusão, mas o mesmo jogo de poder se vê desestabilizado por aquilo que ele deixa de fora. Ainda sobre a questão identitária, Tomaz Tadeu da Silva pontua que a “identidade” e a “diferença” são conceitos indissociáveis: a identidade tanto depende da diferença quanto a diferença depende da identidade. Dessa forma, identidade e diferença se traduzem em declarações sobre quem pertence e quem não pertence a determinado grupo social, “demarcando fronteiras”, classificando e normalizando; logo, elas não podem ser desvinculadas de amplas relações de poder.⁴⁷

Foram realizadas 21 (vinte e uma) entrevistas, sendo 8 (oito) durante a realização do mestrado (entre 2008 e 2010) e 13 (treze) durante a realização do doutorado (entre 2014 e 2017). Embora as entrevistas realizadas na época do mestrado tenham sido colhidas em outro contexto, as informações nelas contidas,

⁴⁴ HALL, S. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

⁴⁵ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. São Paulo: DP&A, 2006.

⁴⁷ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

são importantes na medida em que possibilitam a comparação entre as geração⁴⁸ dos imigrantes. Os entrevistados são de diferentes localidades do Leste do Paraguai (Corpus Christi, Katueté, Curva da Lata, Gleba 11, Cruce Guaraní, Hernadárias, Santa Rita, Alto Piquiri, Santa Fé e Raúl Arcenio Oviedo). Cabe destacar que os descendentes de imigrantes nem sempre permanecem na localidade em que residem os pais e, por vezes, também não seguem a profissão dos seus pais. Esse fato acabou por ampliar a abrangência espacial da pesquisa em relação à realizada no mestrado, quando as entrevistas ocorreram com moradores de duas localidades (Gleba 11 e Curva da Lata).

Nossos entrevistados estão classificados em dois grupos principais: os imigrantes⁴⁹ e os descendentes de imigrantes.

No grupo dos imigrantes, entrevistamos na Gleba 11 o técnico em agropecuária **Áureo Friguetto***, 40 anos de idade, natural do Rio Grande do Sul. Casado, com três filhas nascidas no Paraguai, onde chegou em 1971, aos quatro anos, foi escolarizado no Paraguai e fala fluentemente a língua espanhola. Seus pais possuíam um pequeno comércio em Hernandárias. Formou-se técnico em agropecuária no Paraguai e dá orientação técnica aos agricultores da Gleba 11 desde 1982. **Ana Laura I. Kuhn**, a qual reside com a família em Raúl Arcenio Oviedo, tem 18 anos de idade, é descendente de imigrantes, nascida e escolarizada no Paraguai. Iniciou os estudos na cidade de Laranjal, onde residiu até os seis anos. Mudou-se com a família para Raúl Arcenio Oviedo, departamento de Caaguazú, no qual adquiriram terras e se dedicam à agricultura de subsistência e comercial. Fala fluentemente a língua espanhola e compreende razoavelmente a língua guarani. Ao concluir o ensino médio, prestou vestibular em uma Universidade brasileira e está cursando o primeiro ano do curso de Ciências Jurídicas. Quando concluir o curso, pretende exercer a profissão no Paraguai. Também na comunidade da Gleba 11, a agricultora **Cladis M. de Paiva***, 50 anos; imigrou no ano de 1985, com a família. Proprietária, juntamente com a mãe, de uma pequena área na Gleba 11, produz gêneros para a subsistência da família e também grãos para comercializar. Casou no Paraguai (casamento misto) e tem um filho de 12 anos, nascido e escolarizado no Paraguai. O esposo é professor do ensino fundamental na referida comunidade.

⁴⁸ Durante a pesquisa de mestrado deu-se prioridade ao movimento migratório em si. Questões relativas aos descendentes de imigrantes não foram aprofundadas.

⁴⁹ Os entrevistados que são imigrantes estão identificados com um *.

Ela cursou o primeiro grau no Brasil, antes de migrar para o Paraguai. Compreende e fala razoavelmente a língua espanhola. Na Curva da Lata, **Cláudio Chiossi***, 36 anos de idade, agricultor, casado; tem dois filhos nascidos no Paraguai. Chegou ao país em 1985, acompanhando o pai. Saíram de Tapejara do Oeste, estado do Paraná. Seu pai adquiriu 25 alqueires de terras. Perderam as terras por dívidas contraídas com cerealistas. Pratica várias atividades simultâneas, trabalha como arrendatário, reside e cultiva produtos de subsistência em uma propriedade que não é sua (com autorização do proprietário) e, em épocas de safra, trabalha como motorista de caminhão. **Camila Caseres Mascarelo**, 19 anos de idade, nascida em Corpus Christi, escolarizada no Paraguai até o ensino médio. Descendente de imigrantes agricultores por parte de mãe, filha de casamento misto de pai paraguaio e mãe brasileira. Fala fluentemente a língua espanhola e compreende a língua guarani. Pertence à religião católica. É estudante do curso de Fisioterapia, desde 2014, em uma universidade brasileira. Ao se formar, pretende exercer a profissão no Paraguai. Na cidade de Hernandárias, **Daniela Frigueto Nodari**, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe. Nascida e escolarizada no Paraguai, cresceu na zona rural, na localidade de Gleba 11. Mudou-se com a família para a cidade de Santa Fé del Paraná e, posteriormente, para Hernandárias. Fala fluentemente a língua espanhola e compreende razoavelmente o guarani. Está cursando o último ano do curso superior em Tabelionato (Ciências Contábeis) na Universidade Católica de Ciudad del Leste. Na localidade de Cruce Guarani, **Edicleide Bonato**, 31 anos, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe, nascida e escolarizada no Paraguai. Fala fluentemente a língua espanhola. Casada, residente em Cruce Guarani, sendo que já residiu com a família em Corpus Christi, onde nasceu e cresceu. Possui ensino médio completo. Atualmente é dona de casa. Casou-se no Paraguai com imigrante brasileiro, metalúrgico. Tem dois filhos e um enteado. Na localidade de Curva da Lata, **Fabiana Mendes Schwerz**, 21 anos, descendente de imigrantes, nascida e escolarizada no Paraguai, fala fluentemente a língua espanhola. Nasceu na cidadezinha de Puente Kijá e residiu em vários locais dentro do chamado “espaço brasiguai”, tendo morado com a família em Corpus Christi, Três Corações, Troncal 4, Santa Luzia e Fazenda La Paloma. Possui ensino médio incompleto. Trabalha como cozinheira em uma propriedade rural na localidade de Curva da Lata. Casou-se no Paraguai e não tem filhos; seu esposo, também descendente de imigrantes brasileiros, é trabalhador rural.

Também na Curva da Lata entrevistamos o agricultor **Eduino Moh***, casado, cinco filhos, com 60 anos de idade. Saiu de Nova Santa Rosa, estado do Paraná, onde vendeu um alqueire de terra. Chegou ao Paraguai em 1984 e adquiriu dez alqueires. Trabalha a terra com máquinas agrícolas e mão de obra familiar. Além da soja, cultiva produtos de subsistência. **Elisangela V. S. Zarete**, 28 anos, casada, esposo paraguaio, dois filhos. Nascida e escolarizada no Paraguai, fala fluentemente a língua espanhola. Residiu na Gleba 11. Desde seu casamento, reside na cidade de Alto Piquiry. Atualmente trabalha como cabeleireira esteticista na cidade de Santa Fé del Paraná. **Gabriel S. Posselt**, filho de imigrantes agricultores por parte de pai e mãe, nascido e escolarizado no Paraguai. Residiu na Gleba 11 até concluir o ensino fundamental. Coursou o ensino médio em Santa Fé del Paraná e, ao ingressar no ensino superior, passou a residir na cidade de Hernandárias. Fala fluentemente a língua espanhola e compreende a língua guarani razoavelmente. Coursou Engenharia Agrícola na Universidade Católica de Ciudad del Leste e atua como engenheiro agrônomo. É casado e tem um filho de sete anos. A jovem **Joseli Dalke**, solteira, 20 anos. Filha de agricultores, atualmente é estudante universitária em Toledo, estado do Paraná. Em 1973, seus pais venderam uma propriedade de três alqueires em Toledo e adquiriram terras em Santa Rita, no Paraguai. Nascida e escolarizada no Paraguai, fala espanhol com fluência. Na comunidade da Curva da Lata, **Josemar da Silva**, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe. Filho de trabalhadores rurais, 28 anos, sempre residiu na zona rural, sendo casado com esposa paraguaia. Nascido e escolarizado no Paraguai, cursou até o ensino médio. Fala fluentemente a língua espanhola e compreende a língua guarani razoavelmente. Os pais mudaram para o Paraguai na década de 1980, em busca de trabalho na lavoura. Josemar é trabalhador rural assalariado em uma propriedade na zona rural de Katueté. Em 2010, por influência dos primos brasileiros, mudou-se para Curitiba, onde residiu por seis meses, retornando em seguida ao Paraguai. Na localidade de Cruce Guarani (Corpus Christi), **Julli Thamara Wendpap**, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe. Nascida e escolarizada no Paraguai, cursou o ensino fundamental em uma comunidade rural de Corpus Christi e o ensino médio na cidadezinha de Puente Kijá. Filha de agricultores, atualmente, juntamente com o esposo, é microempresária no ramo da metalurgia de implementos agrícolas. Casada, tem quatro filhos, todos nascidos no Paraguai. Fala fluentemente a língua espanhola, compreende e fala a língua guarani razoavelmente. Na Gleba 11, a agricultora **Lourdes Leichtweis***, 57

anos, casada, três filhos e três netos, todos nascidos no Paraguai. Saiu de Toledo, estado do Paraná, em 1983. Começou com dez alqueires de terra na Gleba 11. Ao longo de vinte e seis anos, foi aumentando a propriedade. Trabalha a terra com máquinas agrícolas e mão de obra familiar. Em épocas de temporada de safra, contrata mão de obra temporária. Além da soja, cultiva produtos de subsistência.

Outro jovem, **Marcos Adriano S. Voigt**, na cidade de Hernandárias, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe, agricultores. Nascido e escolarizado no Paraguai, residiu na Gleba 11 até concluir o ensino médio. Ao ingressar no ensino superior, passou a residir em Hernandárias. Kursou Engenharia Elétrica na Universidade Católica de Ciudad del Leste, concluindo o curso em 2014 e passando a exercer esta profissão. O agricultor **Nildo Schneider**, 67 anos, casado, tem cinco filhos e oito netos. Em 1978, adquiriu vinte alqueires de terra na Gleba 11. Ao longo dos anos, adquiriu mais terras; trabalhou principalmente com o cultivo mecanizado de soja, com mão de obra familiar e, em épocas de safra, com mão de obra temporária. Depois de vinte e cinco anos, entregou os negócios aos filhos e, atualmente aposentado, vive em Toledo, no estado do Paraná. Na Gleba 11, **Renato Schneider*** tem 64 anos (faleceu em agosto de 2016). Na ocasião da entrevista, era casado, com três filhos (sendo um falecido) e sete netos, estes nascidos no Paraguai. Vivia em Toledo, estado do Paraná, de onde saiu em 1979; vendeu uma propriedade de cinco alqueires e adquiriu aproximadamente 20 alqueires na Gleba 11. Ao longo de trinta anos, adquiriu mais terras, trabalhando-as com máquinas agrícolas e mão de obra familiar. Em épocas de temporada, contratava trabalhadores temporários. Além da soja, cultivava produtos de subsistência.

Sinaide Backes*, 38 anos, casada, quatro filhos. Saiu de Toledo, estado do Paraná, em 1984, com 12 anos de idade. Kursou o ensino fundamental (até o sexto ano) no Brasil e casou-se no Paraguai com um imigrante brasileiro. Seus pais venderam uma propriedade de cinco alqueires e adquiriram aproximadamente 20 alqueires na Gleba 11. Ao longo do tempo, sua família adquiriu mais terras. Seguindo o exemplo dos pais, continua na agricultura; trabalha a terra com máquinas agrícolas e mão de obra familiar. Em épocas de safra, contrata mão de obra temporária. Dedica-se especialmente ao cultivo da soja e de produtos de subsistência. Seu esposo é comerciante. Em Santa Fé del Paraná, **Vivian Beatriz Schneider**, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe, 28 anos, nascida e escolarizada no Paraguai. Fala fluentemente a língua espanhola. Comerciante, proprietária de uma farmácia na

cidade de Santa Fé del Paraná. Coursou o ensino fundamental na Gleba 11. Para prosseguir os estudos, mudou-se para a cidade de Hernandárias. Possui ensino superior incompleto (Odontologia). Casou-se no Paraguai (casamento misto), divorciada, tem um filho de 10 anos. **Wagner Fernando de Oliveira Salvadego**, descendente de imigrantes por parte de pai e mãe, nascido e escolarizado no Paraguai. Fala fluentemente as línguas espanhola e guarani. Residiu com a família na comunidade de Guatambu, na colônia Copracri e em Katueté. Possui curso superior de Administração incompleto. Trabalha como cozinheiro confeitiro em uma confeitaria na cidade de Katueté. Assim conclui-se o breve perfil dos entrevistados. Na sequência, apresenta-se a estrutura da tese, dividida em quatro capítulos:

O Capítulo I – Fatores que motivaram as migrações - versa sobre a migração de brasileiros para o Paraguai. Embora o recorte temporal desta pesquisa seja da década de 1970 em diante, registram-se as primeiras trajetórias de imigração, a partir de 1950, com os nordestinos e depois com os sulistas, este último movimento sendo resultado dos processos de mecanização agrícola, da construção da Hidrelétrica de Itaipu e da expansão da fronteira agrícola, tanto no Brasil como no Paraguai. As primeiras entradas significativas de brasileiros em território paraguaio ocorreram em 1954, sendo compostas em grande parte por grandes latifundiários. A partir de 1961 o processo se acelerou, com o objetivo de ocupar a fronteira leste paraguaia. Desse modo, intensificou-se a venda de imóveis rurais a latifundiários e a empresas estrangeiras. A partir de 1970, algumas destas terras foram transformadas em projetos privados de colonização, que ofereciam terras férteis e baratas aos agricultores que quisessem migrar para o leste paraguaio.⁵⁰ Este último momento contextualiza o grande fluxo migratório no qual se demarca o espaço temporal da presente investigação.

Diante deste breve histórico, consideram-se como principais fatores que motivaram a migração de brasileiros para terras paraguaias os interesses geopolíticos de dois governos autoritários – Brasil e Paraguai -, a implantação do processo de modernização agrícola e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, bem como o desejo de agricultores brasileiros de manterem sua condição de trabalho e de reprodução de vida como produtores agrícolas.

⁵⁰ ZAAR, M. H. **A migração rural no oeste paranaense**: a trajetória dos brasiguaios. Doutoranda em Geografia. Universidade de Barcelona, 1 ago. 2001.

O Capítulo II – Dos primeiros tempos no Paraguai - reconstrói os tempos de chegada dos imigrantes brasileiros em solo paraguaio. Neste capítulo, o objetivo é mostrar os tempos de chegada e o estabelecimento das famílias na nova terra, as estratégias de sobrevivência, a lida com a terra e os contatos com a sociedade receptora. Por meio de histórias contadas ora pelos imigrantes, ora por seus descendentes, pretende-se trazer a conhecimento as experiências de vida de milhares de famílias de agricultores que, como estas, se estabeleceram e se radicaram em solo paraguaio. Ademais, há no corpo desse capítulo relatos que marcaram a memória e a história de vida desses indivíduos nos primeiros tempos no Paraguai. Experiências vividas que, no conjunto social, oportunizam uma análise diferente⁵¹ sobre a presença dos imigrantes brasileiros em território paraguaio.

Contudo, foram situações diversas e contraditórias que marcaram a vida e ficaram armazenadas na memória dos imigrantes brasileiros nestes primeiros tempos, que, portanto, cada grupo experimentou de forma diferenciada. Surge e se desenha, diante disso, um espaço territorial comum para imigrantes brasileiros e paraguaios construírem suas relações e suas vidas. Desse modo, novas subjetividades e trocas de experiências aconteceram neste lugar onde transbordaram as situações de fronteira.

É preciso considerar que, ao falarem sobre suas experiências pessoais, explora-se o campo da sensibilidade dos migrantes com eventos do cotidiano registrados na lembrança e relatados à historiadora. Como refere Ecléa Bosi, é outra história, a de cada um, elaborada ao longo da vida a partir de um cotidiano corriqueiro, mas nunca irrelevante.⁵² O interessante, aqui, é que estes relatos puderam ser feitos, contados e registrados, a fim de ganharem uma dimensão social e com significados comuns. Parafraseando García Márquez, se lembramos é para poder contar⁵³.

Fossem experiências agradáveis ou contraditórias as dos migrantes brasileiros, sua permanência na memória destes sujeitos tem muito a ver com o impacto afetivo que os acontecimentos tiveram em cada indivíduo. Assim, a memória

⁵¹ Como já apresentamos nesta Introdução, há diversos trabalhos acadêmicos que tratam dos conflitos de terras no espaço brasiguai. Propomos outro foco, o das relações socioculturais, da vida cotidiana, dos espaços de sociabilidade. Isso não quer dizer que os conflitos de terra não existam. Queremos apenas apresentar um novo olhar sobre o espaço brasiguai e sobre os indivíduos que ali vivem.

⁵² BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

⁵³ MÁRQUEZ, G. G. **Vivir para contarlar**. Bogotá: Editorial Norma, 2002.

prioriza, qualifica e cria associações. A vida de cada migrante constitui um relato de um tempo coletivo, e o historiador pode remontar, a partir desta individualidade, o contexto social do fenômeno das migrações Brasil-Paraguai (1970-2016), no qual estes sujeitos estão inseridos e em que, ao mesmo tempo, compõem uma realidade que ajudaram a construir.

O Capítulo III – As novas gerações e o estreitamento dos contatos multiétnicos - discorre sobre a interpenetração e a coexistência de culturas estrangeiras e distintas que geram diferentes processos de mesclagem em diferentes momentos históricos – que serão chamados de hibridismo.⁵⁴ Nesse aspecto, o momento histórico abordado trata das relações entre imigrantes brasileiros e a sociedade paraguaia no período 1970-2016. Revelam-se aspectos socioculturais e comportamentais, para compreender a forma como esses sujeitos e seus descendentes reconstruíram sua identidade; em vista disso, os filhos de imigrantes são apontados como a nova geração e, por essa razão, passam a ser estudados sob a ótica do conceito de hibridismo.

A propósito, as percepções quando do momento da realização das entrevistas revelam laços fortes de amizade estabelecidos nos povoados e municípios em formação ou constituídos. Desse modo, também revelam uma profunda sensação de realização por ali viverem. Nesse ínterim, as entrevistas expressaram a escolha e a luta destas pessoas por uma vida melhor, por serem homens e mulheres que vivem e sobrevivem dos frutos do próprio trabalho. Desse modo, existem sentimentos de pertencimento ao território que ajudaram a configurar.

No campo conceitual, Stuart Hall aponta que a sociedade atual passa por um profundo processo de resignificação identitária e, nesta, o sujeito histórico inserido torna-se capaz de assumir várias ou múltiplas identidades.⁵⁵ Fleuri aponta que as práticas culturais estão em relação constante com o espaço e, neste movimento, surgem novas formas de viver, ver e pensar o mundo. Esse processo, porém, nem sempre se dá de forma harmoniosa, até porque conflitos entre o eu e o outro ocorrem, surgindo um novo e dinâmico espaço.⁵⁶ Nesse dinamismo, novos elementos e significados vão sendo incorporados e, assim, novos valores e

⁵⁴ CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. Schwerz 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

⁵⁵ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A, 2006. WEBER *apud* AZANHA, J. M. P. O estudo do cotidiano: alguns pontos a considerar. **Cadernos CERU**, n. 5, série 2, 1994, p. 35.

⁵⁶ FLEURI, R. M. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação**, maio-ago. 2003, n. 23, p. 16-35. MASCARELO, C. **Entrevista**. Katueté, 19 nov. 2014.

significados são compartilhados.

O Capítulo IV – Espaços de convivência e a construção da inter-relação social - discute elos culturais, sentimentais e colaborativos que aparecem neste lugar e se integram de diferentes maneiras, em constante movimento⁵⁷. Este capítulo tem por objetivo dar visibilidade à realidade social experienciada especialmente pelos descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai. Sobretudo àqueles para os quais o Paraguai é sua terra natal, e cuja identidade lhes é fluida. A inserção desses indivíduos, as representações e contradições são consideradas em seus contextos de sociabilidade.

Estudar, ouvir e se sensibilizar diante da realidade que está sendo vivida por estes indivíduos leva a uma ampliação de elementos de reflexão. Do mesmo modo, escutar e traduzir a pluralidade de perspectivas em um mesmo cenário desperta a sensibilidade para compreender que cada entrevistado, em seus relatos, ajuda a compor uma história que busca corresponder à pluralidade de pontos de vista coexistentes em um mesmo espaço. Dessa forma, avança-se na pesquisa, com o propósito de observar para além das formas homogeneizadas de cultura e do senso comum construído especialmente pela mídia⁵⁸, que na maioria das vezes dá ênfase a conflitos e tensões entre brasileiros, seus descendentes e paraguaios, quase sempre tratando de questões relativas à posse da terra.

Enfim, este capítulo versa sobre como os imigrantes e seus descendentes foram estabelecendo e/ou construindo espaços de sociabilidades – a vizinhança, as comunidades paroquiais, os clubes desportivos e recreativos. Do estreitamento dos laços sociais e afetivos ao casamento interétnico.

Por conseguinte, com o passar dos anos, áreas antes pouco povoadas ficaram repletas de comunidades, e estas passaram a se socializar entre si e com a sociedade paraguaia, e vice-versa. O intuito é mostrar ao leitor que, no ambiente das sociabilidades, a aproximação interétnica vem ocorrendo ao longo dos anos, e isso fica implícito na medida em que se observa, entre outras coisas, o casamento interétnico.

⁵⁷ CARDIN, E. G. **Laranjas e sacoleiros na Tríplice Fronteira**: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Cascavel: Edunioeste, 2011.

⁵⁸ A fronteira do Brasil com o Paraguai é invariavelmente apresentada pela mídia brasileira como uma região marcada pela violência e por diversas modalidades de atividades criminosas (tráfico de armas, drogas e seres humanos, exploração sexual de crianças e adolescentes, presença de quadrilhas especializadas em roubo de carros e contrabando etc.). SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 20, n. 57, maio/ago. 2006.

CAPÍTULO I – FATORES QUE MOTIVARAM A EMIGRAÇÃO DE BRASILEIROS PARA O PARAGUAI NA DÉCADA DE 1970

A emigração de brasileiros, na década de 1970, para o Paraguai aconteceu por diversos motivos, acarretando mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas na região Leste do Paraguai. Esse movimento migratório contribuiu também para uma nova configuração geográfica da fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

Entre os motivos para o deslocamento e a ocupação de terras paraguaias, pode-se apontar o processo de modernização da agricultura, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e, sobretudo, interesses políticos e econômicos dos governos brasileiro e paraguaio. De modo geral, os imigrantes tinham a intenção de encontrar uma vida melhor na condição de homens do campo.

Diante do quadro de expropriação de terras e de intensificação do êxodo rural que se configurava no Brasil, naquele período, as migrações populacionais tinham como motivação a busca por novas oportunidades de trabalho e de renda, mesmo que, para isso, muitas pessoas tivessem que cruzar fronteiras estaduais e nacionais. Nesse sentido, os brasileiros tornaram-se, na prática, basicamente responsáveis pela abertura da fronteira agrícola na região Oriental do Paraguai.

1.1 Cruzando a fronteira: a escolha de “outra picada”

De acordo com Cleverson Oliveira, a emigração de brasileiros para o Paraguai passou a ser amplamente estimulada pelos governos dos dois países desde a primeira metade do século XX. No Paraguai, nos anos 1950, foi preponderante a política de governo chamada *Marcha al Este*.⁵⁹

Em 1954, o presidente paraguaio Alfredo Stroessner iniciou uma aproximação com o Brasil e, para tanto, empreendeu a mencionada *Marcha al Este*, que interessava aos dois países. Nesse contexto, obras como a Ponte da Amizade, unindo Brasil (Foz do Iguaçu) e Paraguai (atual Ciudad del Este), na década de 1960, e a construção de estradas estreitaram os laços entre os países vizinhos.

⁵⁹ OLIVEIRA, C. **Políticas governamentais do Brasil e do Paraguai**: imigração brasileira em direção ao Paraguai. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. VII Exposição Geográfica da Unioeste: Espaços de Fronteira – Território e Ambiente. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 14-17 set. 2011.

O movimento emigratório de brasileiros para o Paraguai começou de forma tímida na década de 1950 e se intensificou a partir da década de 1970. No Sul do Brasil, especialmente no oeste do Paraná, a saída encontrada por muitos trabalhadores rurais em busca de oportunidades colocava-os diante de diferentes possibilidades de destino: migrar internamente ou cruzar a fronteira rumo ao Paraguai.

O Projeto Nacional de Marcha para o Leste, por meio de acordos políticos e econômicos, criou condições materiais para a expansão da fronteira agrícola capitalista no Leste do Paraguai. Com efeito, a república do Paraguai, a partir da segunda metade do século XX, foi se transferindo do raio de ação argentino para a órbita de influência geoeconômica e cultural do Brasil.⁶⁰

Nesse sentido, pode-se perceber que o migrante, na maioria dos casos, desconhece o “bastidor político”, sendo parte integrante de um “movimento orquestrado” por políticas governamentais, em que o mesmo (migrante) cumprirá um papel previamente pensado pelos governantes.⁶¹

Entretanto, o enfrentamento do contexto de dificuldades verificadas no Brasil, as quais forçaram a saída de muitos trabalhadores rurais do campo, foi retomado a partir de outra picada⁶² que poderia ser percorrida no país vizinho com mais intensidade a partir dos anos 1970. A propaganda e os incentivos do governo paraguaio atraíram muitos brasileiros em busca de terras mais baratas, acessíveis à ocupação e ao cultivo. Com a assinatura da Ata das Cataratas⁶³, em 1973, o governo paraguaio promoveu a venda de terras na fronteira com o Brasil a grupos financeiros, empresas e particulares brasileiros.

A migração acaba por ser a única alternativa para os trabalhadores que foram e estão sendo expropriados a cada dia pelo capital. Nas décadas de

⁶⁰ BARBARA, M. S. Brasiguaios: territórios e jogos de identidade. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 335.

⁶¹ Ibid., p. 335.

⁶² Picada: “Atalho aberto com recurso a um instrumento de corte. - Caminho estreito por entre o mato”. FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. Utilizamos a expressão “outra picada” para significar a escolha de outro caminho, o da emigração. No mesmo contexto de expulsão, ocorria a migração para outras regiões (brasileiras) de abertura de fronteira agrícola.

⁶³ No início da década de 1960, Brasil e Paraguai disputavam a soberania de uma pequena região nas proximidades das cataratas de Sete Quedas, conhecida como Salto del Guairá. Esse problema territorial somente foi resolvido com o Tratado de Itaipu (1973) e a construção de uma hidrelétrica binacional no local. A Ata das Cataratas inspirou o marco legal do Tratado de 1973 e da Itaipu Binacional. ESPÓSITO NETO, T. As relações Brasil-Paraguai: do litígio da fronteira brasileiro-paraguaia (1962) à Ata das Cataratas (1966). **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, Dourados, v. 7, n. 1, 2013.

1970 e 1980 o Paraguai promovia propagandas de incentivo a imigrantes, uma vez que o país necessitava de mão-de-obra barata para a derrubada da mata e formar campos, foi nessa conjuntura social e política que ex-proprietários, camponeses, meeiros, e boias frias migraram para o Paraguai.⁶⁴

Como pude observar em outra ocasião, diversas empresas brasileiras compraram grandes extensões de terra, concentrando suas atividades na instalação de serrarias para, em seguida, negociar toda a produção no Brasil. Como, nesse período, o controle alfandegário era ineficaz, muita madeira derrubada no país vizinho veio para o Brasil e aqui foi negociada.⁶⁵

No entanto, uma vez que a madeira da região se esgotava, as empresas precisavam buscar outra fonte de lucro nas terras paraguaias, e passaram a incentivar e efetivar a venda de terras a brasileiros, principalmente a partir de 1970. O imigrante brasileiro podia comprar até 120 alqueires de terra paraguaia com a venda de um alqueire no Brasil. Conforme relatado por um agricultor, na época [década de 1970] existiam diversas imobiliárias na cidade de Hernandárias que vendiam “terra só para brasileiros”. O mesmo agricultor informou que vendeu em Toledo, no Paraná, “um alqueire por 15.000 cruzeiros e com este dinheiro comprei na fronteira paraguaia 120 alqueires”.⁶⁶

Esses valores variavam muito, especialmente em virtude da região ou da fertilidade do solo, se a terra se encontrava semi-desmatada ou conforme sua localização em relação à fronteira com o Brasil.

Os imigrantes brasileiros adquiriam terras no Paraguai por serem de baixo custo, comparadas às terras no Brasil. Além disso, os impostos eram reduzidos e a possibilidade de dispor tanto do Brasil como do Paraguai como mercados para seus produtos foram fatores atrativos. Assim, muitos vendiam suas terras no Brasil para adquirir no Paraguai extensões muito maiores por valores bem menores, objetivando desmatar e rapidamente cultivar, além de alimentos para consumo familiar, grãos (soja, milho, trigo) para comercializar.

Em pouco tempo surgiram na região colônias de agricultores. Entretanto, nem tudo que sonharam encontrar no país vizinho se transformou em realidade,

⁶⁴ LEONARDON, M. B. **Sem-terra e sem “Pátria”**: um estudo dos brasiguaios. 2003. p. 21.

⁶⁵ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai**: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá, 2012.

⁶⁶ Relato do agricultor Waldomiro Krindges, *apud* LAINO. D. **Paraguai**: fronteiras e penetração brasileira. São Paulo: Global, 1979.

porque muitos brasileiros adquiriram terras de imobiliárias que agiam ilegalmente no Paraguai. Essas empresas obtiveram terras de maneira fraudulenta, sem a documentação necessária ao registro das propriedades; logo, pelo fato de não possuírem títulos nos cartórios, barateavam o custo das terras; Schwerz “para o pequeno proprietário brasileiro era vantajoso comprar terras no Paraguai, pois elas valiam até oito vezes menos do que as do extremo oeste paranaense”.⁶⁷

Outro fator que atraiu inúmeros brasileiros para o Paraguai foram os incentivos à produção agrícola por parte do governo. Além de criar a infraestrutura necessária ao escoamento da produção agrícola, o governo paraguaio também auxiliou no processo de mecanização da produção e no preparo da terra para o plantio. Assim, mesmo sobrando pouco dinheiro para investir em suas propriedades, os brasileiros gastavam o que tinham para adquirir o máximo de terras que podiam. Para viabilizar as atividades na lavoura, contratavam financiamentos concedidos pelo Banco do Paraguai. Como garantia de pagamento, o Banco exigia a penhora (hipoteca) da terra recém-adquirida. Sobre essa política de apoio do Banco do Paraguai, o agricultor Renato Schneider afirma que:

[...] quando comprei esta terra, eu tinha um milhão e meio de guaranis e a terra custava seis milhões. (...) Aí o cara* falou: “vamos ao banco!” Dentro de três dias, saiu o financiamento para comprar e fazer minha plantação e todo o restante.⁶⁸

Esse depoimento, ao mesmo tempo em que sinaliza o apoio dado ao financiamento da compra de terra e incentivos à produção, também revela a necessidade de um capital inicial por parte do agricultor.

Outro fator foi o aumento no valor das terras paraguaias, que se configurou como agente de expulsão dos pequenos agricultores paraguaios (*campesinos*), que ainda produziam de forma rudimentar. Devido à derrubada cada vez mais acelerada das matas, muitos camponeses paraguaios foram expulsos de suas terras. Em função disso, os imigrantes brasileiros foram considerados invasores e, por essa razão, surgiram, na forma de intensas disputas, conflitos pelo direito à terra no

⁶⁷ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai**: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá, 2012. p. 43.

* Refere-se ao corretor que estava intermediando o negócio.

⁶⁸ SCHNEIDER, R. In: FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai**: A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá Editora, 2012. p. 57.

Paraguai.⁶⁹

Juntamente a uma ampla devastação das florestas e à especialização da produção agrícola, aconteceu também a desarticulação do modo de vida dos camponeses paraguaios. Houve o aumento do número de trabalhadores rurais sem terra e o crescimento do trabalho assalariado, inclusive entre os migrantes brasileiros, muitos dos quais viviam (ou ainda vivem) ilegalmente no Paraguai, enquanto outros trabalhavam como empregados para grandes latifundiários ou empresas agrícolas, em condições desfavoráveis.⁷⁰

Além dos fatores indicados acima – o baixo preço das terras, os incentivos do governo paraguaio, o êxodo provocado pela modernização agrícola e pela construção da barragem de Itaipu –, a fertilidade do solo paraguaio, que exigia poucos investimentos iniciais, os baixos impostos rurais cobrados pelo governo paraguaio na época e a proximidade do local de origem, distante cerca de 180 km, também influíram na emigração desses agricultores para o país vizinho.

1.2 Oeste do Paraná e Santa Catarina: ocupação e modernização agrícola

Como indicado, as migrações de agricultores brasileiros para o Paraguai podem ser entendidas como um desdobramento de políticas econômicas e de ações políticas dos governos de ambos os países.⁷¹ A migração em direção ao Paraguai influenciou na formação da fronteira entre os dois países não somente nos cenários político e econômico, mas, sobretudo, na formação cultural dos povos fronteiriços.

Nesse sentido, compreender o processo ou as razões das migrações Brasil-Paraguai implica, inicialmente, em analisar as transformações socioeconômicas pelas quais a América do Sul passou, principalmente durante a década de 1970, destacando as influências do processo de modernização da agricultura.

A migração, ressalte-se, é um fenômeno que faz parte da história da própria humanidade, e contribui para as transformações geográficas, culturais, sociais e

⁶⁹ Ver RIQUELME, M. Notas para el estudio de las causas y efectos de las migraciones brasileñas en el Paraguay. In: FOGEL & RIQUELME. **Enclave sojero**: merma de soberania y pobreza. Asunción: CERJ, 2005.

⁷⁰ REYDON, B. P.; PLATA, L. A. Migrações e mercados de terra agrícolas no Cone Sul. In: PATARRA, N. L. **Emigrações e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

⁷¹ MARQUES, D. H. F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil**: o estudo de caso dos “brasiguaios”. Tese (Doutorado) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

econômicas. Singer considera que “as migrações são causadas por dois tipos de fatores: expulsão e atração. O primeiro determina o local de origem dos fluxos migratórios, enquanto o segundo, expõe a direção das áreas de destino”.⁷² Logo, se os movimentos populacionais migratórios sempre estiveram presentes na história da humanidade, afirma-se que os motivos para estes deslocamentos envolvem mudanças climáticas, transformações econômicas, crescimento demográfico, fugas de guerras, busca por melhores condições de vida tais como educação, trabalho, moradia e saúde, entre outros.

Conforme argumenta Ferrari, “a migração de brasileiros para o Paraguai vem acontecendo desde o século XIX, porém, foi na segunda metade do século XX que ocorreu com maior intensidade”⁷³, visto que naquela época havia um ideário político comum ao Brasil e ao Paraguai. Como indicamos, a política governamental brasileira “Marcha para o Oeste” foi um projeto criado e iniciado durante o Estado Novo. O objetivo norteador dessa política era ocupar e desenvolver o interior do país como forma de nacionalizar as regiões fronteiriças. Essa marcha em direção ao interior incorporou, naquele contexto, o sentido de brasilidade adotado pelas políticas governamentais como forma de resolver os principais problemas que a nação teria que enfrentar naquele momento.

De acordo com Oliveira:

[...] o Brasil adota a política governamental denominada de Marcha ao Oeste, na qual os princípios ou metas eram: aumentar as suas exportações, diminuir suas importações ou, ainda, substituí-las por uma produção nacional, estimular movimentos migratórios internos, dar início ao processo de industrialização nos espaços urbanos do território e incentivar a ocupação de novas fronteiras agrícolas.⁷⁴

Parte dos migrantes que se instalaram no oeste dos estados do Paraná e Santa Catarina, no contexto da Marcha para o Oeste, migram novamente (décadas de 1970 e 1980) para o Paraguai. Anos depois da implantação dessa política (Marcha para o Oeste), já em outro governo, na busca pelo desenvolvimento do país

⁷² SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

⁷³ FERRARI, A. C. **O avanço do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no município de San Alberto**: departamento de Alto Paraná/Paraguai. Centro de Ciências Humanas e Letras: Marechal Cândido Rondon, 2006. p. 12.

⁷⁴ OLIVEIRA, C. **Políticas governamentais do Brasil e do Paraguai**: imigração brasileira em direção ao Paraguai. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. VII Exposição Geográfica da Unioeste: Espaços de Fronteira – Território e Ambiente. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 14-17 set. 2011.

e pela expansão da sua produção agrícola, o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) criou políticas que fomentaram o crescimento de todas as regiões. Nesse contexto, os governos do Brasil e do Paraguai agiram com diplomacia e “permitiram” Schwerz a circulação de pessoas e até mesmo a ocupação ilegal de brasileiros das terras da fronteira entre os dois países. Este fato, de início, tinha como principal objetivo assegurar a ocupação das terras fronteiriças no lado brasileiro, o que acabou extrapolando para o lado paraguaio, num avanço migratório além da fronteira.

Se estabelece uma série de interesses convergentes em torno de possibilidades de colonizar terras de fronteiras. A visão geopolítica federal via na colonização a consolidação territorial brasileira assegurada por colonos pequenos proprietários. Os empreendedores de empresas colonizadoras e de madeireiras vislumbravam novas possibilidades de investimentos em negócios madeireiros e de mercantilização de terras. Os colonos se dispunham a migrar para reconstruírem espaços coloniais.⁷⁵

Como já foi indicado, o movimento migratório iniciado com a Marcha para o Oeste, décadas mais tarde, “extrapola” a região fronteiriça do Brasil. No interior deste processo mais geral, no estado do Paraná, entre as décadas de 1920 e 1930, foram criadas companhias colonizadoras de terras, que faziam a divisão de pequenos loteamentos rurais destinados tanto a imigrantes recém-chegados ao Brasil como aos reemigrados para o Oeste do estado. Essas companhias foram responsáveis, principalmente, pelo povoamento do interior do Paraná.

Zaar indica que as companhias cumpriam com os objetivos do governo estadual. Entre eles estavam políticas demográficas de incentivo à imigração, criação de colônias agrícolas na região, construção de estradas, realização da reforma agrária e o incentivo à produção agropecuária de sustento.⁷⁶ O trabalho dessas companhias colonizadoras de terras foi decisivo para o povoamento e o desenvolvimento econômico das regiões oeste e sudoeste do Paraná, que, com o passar do tempo, irão se tornar regiões expulsoras.

De acordo com Oliveira,

Foram criados, em 40 anos [...] quarenta e três vilas ou cidades, dezenove campos de pousos de aeronaves, contatados mais de cinco mil indígenas e percorridos um milhão e quinhentos mil quilômetros de picadas (estradas) e rios. [...] as conquistas foram, a partir de 1940, a colonização do interior do

⁷⁵ GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940/70). Cascavel: Edunioeste, 2002. p. 70.

⁷⁶ ZAAR, M. H. A migração rural do oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001.

Paraná, a partir de 1960, a modernização agrícola e, depois de 1970, a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu.⁷⁷

Para tornar as terras do oeste e sudoeste paranaense mais atrativas, foi necessário que as companhias colonizadoras investissem não apenas em propaganda, mas também em uma infraestrutura mínima que proporcionasse condições para os novos donos da terra se instalarem. Às empresas, para tanto, caberia dividir os lotes rurais, montar uma infraestrutura mínima necessária e encontrar compradores que se dispusessem a trocar a área onde viviam com sua família, parentes e amigos por uma nova área, ainda desconhecida, mas que lhes oferecesse vantagens.⁷⁸

No Brasil, o trabalho de propaganda articulado pelas companhias colonizadoras alimentou o imaginário de inúmeros pequenos agricultores, especialmente do oeste dos estados do Paraná e Santa Catarina. Para eles, era a oportunidade de adquirir a terra própria ou ainda de se tornarem grandes proprietários de terras. A colonização do extremo Oeste do Paraná ocorreu a partir da década de 1940, com dois objetivos centrais: primeiro, nacionalizar a área, que durante o século XIX e início do século XX esteve ocupada por empresas denominadas “obrages”⁷⁹; segundo, priorizar a expansão das fronteiras econômicas, em especial as fronteiras agrícolas do Brasil, centrando esforços no sentido de ampliar o crescimento dos setores que pudessem contribuir para o aumento das exportações.⁸⁰

Foi buscando atingir esses objetivos, principalmente na segunda metade da década de 1940 e, com mais intensidade, nos anos 1950 e 1960, que o movimento migratório foi incentivado pelas companhias colonizadoras para a ocupação do oeste e sudoeste paranaense. De acordo com Schreiner, o modelo agrário implantado, em

⁷⁷ OLIVEIRA, C. **Políticas governamentais do Brasil e do Paraguai**: imigração brasileira em direção ao Paraguai. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. VII Exposição Geográfica da Unioeste: Espaços de Fronteira – Território e Ambiente. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 14-17 set. 2011.

⁷⁸ ZAAR, M. H. A migração rural do oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001. p. 3.

⁷⁹ As “obrages” eram grandes propriedades rurais nas quais os empregados eram tratados com muita violência, más condições de vida e opressão. [...] sendo que estas propriedades estavam em mãos de estrangeiros que estavam enriquecendo a custo das riquezas nacionais. COLODEL, J. A. **Obrages e Companhias Colonizadoras**: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960. Santa Helena: Prefeitura Municipal, 1988. p. 37.

⁸⁰ ZAAR, M. H. A migração rural do oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001. p. 3.

sua maioria, “estava baseado em pequenas propriedades de 10 (dez) *alqueires*”.⁸¹

A migração era realizada em grupos, geralmente formados por familiares, amigos e vizinhos, também trabalhadores agrícolas, que adquiriam lotes numa mesma área. Este tipo de migração era estimulado pela empresa colonizadora, uma vez que as condições de infraestrutura eram bastante precárias. A ajuda entre familiares que migravam era imprescindível para a derrubada da mata subtropical, para a construção das casas e dos galpões e também para o preparo da terra e cultivo de produtos agrícolas de subsistência.⁸²

Como exemplo Scherz das empresas colonizadoras que atuaram nesse período, no Oeste do Paraná, podemos citar a Maripá⁸³. De acordo com Cardoso, a procura de terras no Oeste do Paraná ofertadas pela colonizadora Maripá, sobretudo por colonos gaúchos e catarinenses, foi extraordinária, de tal modo que, em 1956, a Maripá vendera 9.618 colônias, restando do projeto inicial apenas 3.544 colônias à venda. Ainda de acordo com Cardoso, ao final da década de 1960 a ocupação territorial do Paraná estava realizada, quer dizer, não havia mais o que ocupar.⁸⁴ Note-se que no final da década de 1960 e na década de 1970 se inicia o movimento emigratório para o Paraguai.

Conforme a historiadora Méri Frotscher, a mecanização da agricultura, a aquisição de implementos agrícolas e o aumento das grandes propriedades tornaram pouco viável o modelo de agricultura familiar. “Aconteceram mudanças no modelo de produção capitalista na região como um todo, com a subordinação da agricultura à indústria, a inserção da monocultura e a integração da região ao mercado regional”.⁸⁵

Conforme Bracagioli Neto, a modernização da agricultura na década de 1970 provocou um êxodo rural de quase 30 (trinta) milhões de pessoas. Esse intenso processo migratório e as novas organizações familiares foram responsáveis pela criação de novas identidades geográficas e também culturais.⁸⁶

⁸¹ SCHREINER, D. Cotidiano, trabalho e poder. In: **A formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná**. Toledo, 1997. p. 87.

⁸² ZAAR, M. H. A migração rural do oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001. p. 3.

⁸³ Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A.

⁸⁴ CARDOSO, J. A. **Atlas histórico do Paraná**. 2. ed. Curitiba: Livraria Chain, Editora, 1986.

⁸⁵ FROTSCHER, M. Trabalhadores brasileiros, brasileiros trabalhadores: resignación de la identidad étnica entre migrantes de origen rural. In: **Desplazamientos en Argentina y Brasil**: aproximaciones em el presente desde la história oral. Buenos Aires: Imago Mundi, 2011. p. 78. Tradução nossa.

⁸⁶ BRACAGIOLO NETO, A. **A fronteira dos excluídos**: a trajetória social dos brasiguaios. Porto Alegre: Cadernos de Sociologia PPGS, 1994.

É importante destacar que o processo de modernização da agricultura nem sempre impactou de forma igual todo o setor rural brasileiro. Na prática, esse processo aconteceu de forma parcial, conservadora e dolorosa.

Parcial porque se limitou a algumas regiões do país, a alguns produtos específicos e a certas fases da organização da produção. Conservadora porque não rompeu com a tradicional concentração fundiária e por fim dolorosa porque concorreu para expulsar do campo milhares de pessoas ligadas às atividades agropecuárias, acentuando assim o êxodo rural.⁸⁷

Nesse contexto de transformações e inovações tecnológicas encontrava-se um número considerável de agricultores que não tinham condições financeiras de se adequarem às novas exigências de modernização do setor agrícola. Para estes restavam duas opções: tomar empréstimos junto a instituições financeiras para modernizarem-se ou vender as pequenas propriedades e migrar.

Porém, ficar ou sair não era uma simples questão de livre arbítrio por parte dos pequenos agricultores, mas uma imposição das circunstâncias que se colocavam. A modernização agrícola foi, sem dúvida, uma das vertentes propulsoras da exclusão de inúmeros agricultores, e esse processo manifestou-se com grande intensidade no oeste do Paraná, região ocupada por pequenas propriedades.⁸⁸

O intenso movimento de brasileiros em direção ao Paraguai não foi causado somente pela modernização da agricultura, a qual provocou forte êxodo rural e a expansão dos processos de urbanização de muitos municípios daquela região. Como já indicamos, deve-se considerar as políticas que incentivaram a ocupação das terras paraguaias e seu baixo valor em relação aos preços praticados no Brasil.

Sobre o valor das terras, um agricultor radicado no Paraguai na década de 1980 diz:

Eu digo francamente, lá no Brasil a minha porta para fazer um futuro não estava assim tão aberta. Com cinco alqueires vendidos lá, nós comprávamos quarenta, cinquenta aqui. Então são fatores, que eu digo francamente, eu sempre achei que era melhor vir para cá. A terra era boa, igual que a nossa lá, sem problema nenhum.⁸⁹

Ainda sobre o preço das terras, é pertinente destacar que, em decorrência

⁸⁷ SILVA, J. G. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992. p. 49.

⁸⁸ SCHLOSSER, M. **Nas ondas do rádio**: a visibilidade da modernização agrícola do oeste do Paraná (1960-1980). Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, 2001.

⁸⁹ SCHNEIDER, R. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 30 de janeiro de 2009.

de políticas agrárias do governo brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, houve um aumento significativo no valor das terras no Brasil, o que fez com que muitos pequenos agricultores vendessem suas propriedades. Ao mesmo tempo, no Paraguai, a política do governo de Alfredo Stroessner buscava o desenvolvimento agrícola, incentivando a imigração de brasileiros.

Outro fator bastante relevante nesse processo foi a pouca rigidez da legislação paraguaia no que concerne ao direito de propriedade da terra. A busca pela aquisição de terras no Paraguai crescia no imaginário de muitos agricultores brasileiros, que desejavam tornar-se proprietários e ter um futuro melhor no país vizinho. Além do crescimento no número de imigrantes com capital próprio, que adquiriam terras, muitos se colocaram como arrendatários naquele país. Sem capital suficiente, mas com conhecimento do cultivo mecanizado, acabaram atraídos pelas terras paraguaias e investiram em tecnologias para a expansão da produção agrícola naquele país.⁹⁰

Quando se trata da entrada de brasileiros no Paraguai, esta na maioria das vezes ocorreu por meio da fronteira entre o estado do Paraná e o departamento de Alto Paraná, e pela “fronteira seca” entre o estado do Mato Grosso do Sul e os departamentos de Canindeyú e Amambay⁹¹. Muitos brasileiros, oriundos principalmente dos estados de Santa Catarina e do Paraná, formaram grandes contingentes de migrantes do Brasil para o país vizinho.

A emigração de brasileiros para o Paraguai nas décadas de 1970 e 1980 também está relacionada aos governos militares de ambos os países, que tinham interesses políticos comuns. Houve interesse do governo paraguaio em incentivar a emigração de brasileiros e a ocupação das terras do país, esperando uma melhoria nos processos de produção agrícola para incrementar as exportações. Os brasileiros, assim, tornaram-se responsáveis pela abertura das fronteiras agrícolas na região Leste do Paraguai, investiram em maquinários, insumos e nas condições materiais mínimas (construção de estradas, pontes, armazéns) para a produção e o escoamento dos grãos.

⁹⁰ O grande interesse pela agricultura está aliado aos intensos processos de monocultura de grãos, especialmente a soja e o milho, que ainda hoje são intensamente produzidos no Paraguai e no oeste e sudoeste do Paraná.

⁹¹ MARQUES, D. H. F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil**: o estudo de caso dos “brasiguaios”. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

A política do governo Alfredo Stroessner, desde o final dos anos 1950,⁹² buscava o desenvolvimento da agricultura, e a primeira etapa desse processo se baseou na distribuição de terras para militares e líderes do Partido Colorado. Também foram contratadas empresas colonizadoras brasileiras, norte-americanas, alemãs e japonesas para organizarem a ocupação e colonização das terras. Muitos agricultores paraguaios que não dispunham de posses ou não tinham condições de se adequarem a este processo de modernização da agricultura deixaram suas terras.

1.3 A Usina Hidrelétrica de Itaipu e o processo de emigração de brasileiros para o Paraguai

Ao se analisar o processo de emigração de brasileiros para o Paraguai, além dos fatores destacados na seção anterior, verifica-se que a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, na década de 1970,⁹³ também se configurou como agente influenciador do processo.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu representou um paradoxo: ao mesmo tempo em que havia a promessa de se configurar como uma obra que contribuiria para o desenvolvimento econômico da região, foi fator influenciador da migração de pequenos agricultores da região, especialmente os que tiveram as suas terras alagadas pela formação do Lago de Itaipu (reservatório de água para o funcionamento da usina), em 1982, que compunha o complexo da hidrelétrica em construção.

Na época, diversos municípios foram diretamente afetados pela obra; atualmente, são 15 (quinze) os municípios, uma vez que alguns distritos foram se desmembrando. O município de Guaíra perdeu 10,30% de suas terras; Terra Roxa, 0,22%; Marechal Cândido Rondon, 17,78%; Santa Helena, 31,73%; Matelândia, 0,45%; São Miguel do Iguaçu, 21,49%; Foz do Iguaçu, 26,77%. É importante

⁹² Alfredo Stroessner chegou ao poder no Paraguai em 1954 e, em 1959, dá início ao processo de transformação do setor agropecuário, por meio de políticas direcionadas à colonização e à modernização da fronteira agrícola paraguaia (SALIM, 1995, p. 146).

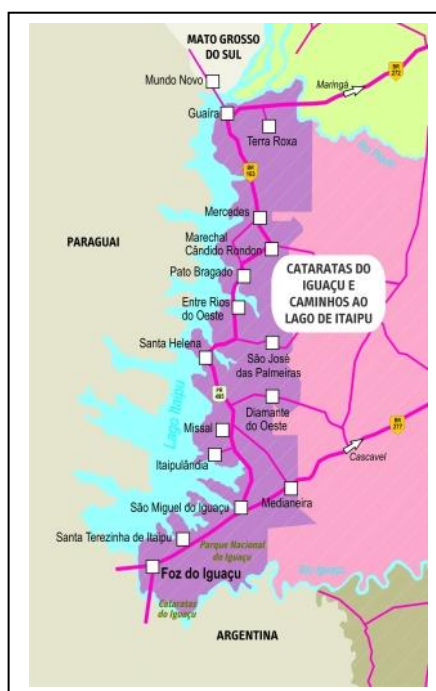
⁹³ A Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional foi construída a 190 Km de Sete Quedas, no Rio Paraná, no trecho de fronteira entre o Brasil e o Paraguai, a 14 Km ao norte da ponte da Amizade (divisa entre Brasil e Paraguai), a 20 Km da Foz do Rio Iguaçu. A área do projeto se estende desde Foz do Iguaçu, no Brasil, e Ciudad del Este, no Paraguai, ao sul, até Guaíra (Brasil) e Salto del Guairá (Paraguai), ao norte. A Hidrelétrica possui a altura de 196 metros, que equivale a um prédio de 69 andares, com o comprimento de 7.760 metros (GATTERMANN, 2006, p. 13-16).

ressaltar que as terras que foram ocupadas pela Itaipu são classificadas entre as mais férteis do mundo.⁹⁴

A inundação territorial teve muitas e graves consequências. Toda produção foi eliminada, a evasão populacional resultou em grande decréscimo na receita e na diminuição de investimentos dos municípios atingidos, sem falar das perdas de infraestrutura e equipamentos, estradas, hospitais, igrejas, sedes de órgãos públicos, escolas, comércio, indústrias e agropecuários, residências, redes e instalações elétricas, clubes sociais, investimentos realizados na terra para deixá-las mais produtivas, além dos prejuízos ambientais com a morte de muitos animais e a submersão de plantas da região.⁹⁵

A figura a seguir mostra as terras que foram inundadas pela formação do Lago de Itaipu:

Figura 1 – Lago de Itaipu – Paraná



Fonte: <http://www.copa2014.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=8>

Enquanto as águas do Lago de Itaipu subiam, o destino de pequenos e

⁹⁴ MAZZAROLLO, J. **A taipa da injustiça**: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. São Paulo: Loyola, 2003.

⁹⁵ GATTERMANN, B. **Itaipu, a pedra que canta**: o desespero e o desencanto dos Agricultores atingidos pela barragem. Cascavel, 2006. p. 24 Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da Educação Brasileira, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/monografia_Beatriz.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

médios proprietários de terras, em sua maioria, era selado. As águas do lago submergiram terras agricultáveis no extremo oeste paranaense, adiando a esperança de muitos agricultores de construir sua vida e a de seus familiares a partir do cultivo da terra. Sonhos e esperanças foram deixados para trás ou ficaram debaixo das águas do imenso reservatório. O Lago de Itaipu fez desaparecer não somente uma beleza natural do Estado – as Cataratas das Sete Quedas – como “Estima-se que tenham sido expropriadas 43 mil pessoas”.⁹⁶

Como vimos, Gattermann argumenta que a construção da Hidrelétrica de Itaipu causou impacto social, geográfico e econômico muito grande na região oeste do Paraná. Porém, além das desapropriações na margem brasileira do lago, foram atingidas cerca de 20.000 pessoas no lado paraguaio. Assim, mais do que o impacto ambiental provocado pela construção do Lago de Itaipu, os impactos culturais e socioeconômicos ainda hoje afetam as pessoas expropriadas de suas terras e que perderam seus vínculos com as terras submersas. Com a migração forçada pela construção da obra, muitas pessoas não conseguiram se reestabelecer em outras regiões do Estado. O “milagre econômico” e o discurso governamental da modernidade, na prática, representaram apenas uma falácia, visto que muitas pessoas foram prejudicadas ao serem expropriadas de suas terras.⁹⁷

Se, por um lado, a Usina Hidrelétrica de Itaipu foi uma das maiores e mais modernas construções do mundo⁹⁸, que desafiou arquitetos e engenheiros devido à sua colossal estrutura, por outro, prejudicou residentes na área rural da região⁹⁹. Com a sua construção, a “microrregião do extremo oeste do Paraná, sofreu uma interferência que transformou sua condição social, econômica e demográfica”¹⁰⁰ e que se configurou como um importante elemento de expulsão da população.

Diante do poder dos aparelhos estatais e da inevitável desapropriação, muitos agricultores foram expulsos de suas próprias terras e perderam a condição de territorialidade, fator que os obrigou a se organizarem em vários segmentos da

⁹⁶ ESTRELA, E. S. Vozes da Itaipu: o testemunho de uma expropriação. **Imaginário**, São Paulo, v. 12, n. 13, 2006. Resenha.

⁹⁷ GATTERMANN, B. **Itaipu, a pedra que canta o desespero e o desencanto dos agricultores atingidos pela barragem**. Cascavel: Unioeste, 2006.

⁹⁸ A Usina Hidrelétrica de Itaipu, a segunda maior do mundo em tamanho e primeira em geração de energia, foi considerada em 1996 como uma das 7 Maravilhas do Mundo Moderno pela Sociedade Americana de Engenheiros Civis. Fonte: <<http://2014.latinoware.org/foz-do-iguacu/>>.

⁹⁹ WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, mensus e colonos: história do oeste paranaense**. Curitiba: Vicentina, 1988.

¹⁰⁰ LIMA, I. C. de. **Itaipu: as faces de um megaprojeto de desenvolvimento (1930-1984)**. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2004. p. 113.

sociedade, como a Comissão Pastoral da Terra, que objetivava dar suporte aos expropriados pela construção de Itaipu, além de lutar para que a desapropriação ocorresse de forma mais justa.¹⁰¹

Por causa da desapropriação das terras e, conseqüentemente, do recebimento de indenizações, muitos agricultores cultivaram o desejo de adquirir novas terras e dar continuidade à atividade agrícola, com a qual já estavam acostumados. Uma vez posta a condição de desapropriados, era preciso traçar novos planos na busca pela sobrevivência, pois no imaginário de muitas destas pessoas a desapropriação era a interrupção de um sonho que precisava, então, ser retomado em outras terras.

Se de um lado havia o discurso do governo, argumentando que a construção da usina representaria progresso e desenvolvimento para a região, de outro havia vozes¹⁰² que se manifestavam na contramão do discurso oficial:

De fato, para nós paranaenses resta o sacrifício patriótico de arcar com sérios problemas que advirão desta faraônica obra. Despindo-se da megalomania ufanista que alimenta a vaidade nacional em torno da Itaipu e concentrando-se no bem-comum que pertence de direito, porém não de fato, aos paranaenses.¹⁰³

De acordo com Oliveira, a distribuição das pessoas que tiveram suas terras desapropriadas em função da construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu foi bastante diversificada: seguiram para as regiões Centro-Oeste e Norte do país devido a políticas de terras mais baratas, migraram nos próprios municípios onde perderam suas terras, fixaram-se no seu próprio distrito ou acabaram fazendo migração internacional, predominantemente em direção ao país vizinho – Paraguai. Houve ainda um grupo que acabou se estabelecendo em áreas urbanas, deixando a agricultura para buscar trabalho principalmente na área de prestação de serviços.¹⁰⁴

¹⁰¹ ZAAR, M. H. A migração rural do oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. **Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 94, 1 ago. 2001.

¹⁰² Refere-se aos sujeitos coletivos, movimentos organizados que saíram em defesa dos desapropriados e do meio ambiente. Estes movimentos se opunham ao discurso oficial que pregava progresso e desenvolvimento. Ver: RIBEIRO, M. de F. **Memórias do concreto: vozes na construção de Itaipu**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

¹⁰³ CPI da Desapropriação, Curitiba, 19 de abril de 1979, *apud* RIBEIRO, M. de F. **Memórias de concreto: vozes na construção de Itaipu**. Cascavel: Edunioeste, 2002. p. 25.

¹⁰⁴ OLIVEIRA, C. **Políticas governamentais do Brasil e do Paraguai: Imigração brasileira em direção ao Paraguai**. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. VII Exposição Geográfica da Unioeste: Espaços de Fronteira – Território e Ambiente. Marechal Cândido Rondon: Unioeste, 14-17 set. 2011.

As desapropriações aconteceram num período de quatro anos, entre 1976 e 1980, e, como estamos indicando, as consequências deste ato ainda hoje afetam a vida de muitas pessoas.

Conforme acentua Gattermann, não foi atingida somente a zona rural. Alguns centros urbanos chegaram a simplesmente desaparecer. Os municípios de Santa Helena, Guaíra e o distrito de Porto Mendes, pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon, foram atingidos pelo alagamento provocado pelo represamento de água da barragem de Itaipu. A cidade que mais sofreu perdas em investimentos físicos foi Guaíra. Devido à submersão de suas belíssimas Sete Quedas e do Parque Nacional adjacente, perdeu seu polo turístico internacional. Boa parte de sua área urbana também ficou submersa, seu porto de transporte fluvial, estaleiros, olarias, uma reserva de camping, restaurantes e hotéis que serviam a turistas, um porto de extração de areia, uma pequena hidrelétrica, trechos de vias urbanas pavimentadas, sistema de saneamento básico, casas comerciais.¹⁰⁵

Ainda segundo Gattermann, com o distrito de Porto Mendes ocorreu situação semelhante. Seu desenvolvimento econômico foi prejudicado. O problema do isolamento atingiu parte de três municípios, 45% do território de Santa Helena, 12% de São Miguel do Iguaçu e 5% de Foz do Iguaçu. O município de Foz do Iguaçu, sendo a sede da barragem e do canteiro de obras, sofreu um repentino e descomunal crescimento populacional e econômico. No princípio das obras da usina, a população era de aproximadamente 35.000 habitantes. Em menos de cinco anos esse número passou para cerca de 140.000.¹⁰⁶

As desapropriações atingiram agricultores, casas comerciais, postos de combustíveis e farmácias, entre outros pequenos estabelecimentos. Uma vez desapropriados, os agricultores que se recusavam a sair, por não terem sido diretamente atingidos pelo alagamento, ficavam isolados, logo, tinham que percorrer longas distâncias para adquirir os produtos necessários (alimentos, remédios, insumos) para o abastecimento de suas casas e propriedades.¹⁰⁷

Face às dificuldades desta situação, muitos tiveram que migrar, porque não

¹⁰⁵ GATTERMANN, B. **Itaipu, a pedra que canta o desespero e o desencanto dos Agricultores atingidos pela barragem**. Cascavel, 2006. p. 20-21. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da Educação Brasileira, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/monografia_Beatriz.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

¹⁰⁶ Ibid., p. 20-21.

¹⁰⁷ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: Juruá, 2012.

restava mais esperança de reverter este processo, o qual parecia retroceder para um passado distante em que não havia infraestrutura básica para a sobrevivência dos moradores da região e nem produtos essenciais, que precisavam vir de outros lugares distantes. Era uma volta ao passado de dificuldades, já que as distâncias percorridas também separavam ainda mais os moradores de suas referências familiares, sociais e culturais.

Embora as pessoas tenham sido indenizadas pelo governo brasileiro, a população afetada teve que se desprender de suas raízes históricas e culturais e, por fim, buscar outros lugares para reconstruir suas histórias de vida. Em alguns casos, estas pessoas se distanciaram umas das outras, das amizades, afinidades e tradições locais até então construídas, e que foram destruídas pela desapropriação, afogadas nas águas do Lago de Itaipu.

É importante acentuar que os danos causados pelo processo de desapropriação das terras para a construção do Lago de Itaipu trouxeram aos moradores não somente prejuízos ao patrimônio imaterial, mas também ao patrimônio material, já que os valores pagos pelas indenizações nem sempre cobriam todos os investimentos em benfeitorias feitas pelos proprietários. Estes não tinham outra saída a não ser aceitar a indenização paga pelo governo, uma vez que ninguém mais compraria essas terras. Se antes da Itaipu elas valiam muito, com a construção da hidrelétrica o valor de mercado despencou. Muitos foram os problemas enfrentados pelos desapropriados, entre eles:

[...] a medição e a avaliação das propriedades, os prazos de permanência na área, os prazos de pagamento, o ritmo das indenizações e prioridades, as indenizações de bens comunitários e de pontos comerciais, a necessidade de um novo local de assentamento, a reconstrução da infraestrutura local para os agricultores que permanecessem na área, além dos problemas ecológicos advindos com a formação da represa.¹⁰⁸

Além das propriedades rurais e comerciais nos municípios afetados pela construção do Lago de Itaipu, também foram indenizados 42 (quarenta e dois) templos religiosos e 95 (noventa e cinco) escolas. Os cemitérios foram realocados dentro dos mesmos municípios, além de serem transladados os restos mortais de 1.090 (mil e noventa) pessoas; o culto aos entes queridos também perdeu sua

¹⁰⁸ ZAAR, M. H. O processo migratório no extremo oeste do Estado do Paraná/Brasil com a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu. **Revista de Geografia e Ciências Sociais**, Barcelona, n. 69, 1 ago. 2000.

referência geográfica, ficando na memória dos familiares e dos amigos que já não podiam chorar sua perda no local onde aqueles foram originalmente sepultados.

Embora considerado bem-sucedido por parte da direção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e pelo governo brasileiro, o processo de desapropriação das terras não aconteceu de forma harmoniosa e ordeira, como esperado. Muitos desapropriados indignados e enfraquecidos buscaram ajuda de representantes da Igreja e de partidos de esquerda, que se organizaram em associações em prol de objetivos comuns, como o resgate do patrimônio material. Entre estas associações, merece destaque a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que objetivava manter as estratégias de luta para que fossem atendidas algumas reivindicações dos desapropriados, com o intuito de tornar as desapropriações mais justas.

Foi esse cenário de mudança radical da paisagem no extremo Oeste paranaense, com desdobramentos diretos nas condições de vida dessas pessoas que motivou ou, talvez se possa dizer, “forçou”, a mobilização dos agricultores, dando início ao movimento denominado “Terra e Justiça”. Este reivindicava o pagamento das indenizações em terras no próprio Estado do Paraná e melhores preços por suas benfeitorias e áreas inundadas e, em julho de 1981, como resultado do movimento anterior foi organizado o Movimento dos Agricultores Sem-Terra do Oeste do Paraná (MASTRO).¹⁰⁹

Além disso, reivindicaram o aumento das indenizações e a desapropriação/compra de toda a propriedade, quando constatado que a área remanescente não seria suficiente para a reorganização da propriedade e da vida do morador e de sua família.

Como pretendemos mostrar, apesar do discurso pró-desenvolvimento local, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu provocou um intenso processo migratório da população da região, de modo que cidades antes populosas perderam moradores que não conseguiram se adequar à nova ordem socioeconômica e geográfica. Assim, diante das dificuldades advindas com as desapropriações e com a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, inúmeras foram as influências no processo de urbanização do Estado do Paraná, resultantes da negação de condição de agricultores familiares aos expropriados.¹¹⁰ Nas regiões oeste e sudoeste do

¹⁰⁹ CASTELANO, M. J. Conflitos na fronteira: a atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) junto aos trabalhadores rurais e a Itaipu nas décadas de 1970-1980, no oeste do Paraná. In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**. Vitória, ES, 10 a 16 ago. 2014.

¹¹⁰ PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

Paraná, muitos municípios de economia rural perderam parte de sua população, enquanto outros tiveram a população aumentada vertiginosamente, principalmente nos centros urbanos. Nesse movimento, parte desses migrantes cruzou a fronteira rumo ao Paraguai.

1.4 Quem eram os migrantes brasileiros que seguiram para o Paraguai

Após apontarmos as principais causas que levaram agricultores brasileiros a emigrarem para o Paraguai, nos anos 1970-1980, pontuamos algumas informações que permitam identificá-los, possibilitando a construção de suas trajetórias de vida.

A atual fronteira agrícola brasileira vincula-se e está intimamente relacionada ao modelo de modernização do campo implantado desde os anos 1970. Sua expansão tem incorporado grandes áreas, diversificado seus polos de crescimento e proporcionado a desconcentração da população. Segundo Miranda Neto, este movimento tem sido contínuo desde o início do século XIX.¹¹¹

Tratar de fronteira agrícola requer o entendimento de que existe alguma área em potencial que oferece as condições necessárias à expansão de atividades relacionadas à agricultura e à pecuária, que se estende posteriormente para a urbanização, com suas infinitas possibilidades econômicas e culturais. Nessas regiões de fronteira comumente ocorrem situações de frentes de atividades agropecuárias que ora avançam, ora se retraem.

De acordo com Mueller, entre 1950 e 1970 houve grande expansão da fronteira agropecuária no sul do Brasil.¹¹² Nesse cenário, o Paraná incorporou 22,5% do total de 14,9 milhões de hectares convertidos em terras para a lavoura nacional. Essa expansão começou pelo norte e sudoeste do estado e culminou no oeste. Contudo, este processo se reverteu durante a década de 1970. Conforme Martini e Garcia, as áreas rurais do oeste paranaense “passaram de repente a ser os maiores fornecedores de emigrantes do país”.¹¹³

De acordo com Braidó, até meados dos anos de 1970, 80% dos imigrantes

¹¹¹ MIRANDA NETO. **A Expropriação dos alimentos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.

¹¹² MUELLER, C. C. Dinâmica, condicionantes e impactos socioambientais da evolução da fronteira agrícola no Brasil. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 3, p. 64-87, jul./set. 1992.

¹¹³ MARTINI, G.; GARCIA, R. C. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987. p. 75.

brasileiros no Paraguai eram provenientes do Paraná.¹¹⁴ A população do extremo-oeste paranaense sofreu uma diminuição considerável nessa época, em função dos impactos intensos da modernização da atividade agrícola e das desapropriações das terras para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Conforme indicamos acima, a construção da Usina de Itaipu foi responsável pela expulsão de um grande número de pequenos agricultores; segundo Paoli, foram desapropriados 6.913 estabelecimentos rurais e 1.606 propriedades urbanas, totalizando 8.519 propriedades e 101.092 ha de área.¹¹⁵ Observa-se que a região, que décadas antes era um local de grande atração populacional, passou por uma situação de repulsão, atingindo um grande número de famílias de agricultores. As migrações desse contingente populacional só foram possíveis mediante a relação entre a necessidade e o desejo de migrar e a disponibilidade de terras boas e baratas em outro local, nesse caso, no Paraguai.

Diante disso, parece que se configurou uma possibilidade de manter o velho em um novo lugar, ou seja, manter a condição de agricultor em uma nova fronteira (Paraguai). Nota-se, portanto, que a ocupação do Paraguai por imigrantes brasileiros passou a ser uma alternativa a princípio interessante, aliviando tensões sociais¹¹⁶.

A ampliação da fronteira agrícola para o Paraguai transportou braços para uma espécie de reforma agrária seletiva, feita em outro país. Explicitados os interesses dos governos do Brasil e do Paraguai, evidenciam-se as formas de “colonização”, que ocorre com a venda de propriedades, estimulando o sujeito que se pretendia atrair para a região leste do Paraguai. Da mesma forma que no passado a região do oeste paranaense serviu para resolver tensões, o leste do Paraguai serviu, a partir de 1970, como válvula de escape para as populações que estavam sendo expulsas de suas terras pela mecanização agrícola e pelas obras de Itaipu. Em outras palavras, a fronteira permitiu o escoamento do contingente populacional que estava em situação de risco em sua condição de agricultores, que pretendiam preservar sua condição de vida, suas atividades, seu modo de cultivar a terra e os valores culturais que lhes eram preciosos.

¹¹⁴ BRAIDO, J. F. Colonos brasileiros en el Paraguay. *Revista Paraguaya de Reflexión y Diálogo*, Paraguay, n. 16, p. 25-30, nov. 1972.

¹¹⁵ PAOLI, M. Z. **O caso Itaipu**. Maio 1992. (Relatório mimeog.).

¹¹⁶ Ver: GERMANI, G. I. **Expropriados terra e água: o conflito de Itaipu**. Salvador: Universidade Federal da Bahia (EDUFBA) - Universidade Luterana Brasileira (ULBRA), 2003. Sobre esse contexto de tensões, a autora aponta o surgimento de dois importantes movimentos sociais criados no contexto da construção de Itaipu: o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Cabe lembrar que a história da região fronteiriça entre Brasil, Paraguai e Argentina foi marcada pela circularidade de indivíduos das três nacionalidades desde os tempos coloniais, especialmente na fase de extração de erva-mate e madeira. Conforme classifica o historiador Rui Wachowicz, a história da região oeste do Paraná pode ser dividida em quatro etapas: a 1ª etapa corresponde ao momento em que, no século XVI, Dom Alvarez Nunes Cabeza de Vaca percorreu com europeus e indígenas aquele território, no sentido leste-oeste, em direção ao Paraguai; a região era densamente ocupada por indígenas dos grupos Xetá, Kaingang e Guarani; a 2ª etapa corresponde à presença e atuação dos padres jesuítas, que instalaram reduções ou missões pelo território, em sua maioria destruídas na primeira metade do século XVII pelos bandeirantes paulistas; a presença espanhola na região permaneceu forte, e a 3ª etapa, entre 1881 e 1930, corresponde à introdução do sistema de obrages, entre Foz do Iguaçu e Guaíra. O sistema previa a extração de erva-mate e de madeira, que eram exportadas para a Argentina¹¹⁷ Wachowicz salienta que “esta frente extrativa de erva-mate era, de capital argentino, mão de obra paraguaia e matéria prima brasileira”. As obragens aconteceram e se desenvolveram porque o governo brasileiro, em meados do século XVIII, teria realizado um acordo de navegação com a Argentina e com o Paraguai. Elaborou-se um documento que garantia o acesso à província do Mato Grosso com entrada pela foz do rio da Prata até o rio Paraná. Na outra parte do acordo, a Argentina tinha assegurado o direito de navegar pelo rio da Prata, desde o Iguaçu até as Sete Quedas. Todos os meios de transporte eram controlados pelos argentinos e pela Companhia Mate Laranjeira, de origem paraguaia.¹¹⁸

Ainda conforme Wachowicz, na década de 1920 no oeste do Paraná circulava o peso argentino, e a região era ocupada por cerca de 10 mil habitantes, a maioria de origem platina. A 4ª etapa proposta por Wachowicz refere-se à atuação de empresas colonizadoras que efetivaram a colonização do oeste do Paraná a partir de 1930, quando o governo brasileiro desarticulou o sistema de obrages e incentivou a ocupação de terras naquela região. Os ocupantes, em sua maioria, eram agricultores de ascendência alemã e italiana, que reemigravam dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina principalmente para o oeste paranaense, onde

¹¹⁷ WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, mensus e colonos**. Curitiba: Vicentina, 1988.

¹¹⁸ Ibid., p. 27.

se estabeleceram em pequenas propriedades familiares rurais.¹¹⁹

A partir da década de 1950 intensifica-se a chegada à região de um grande número de agricultores do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e do sudoeste paranaense, iniciando-se um ciclo acelerado de compra e venda de lotes de terra, realizado predominantemente por empresas privadas.¹²⁰ Em contrapartida, já não havia mais espaço para a mão de obra paraguaia ou argentina, de maioria indígena, que outrora era utilizada na extração da erva-mate.

Intensificando-se em volume, o contingente populacional que migrou para o oeste do Paraná entre os anos 1950-1970 possuía algumas características comuns, o que lhe conferia certa homogeneidade. Em sua maioria, eram pequenos proprietários rurais com algum capital, oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, e atraídos pela possibilidade de adquirirem terras. Outra característica está associada ao conhecimento da atividade agropecuária, que ia além da cultura de subsistência, estando voltada para o comércio e a lógica do mercado. Sobretudo, internamente aos grupos de origem alemã e italiana havia uma certa coesão cultural, que lhes conferia unidade e identidade. Ainda em meados do século XX a comunicação e os acessos eram precários e, por isso, havia um certo isolamento da região em relação ao restante do estado do Paraná. Esse isolamento começou a ser rompido com a construção da Ponte Internacional da Amizade, que uniu Brasil e Paraguai, em 1965; com o asfaltamento da BR-277, ligando Foz do Iguaçu a Paranaguá, em 1969; e com a implantação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, por meio de um consórcio entre Brasil e Paraguai, no início dos anos 1970.¹²¹

Como já mencionamos, outro fator decisivo para a ocupação efetiva do oeste paranaense, a partir da década de 1970, foi a mecanização agrícola, especialmente do cultivo da soja. Todo esse contexto provocou grande alteração na base produtiva regional, com repercussão fundiária que, consequentemente, acarretou na redistribuição da população. Entre 1950 e 1970, a população do oeste do Paraná passou de 16.000 habitantes para mais de 760.000.¹²²

Paralelamente à frente de expansão capitalista no oeste do Paraná, acontecia, como já apontamos, um grande movimento interno para a ocupação das

¹¹⁹ WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, mensus e colonos**. Curitiba: Vicentina, 1988.

¹²⁰ GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do Paraná (1940/70)**. Cascavel: Edunioeste, 2002.

¹²¹ IPARDES. **Paraná: diagnóstico social e econômico**. Curitiba, 2004.

¹²² Ibid., p.16

terras no leste do Paraguai. O presidente Alfredo Stroessner promoveu uma reforma agrária que facilitou a aquisição de terras na região e, por meio de propagandas, atraiu migrantes brasileiros, principalmente oriundos do oeste paranaense, interessados em aumentar suas posses.¹²³ Além disso, a construção da Itaipu desapropriou milhares de agricultores brasileiros, representando um forte impacto no aumento de migrantes agricultores. Com isso, o Paraguai se tornou uma opção para a obtenção de terras baratas, a partir de 1970.

É oportuno lembrar que, antes ainda dos migrantes do oeste paranaense seguirem para o Paraguai, havia por lá trabalhadores migrantes oriundos das regiões norte e nordeste do Brasil, que ali haviam chegado de meados da década de 1950 até o final da década seguinte. Esses migrantes, desprovidos de posses ou terras nos seus locais de origem, optaram por procurar trabalho no Paraguai; derrubaram matas e fizeram pequenos roçados antes da chegada dos migrantes “sulistas” brasileiros. Além de não serem proprietários, também não tinham experiência com a agricultura mecanizada; instalaram-se, principalmente, no Departamento de Alto Paraná, região ocupada por camponeses paraguaios e por indígenas. Esse pode ser considerado o primeiro fluxo migratório de brasileiros para o Paraguai.¹²⁴

[...] esses agricultores desmataram áreas de selva, limpavam os terrenos, construíram suas casas, tiveram seus filhos e produziram durante anos e anos de arrendamento, sucessivas lavouras de café, algodão e hortelã, entre outros produtos comerciais, que algumas vezes eram vendidos nas cidades brasileiras fronteiriças. O contato com a população paraguaia dependia da localização dos imóveis.¹²⁵

A atração de trabalhadores migrantes do norte e do nordeste do Brasil foi, aos poucos, dando lugar aos migrantes provenientes do sul, constituindo-se no segundo fluxo migratório de brasileiros para o Paraguai. É preciso considerar que boa parte desses novos migrantes recebia estímulos de empresas colonizadoras privadas autorizadas pelo Instituto de Bien Estar Rural (IBR, hoje Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra, INDERT), que loteava áreas de terra, criava infraestrutura mínima para a ocupação e vendia diretamente glebas através de

¹²³ ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

¹²⁴ WAGNER, C. **Brasiguaios: homens sem pátria**. Petrópolis: Vozes, 1990.

¹²⁵ SPRANDEL, M. A. Brasileiros de além-fronteira. In: **O fenômeno migratório no terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 115.

representantes nas comunidades de origem das famílias. Desse modo, pode-se inferir que havia uma imigração planejada nesta fase.¹²⁶

Segundo Laino, vários Departamentos paraguaios receberam brasileiros, dos quais cinco fazem fronteira entre os dois países: Alto Paraguai, Amambay, Canindyú, Alto Paraná e Caaguazú. Em 1972, esses Departamentos possuíam uma população de 487.786 habitantes, sendo 38.024 estrangeiros, dos quais 31.869 eram brasileiros.¹²⁷

Na figura que segue é possível visualizar a evolução do acréscimo populacional de emigrantes brasileiros que se dirigiram ao Paraguai entre os anos de 1943 a 2002. Os dados apresentados na tabela reforçam que a grande onda migratória ocorreu entre as décadas de 1970 e 1990.

Figura 2 - Evolução da população emigrante brasileira no Paraguai - 1943 a 2002

Anos	1943 ¹	1956 ¹	1962 ¹	1972 ¹	1996 ²	2002 ²
Brasileiros	513	636	2.250	57.370	350.000	442.104

Fonte: ¹Nickson e ²Ministério das Relações Exteriores do Brasil, 1996 e 2002.¹²⁸

Cabe destacar que, nos anos subsequentes aos apresentados na tabela, “os imigrantes brasileiros avançaram para outros departamentos com a meta de adequar terras para a atividade agropecuária”.¹²⁹ Os dados da figura a seguir identificam o número de imigrantes brasileiros no Paraguai a partir da “variável idioma” constante no Censo paraguaio de 2002.

¹²⁶ NICKSON, R. A. Colonización brasileña en la región Oriental del Paraguay. In: FOGEL & RIQUELME. **Enclave sojero – merma de soberanía y pobreza**. Asunción, CERJ, 2005.

¹²⁷ LAINO, D. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira**. São Paulo: Global, 1979.

¹²⁸ NICKSON, R. A.; MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL, 1996 e 2002. Citados por ZAMBERLAN, J; CORSO, G. (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai**. Porto Alegre: Solidus, 2007. p. 19.

¹²⁹ RIQUELME, M. Notas para el estudio de las causas y efectos de las migraciones brasileñas en el Paraguay. In: FOGEL & RIQUELME. **Enclave sojero: merma de soberanía y pobreza**. Asunción: CERJ, 2005. p. 129.

Figura 3 - Distribuição dos imigrantes brasileiros por departamento. Censo de 2002.
(a partir da variável “Fala a Língua Portuguesa”)

DEPARTAMENTO	POPULAÇÃO PARAGUAIA TOTAL	População considerada brasileira (EMIGRANTES)			
		Área Urbana	Área rural	Total	% sobre o total da Pop. Py
Alto Paraguay	11.587	128	721	849	7,32%
Alto Paraná	558.672	91.601	53.542	145.143	25,98%
Amambay	114.917	33.052	8.797	41.849	36,41%
Assunción	512.112	26.968	-	26.968	5,26%
Boquerón	41.106	857	253	1.110	2,7%
Caagazú	435.517	3.078	7.703	10.781	2,47%
Caazapá	139.517	259	4.917	5.176	3,7%
Canindeyú	140.139	14.969	25.989	40.958	29,22%
Central	1.362.893	24.836	1.135	25.971	1,9%
Concepción	179.450	2.494	3.979	6.473	3,6%
Cordillera	235.854	861	519	1.380	0,58%
Guairá	178.650	1.010	462	1.472	0,82%
Itapúa	453.692	2.910	9.449	12.359	2,72
Misiones	101.783	2.910	156	1.016	0,99%
Neembucu	76.348	285	34	319	0,41%
Paraguari	221.932	860	419	907	0,4%
Presidente Hayes	82.493	263	296	557	0,67%
San Pedro	318.698	1.058	2.150	3.208	1%
TOTAL	5.163.198	205.977	120.519	326.496	6,32%

Fonte: Foguel e Riquelme, p. 134.

Como se pode ver na figura anterior, em 2002 o departamento de Amambay apresentava 36,41% de sua população composta por imigrantes brasileiros, seguido do departamento de Canindejú, com 29,22%. Estes são números expressivos que retratam a grande onda migratória para o Paraguai.

De acordo com Wagner, os trabalhadores oriundos do norte e do nordeste do Brasil começaram a se deslocar para as cidades de Paloma e Salto del Guairá, situadas na fronteira com o Mato Grosso do Sul. Mais tarde, estes trabalhadores optaram por retornar ao Brasil.¹³⁰

Convém lembrar que, para Paul Singer, os movimentos migratórios estão

¹³⁰ WAGNER, C. **Brasiguaios**: homens sem pátria. Petrópolis: Vozes, 1990.

atrelados a processos sociais, econômicos e políticos, e que “as migrações são sempre historicamente condicionadas e resultam de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas”.¹³¹ Embora a observação de Singer não esteja diretamente relacionada ao movimento migratório em questão, ela aponta para o conjunto de fatores que precisamos considerar quando abordamos movimentos migratórios.

Sendo as migrações resultado de um processo amplo de mudanças, é necessário considerar que elas trazem consigo um conjunto de novas relações que vão se estabelecendo espacialmente no local de destino. Neste caso, especificamente entre paraguaios e brasileiros vindos de distintas regiões do Brasil. Para Haesbaert, este movimento se denomina *territorialidade*. Para ele, este conceito, numa concepção bastante aberta, “pode ser definido como o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e portanto um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos”.¹³²

Compreender a origem cultural dos migrantes brasileiros que se dirigiram ao Paraguai é ir um pouco além dos aspectos de territorialidade apresentados por Haesbaert. Seria, em si, trazer elementos para compreender como foram se desenhando os inter-relacionamentos de elementos culturais, econômicos, políticos e sociais pertinentes ao amplo contexto da radicação de imigrantes brasileiros no Paraguai. Questões que serão aprofundadas nos próximos capítulos desta tese.

Embora desatualizados, expõem-se a seguir dados do único estudo estatístico encontrado sobre essa temática, feito no final de 1971. Esse registro do Centro de Estudos Migratórios de São Paulo (CEM), citado por Zamberlan e Corso¹³³, teve por base uma pesquisa por amostragem com imigrantes brasileiros no Paraguai. A estimativa na época indicava em torno de 30 (trinta) mil brasileiros vivendo em 13 (treze) colônias agrícolas no Paraguai, concentradas nos

¹³¹ SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, H. A. de (Coord.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil - BNB, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1980. t. 1, p. 211-244. (Estudos econômicos e sociais, 4).

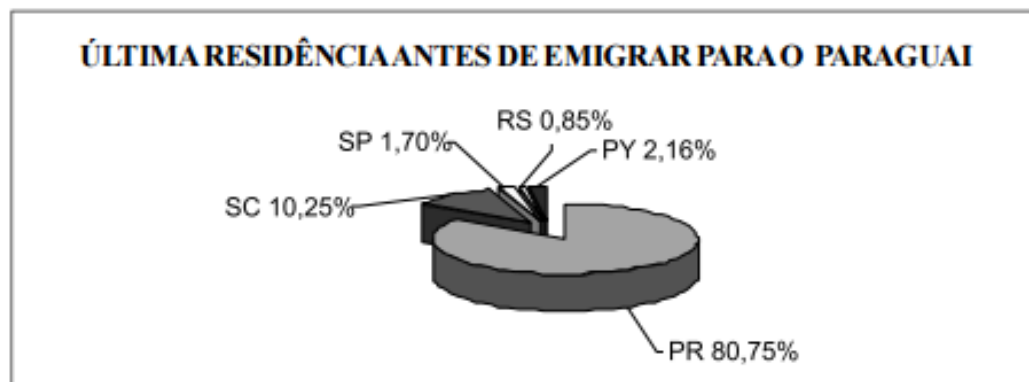
¹³² HAESBAERT, R. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no nordeste**. Niterói: EdUFF, 2007.

¹³³ CEM – Centro de Estudos Migratórios. **Os emigrantes brasileiros no Paraguai**. Estudos 4. São Paulo, 1971. Citado por ZAMBERLAN, J.; CORSO, G. (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai**. Porto Alegre: Solidus, 2007. p. 19.

Departamentos de Alto Paraná, Caaguazú e Amambay. Foram realizadas entrevistas em dois destes departamentos (Alto Paraná e Caaguazú). O estudo apontou, entre outras questões, a presença de imigrantes de cor branca (73,29%), parda (22,96%) e negra (3,75%). Quanto à descendência, predominava a portuguesa (32,31%), seguida da alemã (25,96%), italiana (16,04%), afro-brasileira (12,04%), polonesa (6,6%), espanhola (4,83%) e de outros países da Europa ocidental e oriental (1,32%). Dos entrevistados, 95,81% eram de nacionalidade brasileira e 4,19% de nacionalidade paraguaia ou de países europeus.¹³⁴

Outro dado interessante diz respeito à última residência dos emigrantes, como se vê na figura abaixo:

Figura 4 - Último local de origem dos imigrantes brasileiros para o Paraguai



Fonte: ZAMBERLAN; CORSO, p. 31.

Comparando os dados mostrados nas duas figuras acima, percebe-se a existência de uma grande mobilidade interna no Brasil. Segundo consta nos dados recolhidos pelo CEM, citados por Zamberlan e Corso, a mobilidade foi motivada em grande parte pela falta de terra, decorrente especialmente da concentração fundiária nos locais de origem dos imigrantes, e pelo fato de existir terra boa e de qualidade no Paraguai.¹³⁵ Os imigrantes que permaneceram no Paraguai, no início, eram chamados simplesmente de brasileiros. Mas os que retornaram em meados da década de 1980, expropriados de suas terras por questões legais e disputas em torno da posse da terra, passaram a ser os brasiguaios. Sprandel salienta que

¹³⁴ CEM – Centro de Estudos Migratórios. **Os emigrantes brasileiros no Paraguai**. Estudos 4. São Paulo, 1971. Citado por ZAMBERLAN, J; CORSO, G. (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai**. Porto Alegre: Solidus, 2007. p. 31.

¹³⁵ Ibid., p. 31.

Tal vulgarização do uso de “Brasiguaios” para referir-se a todos os brasileiros residentes no Paraguai é um equívoco metodológico (e também político). Não podemos nos esquecer nunca que a expressão “Brasiguaios” surgiu como auto-atribuição, exatamente para diferenciar os camponeses que retornaram em 1985 dos demais setores do movimento social que lutaram também por terra no Brasil, e para se distinguir do restante da população de brasileiros no Paraguai. Os chamados “Brasiguaios” ao utilizarem uma identidade étnica como bandeira de luta souberam reivindicar um tratamento especial dos órgãos fundiários brasileiros.¹³⁶

A identidade de brasiguaiio carrega consigo o sonho de vencer na vida adquirindo terras no Paraguai. Todavia, o migrante teve de conviver com a frustração adversa ao sonho e projetar novas perspectivas de vida. Nesse cenário, o sonho havia acabado diante de todos os percalços encontrados no Paraguai, e forçou o retorno, passando por um processo de reterritorialização no Brasil.

Torna-se difícil traçar um perfil único dos emigrantes. É necessário, contudo, reconhecer a força dos interesses do governo paraguaio em atrair os agricultores brasileiros, em vista de seu conhecimento da agricultura mecanizada e potencial de investimento inicial. Os desapropriados pela Itaipu, ao receberem as indenizações, levavam capitais, mesmo que pequenos, para investir no Paraguai. Os pequenos proprietários agricultores, acuados pelo processo de modernização agrícola, vendiam suas propriedades e, desse modo, possuíam condições para investimento inicial em terras paraguaias. Entre 1960 e 1970, com a oferta de terras férteis e baratas a agricultores que quisessem migrar para o leste paraguaio, repetiu-se um movimento migratório realizado em período anterior por descendentes de imigrantes europeus, possuidores de pequenos capitais, que migraram de regiões do sul do Brasil para o oeste do Paraná.¹³⁷

Como apontado anteriormente, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu desencadeou uma série de percalços para essa população de agricultores; ela também trouxe mudanças significativas – geográficas, culturais, econômicas e sociais – para o lado paraguaio: cidades como Ciudad del Este, Porto Presidente Franco e Hernandárias cresceram vertiginosamente, em função da diversificação dos fluxos migratórios dos quais a região lindeira da margem paraguaia do lago de

¹³⁶ SPRANDEL, M. A. Brasileiros de além-fronteira. In: **O fenômeno migratório no terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 122.

¹³⁷ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 35.

Itaipu se tornou receptora.¹³⁸

A diversidade de brasileiros que migraram para o Paraguai produziu muito mais do que a necessidade de se reproduzir enquanto homem do campo. Carregou heranças culturais, culinária, música, vestuário, crenças, vocabulário e visão de mundo, além de suas aptidões para o trabalho. Dessa forma, como já ocorria no Brasil, a modernização da agricultura colaboraria para o estabelecimento de uma nova ordem social, econômica e política no Paraguai.

Cabe lembrar que, simultaneamente ao processo de modernização agrícola, ocorreu a desarticulação do modo de vida dos camponeses paraguaios, com o aumento do número de trabalhadores rurais sem terra e o crescimento do trabalho assalariado, inclusive por parte de migrantes brasileiros. Neste cenário, muitos brasileiros emigrados também tiveram que amargar as agruras do *agrobusiness*, caindo na mão de grandes empresas agrícolas em condições desfavoráveis, como recorda o arrendatário de terra Cláudio Chiossi:

Era terra de firma, de imobiliária [...]. Era área tudo legal, saía escritura e tudo. [...] quando estava quase terminado de pagar, perdemos tudo. Tínhamos pago a metade e o cara “tocou para frente” [vendeu para um terceiro]. Como meu pai só tinha contrato e não escritura, então perdeu tudo. Aquilo que tinha pago, perdemos. [...] ele vendeu para frente, sem avisar meu pai. Nós íamos pagar, mas daí ele vendeu [...].¹³⁹

Conforme indicado acima, não há como traçar um perfil único de brasileiros agricultores que emigraram para o Paraguai, até porque, segundo Roesler e Cesconeto, é necessária a classificação destes seguintes grupos: I. Uma burguesia agrária oriunda dos estados do Sul do Brasil, que se estabeleceu em Alto Paraná, Canindeyú, norte de Itapúa e de Caaguazú; II. Arrendatários com interesses comerciais; III. Ocupantes sem títulos de terras e trabalhadores diaristas ou temporários.¹⁴⁰ Segundo as autoras, este último grupo formou um contingente considerável de migrantes brasileiros em terras paraguaias.

Estabeleceu-se na região um movimento migratório intenso, sendo difícil de

¹³⁸ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: Juruá, 2012.

¹³⁹ CHIOSSI, C. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté-Py), 07 de julho de 2009. Este depoimento foi obtido durante a realização nossa pesquisa de mestrado e encontra-se em nosso banco de dados.

¹⁴⁰ ROESLER, M.; CESCONETO, E. Políticas populacionais, migrações e desenvolvimento. **VIII Congresso Luso-Africano de Ciências Sociais**. Coimbra, 16, 17 e 18 de setembro de 2004. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Coimbra. Coimbra, Portugal. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/LAB2004>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

mapear os diferentes grupos sociais de imigrantes brasileiros ali estabelecidos, quer sejam grandes, médios ou pequenos proprietários; o mesmo ocorre com os grupos que envolvem do pequeno agricultor ao latifúndio, do bóia fria ao tratorista, do caminhoneiro ao cerealista, do lenhador às grandes serrarias, dos responsáveis pela produção de alimentos aos proprietários de estabelecimentos comerciais dos mais variados. É fato que a atividade agrícola está no centro de todo este movimento, independente dos grupos sociais.

Reiteramos que a emigração de brasileiros para o Paraguai, nas três últimas décadas do século XX, está envolta em um amplo contexto, marcado por diferentes causas e motivações. As questões macroeconômicas, diretamente ligadas a políticas de Estado, como a modernização agrícola e a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, resultaram diretamente na emigração de milhares de brasileiros ao país vizinho. Nota-se também que a escolha do Paraguai como destino está igualmente marcada por políticas de Estado, instituídas especialmente pelo presidente Alfredo Stroessner, que buscou atrair migrantes brasileiros sob o pretexto da abertura da fronteira agrícola no leste paraguaio.

A experiência migratória vivida por cada um destes milhares de indivíduos pode ter causas e motivações diversas, contidas na subjetividade de cada um. A vida dos sujeitos históricos é marcada pela ação, pela manifestação de pessoas e pelas relações sociais que se estabelecem no interior de cada grupo. Falar de migrações e de novos espaços construídos socialmente significa tratar de identidades construídas pelos sujeitos em seus múltiplos aspectos, quais sejam, sociais, políticos e econômicos.

Constroem-se espaços, articulam-se relações sociais e se estabelecem relações de poder a fim de controlar os espaços. Para Milton Santos¹⁴¹, espaço ou território deve ser entendido como aquilo que é usado, o “chão”, mais a identidade. E a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. Nessa perspectiva, o capítulo que se apresenta na sequência revela as experiências dos imigrantes brasileiros no Paraguai, desde a sua chegada à nova terra.

¹⁴¹ SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico-informacional**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998.

CAPÍTULO II – DOS PRIMEIROS TEMPOS NO PARAGUAI

A formação de um espaço engloba um território fixo e aspectos simbólicos relacionados a ele, como ocorre no caso das migrações e do desdobramento das relações que se estabelecem. Nessa constituição, o passado e o presente entram em choque e se inicia a construção de um novo espaço, influenciado a partir da mobilização de si mesmo; por conseguinte, a imagem que se tem de si não será mais encontrada em contrapartida, serão apenas referências. Todavia, não se pode afirmar que um novo lugar será fundado simplesmente, mas será o resultado das memórias do migrante, somadas às forças e às relações de poder dos grupos sociais – brasileiros e paraguaios – que no espaço se encontram e produzem um novo espaço.

A identidade cultural de um espaço social é, muitas vezes, resultante de diversas identidades sociais que são articuladas entre os indivíduos, suas ideias e a realidade concreta que se mescla a essas condições.¹⁴² Como exemplo cita-se o espaço brasiguai, em que antes da chegada dos imigrantes havia pouca presença populacional. Aos poucos se transformou em um novo espaço, ocupado por um número expressivo de imigrantes brasileiros, que, de início, registravam fortes vínculos com seu país. Esta expressão (espaço brasiguai) pode ser entendida como um conceito operativo, uma vez que permite entender que a sua base socioeconômica é brasileira, mas se consubstancia em território paraguaio.¹⁴³

2.1 Da lembrança dos tempos de chegada

Em 2005, Albuquerque publicou que “dos atuais 6 milhões de habitantes do Paraguai, estima-se que 500 mil sejam de origem brasileira. Desses, 60% estão radicados no país há 30 anos, além disto, 90% dos seus descendentes nasceram lá

¹⁴² SOUZA, M. J. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

¹⁴³ FIGUEIREDO, O. A. T.; MIGUEL, L. A. **Desenvolvimento territorial e ruralidade: a modernização da agricultura e os brasiguaios no Paraguai**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

e foram registrados como paraguaios”.¹⁴⁴ Cabe lembrar que desde a data desta publicação já se passou mais uma década, significando que a radicação de imigrantes brasileiros no país vizinho ultrapassa quatro décadas. Albuquerque faz alusão ao alargamento da fronteira com o Paraguai, caracterizado pela mistura cultural nas cidades fronteiriças e nos municípios paraguaios situados num “raio de até 100 quilômetros ou mais do limite internacional, como Santa Rita, Naranjal, Santa Rosa, San Alberto, Katueté, Mbaracayu e La Paloma”.¹⁴⁵

Como apontado em trabalho anterior, a sociedade paraguaia passou por um período de transição tanto no aspecto econômico como no político e cultural. Ao mesmo tempo, a entrada maciça de brasileiros no Paraguai chama a atenção para uma série de fenômenos sociais, dentre eles as questões de identidade, de hibridismo cultural e de criação de espaços de sociabilidade.¹⁴⁶

Dar visibilidade à trajetória migratória retoma as recordações dos tempos de chegada. As lembranças são consideradas por Foucher¹⁴⁷ como sendo uma situação de dualidade própria do fenômeno das migrações, portanto, não como homogeneidade. A propósito, são situações, por vezes contraditórias, que marcaram a vida e ficaram armazenadas na memória dos imigrantes brasileiros sobre os tempos de chegada. Sendo assim, cada grupo ou indivíduo teve suas experiências de forma diferenciada, e não é possível traçar um perfil único ou um modelo de trajetória. Além disso, novas subjetividades e trocas de experiências aconteceram, transbordando as situações de fronteira.

Tanto experiências agradáveis como contraditórias dos migrantes brasileiros permanecem na memória destes sujeitos, impactando os acontecimentos vividos por cada indivíduo. Nesse sentido, a memória prioriza, qualifica e cria associações, de maneira que a vida de cada migrante constitui um relato de um tempo vivido na coletividade e na individualidade. Diante dessa condição, o pesquisador consegue remontar, a partir da individualidade, o contexto social do fenômeno das migrações do Brasil para o Paraguai, bem como a realidade que os migrantes ajudaram a

¹⁴⁴ ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**: a imigração brasileira no Paraguai. Fortaleza. 2005. 274 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005, p. 99.

¹⁴⁵ ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**: a imigração brasileira no Paraguai. Fortaleza. 2005. 274 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005, p. 99.

¹⁴⁶ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai**: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá, 2012.

¹⁴⁷ FOUCHER, M. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009.

construir.

Nesse movimento, homens e mulheres que decidiram migrar, atravessar a fronteira Brasil-Paraguai na esperança de construir uma vida melhor, fizeram-no em sua maioria para constituírem

[...] relações pessoais, familiares, do trabalho, do passado, do presente e do futuro, das esperanças que já se foram e daquelas ainda por vir, nos filhos que vão descobrindo suas próprias fronteiras e até as fronteiras que já se fizeram sentir.¹⁴⁸

Conforme exposto no primeiro capítulo, os brasileiros foram atraídos, principalmente, pelas terras de qualidade com bons preços, pela proximidade da terra de origem, pelo favorecimento cambial e pelas propagandas feitas por empresários brasileiros e pelo governo paraguaio. Construiu-se, portanto, a ideia de continuidade do agricultor, além da garantia de terras para seus filhos, visto que, no Brasil, esse sonho não seria mais possível.

Cardin aponta para uma contradição entre liberdade e práticas de cotidiano, enquanto afirma que a ideologia do trabalho e a ética do mercado formam uma fusão capciosa, que envolve a opção de migrar – ideia de liberdade e a definição de um novo lugar de atuação, gerando vivências e contradições.¹⁴⁹

Seguindo rumores que diziam que o Paraguai era muito bom e que lá havia futuro, pela promessa de terras virgens e poucos moradores, muitas famílias migraram para o país vizinho. Um exemplo é a família de Lourdes Leichtweis, que, em 1983, casou-se no Brasil e mudou para o Paraguai. Antes disso, em 1979, parte de sua família já havia emigrado.¹⁵⁰ Ela complementa:

Meu pai sabia que tinha que conseguir para cada filho um pedacinho de terra. Então, um amigo falou para dar uma olhada no Paraguai. E o meu pai disse a ele que tinha receio de ir para o Paraguai. Então ele falou que era para ir onde o irmão dele estava. Lá é puro mato não tem ninguém morando. Então vieram para Mbaracayu, no Alto Paraná. O pai gostou muito porque tinha madeira boa e era sinal que a terra era forte.¹⁵¹

Assim como a família da Lourdes, migrantes do Rio Grande do Sul, como

¹⁴⁸ GOETTERT, J. D. Narrativas de fronteira: gentes e lugares em multiplicidade. In: **Fronteiras e fronteiriços**. GONÇALVES, K. B.; FERNANDES, R. M. S. (Org.) Eumde.net, 2013.

¹⁴⁹ CARDIN, E. G. **Laranjas e sacoleiros na Tríplice Fronteira**: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Cascavel: Edunioeste, 2011.

¹⁵⁰ LEICHTWEIS, L. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 30 de janeiro de 2009.

¹⁵¹ Ibid.

já indicamos, em sua maioria descendentes de alemães e de italianos, primeiramente migraram para o oeste de Santa Catarina e do Paraná. Algumas décadas depois, migraram em direção ao Paraguai.

A família de Lourdes Leichtweis fez o mesmo caminho que muitos descendentes de alemães e de italianos radicados no Rio Grande do Sul percorreram nas décadas de 1920 a 1950, quando migraram para o oeste do Paraná e, algumas décadas depois, seguiram em direção ao Paraguai.

No Paraguai, a primeira preocupação dos brasileiros foi encontrar um lugar para ficar: a casa de algum amigo ou parente que já estava por lá, um acampamento ou um ranchinho que tinha de ser construído. Superada a dificuldade inicial, passavam à derrubada da mata, que demorava mais de um ano até a formação do campo. O relato de Camila Mascarelo, 20 anos, descendente de imigrantes, nascida no Paraguai, mostra um pouco do que seus familiares viveram quando da chegada ao Paraguai:

Quando minha mãe veio ao Paraguai, ela tinha quatro para cinco anos. Hoje, ela tem 40 anos. Lembro de eles (refere-se à avó e ao avô materno) contarem que primeiro tiveram que abrir a terra para montar um barraco. Não tinha porta, era tudo aberto. Contam também que passaram muito medo, porque tinha muitos bichos no mato e a casa não tinha nem porta. Eram só umas paredes para se proteger do vento e da chuva. Foi assim no começo, até eles conseguirem começar a abrir a terra e a plantar alguma coisa para ter o que comer [...].¹⁵²

A vida desses sujeitos foi sendo construída a partir do cotidiano de quem é agricultor. A narrativa acima apresenta elementos que reportam a reflexões e auxiliaram na compreensão de como se deu o estabelecimento dessa família, espelhando a trajetória de milhares de agricultores brasileiros em solo paraguaio. Houve momentos de dificuldades, no entanto, em outros, tudo parecia se repetir seguindo a lógica da busca pela sobrevivência enquanto homem do campo.

O cotidiano do imigrante brasileiro retrata a própria condição humana, porque tudo que atingiu o migrante ao longo de sua existência foi resultado de um deslocamento ou de uma tentativa para que a sua condição fundamental de existir continuasse. Dessa forma, a trajetória singular continuou sendo construída pelos imigrantes e, entre o imaginário e a realidade dos primeiros tempos, mais experiências foram sendo lembradas. Nessa condição, servem como exemplos a

¹⁵² MASCARELO, C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

construção das casas e da própria mobília, que era extremamente rústica e produzida na propriedade com madeira do local. Isso demonstra a necessidade de adaptação à nova vida. Na visão de Cardin, as condições de existência e de reprodução da vida se entrelaçam neste momento de colonização, criando as mais diversas formas de práticas cotidianas.¹⁵³

Além do ambiente doméstico, havia ainda os desafios diários vividos pelos agricultores, tais como plantar milho, hortelã, verduras, legumes, feijão, algodão e, quando havia uma área considerável destocada, a tão sonhada plantação de soja. Concomitante a isso, começaram os cuidados com a criação de porcos, galinhas e, em especial, vacas para fornecer leite, uma vez que não havia nenhum tipo de comércio ou mercearia por perto. Wagner Salvadego, descendente de imigrantes, nascido no Paraguai em 1988, ao recordar os tempos de chegada de sua família menciona que:

O que eles mais contam (refere-se à mãe e aos avós maternos) é que essa região era puro mato. Compraram uma área de terra e foram desmatando e preparando pequenas áreas para o cultivo de milho e mandioca, feijão (...) coisas para comer e também para alimentar os animais e também para vender. Foram derrubando o mato aos poucos. Quando sobrava dinheiro contratavam o trator esteira, foram destocando de pouquinho em pouquinho.¹⁵⁴

O relato acima, além de configurar a prática dos agricultores, também revela a existência de outras categorias de trabalhadores, como o tratorista ou operador de máquina. Estes tanto podiam ser imigrantes brasileiros como paraguaios, uma vez que, no conjunto das entrevistas, os entrevistados mencionaram as duas situações. Nesse mesmo contexto, tem-se ainda o depoimento de Joseli Dalke, filha de imigrantes brasileiros, cuja família (pai e avós paternos) radicou-se no município de Santa Rita, em 1973:

Era tudo selva quando meus pais entraram no Paraguai. Eles armaram acampamento com lona no meio do mato. Alguém sempre vigiava à noite para se proteger dos animais selvagens. Logo após armar o acampamento começaram a derrubar o mato. No começo, foi com serrote e machado. Não tinha nada por perto para comprar arroz, feijão, sal e açúcar. Eles somente compravam o básico em uma cidade vizinha [...] Escola não tinha, nem

¹⁵³ CARDIN, E. G. **Laranjas e sacoleiros na Tríplice Fronteira**: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Cascavel: Edunioeste, 2011. Cardin analisa o conjunto de desafios enfrentados na vida e no trabalho do agricultor imigrante com base em uma visão mais estrutural, consequência da estruturação capitalista recente na região leste do Paraguai..

¹⁵⁴ SALVADEGO, W. F. de O. **Entrevista**. Katueté, 14 de junho de 2015.

hospital e quando precisavam ir ao médico eles iam até Foz do Iguaçu, pois lá havia recursos.¹⁵⁵

As famílias, cada qual com suas particularidades, mantinham um objetivo em comum: ter um projeto de sobrevivência enquanto homem do campo. Os depoimentos deixam transparecer que foram anos de trabalho duro e intenso em que homens e mulheres, ou melhor, famílias de colonos executaram em conjunto a maior parte dos trabalhos. Essas práticas faziam parte da cultura de agricultura familiar levada na bagagem como herança cultural desses indivíduos.

Pesquisas sobre a colonização por imigração encontradas em Seyferth¹⁵⁶ apresentam concepções e experiências vividas pelos sujeitos históricos, fornecendo necessário respaldo conceitual para a análise dos processos históricos. Nesse sentido, ser agricultor sugere uma vida marcada pelo trabalho árduo realizado em família, ancorado pela produção de alimentos, que na prática convergia para a policultura. Cada indivíduo possuía um papel fundamental na divisão do trabalho, definida de acordo com a posição de cada um na família.

As experiências dos migrantes brasileiros no Paraguai revelam que são sujeitos que vivenciaram o modo de vida do agricultor. Essa condição é observada no relato da descendente de imigrantes Julli Wendpap, nascida na cidade paraguaia de La Paloma do Espírito Santo, em 1983. Ela apresenta lembranças da sua infância, vivida no contexto de instalação da família em uma área de abertura de fronteira agrícola. O avô, o pai e os tios de Julli juntaram economias e compraram uma área de terra em conjunto, bem como maquinário para iniciar os trabalhos. Essa alternativa foi, muitas vezes, a maneira encontrada por algumas famílias para superar a escassez de recursos inerente à situação de recém-chegados a uma área que precisava ser trabalhada.

Meu pai trabalhava como um condenado na lavoura, enquanto minha mãe segurava “as pontas” em casa. Tenho forte na memória quando a mãe nos chamava de madrugada, uma ou duas horas da manhã para ficar um pouco com ele. Ele estava todo sujo de terra, no rosto, nos cabelos e a gente se sujava tudo para ficar no colo dele. Lembro que foram muitos anos assim. O pior serviço era ajuntar raiz e queimar leiras. (...) Uma vez ele foi muito perto do coqueiro com o trator e o coqueiro caiu em cima dele e ele desmaiou sozinho lá na roça. Foram anos muito duros para meus pais. Não tinha maquinário suficiente. Não tinha dinheiro para contratar gente para ajudar.

¹⁵⁵ DALKE, J. D. P. **Entrevista**. Toledo, 25 de novembro de 2009.

¹⁵⁶ SEYFERTH, G. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-mirim**. Porto Alegre: Movimento/SAB, 1974.

Quando quebrava alguma máquina não tinha peça para arrumar. Tinha que ir até Guaíra buscar. [...] Não tínhamos carro. Lembro que uma vez a gente foi numa festa de São João, era inverno, frio, chuva. Fomos de trator mesmo, era barro que voava na cara e na roupa! Chegamos na festa embarrados de cima a embaixo.¹⁵⁷

No relato acima transparecem faces do estabelecimento e radicação de uma família, como o exemplo de adquirir um trator necessário ao trabalho pesado, mas que também foi utilizado como meio de transporte em momentos de lazer da família, nos quais se ignoravam os perigos e o possível desconforto. O trabalho, o convívio familiar e a participação nos espaços de convívio social marcaram a vivência através da adaptação às condições do lugar. O relato possibilita ainda conhecer elementos trazidos pela memória do indivíduo – Julli Wendpap –, que nasceu e cresceu num contexto de imigração e radicação da família em uma nova terra para seus pais e avós. Para a descendente de imigrantes, no entanto, não se considera como nova terra, mas como a terra natal, onde nasceu e cresceu.

No conjunto das entrevistas analisadas evidencia-se que, por vários anos, a partir da década de 1970, as famílias dos agricultores se estabeleceram no leste do Paraguai, efetivamente deixando para trás o lugar de origem. A preocupação se dirigia às expectativas do futuro, na formação de um novo lugar, no estabelecer de novas relações com diferentes grupos sociais e culturais. Aos poucos, foram criados vínculos com esse novo lugar, que passou a ser o seu lugar.

Ainda sobre os anos de chegada, há o relato do descendente de imigrantes Marcos Voigt, cujo pai se estabeleceu na Gleba 11, ainda solteiro, em 1980, casando-se mais tarde com uma jovem imigrante brasileira. Marcos, 28 anos, fala sobre os pais:

[...] eles trabalhavam muito. Não tinham folga. Todos serviços pesados; como derrubar mato, ajuntar raiz, queimar leiras. E ainda tinha todo serviço ao redor de casa para ter as coisas para comer. Fazer cerca para o gado e tudo isso. Eles só paravam de trabalhar no domingo. Demorou para eles conseguirem fazer as primeiras roças de soja e sobrar algum dinheiro.¹⁵⁸

O depoente menciona, assim como outros relatos já apresentados, a importância da agricultura de subsistência para os primeiros tempos, bem como a demora em formar a almejada plantação comercial de soja e, sobretudo, o esforço que visava à melhoria da propriedade. O trabalho diário dentro de um contexto social

¹⁵⁷ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani, (Corpus Christi-PY), 24 de junho de 2015.

¹⁵⁸ VOIGT, M. S. **Entrevista**. Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

vai, aos poucos, construindo um espaço de colonização e povoamento a partir de representações que os identificaram como imigrantes, estabelecendo fronteiras políticas, econômicas e culturais.

A distância dos centros comerciais imprimia a necessidade de se fazer um pouco de tudo, como produzir gêneros de subsistência (legumes, frutas e hortaliças) e também comerciais, destinados à venda, como carne, leite e ovos. O agricultor Eduíno Moh relatou que, quando chegaram a atual Katueté¹⁵⁹, na localidade denominada Curva da Lata, no ano de 1984, trouxeram com eles “duas vacas”.

Então o leite e a nata que sobrava vendíamos na vizinhança. Queijo também se vendia. Também trouxemos galinhas na mudança. A mulher logo colocou ovos para chocar e em alguns meses já tinha umas galinhas para vender. Porco também logo tinha para vender. E assim fomos se virando até fazer a primeira colheita de soja que foi em março de 1986.¹⁶⁰

O agricultor complementa que “até os dias de hoje [2009] a gente ganha um dinheirinho vendendo ovos, leite, nata, queijo, melado, banha e carne”.¹⁶¹

No início, praticamente não havia núcleos importantes de população na região em que os imigrantes brasileiros se estabeleceram. Em seu livro, a professora paraguaia Fernanda Feliú, ao se referir ao departamento de Canindeyú, enfatiza: “*No había caminos, carreteras, aeropuertos ni, mucho menos, servicios básicos como luz eléctrica, agua y teléfono*”.¹⁶² Foram incontáveis os obstáculos que se impuseram à vida dos brasileiros no Paraguai. As famílias sobreviveram às dificuldades pela via do trabalho como força motriz para superar desafios e enfrentar a nova realidade. A densa floresta subtropical entrecortada por rios e riachos, que recebeu a primeira estrada ligando Assunção à fronteira com o Brasil, condicionou o fluxo migratório de brasileiros para o Paraguai; o mesmo ocorreu com a *Supercarretera*, que ligava Ciudad del Este a Katueté, e a *Ruta X*, ligando Salto del Guairá a Assunción. As demais vias eram escassas e intransitáveis, dificultando a mobilidade, os contatos entre povoados e o escoamento da produção.¹⁶³

A abertura e a manutenção das estradas de acesso às colônias ficaram por

¹⁵⁹ Katueté é uma cidade do Paraguai, do Estado de Canindeyú. É uma das cidades mais jovens do país, criada em 24 de maio de 1994. Se encontra a 421 km de distância da capital paraguaia, Assunción.

¹⁶⁰ MOH, E. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté-PY), 08 de julho de 2009.

¹⁶¹ MOH, E. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté-PY), 08 de julho de 2009.

¹⁶² FELIÚ, F. **Los brasiguaios**. Canindeyú/Zona Alta, s/d., p. 2.

¹⁶³ SOUCHAUD, S. **Dinámica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: una organización del territorio al estilo brasileño**. CERI, 2005.

conta dos colonos; por isso, os recém-chegados imigrantes se reuniam e se ocupavam das vias de acesso entre as propriedades, a fim de permitir a locomoção das famílias, o transporte da produção e a passagem dos caminhões carregados com toras de madeira. Diante desse cenário, naqueles anos iniciais, se a região atraiu os agricultores brasileiros, não aconteceu o mesmo com profissionais paraguaios para implantar serviços públicos essenciais, como saúde, educação e segurança pública, entre outros.

Áureo Friguetto chegou ao Paraguai em 1971, aos quatro anos de idade. Ele conta um pouco sobre a condição das estradas no tempo da chegada dos imigrantes agricultores brasileiros ao Paraguai:

Tinha somente a estrada principal, que hoje é a chamada de *super carretera*, mas naquela época, era de chão. Para chegar nas colônias, o pessoal tinha que fazer as estradas, as pinguelas (pontes improvisadas). Aquele tempo se fazia muitas pinguelas porque a região é bem servida de riosinhos. Os colonos se juntavam, um dava as toras de cerne¹⁶⁴, para fazer os alicerces. Outros as tábuas. Se juntavam em uns dez, quinze colonos, geralmente no sábado e faziam as “pontezinhas”. Algumas dessas pinguelas existem até hoje no interior.¹⁶⁵

Conforme se observa, o empenho foi necessário para viabilizar a circulação de pessoas e mercadorias; além disso, também para criar condições de transporte de insumos agrícolas e mantimentos. Essa situação os obrigou a enfrentar as precárias condições das estradas vicinais até chegar à *carretera* (estrada principal). Além da falta de estradas, eram praticamente inexistentes os serviços públicos básicos, sendo necessário percorrer longas distâncias na busca por assistência médica¹⁶⁶. Esta situação foi comentada por Joseli Dalke, que disse ir a Foz do Iguaçu, no Brasil, para tratamento médico. Mas o sonho da prosperidade, em meio a muitos pesadelos, foi mais forte: “Muitas vezes ouvi meus pais falarem que onde eles moravam no Brasil não tinha muito futuro e quando apareceu a oportunidade, eles vieram para o Paraguai”.¹⁶⁷

Todavia, projetos de prosperidade conviveram com a insegurança e o medo; somente alguns conseguiram ascender economicamente e se estabilizar

¹⁶⁴ Refere-se à madeira dura. “parte interior do lenho” (BUENO, S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. p.101, 2010).

¹⁶⁵ FRIGUETTO, Á. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-PY), 31 de janeiro de 2009.

¹⁶⁶ MENEZES, M. **Os brasiguaios**: nem brasileiros nem paraguaios. São Paulo: Loyola, 1992.

¹⁶⁷ VOIGT, M. S. **Entrevista**. Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

frente às questões agrárias no Paraguai. Nem todos foram com a expectativa de comprar terra, mas com a simples intenção de poderem trabalhar na terra, atraídos pela oferta de trabalho assalariado, temporário ou de diarista. Esse foi o caso da família do descendente de imigrantes Josemar da Silva, que relata que seu pai foi para o Paraguai porque no Brasil havia pouca oferta de trabalho nas propriedades rurais da região onde morava:

Quando meus pais vieram eu não tinha nascido. Meu pai conta que veio para trabalhar em uma fazenda. Além do salário, ele também podia ter as coisas ao redor de casa (porco, galinha, vaca de leite). O patrão dele sempre permitia isso. E assim ele foi sustentando a família até hoje. Eles chegaram em 1980. Meu pai já fez de tudo. Derrubou mato, fazer poço, ajudar no plantio, colheita, dirigir caminhão e muitas outras coisas que tem que fazer na roça.¹⁶⁸

As atividades cotidianas citadas no testemunho de Josemar da Silva reportam a aspectos da vida em família, dos seus hábitos e costumes e das atividades de sobrevivência, que são lembranças que remetem à constituição da sua memória. A memória individual guarda referências, as quais podem ser resgatadas e relatadas, e o passado passa a ser reconstruído a partir das lembranças das épocas anteriores armazenadas na memória.

Nas sedes dos povoados que foram se formando concentravam-se as principais associações recreativas, religiosas e educacionais. Situação que se verifica na maioria dos processos de colonização, em que os imigrantes procuram superar o isolamento imposto pelos limites das propriedades, criando pontos de lazer e de convivência formados por uma pequena igreja, um salão de festas e uma escola. Azevedo destaca que uma das formas mais interessantes deste fenômeno de início de colonização é a organização comunitária em torno das igrejas, cemitérios e espaços de lazer.¹⁶⁹

Para além do ambiente doméstico, da formação da roça e do cuidado com os animais, era necessário ainda construir estes espaços públicos de serviços essenciais, como as escolas, os clubes sociais e as igrejas. Além da mão de obra, na maioria das vezes forneciam também o material de construção e ainda colaboravam na remuneração do professor, conforme relata Lourdes Leichtweis: “[...]”

¹⁶⁸ DA SILVA LARA, J. **Entrevista**. Hernandárias, Curva da Lata (Katueté-PY), 07 de julho de 2009.

¹⁶⁹ AZEVEDO, T. de. **Italianos e gaúchos: os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Fundação Pró-Memória, 1982.

cada morador que tinha filhos na escola ficava com o professor um mês na sua casa, e ajudava a pagar o professor, porque um pouquinho de salário ele ganhava e as pessoas ajudavam a melhorar o seu salário”.¹⁷⁰

De família em família, de experiência em experiência, os povoados, as vilas ou distritos foram se formando. A descendente de imigrantes Julli Wendpap conta um pouco das suas lembranças de infância, ainda em época escolar:

Eu estava muito ansiosa para ir na escola [...] A emoção era ir com a bicicleta que ganhei, uns 13 km de distância da nossa casa. Era uma escolinha simples, tinha que tirar água do poço para beber porque não tinha luz. Lembro bem que a professora não falava em português.¹⁷¹

Os imigrantes brasileiros entraram em contato com diferenças socioculturais no Paraguai e passaram a compor uma sociedade complexa e em constante transformação, desde a chegada das primeiras famílias ao Paraguai até os dias atuais.

Os imigrantes brasileiros no Paraguai estão inseridos em quadros sociais que contribuíram para a formação de memórias individuais, elaboradas também a partir das experiências coletivas. À medida que as lembranças vão sendo recuperadas, nos momentos das entrevistas, são produzidos relatos segundo as perspectivas do que se quis guardar e recordar. A memória é seletiva e subsiste ao tempo, e as lembranças são trazidas à tona quando se quer entender um contexto tanto do passado quanto do presente, que são indissociáveis.

Candau destaca que, mesmo que os relatos das experiências se deem no presente, as mesmas se remetem à existência de um núcleo de sentimentos constituídos por situações vividas de forma coletiva no passado, mantendo coerência acerca das narrativas do eu.¹⁷² Mais uma vez se afirma que os relatos e as experiências contadas pelos imigrantes brasileiros e seus descendentes possuem aspectos sociais que se moveram conforme suas experiências passadas e expectativas de futuro.

Compartilhando experiências e trocando expectativas, através de contatos e adaptações, a partir da organização da colonização e da formação dos povoados,

¹⁷⁰ LEICHTWEIS, L. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-PY), 30 de janeiro de 2009.

¹⁷¹ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-PY), 24 de junho de 2015.

¹⁷² CANDAU, V. M. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Culturas e educação**: entre o Crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

houve a formação e a estruturação da propriedade, seguida da formação dos povoados, que cresceram a partir de redes de sociabilidades.

2.2 Contatos com povoados paraguaios

Quais teriam sido as relações e práticas sociais construídas pelos imigrantes agricultores brasileiros junto à população paraguaia, incluindo a indígena, nos tempos de chegada? É uma questão cuja resposta exige que se considerem diferentes variáveis, contidas em um amplo contexto histórico. Além das subjetividades inerentes à experiência de cada indivíduo e de suas famílias, os testemunhos ajudam na reconstrução e compreensão dos contatos estabelecidos, bem como no compreender o porquê de se darem de tal forma.

Gabriel Posselt, descendente de imigrantes, relata que seu avô dizia que “não tinha quase ninguém morando” na Gleba 11, onde chegou em 1978: “tinha umas famílias de colonos brasileiros que chegaram antes do meu avô”. Em seu depoimento, informa que “o povoado ou vila mais perto era Santa Fé¹⁷³, que era uma vilazinha pequena com um pouco de comércio. Ali, era uma vila paraguaia. Povo nativo não tinha na Gleba 11”.¹⁷⁴

Havia, no entanto, uma população remanescente do grupo indígena guarani, que, quando da chegada dos europeus ao continente americano, ocupava as terras lindeiras aos grandes rios que convergem para a Bacia do Prata, desde os Andes, do Chile até o Peru. Durante o século XVII os indígenas passaram a ser escravizados, e este fato impulsionou a organização das reduções jesuíticas, com o objetivo de catequizá-los. Nas reduções os indígenas se tornaram ainda mais vulneráveis aos colonizadores, tanto que foram massacrados por espanhóis e portugueses, no século XVIII.¹⁷⁵

Aqueles que sobreviveram às várias investidas dos colonizadores espanhóis e portugueses permaneceram em aldeias espalhadas por praticamente todo o território paraguaio. Sobreviveram a condições que, muitas vezes, estavam aquém das necessidades básicas, além de serem constantemente acuados pelo modelo de exploração capitalista, em décadas mais recentes. No contexto da imigração de

¹⁷³ Santa Fé del Paraná é um distrito localizado no departamento do Alto Paraná. Está localizada a 45 quilômetros da capital departamental, Ciudad del Este.

¹⁷⁴ POSSELT, S. G. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-PY), 08 de setembro de 2015.

¹⁷⁵ LUGON, C. **A república comunista cristã dos guaranis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

brasileiros para o Paraguai, há que se notar que toda a expansão da fronteira agrícola ocorreu em terras por onde, outrora, os indígenas circulavam livremente. Conforme Brand, em virtude de praticamente cinco séculos de espoliação, a população indígena paraguaia diminuiu consideravelmente, além de depender da ajuda governamental. O indígena perdeu a vasta mata e a abundância das águas, condição de unidade política, demográfica, territorial e religiosa. “Enquanto os Guaranis Kaiowá eram circunscritos em reservas juntamente aos Guaranis Nandeva e os Terena, seus costumes e crenças foram considerados como atraso ao desenvolvimento”.¹⁷⁶

No caso da região leste do Paraguai, estabeleceu-se um novo uso da terra, em consonância a projetos estatais e à expansão da pequena agricultura de subsistência e do latifúndio. As terras indígenas foram cercadas por agricultores que em trinta anos ocuparam quase toda aquela região, sendo pouquíssimos os relatos sobre contato direto com indígenas. Nos povoados em que as entrevistas foram realizadas não foram encontrados depoentes que tenham adquirido terras “conflitantes” em áreas indígenas. Foram obtidos apenas alguns testemunhos sobre contatos com a população indígena (nativa) nos anos de chegada e subsequentes. Esse fato está evidenciado por um dos entrevistados, quando falou sobre o contato dos imigrantes recém-chegados na Gleba 11 com indígenas:

Quando fizemos as primeiras roças de soja, foi bem difícil, porque não havia diaristas (trabalhadores temporários) para ajudar na época de capinar a plantação. Naquele tempo, nem se falava em herbicida. Na hora do apuro a gente contratava os índios. O cacique vinha procurar serviço para eles. Eu lembro que eles queriam receber todo final de dia. Pegavam o dinheiro e gastavam tudo no “bolicho” (refere-se a um pequeno ponto comercial) e gastavam tudo no mesmo dia.¹⁷⁷

Conforme o depoimento, observa-se que foi inegável o contato dos imigrantes com os indígenas nos tempos de chegada, bem como os motivos pelos quais se estabeleceram tais contatos, que, é importante destacar, foram pacíficos, marcados por relações de trabalho.¹⁷⁸

¹⁷⁶ BRAND, A. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/guarani**: os difíceis caminhos da palavra. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Porto Alegre, 1997.

¹⁷⁷ SCHNEIDER, N. **Entrevista**. Toledo, 12 de outubro de 2009. Nota: O referido agricultor vendeu sua propriedade na Gleba 11 em 1998.

¹⁷⁸ Paralelamente às entrevistas, investigou-se para saber de onde vieram e onde viveram os indígenas citados no depoimento. Tudo leva a crer que eram oriundos da Gleba 10, também

Não obstante à prática de constrição em reservas estabelecidas pelo Estado do Paraguai, o desmatamento nos anos 1970 na região levou os indígenas para fora das reservas; desaldeados e deslocando-se continuamente, foram forçados a fugir de áreas ecologicamente descaracterizadas e passaram a sofrer hostilidades. Nesse situação encontravam-se 38.703 indígenas, em 1981, que, além de ameaçados, viviam separados geograficamente.¹⁷⁹

Os números expostos no quadro a seguir demonstram a distribuição da população indígena nas regiões oriental e ocidental do Paraguai, no período de 1981 a 2012.

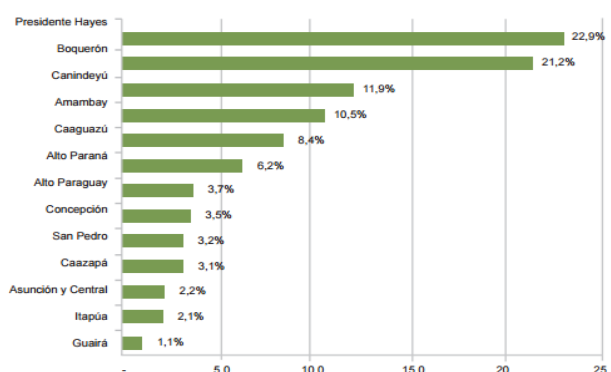
Quadro 1: Distribuição da população indígena, no Paraguai, por região (1981-2012)

Año	R. Oriental	R. Occidental	Total
1981	12.706	25.997	38.703
1992	21.872	27.615	49.487
2002	44.135	42.964	87.099
2012	58.969	53.879	112.848

Fonte: STP/DGEEC. III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas 2012.

Parte dos 12.706 indígenas da porção oriental, na época da chegada dos imigrantes brasileiros, ocupava-se com o plantio de menta nas margens do Rio Paraná e, em contato com os agricultores brasileiros no Paraguai, passaram a realizar trabalhos intermitentes ou como boias frias¹⁸⁰.

Gráfico 1: Distribuição relativa da população indígena por Estados, 2012.



Fonte: STP/DGEEC. III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos Indígenas 2012.

conhecida como Fortuna.

¹⁷⁹ SILVA, H. M. **Fronteririos**: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio – a região de Katuetê, no Departamento de Canindeyú – 1970-2000. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2007.

¹⁸⁰ CARVALHO, M. L. B. **Das terras dos índios a índios sem terras, o estado e os guarani de Oco'y**: violência, silêncio e luta. São Paulo: USP - Departamento de Geografia, 2013.

Ao olharmos o Quadro 1, percebe-se um aumento significativo na população indígena, no Paraguai; chegando a 112.848 indivíduos, em 2012. O Gráfico 1, por sua vez, mostra a distribuição desta população pelos diversos departamentos paraguaios. Os departamentos em que a maior parte de imigrantes brasileiros se radicou foram Alto Paraná, Canindeyú e Amanbay, que têm, atualmente, uma expressiva população indígena: 6,2%, 11,9% e 10,5%, respectivamente. Ou seja, com o passar do tempo, os contatos devem ter sido mais frequentes.

Outro relato que evidencia o contado direto com índios guaranis, atualmente, provém de Camila Mascarelo, neta de imigrantes. Quando inquirida sobre a convivência com o povo paraguaio, afirmou:

[...] os colonos convivem também com os índios. Até hoje, quando abrem terra nova, é comum os índios irem pedir trabalho. Então pagam diária, e eles estão trabalhando junto com os colonos. Eles não sabem trabalhar com máquinas, mas trabalho manual eles fazem. Aqui (refere-se ao lugar em que o avô materno reside) nunca teve nenhum desentendimento com os índios [...]. Em língua guarani tem uma e outra palavra que meu avô entende, por causa da convivência. Mas eles (os índios) não são muito de conversa, só falam o necessário, o essencial que eles precisam para comunicar.¹⁸¹

Em se tratando dos paraguaios, a região oriental do Paraguai era praticamente inacessível para eles, e sua presença diminuta. Segundo Sprandel,

El contato con La población paraguaya dependía de La localización de lós inmuebles. Podría ser inexistente para aquellos que trabajaban em la frontera seca, o intenso, con la escolarización de lós hijo brasileños em escuelas paraguayas. (...) Básicamente los contactos sociales entre brasileños y paraguayos ocurrían em el circuito policia-comercio-escuela. Existen pocos registros de casamientos entre brasileños/as y paraguayos/as, así como de establecimiento de relaciones de padrinazgo o vecindad.¹⁸²

A observação de Sprandel sobre a existência de poucos casamentos entre brasileiros e paraguaios não encontra respaldo no conjunto das entrevistas realizadas. Nelas, foram recorrentes os relatos de casamentos interétnicos, tanto no círculo social dos depoentes como nas suas histórias pessoais. Esse é o caso de Camila Mascarelo, mencionada acima, cuja mãe é brasileira e o pai é paraguaio. Sprandel pode estar se referido aos tempos de chegada dos imigrantes, e de uma

¹⁸¹ MASCARELO, C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

¹⁸² SPRANDEL, M. Una identidad de frontera y suas transformaciones. In: **Colección Signo**. Tradução: Laura Abramzón. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, setembro de 2000. p. 302.

realidade que vem se modificando com o passar dos anos, especialmente devido ao estreitamento dos contatos interétnicos.

Sobre os contatos entre brasileiros e paraguaios, nos tempos de chegada, um dos primeiros brasileiros a se instalar na comunidade Curva da Lata¹⁸³, Katueté, mencionou que ali “tinha um morador paraguaio, era um tal de Cido que era genro de um Weber. Ele era professor na Curva da Lata. Esse era o único paraguaio que tinha na nossa linha”.¹⁸⁴

Contudo, Sprandel observa que o contato dos imigrantes foi intenso, dependendo da localização do imóvel. Essa ideia é corroborada por Wagner Salvadego, descendente de imigrantes, que relata que sua mãe, ao se casar, mudou de um povoado ocupado por imigrantes brasileiros para uma vila de concentração paraguaia: “Ela saiu da comunidade de Guatambu e fomos morar em uma comunidade chamada Copacri, [...] A minha infância foi nessa comunidade. Quase todos nossos vizinhos eram paraguaios”.¹⁸⁵

A comunidade de Copagri – localizada na atual cidade de Nueva Esperanza, no Departamento de Canindeyú – era composta essencialmente por famílias paraguaias, uma vez que os lotes de terra foram concedidos como soldo aos militares que haviam servido o exército. Nota-se, neste caso, um contato intenso dos imigrantes brasileiros com a população paraguaia, desde os tempos da chegada.

Naquela época, no entanto, não havia muitos povoados paraguaios na região leste do Paraguai, pois as terras estavam concentradas nas mãos de poucos latifundiários e do governo paraguaio, sendo, depois, incorporadas pelas grandes loteadoras. Como já indicamos, os agricultores brasileiros foram, de certa forma, atraídos a um contexto de abertura de fronteira agrícola no país vizinho, ao contrário do que ocorreu com os “indígenas e campesinos paraguaios”.¹⁸⁶ A propriedade da terra estava direcionada à exploração comercial e, nesse caso, às diferentes categorias de imigrantes agricultores brasileiros, ligados fundamentalmente a atividades pertinentes à agropecuária. Todavia, instalar-se próximo ou distante de povoados paraguaios dependeu muito mais das circunstâncias impostas por todo este contexto, do que de uma escolha pessoal. Esta situação resultou na formação

¹⁸³ Localidade de Curva da Lata, situada no município de Katueté, Departamento de Canindeyú.

¹⁸⁴ MOH, E. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté, Py), 8 de Julho de 2009.

¹⁸⁵ SALVADEGO, W. F. O. **Entrevista**. Katueté, 24 de junho de 2015.

¹⁸⁶ SILVA, H. M. **Fronteiriços**: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio – a região de Katueté, no Departamento de Canindeyú – 1970-2000. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2007.

do denominado “espaço brasiguai”.

Ainda, a propósito da localização das comunidades de migrantes brasileiros, talvez tenha parecido mais apropriado, para o governo paraguaio, provocar os colonos brasileiros a atravessarem a fronteira. Estes, na maioria dos casos fizeram a viagem para o Paraguai, entregues à própria sorte, cada um com suas poupanças, ou apenas com a própria força de trabalho. O importante, porém, era a experiência que tinham com a agricultura de subsistência e/ou com a agricultura comercial.

De acordo com Souchaud, quando a frente de ocupação oriental se ativa, “los colonos se lanzan a la conquista de un espacio boscoso virgen de muy baja densidad humana, sin tener um plan de colonización bien definido”.¹⁸⁷ Afirma ainda que os campesinos paraguaios não tiveram políticas públicas que lhes permitissem o acesso à terra, nem tampouco a inserção como pequenos produtores rurais, já que não possuíam capital financeiro para adquiri-las. Assim, eles se tornaram trabalhadores independentes, empregados domésticos, assalariados do campo ou do comércio nas cidades que passam a se formar. Nesse processo, foram estigmatizados e estereotipados como desapegados ao trabalho, além de pobres por sua própria falta de interesse ao trabalho: “*causante de su propia pobreza, es asumido a veces em el discurso del próprio gobierno*”.¹⁸⁸

De acordo com Souchaud, no início, os brasileiros não recorreram à mão de obra paraguaia, pois alegavam que não tinham domínio das mesmas técnicas de produção, preferindo atrair outros brasileiros para trabalharem em suas terras, visto que tinham mais experiência.¹⁸⁹ Os agricultores brasileiros eram essencialmente pequenos e médios produtores, e as mãos que trabalhavam a terra eram restritas ao grupo familiar, necessitando, em alguns casos, da contratação de mão de obra.

Los brasileños recurren a empleados principalmente brasileños; favorecen así la inmigración brasileña y desplazan a los paraguayos del mercado laboral. Pero, la marginación de la mano de obra paraguaya se genera en el propio interior de la comunidad paraguaya. Son muchos los paraguayos, comerciantes, empresarios de trabajos públicos o simplemente empleadores

¹⁸⁷ SOUCHAUD, S. Dinâmica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: uma organización del território aL estilo brasileño. In: **Merma, soberania y pobreza**. FOGEL, R. RIQUELME, M. CERI, 2005.

¹⁸⁸ FOGEL, R. Efectos socioambientales del enclave sojero. Dinâmica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: uma organización del território aL estilo brasileño. In: **Merma, soberania y pobreza**. FOGEL, R.; RIQUELME, M. CERI, 2005. p. 61.

¹⁸⁹ SOUCHAUD, S. Dinâmica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: uma organización del território aL estilo brasileño. In: **Merma, soberania y pobreza**. FOGEL, Ramón. RIQUELME, Marcial. CERI, 2005.

del personal doméstico que recurren a los brasileños ya que los consideran más “trabajadores”. La preferencia comunitaria se inclina entonces claramente hacia el campo brasileño. Este desequilibrio es un reflejo de la situación de la producción donde dominan los brasileños, desequilibrio acentuado por un hecho señalado por el acopiador paraguayo que afirmaba que los brasileños eran mejores productores, por tanto, esenciales para la vitalidad de su negocio. Destaquemos igualmente que un paraguayo es el que controla una actividad rural brasileña, signo de que la distribución de poderes puede ser compleja.¹⁹⁰

A imigração brasileira constituiu uma minoria, se comparada ou restante da população paraguaia, no entanto, com maior peso econômico. Dedicou fundamentalmente às atividades agrícolas e, em menor escala, às atividades pecuárias e comerciais.¹⁹¹ As atividades intermediárias e do setor terciário, em áreas que foram se urbanizando, ficaram em grande parte aos cuidados dos paraguaios. Conforme Julli Wendpap, descendente de imigrantes, moradora em Puente Kyjhá, município de La Paloma:

Era difícil você encontrar um paraguaio que morasse no sítio, pelo menos nessa região. [...] Lembro que meu pai fez amizade com o dono do mercado. O seu Teodoro e a mulher dele, a dona Quica. Então meus pais costumavam passar lá toda semana para tomar um tereré. Eles também vinham lá em casa toda semana. Enquanto minha mãe e a dona Quica ficavam na cozinha, os homens iam atrás de carne e outras coisas que meu pai tinha pra vender.¹⁹²

São evidentes as relações sociais estabelecidas entre brasileiros e paraguaios. Neste caso, além de uma integração econômica, constituíram uma relação de amizade, inclusive com visitas a ambas as casas. Indubitavelmente, surgiram trocas culturais numa situação de alteridade que influenciaram o modo de vida dos imigrantes e dos paraguaios.

O periódico Última Hora¹⁹³, de Assunção, na matéria intitulada “Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay”, apresentou, em 2003, o relato de um agricultor brasileiro da localidade de Puente Kyjhá, distrito de Francisco Caballero Alvarez, no Departamento de Canindeyú. O entrevistado afirmou enfaticamente que seus filhos eram paraguaios, que estudaram em escolas locais e

¹⁹⁰ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA/ ADEPO, 2007. p. 316.

¹⁹¹ RIQUELME, M. Notas para el estudio de las causas y efectos de las migraciones brasileñas em el Paraguay. In: **Merma, soberanía y pobreza**. FOGEL, R.; RIQUELME, M.; CERI, 2005.

¹⁹² WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

¹⁹³ GUTIÉRREZ, A. C. **Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay**: enseñan a colonos paraguayos a plantar soja mecanizada. Última Hora, Assunção, 25 de setembro de 2003. p. 6.

que falavam a língua guarani. Ele destacou também o desejo de que seus filhos permanecessem trabalhando na atividade rural no Paraguai. O relato é do agricultor Paulo Luis Buttini que, ao rememorar os tempos de colonização, informa que houve distintas experiências, especialmente entre brasileiros e camponeses paraguaios. Paulo Luís Buttini defende suas convicções de que o desenvolvimento do Paraguai depende basicamente das investidas tanto dos brasileiros como dos paraguaios conjuntamente, independentemente de suas nacionalidades, de serem brasileiros ou paraguaios, descendentes ou não.¹⁹⁴

Mesmo que Paulo Buttini não faça parte do conjunto de entrevistados com que trabalhamos, e que se desconheçam as intenções de publicação da referida matéria, suas palavras podem ser um reflexo da realidade sociocultural experienciada por famílias de imigrantes e seus descendentes. A matéria pode significar também uma expressão de autoafirmação, além de ser uma resposta diante de eventuais cobranças que determinados segmentos da sociedade paraguaia fazem acerca da naturalização dos descendentes dos imigrantes brasileiros. Sem dúvida, existem aspectos positivos e negativos na coexistência de brasileiros e paraguaios, os quais são resultantes das inúmeras e distintas experiências vividas por cada sujeito nesse contexto de migração iniciado nos anos 1970.

Voltaremos a tratar das relações estabelecidas entre brasileiros e seus descendentes e a população paraguaia, especialmente nos anos mais recentes. Por ora, vamos seguir com as experiências vividas por aqueles que migraram.

2.3 Cultivando a terra: o trabalho, as adversidades, as perdas e as conquistas

Uma vez instalados na nova terra, “meu pai conta que para conseguir qualquer recurso no banco tinha que dizer que era para destocar”.¹⁹⁵ A declaração do descendente de imigrantes, agrônomo formado pela Universidade Católica de Ciudad de Leste, Gabriel Posselt, caracteriza a experiência vivida por uma família que adquiriu uma área, em Alto Paraná. Esta família, assim como outras, vai dar sequência a um projeto de colonização, iniciado por posseiros, da primeira leva de

¹⁹⁴ BUTTINI, P. L. **Entrevista concedida A. C. Gutiérrez.** In: GUTIÉRREZ, A. C. Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay: enseñan a colonos paraguayos a plantar soja mecanizada. Última Hora, Assunção, 25 de setembro de 2003. p. 6.

¹⁹⁵ POSSELT, S. G. **Entrevista.** Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 08 de Setembro de 2015.

imigrantes brasileiros no Paraguai. Grande parte do desmatamento da parte oriental do solo paraguaio, foi realizado inicialmente por esse contingente pioneiro formado basicamente por nordestinos e mineiros.

Souchaud destaca que tal contingente não conseguiu acumular capital para comprar terras no Paraguai e por isso “la gran maioria de esos caboclos de los primeros años han trazado la ruta otros frentes pioneros, em Bolívia Oriental, em la Amazonia Occidental o em centro-oeste brasileiro”.¹⁹⁶ Esses “caboclos”, nomeados assim por Souchaud, encarregaram-se do preparo da terra para o cultivo de produtos para o autoconsumo e para a agricultura comercial da menta, algodão, mandioca e café, abrindo clareiras em meio à densa floresta.

As extensas florestas de outrora, fonte de renda (extrativismo) para os primeiros migrantes, os posseiros ou grupos de brasileiros proletarizados, originários da região nordeste do Brasil, foram paulatinamente dando espaço à lavoura mecanizada da soja e do trigo, iniciando, assim, a “segunda frente pioneira”, a que vimos nos referindo, vinda do Brasil, com força a partir de 1970, chegando ao auge em 1973 e, decrescendo nos últimos anos.¹⁹⁷

Estos recién llegados se distinguen notablemente de los caboclos, cultural y socioeconómicamente. (...) dominan ampliamente la región Oriental no tanto debido a su superioridad numérica, sino por la imposición de um modelo cultural que se extiende desde las estructuras de producción y de comercialización al modo de vida modelando radicalmente el paisaje... la diferencia es decisiva.¹⁹⁸

Os agricultores brasileiros da “segunda frente” demonstraram capacidade de adaptação e de inovação. Isto se deu porque, como indicamos anteriormente, nas suas regiões de origem tinham experiência com agricultura mecanizada e estiveram integrados ao mercado agroindustrial. O Paraguai, de certa forma, traria a oportunidade de se reinserirem no agronegócio, com a implantação do modelo econômico brasileiro na região.

O agricultor Eduíno Moh, chegou ao Paraguai em 1984, e lembra que, no início, o trabalho era todo manual, realizado para a subsistência da família; mas que aos poucos “já pagava para fazer a roça com o trator”, pois passava sua lavoura na

¹⁹⁶ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña em Paraguay**. Asunción: UNFPA, 2007. p. 121.

¹⁹⁷ LAINO, D. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira**. São Paulo: Global, 1979.

¹⁹⁸ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña em Paraguay**. Asunción: UNFPA, 2007. p. 122.

trilhadeira, implemento agrícola que trouxe do Paraná. Além disso, também recebia ao trilhar milho na propriedade de outros. Ao plantar soja, aos poucos, tudo melhorou, visto que a maioria dos “arrendatários tinha cem ou duzentos sacos de soja”. Com o tempo, a infraestrutura foi melhorando, com luz elétrica e pavimentação asfáltica na estrada que ligava Salto Del Guairá à vila de Katueté.

[...] Daí tu vivia assim, a mulher tinha uns leite para vender. Então, começou melhorar, pois a compra de porcos melhorou, o leite melhorou, pois entrou o laticínio. Daí entrou a luz para nós. Aí veio o asfalto lá em cima também.¹⁹⁹

Após a aquisição da propriedade e da construção de um lugar para morar, os agricultores modificaram o perfil de suas propriedades, aumentando e melhorando as casas, construindo mangueirões, chiqueiros, galinheiros e pomares; enfim, produzindo alimento para o sustento da família, bem como conseguiam realizar trocas com vizinhos ou amigos e parentes em outras localidades.

Enquanto superavam as adversidades dos primeiros tempos, paulatinamente se integravam à agricultura comercial do Paraguai. O desejo de continuar a vida como agricultor e de proporcionar esta condição aos seus descendentes moveu, sem dúvida, grande parte dos migrantes. Isso ficou evidenciado, uma vez que a frase “Com a venda de um hectare no Brasil é possível comprar mais de cinco lá no Paraguai”,²⁰⁰ virou uma espécie de “slogan” na época.

Havia entre esses imigrantes os que sonhavam em possuir grandes extensões de terra e, talvez, enriquecer. Foi a partir do momento em que ideavam construir um projeto de vida que o patrimônio territorial passou a receber grande importância.

Os pequenos e médio agricultores e empresários agrícolas oriundos do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina [...]. Estes grupos, que trouxeram capital e implementos agrícolas foram muito privilegiados pelo regime Stroessner e conseguiram ascender socialmente muito rapidamente dentro da estrutura de classe.²⁰¹

Entretanto, atraídos por propagandas que promoviam facilidade na aquisição de terras, muitos agricultores caíram em ciladas e amargaram perdas em negócios imobiliários praticados por empresas colonizadoras com atitudes de má fé. Nesse

¹⁹⁹ MOH, E. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté, Py), 8 de julho de 2009.

²⁰⁰ SCHNEIDER, R. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 30 de janeiro de 2009.

²⁰¹ RIQUELME, M. A. Migrações Brasileiras no Paraguai. In: OLIVEIRA, T. C. M. (Org.). **Território sem limites: estudos sobre fronteiras**. Campo Grande: EdUFMS, 2005. p. 62.

quadro, tem-se a experiência vivida pela família da agricultora Lourdes Leichtweis, que adquiriu terras na Gleba 11, no Departamento de Alto Paraná, em 1978:

[...] Ele (refere-se ao pai) comprou uma área de terra. Comprou de colonizadora Mbaracayú. Eles falaram que era tudo da Mbaracayú. Só que um pedaço era da Industrial Colonizadora. Daí ele perdeu um pedaço. Pagou e perdeu.²⁰²

Há muitos outros relatos parecidos a esse, em que os imigrantes acusam autoridades paraguaias de cobrarem várias vezes por um mesmo título de propriedade, alegando dúvidas sobre a sua legalidade. Em função disso, os proprietários brasileiros pagaram várias vezes pelo documento ou pela mesma propriedade. No Paraguai, os agricultores brasileiros tinham acesso à terra através do direito de posse garantido por um documento provisório chamado *permiso*, que dava ao agricultor o direito de usar a terra mediante o pagamento de uma taxa anual, mas não lhe assegurava a propriedade da terra. Ao findar o contrato provisório, a família camponesa, que tinha feito o duro trabalho de abrir a selva, era obrigada a deixar o local e a migrar novamente em busca de oportunidades de trabalho.

Aos 45 anos, Claudio Chiossi relembra que chegou ao Paraguai, em 1985. Como para outros, a fase de abertura da mata e de preparação do solo é uma lembrança marcante: “Antigamente era tudo braçal. Quando nós entramos aqui foram derrubados vinte e poucos alqueires de mata e plantamos tudo braçalmente”.²⁰³

Como já mencionado, os agricultores brasileiros encontraram, inicialmente, muita dificuldade quanto à condição dos caminhos e estradas. Camila Mascarelo, nascida no Paraguai, em 1985, na cidade de Corpus Christi, relembrou as histórias contadas pela avó, que falava das dificuldades para sair da propriedade:

[...] a dificuldade para sair do local era grande. Tinha que andar muito no meio do mato, depois andar muitos quilômetros até chegar onde o ônibus passava. E, era sempre essa luta para sair de casa, fora isso eles nunca falaram como foi a mudança.²⁰⁴

²⁰² LEICHTWEIS, L. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 30 de janeiro de 2009.

²⁰³ CHIOSSI, C. **Entrevista**. Curva da Lata, Katueté, 07 de julho de 2009.

²⁰⁴ MASCARELO, C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

O relato de Camila Mascarelo mostra que não havia, por parte do governo paraguaio, nenhum plano de colonização bem definido e com garantia de infraestrutura para facilitar o dia a dia dos agricultores que estavam trabalhando a terra.

As propriedades rurais eram divididas em lotes de 10 a 25 alqueires, fazendo frente a um caminho e fundos com um rio ou riacho. A proximidade a uma rodovia também era observada, em função da logística e proximidade aos grandes silos já instalados ao longo das rodovias. Como somente a rodovia era asfaltada, nela também se instalavam pontos comerciais – lojas, empresas de laticínios, serrarias, hotel, pensão, mercados e bares. Em dias secos, cavalos, carroças e carros eram utilizados, enfrentando nuvens de poeira. No entanto, em dias chuvosos, o deslocamento ficava quase impossível frente ao lamaçal que se formava, o qual resultava em interdições e quedas de pontes, isolando completamente as famílias de moradores.²⁰⁵

Até 1990, a maioria dos agricultores utilizava lampiões a querosene, poucos lares dispunham de geradores a diesel. Para a imigrante agricultura, Lourdes Leichtweis, a falta de energia elétrica, ao mesmo tempo em que trazia dificuldades, propiciava momentos de reuniões familiares:

Não tinha energia elétrica. Frango tinha que matar todo dia se queria carne porque não tinha geladeira. À noite era bonito, porque a família se reunia mais que hoje, porque era escuro, então era o lampiãozinho a gás. Então a família se juntava, a gente falava daquele dia, do que tinha feito o que faltava fazer. Então planejava o que iria ser feito no outro dia. Era muito bonito! Comida não se faziam muitos tipos. Feijão e arroz, carne, para todos, para os que ajudavam na época de serviço também, *a turma* (refere-se aos eventuais trabalhadores temporários e a família) sempre estava junto.²⁰⁶

De acordo com o exposto acima, a rotina na nova terra exigia da família um trabalho conjunto, porque era preciso criar condições para que o trabalho com a terra pudesse fluir. Necessidades básicas como alimentação e higiene, muitas vezes implicavam em mais trabalho para as famílias, sendo que, na maioria dos casos, as mulheres eram incumbidas de tarefas domésticas; e nem as crianças eram poupadas, como relembra o descendente de imigrantes, morador da localidade Curva da Lata, Josemar da Silva:

²⁰⁵ LEITE, S. C. (Org.). **Os brasiguaios**: nem brasileiros nem paraguaios. São Paulo: Loyola, 1992.

²⁰⁶ LEICHTWEIS, L. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 30 de janeiro de 2009.

Já ouvi meus pais contarem muitas histórias. Minha mãe conta que como não tinha luz, para tomar banho no inverno, tinha que esquentar água. Primeiro tinha que acender o fogo no fogão a lenha, colocar essa água em um chuveiro de lata. Tinha que puxar água do poço com manivela. Quando eu era criança esse era meu serviço. Tinha que puxar muitos baldes por dia, para a criação e tudo o que se queria fazer com água.²⁰⁷

Há relatos sobre circunstâncias parecidas envolvendo as dificuldades enfrentadas pela falta de qualquer comodidade. Por outro lado, no conjunto das entrevistas, foram colhidas informações sobre como as dificuldades iam sendo superadas. A descendente de imigrantes, que nasceu e cresceu na zona rural da pequena cidade de Puente Kyjhá, município de La Paloma, compartilha suas lembranças sobre o dia em que a família, por meio dos conhecimentos de seu pai, conseguiu gerar energia elétrica na propriedade em que viviam:

Lembro que o lugar onde a gente morava era muito calmo. Longe da vila, não tinha luz. Se usava vela e lampião. Quando eu tinha uns cinco anos meu pai fez uma turbina com água de uma pequena represa. Eu me lembro até hoje da emoção desse dia. Fomos os primeiros a ter energia elétrica em toda região. Era tudo simples, mas funcionou, e só podia ligar a noite.²⁰⁸

Outra dificuldade enfrentada, nos tempos de chegada, diz respeito ao isolamento geográfico das propriedades. Para amenizar isso, alguns imigrantes brasileiros se organizaram em “associações”, que na maioria das vezes, estavam ligadas ou a uma comunidade paroquial ou a uma associação desportiva. A nova realidade (no Paraguai), impunha-lhes um outro ritmo, com poucas opções de convívio social. A moradora da Gleba 11, a imigrante Lourdes Leichtweis relembra um pouco da rotina semanal nos tempos de chegada:

[...] quando tinha missa, uma vez a cada dois meses, ninguém faltava. Porque sabia que ia demorar para o padre vir de novo. Nos domingos que o padre não vinha, a gente fazia culto. Rezava igual uma missa só que não tinha comunhão. No culto não tinha padre. Depois da missa ou do culto a gente se reunia para conversar porque ninguém morava muito perto um do outro. Sabe como é na colônia, é tudo longe. Então a gente aproveitava e conversava, sobre a plantação, sobre o tempo, se estava seco ou chovendo muito. Se alguém ia matar um boi naquela semana, para a gente ir comprar uma carne fresca. Se alguém ia estar de aniversário para ir comer uma

²⁰⁷ DA SILVA, J. **Entrevista**. Curva da Lata, ((Katueté-Py), 14 de maio de 2015.

²⁰⁸ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

galinhada e até para combinar um jogo de baralho na casa de alguém [...].²⁰⁹

Como se percebe, os imigrantes tiveram apoio de comunidades religiosas, que já estavam em território paraguaio, e esse fato muito ajudou para que as dificuldades fossem superadas e a adaptação acontecesse mais rapidamente. Assim, formaram-se pequenas comunidades que foram se convertendo em pontos de atração para a formação de povoados e, posteriormente, núcleos urbanos.

As relações cotidianas, nos tempos da chegada, também foram marcadas pelo que se denominava de contatos fronteiriços, constituídos por uma espécie de fronteira “móvel”. Quer dizer, é importante compreender que os de cá (Brasil) mantinham relações com os de lá (Paraguai) e vice-versa. Sobretudo, eram laços muito fortes mantidos por cartas ou recados levados por vizinhos quando da visita de algum parente ou conhecido no Brasil, incluindo encomendas desde mantimentos até peças de implementos agrícolas, além dos serviços públicos de saúde ou até de comercialização de produtos que buscavam no Brasil. Estes contatos fronteiriços davam a impressão de elo entre Brasil e a porção oriental do Paraguai.

Dada a importância dos laços familiares de amizade e religiosos, nota-se que os imigrantes podem ser caracterizados como “sujeitos sociais e inseridos numa realidade social em movimento contínuo, transformam-se e, às vezes, articulam-se a essas mudanças”.²¹⁰

Além da dificuldade nos deslocamentos para as necessidades cotidianas e da falta de energia elétrica, também houve obstáculos para comercializar os produtos no Paraguai. Contudo, alguns conseguiram certa estabilidade financeira e radicaram-se em solo paraguaio com suas famílias. Mas também aconteceu o retorno para o Brasil, muitas vezes na condição de marginalizados, favelados ou sem-terra. Além de perderem o “território” que ajudaram a produzir, perdiam também o grupo social em que estavam inseridos. Essa condição é abordada nos estudos de Zaar, que elenca passos ou etapas de retorno ou de re-migração. A primeira delas compreende a venda da propriedade, se foi invadida, da casa, dos móveis e de utensílios domésticos com valor bem reduzido, de modo que a família migrante

²⁰⁹ LEICHTWEIS, L. **Entrevista**. Gleba 11. (Mbaracayú-PY), 30 de janeiro de 2009.

²¹⁰ MIZUSAKI, M. Y. **Território e reestruturação produtiva na avicultura**. Dourados: UFGD, 2009. p. 277.

levasse consigo apenas a roupa, objetos pessoais e algumas ferramentas agrícolas.²¹¹

Ainda conforme Zaar, realizava-se a viagem de retorno organizada pela Pastoral do Imigrante no Paraguai, a partir de contatos com o Brasil, com representantes do MST e da Pastoral do Imigrante em Foz do Iguaçu. Os migrantes utilizavam um ônibus que os levava até a Ponte da Amizade, que era atravessada a pé. Depois, havia outro ônibus que os esperava em Foz do Iguaçu e os conduzia aos acampamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), no oeste paranaense. Na terceira etapa, como acampados do MST, iniciavam uma nova fase em suas vidas, junto a centenas de outros agricultores, brasiguaios ou não, que lutavam pelo direito à dignidade, ao trabalho e à terra, principal instrumento de trabalho e de vida.²¹²

2.4 O surgimento do “espaço brasiguai”: distribuição espacial e “concentração” dos imigrantes

De acordo com Foucher, o surgimento do “espaço brasiguai” abarca um conjunto de relações que lhe são próprias, construídas temporal e espacialmente e, por isso, marcado por especificidades econômicas, sociais, culturais e políticas. Foram distintos sujeitos e coletividades que construíram, com suas relações, o “espaço brasiguai”.²¹³ A maioria dos brasileiros atravessou para o Paraguai nas proximidades de Salto Del Guairá e em Guaíra e na atual Ciudad Del Este, em Foz do Iguaçu, de forma que a odisséia migratória dinamizou esse espaço fronteiro. Os colonos passaram com todo tipo de veículo e, logo, numerosas famílias se amontoavam em meio a móveis, utensílios domésticos, material agrícola e alguns animais, além de terem levado mantimentos e víveres para enfrentar os primeiros tempos até a primeira colheita.²¹⁴

Ao levarmos em conta as considerações de Bhabha sobre o processo de pertencimento identitário simultâneo a dois mundos, o deixado e o encontrado, podemos compreender a construção do futuro espaço por meio dessa diáspora dos

²¹¹ ZAAR, M. H. **A migração rural no oeste paranaense**: a trajetória dos brasiguaios. Doutoranda em Geografia. Universidade de Barcelona, 1. ago. 2001.

²¹² ZAAR, M. H. **A migração rural no oeste paranaense**: a trajetória dos brasiguaios. Doutoranda em Geografia. Universidade de Barcelona, 1. ago. 2001.

²¹³ FOUCHER, M. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009.

²¹⁴ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA, 2007.

agricultores que deixaram ou perderam suas terras no Brasil. A questão do território, assim, é fundamental, porque ele oscila entre o espaço material e simbólico, entre lugar concreto e imaginado.²¹⁵

Os imigrantes pioneiros, num primeiro momento, se instalaram em suas propriedades com seus núcleos familiares formando grupos dispersos. Ao surgir um estabelecimento comercial que oferecia produtos elementares, ele se transformava em agente catalizador e, à medida que os povoados iam se formando e fortalecendo, recebendo mais e mais imigrantes, também começavam a surgir lugares com concentração populacional, basicamente composta por imigrantes brasileiros.

Não tardou muito, a atividade comercial tornou-se uma extensão da expansão agrícola, conforme expõe Souchaud:

He aquí el por qué florecen establecimientos comerciales em ciertos lugares (a veces felices, a veces desgraciados) de la región pionera. Situados en el cruce de dos caminos pero más a menudo al borde del camino, venden de todo y muy caro: alimentos básicos, cachaça y outro tipo de alcoholes fuertes, tabaco y cigarrillos de maíz, utensilios de cocina, telas, ropas, medicamentos, implementos para la agricultura, semillas, a veces combustible para los pocos grupos electrógenos o las sierras, tierras legítimas o títulos falsos, noticias Del Brasil, dan también crédito sobre las mercadorias traídas, prestan dinero com alta tasa de interes, regulan incluso las deudas y compran la producción (a veces em pago de deudas contraídas). Estos comerciantes, bajo su aspecto bonachón, ocultan um sentido implacable de los negocios. Saben garantizarse la competencia y asegurarse, por toda uma serie de servicios, la fidelidad de uma clientela obligada.²¹⁶

Em decorrência da chegada massiva de imigrantes, durante quase três décadas (1970-1990), os brasileiros logo se tornaram maioria e foram construídas igrejas, para as missas, novenas e festas religiosas, escolas e clubes esportivos. Nestes locais realizavam bailes, festas de casamentos, de batizados, de eucaristias, festas de aniversário e onde também se jogava baralho.

É preciso notar que o espaço brasiguaió, hoje constituído, é resultado da confluência de histórias e experiências de vida, de relações sociais e espaços de convivência. Trata-se de um espaço original, e em sua construção foi determinante a

²¹⁵ BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

²¹⁶ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA, 2007, p. 128.

possibilidade de acesso à propriedade por parte do agricultor imigrante.²¹⁷

Julli Wendpap, cujos pais se instalaram no Paraguai, em 1982, relata algumas experiências vividas pela família em Puente Kyjhá, destacando o trabalho coletivo de construção da escola, um espaço que servia para a realização de inúmeras outras atividades:

Eu lembro quando comecei a estudar. Era uma escolinha de interior que foi construída ao lado de uma serraria. O dono da serraria doou toda madeira para a construção da escolinha. Então os colonos se reuniram e cada um ajudou como podia, com mão de obra ou com material que faltava. Essa escola, por muito tempo, também funcionou como igreja. Tinha bastante criança que estudava nessa escolinha, paraguaios também. Nossa! Vivi muitos momentos felizes da minha infância naquele lugar.²¹⁸

Além da arquitetura de influência brasileira, se é que se pode assim dizer, uma vez que muitos desses imigrantes traziam traços da cultura europeia em sua bagagem cultural, imprimiram estratégias de adaptação às necessidades e condições do lugar, criando, como indicamos, um espaço original. O mesmo aconteceu com os aspectos da relação entre brasileiros e paraguaios no tocante a música, dança, culinária e religião que, por vezes, se misturaram e, outras vezes não, dependendo da localização geográfica do povoamento.

As entrevistas que foram realizadas mais recentemente, permitiram constatar o que se havia visualizado durante a realização da pesquisa de mestrado, em 2010: “quanto maior à distância dos centros de ocupação paraguaia, maior foi a força da cultura brasileira e menor foi a interação com a população paraguaia”.²¹⁹

Assim como houve o crescimento dos centros dos povoados, também ocorreu a expansão da vitalidade nos campos, e os centros urbanos e o campo estabeleceram uma relação de dependência, onde um nutriu o outro. Esta dependência aumentou na medida em que o campo passou a produzir excedentes que foram comercializados nos mercados, tais como mandioca, verduras, legumes, ovos e leite. Nos povoados surgiram lojas e serviços, como costureiras, cabeleireiros e lanchonetes, além de comércios com insumos e ferramentas agrícolas. Souchaud notou que “la masa monetária” que circulava na região oriental do Paraguai era

²¹⁷ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña em Paraguay**. Asunción/Paraguay: UNFPA, 2007.

²¹⁸ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guaraní (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

²¹⁹ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: Juruá, 2012. p. 12.

“constituída em gran parte por la moneda brasileña, siendo ésta más fuerte que el guaraní”.²²⁰

Como indicamos precedentemente, os brasiguaios se concentravam em cinco departamentos fronteiriços do Paraguai: Alto Paraguay, Concepción, Amambay, Canendiyú e Alto Paraná, além de também ocuparem os departamentos de Caaguazú e Itapoa. Para se ter uma ideia da concentração de brasileiros em relação à população paraguaia, o departamento de Alto Paraná conheceu elevadas taxas anuais de crescimento intercensitárias de sua população: 8,0%, 14,3% e 13,2%, para os períodos de 1950-62, 1962-72 e 1972-82, respectivamente. A população do departamento de Alto Paraná, em 1962, era de 24.067 pessoas e passou, 20 anos depois, para 192.518 habitantes, dos quais 91,0% eram brasileiros.²²¹

O mapa a seguir apresenta a divisão política do Paraguai, e permite uma visão geral do país, podendo-se visualizar os departamentos fronteiriços com o Brasil:

²²⁰ SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA. 2007, p. 128.

²²¹ SALIM, A. C. A questão dos brasiguaios e o Mercosul. In: PATARRA, N. L. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP, 1995.

Figura 5: Mapa político do Paraguai – divisão em Departamentos



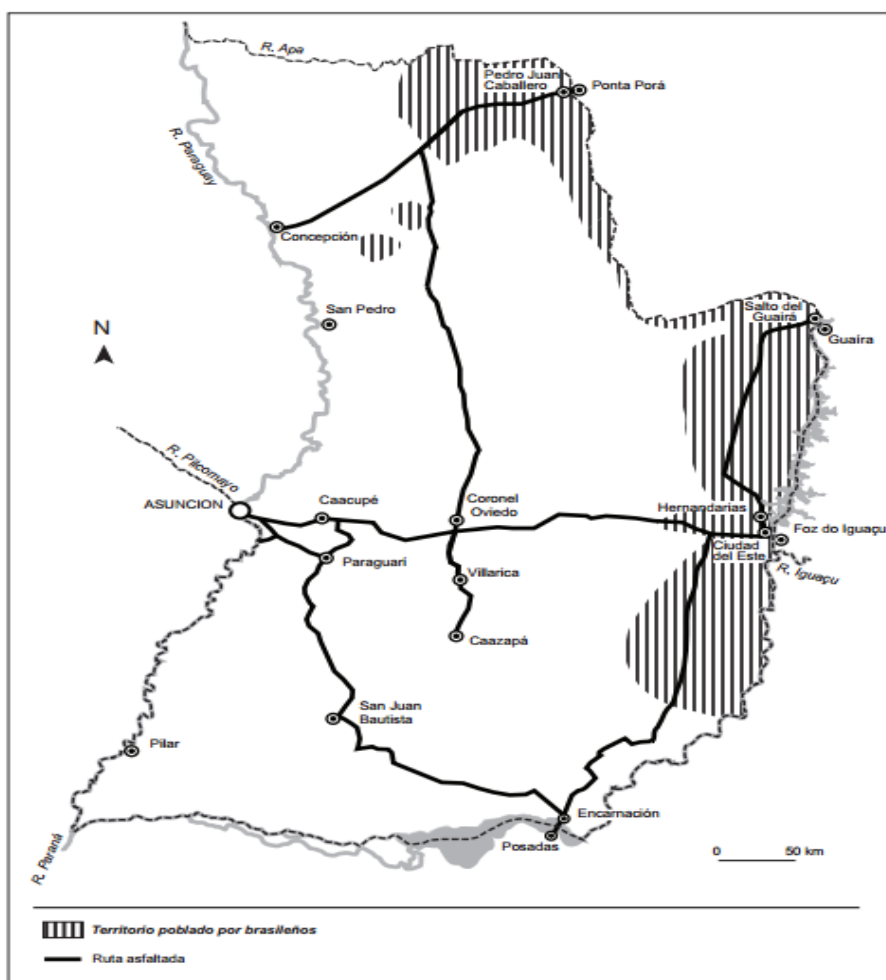
Fonte: http://www.ppn.com.py/htm/servicios/futuro/educacion/geografia_paraguay.asp

A migração de brasileiros redefiniu a representação nacional paraguaia, tanto que, regiões que há trinta anos apresentavam baixa densidade demográfica, hoje, possuem fortes núcleos de povoamento e, por essa razão, novas formas

culturais, políticas e sociais foram postas em movimento, tanto no sentido social, como espacial.²²²

Ao falar sobre a presença de paraguaios no município de Katueté, Departamento de Canindeyú, o agricultor E. Moh informava que, em 2009, havia, poucos paraguaios. No comércio também são quase todos brasileiros. [...] Pode-se dizer que 20% são paraguaios”.²²³ A região experimentou um forte crescimento de centros urbanos ao longo das rodovias.

Figura 6: O povoamento brasileiro no Paraguai oriental, no final dos anos 1990



Fonte: SOUCHAUD (2007, p. 128).

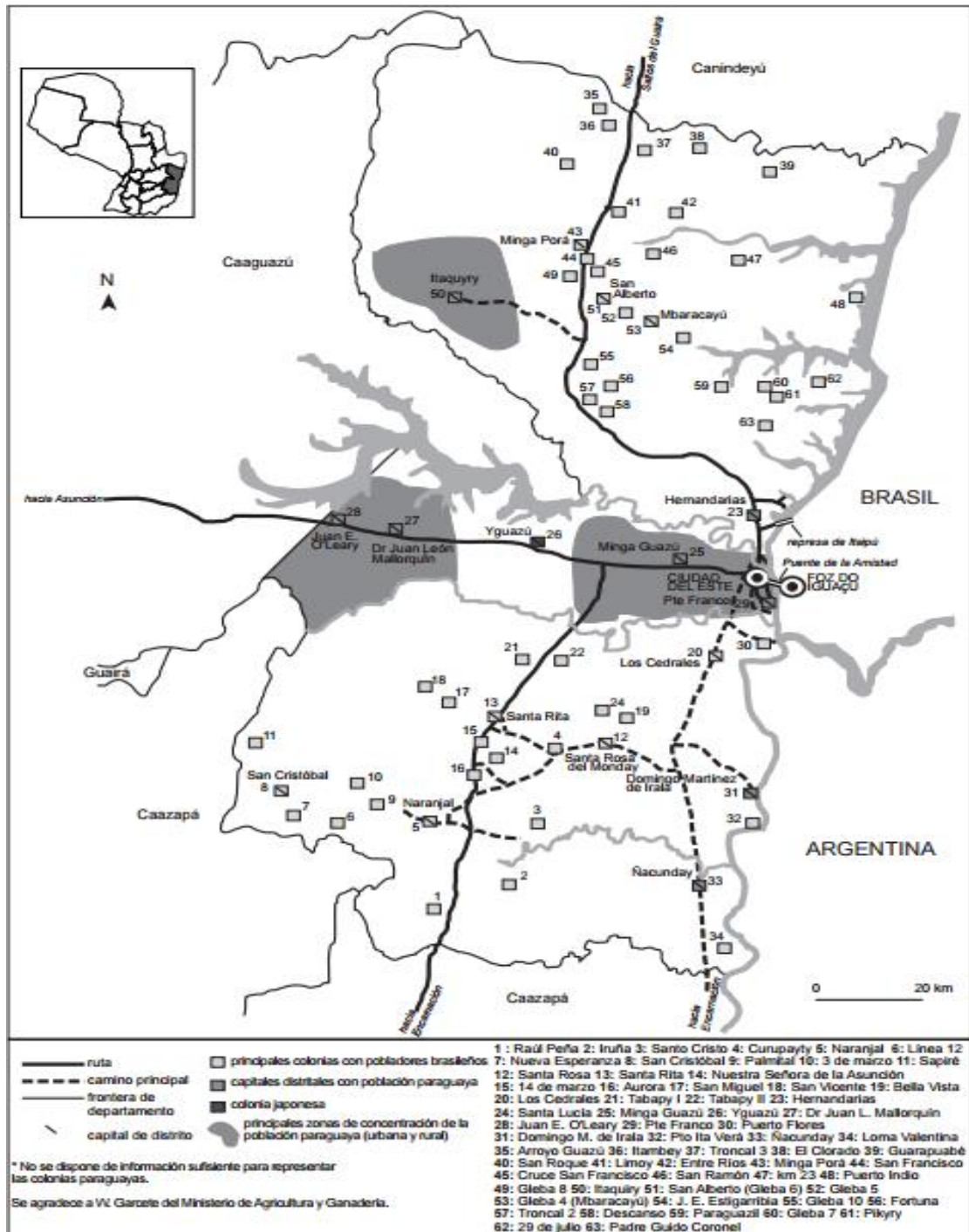
Os migrantes brasileiros logo se tornaram maioria nas áreas rurais, uma vez que a lógica das colonizadoras era direcioná-los para regiões de terras virgens e

²²² FIORENTIN, M. I. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Dissertação (Mestrado). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010. p. 73.

²²³ MOH, E. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté-Py), 08 de junho de 2009.

sem ocupação; o que nem sempre ocorria. Os brasileiros ao escolherem seu lugar de destino, davam preferência a lugares não ocupados por paraguaios ou indígenas; conseqüentemente, os centros urbanos que surgiram nessas áreas seguiram seu modelo espacial e cultural de organização.

Figura 7: Principais focos de povoamento brasileiro no estado do Alto Paraná no final dos anos 1990.



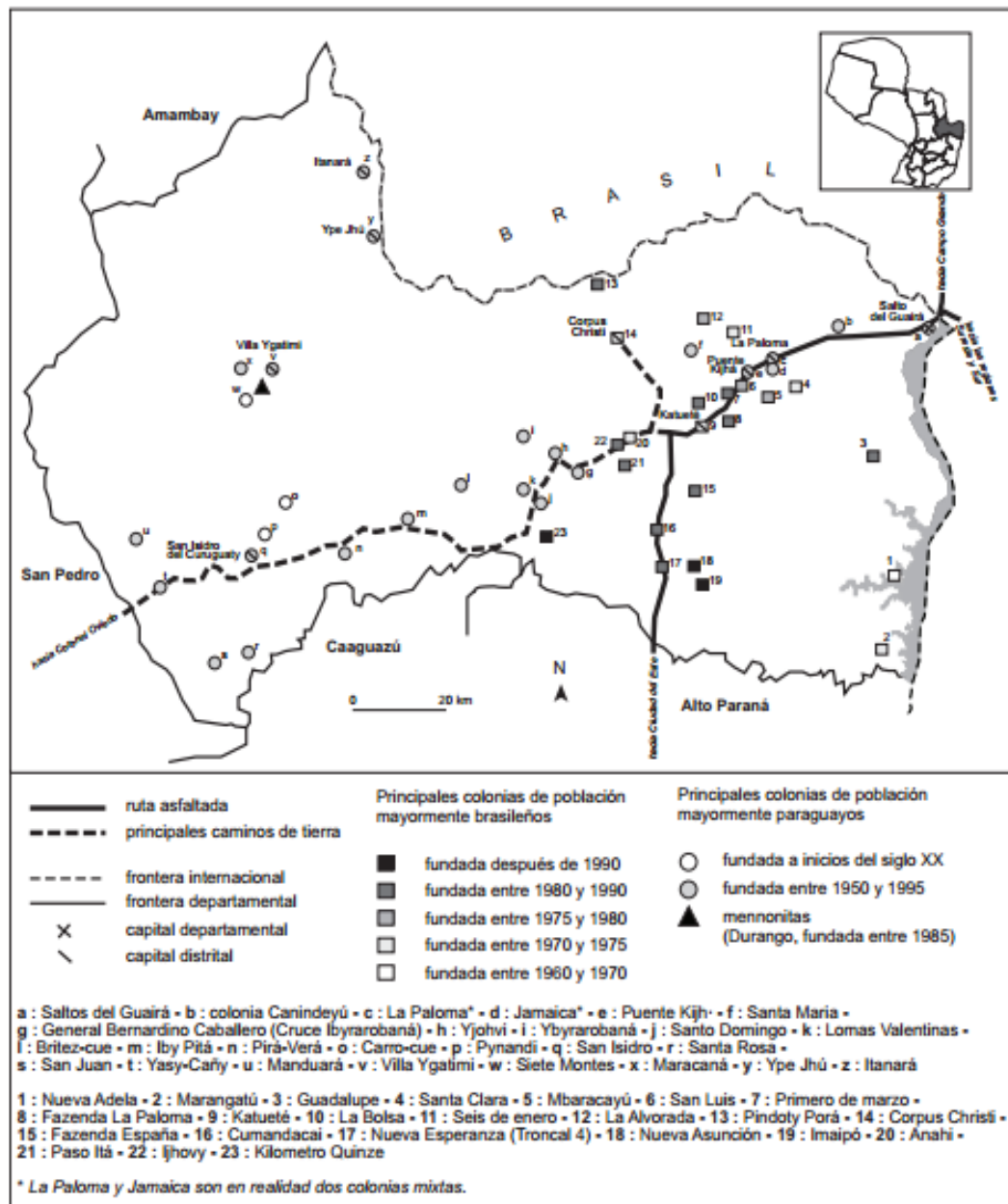
Fonte: SOUCHAUD (2007, p. 155).

O mapa acima apresenta os principais núcleos urbanos no Departamento de Alto Paraná. Com base na legenda, entre outras questões, é possível visualizar as

zonas de concentração de população paraguaia e as colônias de povoamento de imigrantes brasileiros.

No mapa que se segue, pode-se visualizar a situação do Departamento de Canindeyú, nos anos de 1990.

Figura 8: Principais focos de povoamento brasileiro no Estado de Canindeyú no final dos anos 1990



Fonte: SOUCHAUD (2006, p. 157).

Souchaud aponta para uma forte dinâmica de crescimento na zona rural e na zona urbana do Paraguai, conforme dados apresentados em 1992. Inicialmente,

o crescimento aconteceu na zona rural, depois, ocorreu no sentido urbano frente às situações de êxodo provocadas pela introdução da soja, desenvolvimento do setor comercial e de serviços. Depois dos anos 1980, o Paraguai vivenciou um forte êxodo rural, o que influenciou no crescimento e desenvolvimento destes centros urbanos. Depois desta data, a maior parte das zonas rurais sentiu um processo de estagnação populacional.

O capítulo que segue versa sobre aspectos socioculturais e comportamentais dos imigrantes brasileiros no Paraguai e seus descendentes, intenciona compreender a forma como esses sujeitos estão construindo sua identidade cultural ao longo de quatro décadas (1970-2016). Revelam-se também os fortes vínculos de amizade estabelecidos nos povoados e municípios em formação ou constituídos e sobre a ideia de pertencimento que nasce especialmente junto às novas gerações.

CAPÍTULO III – AS NOVAS GERAÇÕES E O ESTREITAMENTO DOS CONTATOS MULTIÉTNICOS

Neste capítulo, o conjunto das entrevistas dará suporte à análise do estreitamento dos contatos multiétnicos e o enraizamento cultural vividos, especialmente, pelos descendentes de imigrantes. Busca-se identificar essas manifestações experienciadas pelas novas gerações que, sobretudo, tornam evidentes a adaptação e a integração desses indivíduos na sociedade em que vivem. Para tanto, considera-se a necessidade de adaptação social, ~~juste~~ porque estão inseridos em uma sociedade em que, como descendentes, viveram uma história diferente da dos seus pais e, por isso partilharam desde crianças de um universo cultural próprio.

Para os descendentes, a cultura paraguaia não é estranha; ela faz parte de suas vidas e compõe sua identidade cultural. Entre muitos fatores próprios a essa composição, citam-se fragmentos do cotidiano familiar, a rotina escolar, o estigma, as fronteiras culturais, os gostos e as crenças.

As práticas culturais estão em relação constante com o espaço e, neste movimento, surgem novas formas de viver, ver e pensar o mundo. Porém, isso nem sempre acontece de forma harmoniosa, uma vez que, podem haver diferenças entre o descendente de imigrantes e a sociedade receptora, embora tudo tenda a caminhar para um ponto de equilíbrio. Nesse dinamismo, novos elementos vão sendo incorporados, novos valores e significados são compartilhados.²²⁴

3.1 Identidades múltiplas e a questão do hibridismo cultural

Para trabalhar com essas questões, iremos nos referir ao conceito produzido por Stuart Hall de hibridismo cultural. O estudioso jamaicano viveu e trabalhou na Inglaterra, e transitou constantemente por culturas diferentes em seu próprio processo identitário. Por conseguinte, sua produção apresenta reflexões acerca da identidade sob uma perspectiva dos estudos culturais. Em especial, na obra “A identidade cultural na pós modernidade”, Hall discute cultura e identidade.²²⁵ O

²²⁴ FLEURI, R. M. Intercultura e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. maio-ago. 2003, n. 23, p. 16-35.

²²⁵ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

conceito desenvolvido por Hall tem força suficiente para sustentar a análise sobre manifestações de hibridismo cultural dos descendentes de imigrantes radicados no Paraguai. Conforme Hall, a ressignificação identitária trata-se de um conceito que considera que a identidade de um sujeito é formada pela condição de pluralidade. Portanto, o sujeito pode acionar ou desativar aspectos identitários de acordo com o contexto no qual está inserido. Sendo assim, afirma-se, sobretudo, que todo e qualquer sujeito é constituído de vários aspectos identitários. De acordo com a ocasião, um ou outro elemento pode se sobressair, conforme as necessidades individuais ou coletivas. Nesse sentido, para Hall, a identidade perderia a linearidade e a homogeneidade tão pretendida pela racionalidade científica.²²⁶

Por seu turno, Bordieu afirma que se constroem diferenças culturais em contextos históricos e espaciais diferentes através da educação escolar, dos idiomas e de alguns estilos de vida. Criam-se assim, comportamentos comuns, uma vez que os espaços sociais e culturais estão em constante movimento impulsionados pelos fluxos migratórios, pelos contatos de diferentes grupos étnicos e pelas interferências políticas e econômicas.²²⁷

A porção oriental do Paraguai apresenta, hoje, um perfil cultural ímpar, devido ao fluxo migratório existente na área desde a época da colonização espanhola até a imigração de agricultores brasileiros, que ocorreu, com maior intensidade, a partir da década de 1970. São grupos étnicos distintos que ali coexistem e se relacionam, mesclam culturas em povoados e cidades em formação, juntamente às línguas, costumes, crenças e valores diferentes.

Nesse sentido, a descendente de imigrantes, nascida no Paraguai, Vivian Schneider, deixa transparecer sua formação multicultural ao relatar que adotou em sua vida os dois costumes, o brasileiro e o paraguaio: “É eu nasci aqui no Paraguai, estudei sempre aqui, desde o primeiro ano. Meus pais são brasileiros, eles vieram do Brasil. Mas eu nasci aqui, então tenho os dois costumes, um pouco vem dos meus pais e bastante vem daqui [...]”.²²⁸ Pode-se dizer, neste caso, que Vivian Schneider representa a consciência do indivíduo que está ocupando os dois lugares. Logo, pode-se inferir que a hibridização cultural ocorreu quando estes sujeitos compartilham costumes da sociedade paraguaia, mas não se desligaram dos

²²⁶ HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

²²⁷ BORDIEU, P. **O poder simbólico**. (Trad. Fernando Tomaz). Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1998.

²²⁸ SHCNEIDER, V. B. **Entrevista**. Santa Fé Del Paraná, 6 de setembro de 2015.

contatos com o seu grupo de origem. Josemar da Silva é um descendente de imigrantes, agrônomo, formado pela Universidad Católica de Ciudad de Leste, que atua dando assistência aos agricultores em diversas localidades no chamado “espaço brasiguai”. Numa expressão alegre ele, que é nascido no Paraguai, em 1986, filho de pai e mãe brasileiros, casado com uma paraguaia, relata o cotidiano de relação interétnica estreitada pela condição do casamento:

Eu não digo que sou paraguaio. Acho que sou metade cada um. Vivo aqui desde que nasci. Então, sou um pouco de cada. Por exemplo, dentro de casa é uma mistura de tudo. (...) minha mulher é paraguaia, ela faz muitas comidas como a *sopa paraguaia*²²⁹, a mandioca feita de vários jeitos, *chipa aguazu*²³⁰, o *tereré* mas também já aprendeu algumas comidas que a minha mãe faz como feijão preto, polenta. É tudo misturado.²³¹

O relato ilustra que está em andamento a construção de um conjunto de indivíduos com identidades híbridas, principalmente os descendentes de imigrantes e, no caso, com os casamentos interétnicos. É ser brasileiro de origem e paraguaio ao mesmo tempo, misturando-se e compartilhando dois universos culturais simultaneamente. “Nascemos aqui, então a gente é paraguaio e brasileiro ao mesmo tempo. Porque nossos pais são brasileiros, mas a gente nasceu aqui, então é tudo misturado”.²³² Cabe destacar que a expressão “tudo misturado” foi recorrente em diversas entrevistas.

É visível, na experiência dos descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai, a existência de um processo de hibridismo cultural em curso, em se tratando de uma ruptura e uma associação ao mesmo tempo. Ou seja, é o mesmo, o outro e uma terceira pessoa, o novo. Percebe-se esta nuance no relato da imigrante, que chegou ao Paraguai juntamente com a família na década de 1980, Sinaide Backes

Meus filhos gostam do pessoal daqui. Eles se misturam com os paraguaios na escola, no futebol, nos bailes e em todo lugar em que vão. Eles gostam daqui. O Brasil não é a terra natal deles e eu já me acostumei com isso, porque eles nasceram aqui.²³³

²²⁹ Sopa Paraguaia: Bolo salgado que resulta da mistura de fubá, ovos cozidos, queijo, cebola e leite azedo, e é servida a qualquer hora do dia, quente ou fria. Uma variação da sopa é o “*bori bori*”, um ensopado à base de carne e “bolinhas” de fubá.

²³⁰ Chipa aguazu: biscoito tradicional da culinária paraguaia, semelhante ao pão de queijo mineiro, porém com consistência e sabor próprio. O preparo de sua massa requer polvilho, óleo vegetal ou azeite de oliva, queijo ralado, ovos e sal.

²³¹ DA SILVA, J. **Entrevista**. Curva da Lata, (Katuete-Py), 14 de maio de 2015.

²³² SHCWERTCH, F. M. **Entrevista**. Curva da Lata, (Katuete-Py), 14 de maio de 2015.

²³³ BACKES, Sinaide. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-PY), 02 de janeiro de 2010.

Nota-se que, segundo o relato acima, existe consciência por parte da mãe de que os filhos que nasceram e cresceram no Paraguai compartilham de um universo sociocultural que lhes é próprio. Na perspectiva de Bhabha, permite-se ir além da narrativa subjetiva originária e focalizar pontos ou outros processos produzidos na articulação entre as diferenças culturais geradoras de novas colaborações e contestações no ato de definir a própria ideia de sociedade. Trata-se de conciliar a orientação cultural dos pais que são estrangeiros com as demandas da sociedade receptora.²³⁴ Os filhos de imigrantes brasileiros experienciam dois mundos culturais simultâneos: manter-se parecidos e conectados aos seus pais e, ao mesmo tempo em que assumem a cultura do Paraguai.

Vivian Schneider, que é descendente de imigrantes por parte de pai, mãe e avós maternos, nascida no Paraguai, também ressaltou que “é tudo uma mistura”:

[...] na escola meu filho de sete anos, só fala o espanhol. Comigo ele puxa o português, não sei por quê pois eu também falo espanhol com ele. Mas com o pai dele que é paraguaio e com a família do pai dele ele fala só o espanhol. E com a nossa família é só português. Parece que ele tem um *chip doble* com um só o português com o outro só o espanhol.²³⁵

Ao analisar os relatos produzidos pelos descendentes dos imigrantes, considera-se que a identidade é um processo relacional de referência cruzada, elaborada socialmente. Isto porque, enquanto identidade coletiva constrói o imaginário de um grupo sobre suas origens comuns e os seus múltiplos laços culturais, históricos e geográficos. Este senso de compartilhamento identitário permite à população de determinado território a configuração de um projeto de continuidade histórica. Assim, tem-se a possibilidade de captar no aspecto da construção da identidade a imagem simbólica de mundo e de sociedade que estes sujeitos possuem.

A construção identitária ou da identidade, nesse contexto, é permeada por conflitos e contradições em que das culturas convivem em um mesmo espaço. No entanto, não se trata de uma construção de identidade tênue, mas conflituosa aos que experimentam este processo, já que parece ser uma característica ou um processo presente em todas as situações de migração para diferentes lugares.

Abordar espaço ou reordenamento espacial não se remete a entender

²³⁴ BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

²³⁵ SCHNEIDER, V. B. **Entrevista**. Santa Fé Del Paraná, 06 de setembro de 2015.

espaço como chão usado, porém, reconhecer a identidade como sentimento de pertencimento que influenciará na formação de um espaço. Nesse sentido, analisar o espaço e a identidade significa conjugar elementos culturais, econômicos e políticos. São espaços de resistência, ou seja, sempre o descendente de imigrante em algum momento recordará dos costumes e das práticas do território nacional dos pais que imigraram para o Paraguai.

No caso do descendente de imigrantes agricultores, cozinheiro e estudante do curso de Administração na cidade de Katueté, Wagner Salvadego, seu relato revela que sente nele a cultura dos pais com muita intensidade, mas racionaliza e sente que é paraguaio; nasceu no Paraguai e, por isso, aceita uma nova cultura, mesclando, fundindo saberes e sabores de comidas típicas:

Meu coração é dividido porque nasci aqui e sou registrado aqui. Minha vida foi aqui então sou paraguaio e ninguém pode me negar isso. Mas é claro que a origem e a cultura dos meus pais são muito fortes em mim. Tem muitas coisas do Brasil em mim, também isso não posso negar. O Paraguai é o meu país, não o Brasil. Acho que a comida mostra bem essa mistura. Num dia você come uma comida típica paraguaia no outro uma típica brasileira ou até as duas na mesma refeição. Como um tereré acompanhado de cuca recheada.²³⁶

Além da culinária, as músicas e as danças do Brasil são vivenciadas no Paraguai, conforme relata Wagner Salvadego:

Gosto de ouvir as músicas paraguaias, a gente ouve rádio e escuta as coisas daqui. Se pega a FM, ouvimos as músicas que estão tocando no Brasil. No Clube, você vê os paraguaios dançando músicas típicas do Brasil como o vanerão e vê descendentes de brasileiros dançando *catchaqueira*, então é uma mistura mesmo.²³⁷

Elementos da cultura dos pais e dos avós brasileiros estão sendo mantidos, fazendo com que os jovens cultuem costumes da cultura de origem dos imigrantes brasileiros, mas introduzam novos elementos aos seus costumes. Sendo assim, de acordo com Santos, cada lugar é um espaço vivo, no qual brotam sentimentos de afetividade. As formas de existência são animadas por conteúdos específicos de relações familiares, comunitárias e societárias, ascendendo sobre eles um sentimento de afetividade pelo lugar, uma vez que, quanto maiores as relações emocionais e os sentimentos por um determinado local, maior é o desejo de vê-lo se

²³⁶ SALVADEGO, W. F. O. **Entrevista**. Katueté, 24 de junho de 2015.

²³⁷ SALVADEGO, W. F.O. **Entrevista**. Katueté, 24 de junho de 2015.

desenvolver em todos os aspectos do cotidiano: sociais, culturais, econômicos.²³⁸

Na figura a seguir, há uma ilustração de uma situação comum para os descendentes de imigrantes no Paraguai. Nesse caso, as amigas se socializam no intervalo das aulas no Colégio Nacional Castillia, no departamento de Caaguazú.

Figura 9: Convivência interétnica



Fonte: Acervo particular de Ana Laura Lorenzoni Khun

A relevância do sentimento de pertença para a sociedade é destacada por Tuan, porque quanto mais fortes forem as ligações emocionais, maior será o sentimento de pertencimento em um grupo ou comunidade. Pode-se inferir que esse sentimento é indispensável para a solidificação e a preservação de uma sociedade ou de um grupo social.²³⁹

Nesse pressuposto, a formação de um espaço social, engloba desde um lugar concreto a aspectos simbólicos, como é o caso de todas as migrações e o desdobramento das relações que ali se estabelecem. O passado (no lugar de origem) e o presente (na nova terra) entram em choque, e, em um dado momento, se inicia a construção de um novo lugar. Portanto, o indivíduo se sente estranho porque a imagem que tinham de si (no lugar de origem) não será mais encontrada, de forma que, existirão apenas referências.

²³⁸ SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998.

²³⁹ TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

Todavia, não se pode afirmar que um novo lugar será fundado sem que haja conflitos, mas, sobretudo, que este novo será o resultado das memórias do migrante somadas às novas às relações sociais que vão se produzindo. De acordo com Souza, a identidade espacial tem limites físicos em que os sujeitos com seus símbolos e suas relações sociais promovem alterações rapidamente no tempo.²⁴⁰ A identidade de um lugar resulta de diversas identidades sociais que são articuladas entre os indivíduos, desse modo, suas ideias e sua realidade concreta se mesclam.

3.2 Em casa e na escola: identidade entre fronteiras e construções

Compreende-se que, com o passar do tempo, o contato entre os descendentes de imigrantes brasileiros e os paraguaios se intensificou, bem como a comunicação, as interferências e também os desencontros entre estes grupos étnicos com diferentes culturas. Para bem observar e captar esta movimentação, o cotidiano será o espaço em que as práticas socioeconômicas e culturais demonstram muito bem sua diversidade e sua multiplicidade. É no cotidiano que estes dois grupos ora se aproximam ora se separam.

Julli Wendpap, descendente de imigrantes, nascida no Paraguai em 1983, filha de agricultores, mãe de três filhos, todos nascidos no Paraguai, informa que não seguiu a profissão dos pais, mas se tornou proprietária, juntamente com seu esposo, de uma oficina metalúrgica em Corpus Christi²⁴¹. A jovem mãe, tranquila em sua fala, demonstra profundo conhecimento da região em que nasceu e cresceu. Ao falar sobre a rotina de sua família, aponta espaços de sociabilidade e convivência entre os descendentes de imigrantes brasileiros e os paraguaios.

(...) o contato com os paraguaios está em praticamente todos os lugares. Na escola, no trabalho, no comércio. Aqui na firma temos funcionários de origem brasileira e paraguaios e não têm diferença para nós [...]. Acho que só no setor de serviços públicos que praticamente não tem brasileiros. Na prefeitura aqui de Corpus Christi, a predominância é de paraguaios, mas

²⁴⁰ SOUZA, M. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

²⁴¹ Corpus Christi é uma cidade ou distrito do Paraguai, localizada no norte do Departamento ou Estado de Canindeyú, no Paraguai. Foi fundada em 13 de junho de 1968, sendo uma das mais antigas cidades. Tornou-se cidade oficialmente pela Lei n.º 497 de 18 de dezembro de 1974. A principal atividade econômica é a agricultura.

tem outros lugares como San Alberto²⁴², por exemplo, que é de colonização brasileira, que já tem descendentes na vida política. Nos hospitais públicos também é difícil ver descendentes brasileiros. Mas eu tenho uma conhecida, que os avós vieram do Brasil, ela estudou e fez concurso público e hoje é doutora (médica) em um hospital público.²⁴³

O relato acima aponta para elementos pertinentes às relações interétnicas e sociais que foram e estão sendo estabelecidas entre descendentes de imigrantes brasileiros e paraguaios. Nesse emaranhado de relações, os sujeitos tendem a viver a dicotomia do aceitar ou negar e definir como boas ou ruins suas formas de viver. Esta sensação de dualidade tende a um equilíbrio dinâmico, no qual um novo processo poderá surgir com novas formas de pensar, organizar e sentir, através do contato mais estreito entre descendentes da segunda geração de imigrantes brasileiros com os paraguaios.

Na visão de Santos, o espaço escolar é um dos locais privilegiados para estudar os encontros e desencontros entre filhos de brasileiros nascidos no Paraguai e paraguaios.²⁴⁴ Cabe destacar que a dificuldade de acesso às escolas paraguaias, nos tempos de chegada, principalmente em razão do isolamento geográfico, foi fator limitador para que houvesse uma maior integração, especialmente linguística, entre brasileiros e paraguaios no início da colonização. Em alguns casos, a concentração de imigrantes brasileiros em regiões de abertura de fronteira agrícola, distante de povoados paraguaios, acabou sendo um fator limitador para a integração entre os dois povos. Entretanto, esta situação já não mais acontece com a maioria dos filhos de brasileiros nascidos no Paraguai. Hoje, muitas dessas famílias possuem condições de vida melhores do que na época da chegada, por exemplo, conseguem pagar o estudo, mesmo em escolas distantes do lugar onde moram. No caso dos moradores da Gleba 11 (Alto Paraná), para cursar a quinta série em diante na cidadezinha de Santa Fé, era preciso que percorressem aproximadamente vinte quilômetros de estradas vicinais, diariamente, com recursos próprios.

Marcos Voigt, descendente de imigrantes, cujo pai chegou ao Paraguai nos anos 1980, cursou Engenharia Elétrica na Universidade Católica de Ciudad de

²⁴² San Alberto é uma das cidades ou distritos do Departamento ou Estado de Alto Paraná. Situa-se na região Norte do Paraguai, aproximadamente 411 km da cidade de Asunción. Seus primeiros habitantes foram em sua totalidade brasileiros provenientes do Estado de Santa Catarina e do Paraná, Brasil. É conhecida como a capital da agricultura.

²⁴³ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruze Guaraní, (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

²⁴⁴ SANTOS, M. E. P. **O cenário multilíngue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. Campinas: UNICAMP, Doutorado em Linguística Aplicada, 2004. (Tese de Doutorado).

Leste. Aos 28 anos de idade, relata as diversas etapas de sua vida escolar, deixando transparecer, ao longo da entrevista, seus sentimentos com o lugar em que vive e se relaciona. Muito à vontade, com sotaque espanhol, apresenta um recorte de sua trajetória de vida:

Os seis primeiros anos, estudei na Gleba 11. Lá, a maioria era descendente de brasileiros, tinham bem poucos paraguaios. Ali que comecei a falar em espanhol, porque em casa meus pais não falavam. Também comecei a conhecer a história do Paraguai, como se escreve, a gramática do espanhol e tudo isso. Meus primos estudavam comigo, então eram quase todos conhecidos. Durante esses seis anos, eu tive quatro professores, quase todos os anos trocava. Como na Gleba 11, só tinha até o sexto ano, a partir daí, tínhamos que ir para Santa Fé. A gente ia de transporte. Meus parentes, vizinhos. [...] ali eu tive que aprender a falar espanhol. Tinha muitos paraguaios e para facilitar a “interactuação”²⁴⁵ minha com meus professores e colegas paraguaios. Ali também comecei a ter um contato mais próximo com a língua Guarani, porque alguns colegas e professores falavam em Guarani. Foi difícil [...], tive que aprender nessa fase do colégio. O professor, às vezes falava em Guarani, mas a maioria das aulas, eram em espanhol. Foram seis anos de escola mais seis de colégio, aí fui para faculdade em Ciudad de Leste. Estudei na particular, Universidade Católica. Vim morar em Hernandárias. Foram seis anos até terminar a carreira. No caso, na faculdade não tem mais o idioma guarani. Mas ninguém falava português. Tive que me adequar totalmente à língua paraguaia (neste caso refere-se à língua espanhola), porque não tinham outros descendentes de brasileiros fazendo meu curso. Então, tive que aprimorar minha pronúncia e tudo mais. Ali que eu me senti completo, porque hoje me sinto paraguaio e porque sou igual a eles. Não tem diferença.²⁴⁶

O fato de o Paraguai possuir duas línguas oficiais²⁴⁷ acaba tornando mais complexa a apropriação da identidade linguística paraguaia para os descendentes de imigrantes brasileiros. De acordo com Green, conflitos relacionados à língua, educação ou normas culturais são impactantes em qualquer processo de assimilação de um grupo migrante, através do tempo.²⁴⁸ O uso da língua guarani no Paraguai é mais comum no interior do país. E, desse modo, é resultado da presença dos índios guaranis em quase todo território paraguaio na chegada dos colonizadores espanhóis. Como herança cultural, que se produziu naquela época, a língua guarani, é uma identidade única do povo paraguaio. É como se a língua

²⁴⁵ Ao fazer uso dessa palavra fica implícita a presença do sotaque espanhol.

²⁴⁶ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

²⁴⁷ São reconhecidas duas línguas oficiais no Paraguay: o guarani e o espanhol. O guarani é falado em 59% das casas e o espanhol em 35,8%. O português é o idioma estrangeiro mais falado no Paraguai, com 2,9% das casas. PARAGUAY. Anuário Estadístico Del Paraguay. Asunción, Fdo de la Mora: DGEEC, 2002.

²⁴⁸ GREEN, N. **Tempo e estudo da assimilação**. Antropolítica. Niterói n. 25, p. 23-47, 2. sem. 2008.

espanhola, por si só, não caracterizasse um “paraguaio legítimo”, sendo necessário também, dominar a língua guarani para alcançar tal reconhecimento, quer dizer, o reconhecimento de uma identidade cultural paraguaia.

Os descendentes dos imigrantes brasileiros estão em contato direto com os dois idiomas oficiais do Paraguai, e vivem experiências que os pais e avós não vivenciaram. Contudo, os imigrantes, mesmo aqueles radicados no Paraguai há praticamente quatro décadas, admitem que, às vezes se sentem como estrangeiros no Paraguai e que têm dificuldade em aprender outro idioma. Isso já é diferente para os descendentes que os seus filhos e netos que pelo fato de terem nascido naquele país e de frequentarem escolas paraguaias aprenderam a se comunicar em espanhol e guarani, embora em casa mantenham o português como idioma para melhor se comunicarem com os pais.

A língua guarani, embora oficial²⁴⁹, não ocupa o mesmo lugar da língua espanhola. É ensinada nas escolas como uma disciplina que compõe o currículo escolar e não é empregada com a mesma frequência que a língua espanhola em todo material impresso que circula no Paraguai (livros, jornais, revistas ou documentos escritos). De acordo com Meliá,

(...) serían dos las lenguas comunes en este país: guaraní y castellano. Ahora bien, en la práctica, el guaraní carece de todos los atributos propios de lengua oficial, como sería el uso público. Ni el Estado ni los medios de comunicación – salvo alguna tímida excepción – usan la lengua propia del país que es el guaraní, cuando en realidad es la más común en la relación comunitaria. El guaraní está ausente de la que puede llamarse vida moderna: tecnología, comercio, cultura formal, administración pública.²⁵⁰

Diante disso, aprender a língua guarani é muito mais resultado do contato direto com a parcela da população paraguaia que fala guarani, do que um aprendizado escolar. Wagner Salvadego, nascido no Paraguai em 1988, filho de mãe brasileira e pai de criação de origem brasileira, mas de naturalidade paraguaia, relata como aprendeu falar a língua guarani e, ao mesmo tempo, descreve como entende a prática linguística do país em que nasceu e cresceu:

²⁴⁹ Segundo o Censo Nacional de Población y Viviendas, o Estado Nacional do Paraguai oficializou o espanhol e o guarani como línguas nacionais em 1992. ²⁴⁹Paraguay. Resultados finales. **Censo Nacional de Población y viviendas**. Año 2002 – Total país. Fernando de La Mora: DGEEC.

²⁵⁰ MELIÁ, B. La interculturalidad y la farsa del bilingüismo. **Rev. Abehache**, a. 2, n. 2, 1. semestre 2012. p. 90.

Eu nunca fui obrigado aprender guarani. Aprendi espontaneamente, pela convivência desde criança com pessoas que falavam guarani. Quando vi já estava falando! Já notei que lá em *Asuncion* eles não falam guarani como aqui. É mais no interior do Paraguai que se fala guarani. (...) Em *Asuncion* você vê muitas pessoas loiras de olho verde ou azul. São descendentes de espanhóis. A mistura com os índios aconteceu mais no interior. Na capital do país predomina o espanhol e o guarani é mais falado no interior.²⁵¹

Não é possível traçar um modelo de integração que traduza e uniformize o grau de sociabilidades e relações interétnicas entre os descendentes de imigrantes brasileiros e os paraguaios. Até porque, os imigrantes brasileiros no Paraguai, nos tempos de chegada, tiveram um tipo de situação, enquanto seus descendentes tiveram e estão tendo um maior estreitamento das relações, principalmente, por causa da escola; viveram e vivem uma realidade diferente dos seus pais. Este cenário, se relaciona aos vínculos entre os imigrantes de um determinado grupo ou lugar, neste caso, os liga à sociedade paraguaia. É certo que, os sentimentos e representações do Brasil continuam presentes no cotidiano dos primeiros imigrantes e no imaginário de seus descendentes, após tantas experiências e histórias relatadas pelos avós e pais brasileiros. Certamente, tais memórias estarão presentes no estabelecimento de relações e transformações sociais que acontecem nos espaços onde se entrecruzam os descendentes de brasileiros e os paraguaios, de tal forma que a realidade cotidianamente é reinventada pelos diferentes grupos que coexistem e, sem dúvida, a efetivação da língua falada – espanhol e guarani – é um dos elementos que promovem a identidade nacional e sentimentos de pertencimento ao lugar.

Ainda sobre o contexto escolar, tem-se o relato do técnico em agropecuária Áureo Friguetto, que chegou ao Paraguai, em 1971, aos quatro anos. Casado, pai de duas filhas, ambas nascidas no Paraguai, Áureo tem uma história que difere um pouco da maioria das famílias de imigrantes brasileiros que se estabeleceram no Paraguai. Seus pais optaram por fixar moradia na cidade paraguaia da Santa Fé, o que lhe deu a oportunidade de uma estreita convivência com a população paraguaia desde a tenra idade.

Eu comecei a estudar com os paraguaios, então eu tinha muita dificuldade com a língua. Costumava-se ensinar em espanhol, mas o que se falava na hora do recreio era só o guarani. [...] Com o decorrer do tempo fui aprendendo. Depois que eu aprendi o espanhol e o guarani, ficou tudo mais

²⁵¹ SALVADEGO, W. F. O. **Entrevista**. Katueté, 24 de junho de 2015.

fácil. Já não havia a discriminação. Existia discriminação com os brasileiros que não tinham facilidade de aprender, esses eram discriminados na escola.²⁵²

Daniela Friguetto Nodari, que é filha de Áureo Friguetto, nascida no Paraguai em 1993, é uma jovem universitária que está cursando o quarto ano de Ciências Contábeis (*Escribania*), na Universidade Católica de Ciudad del Leste, sendo que já atua em uma *escribania* na cidade de Hernandárias. Observa-se que Daniela leva o sobrenome da mãe como último sobrenome, uma vez que nasceu e foi registrada no Paraguai onde isso é de costume. Ela também se expressa sobre os contatos entre imigrantes brasileiros e paraguaios, algo que foi recorrente no conjunto das entrevistas e constrói sua impressão a partir da própria experiência de vida:

[...] na época dos meus pais e avós as pessoas tinham mais receio do povo daqui porque não conheciam nada e não sabiam falar. É o conhecer mais e conviver mais que faz a diferença. Para meus “nônos” (avós maternos) era tudo estranho, para mim não, eu nasci aqui e cresci aqui, desde criança tenho amigos paraguaios, na escola a gente aprende a cultura, os costumes, então, não tem porque ter o receio que meus “nônos” tinham. Cada dia a gente vai conhecendo um pouco mais e sentindo que não tem diferença.²⁵³

Assim como o jovem Marcos Voigt, Daniela Friguetto também apresenta forte sotaque da língua espanhola. Expressa com naturalidade seu sentimento de pertencimento ao falar “nasci aqui, cresci aqui”.²⁵⁴ Esse sentimento de pertença tem papel importante na construção de uma comunidade, conforme apontou Spinelli Júnior, para quem o senso de pertencer a uma comunidade é um fator imprescindível para determinar a coletividade.²⁵⁵

Nota-se nos relatos dos descendentes de brasileiros imigrantes no Paraguai a manifestação dos sentimentos por seu local de vivência, importantes para a coesão e para a vida social e comunitária. É um sentimento de pertencimento social e cultural, o qual fundamenta laços pessoais na comunidade e fortalece o reconhecimento da adesão aos princípios da vida em comum num mesmo

²⁵² FRIGUETTO, Á. *Entrevista*. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 31 de janeiro de 2009.

²⁵³ NODARI, D. F. *Entrevista*. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

²⁵⁴ NODARI, D.F. *Entrevista*. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

²⁵⁵ SPINELLI JÚNIOR, V. Bauman e a impossibilidade da comunidade. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais* – CAOS, n. 11. p. 01-13. Out. 2006. Disponível no site: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

espaço.²⁵⁶

Na concepção de Valle, o sentimento de pertença pode ser definido por laços que prendem o sujeito ao modo de ser, fazendo com que se sinta e aja como participante, no que diz respeito aos papéis sociais, às normas e aos valores²⁵⁷. Deste modo, no espaço escolar, os filhos e netos dos imigrantes brasileiros se sentem inseridos, pois aprendem as línguas oficiais do país, a história e a geografia paraguaias. Além disso, cantam o hino nacional e debatem questões sobre o Paraguai, aprendem folclore, música e cultura paraguaia. Em contrapartida, esses descendentes recebem também a influência cultural do Brasil no cotidiano de suas casas e imagens televisivas.

Fabiana Schwerz, nascida em Puente Kyjha, em 1991, descendente de brasileiros por parte de mãe e de pai, recém-casada com um agricultor, em uma espécie de desabafo, contou sobre a impressão que teve quando viajou a primeira vez ao Brasil, aos 17 anos: “me senti uma estranha lá, o jeito de falar das pessoas, o sistema das lojas, é tudo diferente daqui”.²⁵⁸ A afirmativa “me senti uma estranha lá” nos reporta a uma situação de “fronteira cultural”, a qual é sentida pela depoente no momento em que ela percebe que é “tudo diferente” do lugar em que ela nasceu e cresceu.

Para o sociólogo argelino Sayad Abdelmalek, um processo migratório provoca alterações das mais perniciosas do ponto de vista cultural. Tais mudanças podem ocorrer no modo de vida, nas maneiras de pensar e agir, nos comportamentos, nas práticas cotidianas nas atitudes. O autor destaca que as alterações do ponto de vista cultural

referem-se, em última análise, a tudo que é submetido sob o processo de assimilação, ao que está implicitamente contido no que se reconhece como semelhança e dessemelhança. De um lado e de outro, a emigração e imigração são suspeitos de subversão ou mais ou menos abertamente acusados de alterações culturais.²⁵⁹

²⁵⁶ Weber, que discorreu sobre o sentido de adesão, indica que este faz com que as pessoas se sintam participantes de um território comum, considerando a comunidade como relação social na medida em que a orientação da ação se baseia no sentido da solidariedade, resultante da ligação emocional entre os participantes. WEBER, M. **Conceitos básicos de sociologia**. São Paulo: Centauro, 2005.

²⁵⁷ VALLE, E. Conversão: da noção teórica ao instrumento de pesquisa. **Revista Eletrônica de Estudos da Religião** – REVER. Disponível no site: <http://www.puc.br/rever/rv2_2002/t_valle.htm>. Acesso em: 07 mar. 2016.

²⁵⁸ SHCWERTCH, F. M. **Entrevista**. Curva da Lata, (Katueté-Py), 14 de maio de 2015.

²⁵⁹ SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 228.

Tendo nascido e crescido no Paraguai, Fabiana não somente não se identificou com a terra de seus pais, como também se sentiu uma estranha, no Brasil. Diante deste cenário, qual seria, então, o universo cultural com o qual Fabiana se identificaria? Certamente, não é o mesmo dos seus pais, que a mais de três décadas emigraram do Brasil para o Paraguai. A jovem possui uma identidade singular, resultante de sua trajetória de vida, vivida em uma sociedade distinta da de seus pais. As alterações culturais a que Sayad se refere, ficam implícitas de uma geração para outra; no entanto, é preciso atentar às particularidades vividas em cada processo migratório, como também às diferentes experiências vividas pelos sujeitos sociais.

Ao analisar esse quadro é necessário também observar a questão da que Hall aponta como “deslocamento de uma perda do sentido”²⁶⁰. Nesse tema, Hall baseia sua tese ao estudar e buscar compreender a relação entre velhas e novas identidades, de forma que as últimas ocorrem como fator desestabilizador do homem de hoje, gerando a crise identitária. Hall trata das mudanças de identidade como sendo o resultado de um deslocamento e de uma perda do sentido do eu, do lugar que o sujeito ocupa no universo social e cultural. A identidade se forma através de processos inconscientes, e o sujeito não nasce com ela, mas é formado com o passar do tempo. Não se pode abordar identidade como um processo pronto e acabado, deve-se falar em identificação como um processo em movimento.²⁶¹ Especificamente em relação ao nosso estudo, pode-se perceber que os “brasiguaios” construíram sua identidade a partir dos contatos interétnicos entre os descendentes de imigrantes e os paraguaios, produzindo novas identificações culturais.

A identificação dos imigrantes radicados e seus descendentes com a cultura paraguaia, nasce especialmente no âmbito social. De acordo com Grimson, esse movimento é liminar e situacional em que a identificação brasileira está em trânsito, reforçada pela memória dos mais velhos, enquanto que a identificação paraguaia ainda pode estar em construção.²⁶² A depoente Fabiana Shcwerch, ao recordar a passagem da infância, relata como foi seu primeiro dia de aula em uma escola rural em Fazenda Paloma, departamento de Canindeyú:

²⁶⁰ HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.73.

²⁶¹ Ibid., p.73.

²⁶² GRIMSON, A. **Fronteras, naciones e identidades: la periferia como centro**. Buenos Aires: La Coruja, 2000.

Lembro do primeiro dia de aula, como se fosse hoje. Os alunos eram todos daqui [refere-se ao Paraguai]. A maioria falava “brasileiro”. Os professores só falavam em “castelhano”. Eu não me importei porque desde pequena a gente tinha contato com os paraguaios e eu já compreendia quase tudo o que eles falavam. Então, não achei difícil.²⁶³

No depoimento há um indício importante de que os contatos com a sociedade paraguaia aconteciam desde com frequência, “a gente tinha contato com os paraguaios e eu já compreendia quase tudo”.²⁶⁴ Considerando que se tratava de uma criança, moradora da zona rural, que está ingressando em idade escolar, o não estranhamento da língua espanhola, sinaliza contatos prévios com a sociedade receptora. Aponta também a existência de um aprendizado informal de grande significado cultural em um ambiente migratório.

Nesse contexto, nota-se que falar o idioma do Paraguai é um importante fator de integração na sociedade. Aprender o idioma da sociedade receptora, além da inserção, evita discriminações, identificando-os com os demais integrantes do grupo em que se correlacionam. O idioma compõe, portanto, uma linha tênue na qual diferenças culturais e sociais são amenizadas, de modo que a identidade dos imigrantes brasileiros passaria a ser reconhecida mediante a aprendizagem e a comunicação em língua espanhola e guarani.

Não só no idioma, mas em diversos aspectos, o encontro entre brasileiros imigrantes e paraguaios se caracterizou num contexto de diferenças culturais. O idioma é um dos fatores evidentes neste cenário, falam-se três idiomas: o espanhol, o guarani e o português, e, dentre os três, o guarani continua sendo o idioma mais falado, especialmente, na zona rural paraguaia.²⁶⁵

Neste mesmo quadro, a descendente Julli Wendpap também relata a importância da apropriação do guarani pelo descendente de imigrante como fator de inserção social. É interessante destacar que não houve relatos de uma imposição do idioma sob a forma de truculência direta. Pelo contrário, os relatos demonstram que houve certa unificação da língua socialmente falada sob a forma de aceitação cultural. Nesse sentido, quando os descendentes dos imigrantes aceitaram a língua falada no Paraguai, aprenderam seus códigos e significados e passaram a utilizá-la

²⁶³ SCHWERZ F. M. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté), 15 de maio de 2015.

²⁶⁴ SCHWERZ, F. M. **Entrevista**. Curva da Lata (Katueté), 15 de maio de 2015.

²⁶⁵ PARAGUAY. Resultados finales. **Censo Nacional de Población y viviendas**. Año 2002 – Total país. Fernando de La Mora: DGEEC.

nas escolas e em outros setores sociais para melhor se relacionarem. Julli Wendpap ressalta ainda, sua percepção sobre a importância da língua para aprender mais com a sua professora e se relacionar melhor com os colegas da escola:

A professora não falava português. Estudei até a 5ª série com a mesma professora e ela nunca falou nada em português. Eu aprendi com ela. Até hoje se estiver em um local em que uma pessoa fala espanhol eu também falo. Eu prefiro falar em espanhol do que português. Me incomoda que eu tento falar em português e quando vejo estou falando espanhol. Eu acredito que devo isso aquela professora, ela cobrava isso da gente. Quando fui estudar na vila²⁶⁶ comecei a aprender guarani. A escola era maior e tinha muito mais alunos paraguaios que brasileiros. Em pouco tempo eu já entendia o que eles falavam em guarani e me virava bem. Estudei quatro anos ali com muitos paraguaios.²⁶⁷

Desse modo, considera-se o que Candau acentua: que o processo linguístico é um dos principais elementos para perceber questões relativas à identidade, etnicidade e alteridade²⁶⁸. Nesse aspecto, a depoente Julli Wendpap demonstra que descendentes de imigrantes brasileiros confirmam a existência de um ambiente de alteridade no momento em que se formaliza a apropriação do espanhol e do guarani pelos descendentes de brasileiros.

De acordo como que foi exposto, falar em guarani é visto como expressão de nacionalidade para os paraguaios. Quem adentra as fronteiras no Paraguai passa a ser visto como estrangeiro e falar em guarani é condição de aceitação, cidadania e socialização. Esta característica seria como a “peça chave” que diferenciaria os descendentes de imigrantes de imigrantes dos imigrantes. E isso, é obviamente decorrente da participação no ambiente escolar paraguaio. Nas escolas públicas são ensinados os dois idiomas e os filhos dos imigrantes brasileiros manuseiam o material didático em espanhol, têm aulas em guarani, assim como todos os demais estudantes.

O reconhecimento do guarani como língua oficial e o seu destacado lugar como língua materna para a maioria da população é ingrediente fundamental na configuração das línguas da fronteira entre Brasil e Paraguai; sobretudo, pela importância étnica e identitária que o guarani ocupa frente a outras línguas dos

²⁶⁶ Refere-se à cidade de La Paloma do Espírito Santo. Localizada a aproximadamente 70 km de cidade brasileira de Guaíra.

²⁶⁷ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani, (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

²⁶⁸ CANDAU, V. M. Sociedade Multicultural e Educação: tensões e desafios. In: Caudau V. M. (Org.). **Cultura (s) e Educação**. Entre o crítico e o pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

imigrantes e a língua espanhola.²⁶⁹

Por conseguinte, se o idioma é um elemento identitário e expressão de nacionalidade²⁷⁰, nesse momento inicial de entrecruzamento de culturas, é valor preservado tanto por brasileiros como por paraguaios. De acordo com Silva, os sujeitos históricos que ocupam o mesmo espaço, ativam atos de criação linguística, porque ambos não são criaturas de um mundo natural ou transcendental, mas de um mundo cultural e social. Além disso, são os sujeitos que as produzem no contexto das relações culturais e sociais. Portanto, a identidade é criação social e cultural, que ocorre a partir do vínculo com o lugar de pertencimento e de segurança para um determinado grupo social.²⁷¹ No contato com os paraguaios, os descendentes de brasileiros redefiniram a sua identidade, fundindo-a a elementos da cultura local e promovendo novos arranjos, conforme relata Wagner Salvadego:

Todo lugar que eu vou sempre me sinto em casa. Talvez porque eu sei falar em espanhol desde criança, se vou num lugar que as pessoas estão falando em espanhol eu falo também. E se falam em guarani eu falo também. Se eu não falo que sou um descendente de brasileiro a maioria nem percebe. Já me perguntaram se eu era de *Asuncion*.²⁷²

As dificuldades de comunicação no espaço escolar eram maiores na escrita e na leitura e menores na oralidade. Pereira, observa que, sem dúvida, a língua é um dos grandes desafios a serem vencidos no encontro de diferentes culturas, visto que, num mesmo espaço, residem grupos sociais diferenciados pela língua, pelos costumes, pelas crenças e pelos saberes: “Não é possível desconsiderar que estas questões afetam as realidades educacionais [...]”.²⁷³

Assim, a diversidade linguística permite refletir que os descendentes de brasileiros no Paraguai se adaptaram à realidade local e que o ensino escolar foi um espaço no qual houve a homogeneização e a padronização de línguas, quer sejam o espanhol ou o guarani. Além dos conteúdos disciplinares, como bem aponta o

²⁶⁹ STURZA, E. R. **Línguas de fronteira**: o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, 2, 57, São Paulo. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

²⁷⁰ Na construção de um Estado-nação, conceitos como língua e cidadania estão relacionados. Sem a aceitação da língua do país receptor, o imigrante e seus descendentes poderão ser vistos sempre como estrangeiros.

²⁷¹ SILVA, T. T. A. **A produção social da identidade e da diferença**. Petrópolis: vozes, 2000.

²⁷² SALVADEGO, W. F. de O. **Entrevista**. Katueté, 14 de junho de 2015.

²⁷³ PEREIRA, J. H. do V. Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul. In: **Revista de Múltiplas Leituras**. Jan. Jun., 2009, v. 02, n.1, p. 51-63. p. 58.

Figura 11 - Boletim escolar emitido pelo *Colégio Nacional Castilla Doz*, Departamento de Caaguazú, 2015

BOLETIN DE CALIFICACIONES DEL BACHILLERATO CIENTIFICO CON ENFASIS EN CIENCIAS SOCIALES

ALUMNO/A: LORENZONI KHUN, ANA LAURA ... CURSO: TERCERO Sección: Turno: MAÑANA Año: 2015.

Áreas - Disciplina	Periodos								Observación
	Periodo ordinario				Periodo Complementario		Periodo Regularización		
	Calificación		Calificación Final						
	Número	Letras	Número	Letras	Número	Letras	Número	Letras	
Lengua, Literatura y sus Tecnologías									
Lengua Castellana y Literatura	5	Cinco	5	Cinco	5	Cinco			
Guarani Ñe'ê	5	Cinco	5	Cinco	5	Cinco			
Lengua Extranjera	4	Cuatro	5	Cinco	5	Cinco			
Ciencias Básicas y sus Tecnologías									
Física	3	Tres	5	Cinco	4	Cuatro			
Química	4	Cuatro	5	Cinco	5	Cinco			
Matemática y sus tecnologías									
Matemática	4	Cuatro	4	Cuatro	4	Cuatro			
Ciencias Sociales y sus Tecnologías									
Historia y Geografía	5	Cinco	3	Tres	4	Cuatro			
Economía y Gestión	5	Cinco	4	Cuatro	5	Cinco			
Educación Física y sus Tecnologías									
Educación Física	4	Cuatro	5	Cinco	5	Cinco			
Desarrollo Personal y Social									
Orientación Educacional y Sociolaboral	3	Tres	4	Cuatro	4	Cuatro			
Política	5	Cinco	5	Cinco	5	Cinco			
Sociología	5	Cinco	4	Cuatro	5	Cinco			
Educación Económica y Financiera	5	Cinco	4	Cuatro	5	Cinco			
Informática	5	Cinco	5	Cinco	5	Cinco			
Proyecto					4	Cuatro			

Total de Puntos: _____

Termino Medio: _____

Proyecto/a: Si _____ No _____

Firma del Padre/Madre o Encargado _____

Firma del/a directora/a _____

Prof. Nancy L. Castilla Ten Brinckmann
Directora
M.E.C. Nº 27.000

Fonte: Documento particular da depoente Ana Laura L. Khun.

Os boletins acima corroboram as informações colhidas nas entrevistas, sobre o contato com a língua guarani e a língua espanhola no ambiente escolar. Lembrando que elas fazem parte do currículo escolar desde às séries iniciais, tanto a língua materna, o espanhol, como a segunda língua, o guarani. Estas disciplinas constam no currículo escolar das diversas fases do ensino, possibilitando aos jovens a aquisição da competência linguística. No caso dos descendente de imigrantes, isso vai lhes permitir igualdade de trânsito também no universo linguístico da comunidade receptora.

A jovem Ana Laura fala com entusiasmo sobre sua trajetória de vida. Ela ressalta que sempre gostou muito de estudar e sobre a questão da língua, relata:

(...) sempre estudei guarani e espanhol, desde o primeiro ano quando ainda era pequeninha. Na escola, falamos em espanhol. Em casa, conversamos em português. Tenho colegas e professores paraguaios. Leio e escrevo em espanhol. Para mim, é difícil escrever português corretamente.²⁷⁵

Os depoimentos arrolados nesta seção corroboram a existência de um processo de assimilação da cultura linguística, dentre outros elementos, decorrentes do contato constante dos descendentes de imigrantes com a cultura paraguaia. A

²⁷⁵ KHUN, A. L. L. Residente em Raúl Arsenio Oviedo. Caaguazú. **Entrevista** (concedida em Toledo), 19 de maio de 2016.

educação escolar que estes jovens receberam e ainda recebem traduz a essência da cultura paraguaia e oportuniza a eles a construção de uma identidade ímpar. Em casa, partilham do universo cultural de origem dos pais e avós, mas no meio social, em especial na escola, aprendem os valores culturais do país em que nasceram e cresceram.

Para Tedeschi, ao reconhecer o outro, permite-se o contato com trocas culturais entre grupos distintos para que, justamente, possam se reelaborar, evitando discriminações, preconceitos ou estereótipos. O reconhecimento da diversidade cultural e das diferenças permite o diálogo e trocas entre as duas culturas. Logo, a educação escolar poderia ser um fator de promoção da transformação social no sentido da identidade.²⁷⁶

3.3 Visto como “outro” no próprio lugar de nascimento

Ao estudar o quadro social no qual os imigrantes brasileiros se inserem, no Paraguai, há que se analisar a representação da expressão “brasiguaios”. Ela apresenta uma gama variada de sentidos e explicações, por meio dos quais, as relações socioeconômicas e culturais podem ser analisadas. Com o passar de três décadas (1985 a 2016), as configurações sociais do chamado “espaço brasiguaios” foram se alterando, assim como o sentido da expressão. Conforme já indicado, o termo “brasiguaios” surgiu, em meados dos anos 1985 e, naquele período, tinha o significado de contingentes pobres que viviam no Paraguai ou que re-imigraram para o Brasil.

Tal expresión, entretanto, no apareció em ningún documento o noticia anterior AL 14 de junio de 1985, cuando – frente a la divulgación de um Plan Nacional de Reforma Agraria em Brasil – más de mil familias así autoidentificadas volvieron masivamente Del Paraguay y armaron um inmenso campamento em la plaza principal de la ciudad fronteriza de Mundo Novo (Mato Grosso do Sul), reivindicando tierras.²⁷⁷

Assim, para Sprandel, a “identidade de brasiguaios” teria sido criada com o objetivo de organização e luta por direitos; entretanto, muitos agricultores brasileiros residentes no Paraguai não aceitam serem identificados como “brasiguaos”,

²⁷⁶ TEDESCHI, L. A. Interculturalidade: igualdade e diferença em debate. In: TEDESCHI, L. A. et al. (Org.). **Abordagens interculturais**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2008. p. 18-21.

²⁷⁷ SPRANDEL, M. Uma identidad de frontera y suas transformaciones. In: **Colección Signo**. Tradução: Laura Abramzón. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, setembro de 2000, p. 299.

provavelmente, por estarem radicados naquele país e se mantendo como agricultores nas suas terras e sem vínculos com os movimentos de reforma agrária.²⁷⁸ Conforme Albuquerque, desde 1985, esse termo já tomou vários sentidos: a) imigrantes pobres que foram ao Paraguai, que não ascenderam socialmente e resolveram regressar ao Brasil; b) aos grandes fazendeiros no Paraguai; c) aos filhos de imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; d) aos imigrantes e seus descendentes que falam um idioma fronteiriço e mesclam outros elementos culturais dos dois países; e) a todos os imigrantes brasileiros na nação vizinha.²⁷⁹

Entende-se que o conceito de representação é determinante para a discussão acerca de identidade. Nesse sentido, para se entender o conceito de identidade, seus conflitos e interesses, o enfoque de Chartier mostra-se bastante adequado, especialmente quando ele afirma que “as representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência e mesmo a legitimar escolhas”.²⁸⁰ O conceito de identidade também expressa união, porque se as propostas identitárias não forem assimiladas pelo grupo, como algo subjetivo, invalidam-se. A legitimação de uma identidade se dá pelo consentimento e pela ideia de pertencimento. “Toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença [...]. Porém, a identidade possui outra dimensão, que é interna. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”.²⁸¹

Renato Ortiz, aponta para uma característica da identidade, a de ser um componente que homogeneiza a população ao mesmo tempo que serve para diferenciar um grupo dos demais. São semelhanças construídas – cultura, línguas, passado histórico – que dão a ideia de pertencimento e que unem os indivíduos ou os fazem lutar por algo importante. O sentimento de identidade aparece sempre com mais força quando acontece algo que ameaça o grupo.

Por meio do contato e das entrevistas com os descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai, também foi possível perceber o sentimento de pertença

²⁷⁸ SPRANDEL, M. Uma identidad de frontera y suas transformaciones. In: **Colección Signo**. Tradução: Laura Abramzón. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, setembro de 2000, p. 299.

²⁷⁹ ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**: a imigração brasileira no Paraguai. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2005.

²⁸⁰ CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002. p. 17.

²⁸¹ ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

deles para com o lugar onde vivem. A descendente de imigrantes Julli Wendpap, nascida no Paraguai, refere-se a essa situação, em seu relato:

Às vezes acontece de o paraguaio nato, descendente de índio, eles ficam olhando a minha cor, porque eu sou muito branca e de olhos azuis. A primeira vista, eles me olham como brasileira, mas é só ter um pouquinho de conversa. É o primeiro impacto, pela minha fisionomia, mas é só conversar um pouco que eles já percebem que eu sou daqui do Paraguai mesmo.²⁸²

Não obstante, ao imaginar a cena do depoimento retratado não é difícil compreender como (paraguaios natos) perceberem que Julli Wendpap pertence ao mesmo espaço social (sociedade paraguaia). Logo, seria esta uma situação em que a hibridação cultural se manifesta claramente.

Apesar da situação narrada por Julli Wendpap, o idioma, ou a maneira de falar dos descendentes de imigrantes, ainda fazem os brasiguaios serem reconhecidos como brasileiros, uma vez que também falam o português. Um português que vai se perdendo com o passar do tempo. No conjunto das entrevistas foi recorrente os descendentes de imigrantes afirmarem ter dificuldade em escrever na língua portuguesa.

Vale salientar que os descendentes têm como primeiro idioma em casa o português, sem dominarem a língua portuguesa escrita, pois são alfabetizados no Paraguai na língua espanhola e guarani. Marcos Voigt, formado em engenharia elétrica pela Universidade Católica de Ciudad de Leste, sempre estudou em escolas paraguaias e fala o português com forte sotaque espanhol, utilizando palavras como *pronunciação* (pronúncia) e *discutição* (discussão), que sinalizam para a existência do hibridismo cultural:

[...] o idioma guarani é muito difícil de dominar por completo. Depois, na *pronunciacion*. Na mescla dos idiomas isso acaba gerando algum constrangimento na hora de apresentar trabalho na classe, falar em público. Aí quando tiravam sarro da *pronunciacion*, eu não me chateava, procurava aprender o certo do país. Sempre melhorando. Nunca chegamos a uma *discutição* por isso.²⁸³

Durante a realização das entrevistas, identificou-se, diversas vezes, a presença de sotaque espanhol na fala dos descendentes de imigrantes.

²⁸² WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

²⁸³ VOIGT, M. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

No relato de Marcos Voigt, transparece não ter ocorrido discussões entre estudantes; embora houvesse um certo constrangimento ao apresentar trabalhos. Mesmo havendo vínculos de amizade em alguns momentos, em outros, aconteciam situações discriminatórias.

Daniela Nodari, também descendente de imigrantes, ao falar sobre seus sentimentos para com o lugar em que nasceu e cresceu, sinaliza a existência de situações de ambiguidade vividas no cotidiano escolar:

Eu me sinto igual, eu sou igual às pessoas que nasceram aqui. Um professor na faculdade quis dizer que “porque os brasileiros têm diferença”. Eu disse não, eu nasci no Paraguai e quero o melhor para o Paraguai. O Brasil não é meu País, é dos meus pais, mas não meu. [...] Eu sou paraguaia, não é porque meus pais são brasileiros que eu vou ter que negar minha naturalidade. Eu nasci aqui, cresci aqui, estudei e estudo aqui, trabalho aqui.²⁸⁴

Além de situações adversas no espaço escolar, os descendentes de brasileiros também tendem a viver outros momentos em que aparecem questionamentos às diferenças. A descendente de imigrantes nascida no Paraguai, em 1982, residente e comerciante na cidade de Santa Fé del Paraná²⁸⁵, Viviam Schneider (28 anos), menciona que:

Volta e meia a gente ouve alguém dizer, porque você é filha de brasileiro, você é brasileira. Não é assim, eu nasci aqui, não é porque meus pais vieram do Brasil que eu tenha que ser tratada diferente. Fico triste, porque eu sou daqui, não me sinto brasileira, o Brasil não é o meu país.²⁸⁶

A maioria dos entrevistados não fala sobre esse assunto, o de vivenciarem situações discriminatórias. De fato, trata-se de uma questão pertinente à subjetividade de cada indivíduo. Enquanto alguns entrevistados afirmaram nunca terem sido “discriminados”, outros relatam tais experiências. Em alguns casos, verificam-se tensões vividas pelos descendentes de brasileiros no Paraguai no cotidiano escolar e social.

As relações que as pessoas estabelecem entre si possibilitam um olhar sobre a diversidade cultural existente entre grupos étnicos distintos.

²⁸⁴ NODARI, D. F. **Entrevista**. Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

²⁸⁵ Santa Fé del Paraná: cidade do Paraguai, localizada no estado Alto Paraná. É a mais recente cidade a ser criada no departamento de Alto Paraná, sua fundação foi no dia 11 de junho de 2003. A cidade está localizada a 45 quilômetros da capital do estado que é *Ciudad Del Este*.

²⁸⁶ SCHNEIDER, V. B. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 6 de setembro de 2015.

Ao relatar: “volte e meia a gente ouve alguém dizer [...] você é brasileira”²⁸⁷, a depoente, que é descendente de imigrantes, demonstra que existe uma visão estabelecida que acentua a diferença atribuída a ela pelo fato de ser de origem brasileira e vista como brasileira. Diante disso, ser brasileiro no Paraguai pode remeter ao imaginário construído pela sociedade paraguaia sobre a imigração de agricultores brasileiros para aquele país, onde o brasileiro é visto como invasor, capitalista e detentor de uma nacionalidade (identidade) estrangeira inimiga. Como indicado na introdução desta tese, este imaginário pode ter sido criado no contexto do desfecho trágico da Guerra do Paraguai (1864-1870) em que a população paraguaia foi praticamente dizimada pelo exército brasileiro.²⁸⁸

De acordo com Barth, um grupo conserva sua identidade quando os membros do mesmo grupo interagem uns com os outros, e isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas essa pertença e a exclusão. A fronteira étnica canaliza a vida social para uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais, e estabelecer relações com um outro grupo pode trazer uma situação de estranhamento²⁸⁹. Conforme vimos indicando, parece que a fronteira étnica entre brasileiros e paraguaios pode estar marcada pelo estranhamento, originado num passado mais remoto (a Guerra) ou mais recente (a imigração dos anos 1970) pincelado em um contexto de disputas em que milhares de vidas foram ceifadas.

Albuquerque, aponta para outro estigma: o da origem étnica dos imigrantes que, por terem ascendência alemã, italiana ou polonesa, têm sua cultura comparada à europeia, vista como superior dentro de uma perspectiva eurocêntrica. Isto ainda está presente em muitas sociedades e realidades vividas em muitos países latino-americanos, nos quais os descendentes de europeus são vistos como trabalhadores e com uma perspectiva racional e capitalista nos aspectos econômicos.²⁹⁰ Tal cenário não impede o estabelecimento de trocas culturais, mas de certo modo, dificulta o ambiente de integração que está em curso.

De acordo com Goffman, em situações como estas, em que de tantas

²⁸⁷ SCHNEIDER, V. B. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 6 de setembro de 2015.

²⁸⁸ Ver: DORATIOTO, F. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

²⁸⁹ BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**: grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo: UNESP, 1998. p.195-196.

²⁹⁰ ALBUQUERQUE, J. L. C. Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação. In: **I Colóquio internacional sobre dinâmicas de Fronteira**. Toledo: UNIOESTE, 2012.

culturas, línguas e valores estão presentes numa mesma área, acarreta conflitos identitários, étnicos e linguísticos, devido aos sentimentos de estranheza para com a cultura do outro. É em função desta convivência obrigada que, na maioria das vezes, surgem os estereótipos, os estigmas e o preconceito.²⁹¹

Cada etnia traz consigo referências, como o idioma e costumes, ou seja, possuem características étnicas que os distinguem. Para Magalhães:

As condições como os estrangeiros migrantes foram integrados nos mais diversos países varia de acordo com as políticas locais de acolhida e com o próprio contexto histórico da chamada sociedade receptora, mas, de todo modo, não deixam de ser diferentes. E não apenas os imigrantes propriamente ditos, aqueles que viveram a experiência migratória, mas também seus descendentes, filhos e filhas, aqueles que, muitas vezes, vivem todos os dilemas de ser um imigrante sem nunca ter migrado de fato.²⁹²

Reforça-se que, por ocasião da realização das entrevistas e em contato direto com os descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai, especialmente aqueles que nasceram e lá cresceram, percebeu-se um sentimento de pertencimento desses indivíduos àquela sociedade, como uma realidade inegável. A descendente de imigrantes Vivian Schneider (28 anos), em forma de desabafo, relata uma experiência que viveu no meio universitário quando cursava Odontologia na *Universid Católica de Ciudad de Leste*:

[...] Certa vez, um professor da faculdade insistiu em falar que os descendentes de imigrantes não podem se considerar paraguaios. Então eu perguntei por que não se nasci aqui (Paraguai) e cresci aqui, foi registrada aqui? Como já te disse antes, o Brasil não meu país. É o país dos meus pais mas não é meu! Então sou igual a qualquer cidadão daqui!²⁹³

No entanto, se por alguma razão, alguns segmentos da sociedade paraguaia não reconhecem esses indivíduos como pertencentes, no amplo sentido da palavra, à sociedade paraguaia, isso não quer dizer que esse pertencimento não exista. Conforme Caudau, despertar para o outro nunca é uma tarefa fácil. Implica em

²⁹¹ GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. (Trad. Márcia B. de Mello L. Nunes) Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1988.

²⁹² MAGALHÃES, G. M. **Frenteira do direito humano à educação**: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. USP, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2010. (Dissertação de Mestrado), p. 60.

²⁹³ Ibid., p. 60.

²⁹⁴ SCHNEIDER, V. B. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 6 de setembro de 2015.

questionar quem somos e quem são os outros, sendo que este é um processo de ambiguidades.²⁹⁴ Ainda nesse contexto, destaca-se que os filhos de imigrantes nascidos no Paraguai e com nacionalidade paraguaia vivenciam um universo cultural distinto da época de seus pais; no atual contexto, “os laços de proximidade entre as duas culturas vão se estreitando para os descendentes de imigrantes”.²⁹⁵

Nesse sentido, o contato entre descendentes de agricultores imigrantes e paraguaios propicia o intercâmbio interétnico, seja no aspecto social, religioso, linguístico ou econômico. Mas não se pode negar que há um processo de estranhamento e comportamentos discriminatórios ou de não aceitação das diferenças reciprocamente. São tensões próprias do sujeito histórico que se configuram com a sua dimensão cultural e social, e que se manifestam no cotidiano, consciente ou inconscientemente, de forma individual ou coletiva.

3.4 Entre a manutenção e o lento “desgaste” da cultura dos imigrantes brasileiros no Paraguai

Embora os descendentes de imigrantes brasileiros e os paraguaios frequentem lugares comuns, como a escola, a igreja, clubes e comércio, não se pode afirmar que os mesmos se identificam somente com a cultura paraguaia. Mas é preciso reconhecer que, nos primeiros tempos, apesar de permanecerem fortes os laços com o Brasil, esse cenário foi se modificando, e os laços com o Brasil diminuindo cada vez mais. Por exemplo, há o caso da descendente Fabiana Shcwetch que visitou o Brasil duas vezes, a primeira vez aos 17 (dezessete) anos, como já mencionado: “me senti uma estranha lá, o jeito de falar das pessoas, o sistema das lojas, é tudo diferente daqui.”²⁹⁶

Quando da chegada dos imigrantes, o ambiente era formado por brasileiros residindo no Paraguai, que conservavam seu idioma, usos, hábitos e tradições. Os descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai continuam tendo contato com os padrões culturais do Brasil por causa da convivência com seus pais, avós e demais familiares no Paraguai e no Brasil. Mas, para os descendentes, a intensidade desse

²⁹⁴ CAUDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. e CAUDAU, V. M. (Org.), **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

²⁹⁵ FIORENTIN. M. I. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010.

²⁹⁶ SHCWERTCH, F. M. **Entrevista**. Curva da Lata, (Katueté-Py), 14 de maio de 2015.

contato é diferente da de seus pais e avós. Marcos Voigt informa que:

Rezamos em português somente em casa, por causa dos mais velhos, mas na igreja se reza em espanhol. Eu sempre ajudo na liturgia porque a gente já tem domínio da leitura em espanhol. Os livros para seguir a catequese é tudo em espanhol. Missa, culto, batizado, casamento, qualquer coisa, a liturgia é em espanhol. Tem algumas orações que eu só sei em espanhol porque não aprendi em casa, só na catequese.²⁹⁷

No relato, visualiza-se a diferença na cultura linguística dos imigrantes com relação aos seus descendentes: enquanto os pais reproduzem sua cultura linguística no Paraguai, os descendentes transitam entre a cultura linguística de origem e a cultura linguística da sociedade receptora, sinalizando para uma situação de hibridação cultural.

Entre os descendentes, o caso de Edileide Turcato chama a atenção. Nascida em 1985, na comunidade de Corpus Christi, o pai e os tios paternos se mudaram para o Paraguai na década de 1970. Ela se casou com um brasileiro (metalúrgico) e, em 2012, mudou-se para o Brasil. Ela conta que viveu no Brasil por apenas oito meses:

Eu não me acostumava lá. Pensei que ia me adaptar logo porque sou de origem brasileira e falo português. Não foi assim. O português de lá é diferente. Tudo é diferente. Me sentia uma estranha. As pessoas são diferentes, o costume das lojas, o costume das pessoas é tudo diferente. É que o Paraguai é a minha terra. Nasci e cresci aqui. Eu me sinto bem aqui. Acabamos voltado para o Paraguai porque eu não me acostumei lá.²⁹⁸

Marcos Voigt e Edileide Turcato fazem parte de um conjunto de indivíduos que receberam influências culturais do Brasil, mas que nasceram e cresceram no Paraguai. Fizeram opções entre sua herança cultural e seus próprios aspectos psicológicos, considerando o contexto e a realidade em que estão inseridos e construíram uma identidade, adaptando-se. Desse processo, advém o caráter dinâmico e individual na formação de cada identidade.

Os descendentes de imigrantes precisam conciliar a herança cultural dos pais à sociedade receptora. Trata-se de um dilema pessoal em que, ou se mantêm parecidos com seus pais e familiares, ou assimilam novos traços culturais. Trata-se, portanto, de uma força criativa, capaz de produzir novas identidades, talvez mais

²⁹⁷ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

²⁹⁸ TURCATO, E. B. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 13 de maio de 2015.

adaptadas à realidade de cada momento e de cada lugar. Os descendentes de imigrantes receberam traços da cultura brasileira e, concomitantemente, incorporaram novos valores e costumes paraguaios, num fluxo que é permanente e, por isso, constrói uma identidade própria.

Porém, o grau de interação e de trocas culturais entre brasileiros e paraguaios depende muito da localização geográfica de cada povoamento, ou local de moradia. Conforme já indicamos, quanto mais distante dos centros de ocupação paraguaia, maior a força da cultura brasileira e menor a interação com a população paraguaia.²⁹⁹ No entanto, à medida que os descendentes vão estreitando laços com a sociedade paraguaia, por frequentarem escolas e Universidades, ou por laços afetivos, como amizades e casamentos interétnicos, a barreira do isolamento geográfico das colônias de imigração brasileira vem sendo rompida.

Considerando que a identidade é resultante da dialética entre indivíduo e sociedade, como propuseram Berger e Luckmann,³⁰⁰ a transição entre a cultura dos imigrantes brasileiros e a cultura paraguaia evoca a identidade dos descendentes de brasileiros, que varia conforme o sentimento de pertencimento e de aceitação que mantêm com o lugar em que estão fixados. “Se alguém me pergunta se sou brasileira, eu digo que não. Sou paraguaia! Sou filha de brasileiro, mas me sinto paraguaia porque nasci e cresci aqui!”³⁰¹

O espaço ocupado por dois grupos étnicos será definido a partir das relações culturais, sociais e econômicas estabelecidas entre estes grupos. Chartier e Bourdieu, ao discutirem as ideias de região e de etnia, indicam que as representações têm tanta importância quanto as lutas econômicas, visto que são os valores, as línguas e as práticas sociais que definem os espaços sociais, constituindo relações sociais e culturais, que formam a contingência espacial, instâncias formadoras do espaço.³⁰² Há, nesse aspecto, uma relação íntima entre a formação dos espaços com a sociedade em seus aspectos econômicos, sociais e culturais.

Tais concepções remetem às percepções de cada grupo, ou regiões, onde

²⁹⁹ FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba: Juruá, 2012.

³⁰⁰ BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1999.

³⁰¹ TURCATO, E. B. **Entrevista**. Cruze Guaraní (Corpus Christi-Py), 13 de maio de 2015.

³⁰² Cf. CHARTIER, R. **A história cultural práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988 e BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel. 1989.

as etnias brasileira e paraguaia passam a viver juntas, formando um “nós”, misturando-se, confundindo-se e se identificando. Nesse viés, tanto brasileiros e seus descendentes, como os paraguaios, imaginavam que sua cultura cotidiana fosse duradoura ou definitiva até o momento em que houve o encontro e o choque das diversidades culturais. No sentido de subsistir, os próprios novos grupos passam a se instrumentalizar de forma diversa em cada local e num movimento mútuo aprenderam a demarcar novas relações e referências identitárias.

A descendente Julli Wendpap desloca-se com facilidade por diferentes espaços no Paraguai. Logo se instrumentalizou e se apropriou das questões de localização, linguísticas, relacionamento social e leis; dessa forma, elaborou as estratégias de adaptação ao Paraguai.

Eu cresci aqui, sei como funcionam os locais, como a Prefeitura. Podem me soltar em *Asuncion* ou Cidade de Leste ou em qualquer lugar no Paraguai, eu me viro, me localizo falo em espanhol e até em guarani. Me sinto em casa em qualquer lugar do Paraguai. Já, se me soltarem em Foz do Iguaçu, fico com medo dos guardas de trânsito, não sei como as leis funcionam no Brasil. Nossa! Fico perdida, é tudo diferente.³⁰³

Daniela Nodari, também descendente, ressalta a questão dos relacionamentos interpessoais e a espontaneidade no estabelecimento de amizade com pessoas de origem paraguaia. Reside em Hernandárias, cidade paraguaia localizada à 30 km de distância das regiões de ocupação dos imigrantes brasileiros.

Tenho muitos amigos, a maioria é de origem paraguaia. São poucos que são descendentes de brasileiros. As minhas amigas que são descendentes de brasileiros estão mais afastadas daqui. São da colônia, meus primos e primas e pessoas de lá (refere-se à Gleba 11).³⁰⁴

Daniela Nodari demonstra viver uma intensa relação de soma e de reciprocidade, na medida em que estabelece intercâmbio com indivíduos de uma cultura diferente da de seus pais e de seus avós.

Na perspectiva da construção de uma identidade própria, a descendente Julli Wendpap relata que possui uma visão diferente dos seus pais. Afirma que se sente paraguaia e que torce pelo time de futebol do país:

³⁰³ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

³⁰⁴ NODARI, D. F. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

Na verdade, aqui é minha terra. Eu nunca morei no Brasil. Eu nunca senti o Brasil como minha terra. No colégio, sempre quando tinha jogo, copa... se caía Brasil e Paraguai, eu torcia para o Paraguai, e faço isso até hoje. Sei que sinto diferente dos meus pais, mas é isso que sinto. [...]. Aqui, no Paraguai, é minha casa, eu nunca senti que faço parte do Brasil.³⁰⁵

Com um falar manso e seguro, Julli Wendpap conduz à reflexão das relações entre identidade, cultura e modo de viver no Paraguai, demonstrando tranquilidade e segurança em expressar que é paraguaia. Percebe-se, em seu depoimento, espaços ou zonas de interstício para o engendramento de diferentes e novos estilos de vida, o seu, e não os dos seus pais, que resultam em uma situação de interação e de construção de uma nova identidade.

Descendentes de brasileiros no Paraguai, filhos e netos, possuem sua situação legal mais definida com documentos pessoais, porque são registrados e possuem vínculos com a sociedade paraguaia. Participam de serviços gratuitos de saúde e ensino, frequentam lugares na sociedade, participam da política, fazem amizades, constroem relações multiétnicas, conhecem as raízes históricas e culturais do Paraguai, adaptam-se entre o velho e o novo. Nesse processo, acham naturais as diferenças culturais e se apropriam desta cultura como a sua identidade, porque eles são e fazem parte do contexto.

Esse contato maior só aconteceu quando os filhos começaram a sair da colônia para estudar. Aí nós passamos a frequentar os lugares, fazer amizades. Hoje, está muito diferente de quando meus avós chegaram aqui. A gente nota que os mais velhos tinham um certo receio dos paraguaios. Mas, para nós, isso não existe, porque convivemos desde pequenos, na escola e tudo mais. Isso nos faz pensar e ver as coisas de um modo diferente que os mais velhos. Eles não nasceram aqui. Eu entendo o povo paraguaio porque estudei a história, as tradições. Os hábitos e comportamentos são para mim natural, mas para quem não teve essa vivência como meus avós é diferente.³⁰⁶

No conjunto das entrevistas, percebeu-se que, em sua maioria, os entrevistados conseguem transitar entre culturas distintas, compreender e se sensibilizar com outra cultura. Desse modo, veem com clareza a herança cultural recebida de seus pais e avós e, ao sair do círculo familiar e conviver “fora da colônia”, captam as diferenças étnico-culturais dos paraguaios.

³⁰⁵ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

³⁰⁶ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

Olha, quando eu era criança que a gente morava na colônia, eu não percebia nenhuma diferença, nem me dava em conta que a gente estava em outro país. Mas a partir do momento que a gente foi saindo da colônia para estudar e tudo mais, então, comecei a conhecer que o Paraguai tinha uma cultura diferente da dos meus pais e avós. Hoje, quando vou para o Brasil, eu percebo que lá é diferente daqui. O ritmo das pessoas, não sei, é tudo diferente daqui.³⁰⁷

Em síntese, conhecer o Paraguai significa conhecer sua história, seu povo, sua música, seu folclore, seus idiomas e compreender a mescla com todo o conjunto de elementos de uma herança cultural. Para os descendentes de imigrantes brasileiros, a construção desse conhecimento está em curso desde seu nascimento. No entanto, partilham no ambiente doméstico da herança cultural dos pais e de seus avós imigrantes e, simultaneamente, recebem também elementos do universo cultural do país de que são naturais.

3.5 Elementos da cultura paraguaia no “espaço brasiguai”: os gostos, as músicas, as comemorações cívicas e as crenças

Não há como falar em descaracterização cultural de imigrantes, descendentes de espanhóis e de indígenas. Adaptação seria o termo correto, visto que a cultura e seus símbolos linguísticos vão sofrendo adaptações em todos os tempos e em todas as sociedades. A cultura em todos os seus elementos sofre transformações e mudanças de significado. Somos muito mais do que “seres de natureza”, somos indivíduos de cultura, capazes de infinitas mediações e novas elaborações. Ao viver e conviver no Paraguai, poderíamos ser todos um pouco indígenas³⁰⁸, falando um pouco de espanhol, guarani e de português também.

Minha família já se acostumou com horário paraguaio. Almoçamos mais tarde que os brasileiros. O tererê é sagrado, não como no Brasil que é de vez em quando, aqui são várias vezes ao dia. Na repartição de trabalho tomamos tererê a toda hora.³⁰⁹

Além da identificação cultural, são vários os elementos utilizados pelos

³⁰⁷ POSSELT, S. G. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 8 de setembro de 2015.

³⁰⁸ O Paraguai é um país de forte influência da cultura indígena. A língua guarani, talvez seja a maior expressão disso.

³⁰⁹ NODARI, D. F. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

descendentes de imigrantes para legitimar a sua nova identidade - a língua, a educação escolar e os documentos regularizados. Nos espaços públicos e nas entrevistas, os imigrantes se assumiram como paraguaios, dizendo se sentirem integrados à sociedade e à convivência com os paraguaios. Daniela Nodari relata não haver mais a preocupação em identificar se a pessoa é brasileira e paraguaia:

A turma da colônia, hoje, já vem bastante para cidade, então a gente se encontra na discoteca, por exemplo. Então, se reúnem meus amigos daqui (Hernandária) e meus amigos da colônia. Eu acho que antigamente tinha um pouco de separação, e os brasileiros quase não vinham para a cidade. Hoje, não, é tudo misturado, na discoteca e tudo. Ninguém fica se preocupando em olhar se é brasileiro ou paraguaio.³¹⁰

Em outras palavras, desenvolveu-se um sentimento de pertença e de convívio amistoso em que descendentes de brasileiros nascidos no Paraguai conquistam e assumem como paraguaios os direitos e deveres da cidadania no Paraguai. Todavia, a identidade nacional não está ligada ao local de origem de seus pais brasileiros, mas ao fato de aceitarem serem paraguaios, pelo tempo de moradia no Paraguai, pelo convívio na escola e com amigos em outros ambientes sociais e pela opção de se sentirem como paraguaios. Essa condição legitima sua identidade nacional e rompe com a ideia de identidades fixas e consolidadas. Vão além, ultrapassando concepções étnicas, de estereótipos e de hierarquização de indivíduos. É “tudo misturado” quer dizer isso e mais: é uma constatação do conceito de unidade.

Embora, por um lado, a maioria dos pais imigrantes continuem transmitindo aos seus filhos os padrões culturais brasileiros, por outro, alguns optaram por assimilar padrões culturais distintos dos seus, como aponta Wagner Salvadego: “minha mãe acabou trocando o chimarrão pelo tererê. Também o bolo de milho salgado, que hoje a gente não passa uma semana sem fazer e se chama *chipa aguacú*.”³¹¹

Se pensarmos a construção e a manutenção da identidade pela perspectiva cultural e social, inegavelmente pode-se concluir que estas são produtos das relações culturais e sociais que os sujeitos históricos estabelecem com a sociedade que os gerou e na qual estão inseridos. Portanto, as identidades são construídas

³¹⁰ NODARI, D. F. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

³¹¹ SALVADEGO, W. F. O. **Entrevista**. Katueté, 24 de junho de 2015.

nas relações que os sujeitos estabelecem, independentemente de suas matrizes.

No conjunto das relações que se estabelecem, encontram-se também os aspectos psicológicos da aceitação e das opções individuais, uma vez que os sujeitos fazem escolhas culturais no contexto em que estão inseridos. Na construção de uma identidade são vários os tecidos utilizados: costumes, língua, religião. Não compartilhar todos estes elementos tornaria o brasileiro eternamente diferente, sendo, sobretudo, visto como o “outro”.

Diante disso, compartilhar seria a peça chave da plena integração. Compartilhar na escola, no bairro, na cidade, no país, no sentido de compor e estar num constante processo de recriação, tornando o lugar de pertencimento cada vez mais no sentido de juntar os sujeitos para um sentimento comum criativo e imaginativo. Nesse enredo, não seriam mais identidades separadas com seus padrões étnicos. A propósito, não viveriam de forma fragmentada, num contexto infértil, cada qual defendendo os seus padrões como sendo os melhores ou os mais socialmente aceitos dentro de um mesmo espaço.

Para Barth, o fato de ocorrer um compartilhamento de culturas não quer dizer que se percam características identitárias. Ou seja, compartilhar algumas similitudes, sejam elas advindas de diferentes etnias ou de padrões culturais, não quer dizer que se percam culturas arraigadas. Sobretudo, o que ocorre é a soma das diferenças nas quais os próprios sujeitos históricos consideram significativos para si próprios, escolhem o que lembrar e o que esquecer.³¹²

Na visão de Cunha, a cultura original de um grupo étnico não se perde ou se mescla simplesmente, mas se reveste de uma nova função. Sendo assim, onde diferentes grupos mantêm interações, as diferenças tendem a reduzir, uma vez que a consequência da interação, simultaneamente, é a criação e a recriação de uma congruência de novos aspectos, valores e códigos. Há que se pensar a história das pessoas em etapas, porque de tempos em tempos novas adaptações surgem, novos e criativos sujeitos ou identidades emergem.³¹³

Nesse processo, a identidade é irremediavelmente construída nas relações sociais que se estabelecem no interior de uma sociedade cujos distintos grupos coexistem. Por essa razão, resultam de uma ação recíproca entre indivíduo e

³¹² BARTH, F. **O Guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. In: LASK, T. (org.). Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

³¹³ CUNHA, M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Nayfi, 2009.

sociedade e estão em desconstrução e construção incessantes. Tal plasticidade da identidade é resultado da insatisfação do sujeito histórico com sua condição humana e social que é sempre e incontestavelmente um devir.

Pode-se tomar como exemplo as experiências vividas por Marcos Voigt e sua família, em que a reinvenção também aconteceu no aspecto cultural da alimentação:

[...] não só aqui em casa, mas na casa dos meus pais também já se faz com frequência comidas paraguaias. Molho com bastante tempero, mandioca um pouco mais dura. O feijão preto quase não se come, porque se usa mais o feijão branco com bastante caldo. Tem o *puchero*, que é um caldo de osso. Outra coisa, não se tem o costume de fazer muitos tipos de comida na mesma refeição. É um caldo e mais alguma coisa, ou “guiço de arroz”, ou “guiço de fideo”. Ou “sopa paraguaia”, ou *chipa guazu*, que minha mãe e minha esposa também fazem com frequência.³¹⁴

Como mencionado, o descendente Marcos Voigt apresenta sotaque espanhol e incorpora algumas palavras da língua espanhola, como “guiço de fideo”, que quer dizer macarrão com carne moída. Tal situação sinaliza para a questão da apropriação cultural, além de costumes alimentares como “*Chipa*, por todo lado você vê vendendo porque é sagrado por aqui. É como o pão com manteiga do brasileiro. Aqui em casa é misturado, um dia pão, outro dia *chipa* e assim é nosso dia a dia”.³¹⁵

Chipa é um biscoito à base de polvilho de mandioca, o qual possui uma rica história de mesclas culturais. Conforme a historiadora paraguaia Marguerita Miro Ibars, nos registros históricos dos jesuítas há várias menções às tortas e aos pães de mandioca e de milho. Na época das missões jesuítico-guaranis, a alimentação guarani foi complementada com outros alimentos que os jesuítas trouxeram da Europa. Isso principalmente devido à introdução da criação de gado: carne bovina, leite e queijos, de modo que a base gastronômica guarani (milho e mandioca) se “entremesclaram” com os ingredientes trazidos pelos jesuitas, dando espaço para comidas consumidas desde a época colonial. Nesse contexto, na região das reduções jesuíticas surgiu a receita da *chipa* e suas mais variadas criações.³¹⁶

De acordo com Nascimento, o Paraguai é um país que sempre valorizou e manifestou a importância da cultura indígena e espanhola, tanto na língua quanto na culinária, sem citar as características físicas da população que, de modo geral,

³¹⁴ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

³¹⁵ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

³¹⁶ MIRÓ, M. I. **Alimentación y religiosidade paraguayia**: chipa elpan sagrado. Sevilibro. Asunción – Paraguay, 2001.

remetem ao biotipo dos índios guarani. Não há como negar, conforme Nascimento, que a maioria da população paraguaia é mestiça.³¹⁷ Mestiçagem e hibridismo cultural nesta perspectiva de estudo possuem um significado comum.

A propósito, compreender a fusão de diferentes grupos não é tarefa fácil. O que torna a pesquisa aprofundada necessária é o conjunto de relações que se estabelecem com esta fusão: os ganhos, as perdas, a aceitação, os acordos realizados, as concessões, os preconceitos construídos a partir das acepções de superioridade de alguns sobre outros, as discriminações e as exclusões. Entretanto, em cada encontro de culturas, haverá incertezas de como isto se dará. Conforme o contexto histórico e social e os inter-relacionamentos que brotarem, há de se considerar a formação da sociedade com seus múltiplos e diversos arranjos

Os sujeitos históricos têm vontade própria e fazem escolhas no interior das sociedades. Suas escolhas identitárias têm por base o contexto histórico, social e cultural no qual estão inseridos.

Além da interação linguística, como apontamos precedentemente, os entrevistados, em particular os descendentes dos imigrantes, apontam para a fusão de culturas na culinária, conforme vem reiterado nas declarações da descendente de imigrantes, Fabiana Schwerz :

Aqui tem alguns costumes diferentes que já pegamos. Na comida, por exemplo: a sopa paraguaia. Também o “cozido” que é feito com erva mate e com açúcar queimado. Tem o puchero. Se põe tudo (carne, legumes, milho) na mesma panela e cozinha.³¹⁸

A culinária paraguaia, além da mencionada influência jesuítica, recebeu forte influência indígena, predominando o uso de ingredientes como milho, mandioca e amendoim, sempre frescos; além disso, os espanhóis introduziram os legumes, o arroz e a carne. Mas, o ingrediente essencial na culinária paraguaia continua sendo o milho, que é base para vários pratos diferentes. O prato mais emblemático é a sopa paraguaia, que resulta da mistura de fubá, ovos cozidos, queijo, cebola e leite azedo, e é servida a qualquer hora do dia, quente ou fria. Uma variação da sopa é o “*bori bori*”, um ensopado à base de carne e “bolinhas” de fubá³¹⁹.

³¹⁷ NASCIMENTO, V. A. **Mestiçagem e identidade étnica no Paraguai**: uma contribuição ao debate. Cadernos do Leme: Campina Grande, v. 5, n. 1, jan.- jun. 2013.

³¹⁸ SCHWERZ, F. M. **Entrevista**. Curva da Lata, (Katueté-Py) 14 de maio de 2015.

³¹⁹ VIEIRA, H. Comidas típicas do Paraguai. Disponível em

A jovem Camila Caseres Mascarelo, descendente de imigrantes brasileiros por parte de mãe e pai, é nascida no Paraguai e descreve o gosto pela comida paraguaia: “uma comida daqui que eu sou apaixonada que é o bori-bori. Como desde criança. [...] É uma delícia!”³²⁰

Para Santos, a culinária fortalece a diversidade cultural e pode criar uma unidade na diversidade. O autor enfatiza que aspectos da culinária permitem analisar implicações sociológicas quando das composições étnicas de uma sociedade. A partir da cultura alimentar de um país ou região, permite-se fazer análises sobre “miscigenação cultural” suas dinâmicas sociais e seus reflexos na formação de um povo.³²¹ Nesse aspecto, tem-se um elemento formador da cultura e da identidade paraguaia. O migrante, experiencia trocas culturais ao fazer uso da culinária típica do país receptor (Paraguai). Ao fazer isso, valoriza culturas regionais e interage com o meio em que vive. Outro elemento da cultura paraguaia presente no espaço “brasiguai”, além da língua e da culinária, é a religião, como indica a declaração da descendente Daniela Nodari:

Eu já peguei o costume de todo ano, fazer a caminhada para Nossa Senhora de Caacupê. A virgem de Caacupê é uma tradição daqui bem forte. Quase todos os dias rezamos para a virgem de Caacupê (...). Minha mãe conta que a fé em nossa Senhora de Caacupê aqui é como a fé dos brasileiros em Nossa Senhora Aparecida. Tem gente aqui que também é devoto de Nossa Senhora Aparecida, mas a fé na Virgem de Caacupê é bem mais forte.³²²

A Virgem de Caacupê, ou Virgem dos Milagres, é considerada a padroeira do Paraguai, e celebrada no dia oito de dezembro, quando se comemora a grande festa de Maria Caacupê. Possui uma basílica na cidade de Caacupê, para a qual milhares de peregrinos realizam procissões ao seu santuário, entoando cantos religiosos em espanhol e guarani. É também conhecida como a Virgem Azul do Paraguai.

Daniela Nodari, em seu relato, mostra uma situação de identidade híbrida, que ocorre, especialmente, para os descendentes de imigrantes, em que os seus laços com a cultura paraguaia são mais estreitos.

Em outros aspectos, a relação entre brasileiros e paraguaios também se

<<http://www.diparma.com.br/post/comidas-tipicas-do-paraguai>> Acesso em: 03 de mar. 2016.

³²⁰ MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

³²¹ SANTOS, C. R. A. dos. **A história da alimentação no Paraná**. Curitiba: Juruá, 2007.

³²² NODARI, D. F. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

manifesta; por vezes, misturam-se, dependendo da localização geográfica do povoamento.³²³

Outros indicativos de adoção da cultura local resultados da convivência com a sociedade local estão nas palavras da entrevistada Julli Wendpap, o “jeito de vestir e o jeito de ser”. Ela mostra que não se identifica com outros lugares que não os de sua convivência desde seu nascimento. Sua posição está embasada pela oportunidade que teve de viajar para o Brasil e conhecer, ainda que de passagem, a terra de seus ascendentes. Para além do ambiente familiar, da comunidade de imigrantes que conheceu, pode comparar o seu espaço social com um “outro”, bastante diferente daqueles com os quais acostumou-se “[...] o jeito de se vestir é diferente. [...] o comportamento das pessoas na rua, as pessoas são mais hospitaleiras aqui, sorridentes. Já pegamos esse jeito dos paraguaios. Quando vou para o Brasil, noto que as pessoas são bem diferentes.”³²⁴

Ainda sobre o jeito de se vestir, durante a realização das entrevistas, foi recorrente aos entrevistados mencionarem que no lugar onde vivem (espaço brasiguai) até maneira de se vestir é diferente. Não cabe aqui, aprofundar questões sobre tipos de vestuário ou moda. São muitas os elementos que podem influenciar o tipo de vestimenta utilizado em um grupo social. No entanto, o importante é notar que existe uma percepção por parte dos entrevistados, que no lugar em que vivem, as pessoas se vestem diferente de outros lugares. Isso indica a existência de uma identidade local campo do vestuário. Wagner Salvadego (28 anos), descendente de imigrantes, ao falar sobre o espaço sobre o lugar em que vive, menciona a questão do vestuário:

Aqui, se usa cores fortes, o vermelho, o azul, o amarelo. Isso vem do paraguaio. Preferimos tecidos leves porque aqui faz muito calor. Tem um tecido que se usa muito aqui que é o algodão cru. É ótimo para dias de calor. Claro que gente acompanha a moda da televisão mas tem coisas que é só aqui que se vê. Não sei explicar, acho que é um jeito diferente de combinar as cores e as roupas [...].³²⁵

São peculiaridades de uma cultura ou de espaços sociais que têm uma história em comum. No caso do espaço brasiguai, sobretudo a partir do estreitamento dos contatos interétnicos, abordados, a existência de diversas

³²³ FIORENTIN. M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai**: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010). Curitiba: Juruá, 2012.

³²⁴ WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruze Guaraní (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

³²⁵ SALVADEGO. W. F. de O. **Entrevista**. Katueté, 14 de junho de 2015.

manifestações culturais aponta para uma história de convivência e trocas culturais.

CAPÍTULO IV - ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIAS E A CONSTRUÇÃO DA INTERRELAÇÃO SOCIAL

O processo de construção de espaços de convivência e de interrelação social entre os agricultores imigrantes brasileiros, seus descendentes e paraguaios foi se desenhando ao longo de mais de quatro décadas. Compreendê-los requer considerar um conjunto de fatores que, de uma ou de outra forma, contribuíram para a existência da integração e interrelação social. Trata-se de um processo de construção social em que brasileiros e paraguaios são os sujeitos históricos que determinaram a dinâmica de uma construção multicultural.

A rede de interrelações sociais entre imigrantes brasileiros, seus descendentes e paraguaios pode ser visualizada em diversos cenários, como já indicado no capítulo precedente, tais como comunidades paroquiais, clubes desportivos, associações de moradores, entre outros. Com o passar dos anos, emerge um sentimento de pertencimento ao espaço social coletivo. Esta construção histórica e sociocultural diz muito do que os imigrantes e descendentes de imigrantes pensam sobre si e querem para si mesmos. O tempo presente é, assim, o resultado de um processo de construção social onde o conjunto das interrelações sociais é extremamente dinâmico. Desse modo, compreender a dinamicidade do movimento de radicação dos imigrantes brasileiros e seus descendentes no Paraguai, exige compreender a formação de novas realidades com novas expectativas e experiências. Mesmo que não constituam uma homogeneidade, pode-se dizer que os descendentes de imigrantes brasileiros e paraguaios mantiveram e mantêm contatos interétnicos; fizeram e fazem várias permutas socioculturais e, conseqüentemente, estão compartilhando experiências, conhecimentos e projetos pessoais e coletivos. Dar visibilidade aos espaços de sociabilidades onde ocorrem esses contatos interétnicos, permite compreender as diferenças e as similaridades socioculturais desses sujeitos.

4.1 Os lugares de sociabilidades: as comunidades paroquiais e escolares, os clubes desportivos e associação de moradores

O termo sociabilidade consta há tempo no vocabulário histórico mas, com Agulhon, torna-se uma categoria, permitindo novas abordagens e possibilitando

encontrar e dar visibilidade a sujeitos históricos muitas vezes invisíveis ou com pouca visibilidade. Permite reconstruções, dando voz aos sujeitos que viveram processos históricos e que expressam suas experiências a partir de suas práticas sociais.³²⁶

Ao acompanhar as práticas sociais e culturais imigrantes brasileiros e seus descendentes radicados no Paraguai, observam-se redes de sociabilidade que envolvem os moradores das povoações em diversos eventos. Estes inter-relacionamentos acontecem de diversas formas, entre parentes, vizinhos, amigos, e variam também na constância, podendo ser nos finais de semana, em feriados, de acordo com alguns dias da semana, ou em eventos sociais realizados nas comunidades ou nas sedes dos municípios. Tais eventos eram realizados em praças, igrejas, associações comunitárias, escolas e clubes desportivos e outros. Nesse universo das relações sociais, imigrantes brasileiros, seus descendentes e paraguaios foram experienciando os mais diversos laços de aproximação, como descreve Elizangela Zarete, descendente de imigrantes, nascida no Paraguai:

Quando criança, eu fui a dama de honra da minha professora. Ela é paraguaia, não fala nada em português. Mas somos tão próximos que ela convidou meu pai para serem padrinhos de seu casamento. Fomos lá para *Assunción*, onde foi realizada cerimônia. Nos fins de semana, nas festas, a gente sempre estava juntos.³²⁷

Elisangela nasceu em 1998 e mora na cidade de Santa Fé del Paraná, onde é cabeleireira; ao relembrar os tempos de solteira, descreve como eram as atividades de lazer e convívio social:

(...) a gente participava de grupo de jovens, da catequese, íamos em retiros (encontros religiosos) essas coisas assim. (...) Hoje em dia, tem mais opções para se divertir, mas quando eu era mais nova não tinha. Torneio de futebol era o que mais tinha. Fazia-se time feminino e masculino. Participávamos de campeonatos (...). Jogávamos em vários lugares, na Gleba 11, Gleba 4, San Alberto, Santa Fé, no Km 23, em Hernandárias. Onde tinha torneio a gente ia. Era bom porque a gente conhecia os lugares e fazia amizades.³²⁸

³²⁶ AGULHON, M. Visão dos bastidores. In: NORA, P. (Org.) **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Difel, 1987.

³²⁷ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

³²⁸ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de Julho de 2016.

Na perspectiva de Navarro, os espaços e as formas em que ocorrem as sociabilidades são múltiplos e coexistem. As manifestações de sociabilidade devem ser estudadas conjuntamente, pois convivem e, em alguns casos, se integram, apresentando-se em muitas e diferentes conexões. Formam um único sistema, em que todas as formas de interrelação social se integram, independentemente de serem institucionalizadas ou não, formais ou informais, ou que se desenvolvem de maneira voluntária.³²⁹

Foram recorrentes, nas entrevistas, relatos sobre a circularidade dos indivíduos dentro e fora do espaço social que estava se construindo. Em busca de lazer, os jovens visitavam as mais diversas localidades, lembrando que a cidade de Hernandárias, mencionada no depoimento de Elisangela, é uma cidade de ocupação paraguaia, fundada muito antes da chegada dos imigrantes brasileiros.

Logo, evidencia-se a existência de intercâmbio entre as comunidades habitadas por estes jovens com outras comunidades que não aquelas ocupadas basicamente por imigrantes brasileiros. Neste caso específico, em atividades de lazer. De acordo com Mullrre e Raddatz, essas comunidades alimentam-se de seu próprio movimento e a intensidade das influências que ocorrem está diretamente relacionada a este movimento, que aos poucos, vai desenhando marcas de uma nova identidade.³³⁰

Para Weber, não se pode pensar os grupos sociais somente pelas questões étnicas e culturais, deve-se considerar o pertencimento subjetivamente definido, o qual aparece no contato interétnico, em que alguns aspectos sociais e culturais se reforçam e outros vão se constituindo paulatinamente.³³¹

As igrejas são espaços de convivência, nestas, se desenvolvem atividades diversas ao longo de todo o ano, envolvendo homens, crianças, idosos e mulheres, todos em uma rede de inter-relacionamentos locais. Desse modo, foi comum, nos depoimentos, a menção do espaço religioso enquanto espaço de sociabilidades. Ao falar sobre o avô paterno, a jovem descendente de imigrantes, Camila Mascarelo,

³²⁹ NAVARRO, J. N. Sociabilidad e historiografía: trayectorias, perspectivas y reto. SAITABI. **Revista de La Facultat de Geografia y Història**. Universidad de València. València, n. 56, p. 99-120, 2006.

³³⁰ MULLERRE, K. M.; RADDATZ, V. L. S. Fronteiras comunicação e práticas socioculturais fronteiriças. In: NUÑES, A; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. **Dilemas e diálogos platinos dilemas**. 2. v. Dourados, MS: UFGD, 2010.

³³¹ WEBER, M. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Brasília: Unb, 1991.

indica a existência de interação social dos imigrantes nas atividades promovidas na comunidade religiosa (igreja católica) que sua família frequenta.

[...] com a participação do meu avô no *acampamento* (encontro de casais), ele acaba fazendo amizades. Os organizadores são a maioria paraguaios. Tem alguns de origem brasileira. Então ele conhece muitas pessoas. [...] Fazem reuniões e se encontram fora da igreja também.³³²

As igrejas, em sua maioria, desenvolvem inúmeras atividades, com um extenso cronograma que inclui *acampamentos* (encontros religiosos organizados para casais, podendo ser de um a três dias consecutivos), grupo de jovens, missas, festas de casamento, batizados e eventos em datas religiosas comemorativas. No conjunto das entrevistas, não encontramos nenhum relato sobre restrição de participação de acordo com a origem étnica; logo, essas atividades incluem pessoas de origem brasileira e paraguaia ou qualquer outra. Relacionamentos de amizade e vizinhança, com diferentes culturas, atravessam todos os eventos realizados nas igrejas, cruzando-se entre si, sobrepondo-se algumas vezes, de forma que as mesmas pessoas estabelecem múltiplas relações entre si, participando de diferentes eventos festivos ao longo do ano, desempenhando diferentes afazeres.

Assim, as identidades vão se construindo, por meio de interações sociais que se estabelecem entre sujeitos históricos com semelhanças e diferenças culturais. Conforme Durkheim, a identidade se constrói dessa maneira: as diferenças sociais quando reconhecidas passam a ser organizadas e ordenadas conforme um sistema classificatório, onde o significado é produzido.³³³ Desenvolve-se esse argumento durkheimiano por se entender que a vida social e cultural vai recebendo uma ordem organizada pelo sujeito histórico, a qual é central na produção de novos significados e no desenvolvimento das relações sociais, que são estendidas a todos os aspectos da vida cotidiana, como a religião e o lazer.

Neste quadro, e considerando as relações sociais das comunidades em que estão inseridos os entrevistados, foi notória a importância da religião enquanto unidade da comunidade. Ademais, as atividades sociais de lazer estão fortemente ligadas aos eventos paroquiais. São as festas religiosas os principais motivos de encontros entre a vizinhança, em especial, nas vilas e comunidades da zona rural. Cabe informar que no conjunto de 20 (vinte) entrevistados, 18 (dezoito) são de

³³² MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

³³³ DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

religião católica e 2 (dois) da religião evangélica. De todo modo, todos de religiões cristãos. Sobre a religião enquanto unidade da comunidade, veja-se o relato da imigrantes Cladis de Paiva, residente da Gleba 11:

Por aqui não temos muitas opções de lazer. Então, quando tem missa, ou qualquer coisa na igreja, a gente não falta porque além de rezar a gente encontra os amigos e sempre sai alguma “coisinha” no salão (refere-se ao salão paroquial). Um jogo de baralho. Aqui as mulheres também jogam [risos]. Quando tem novena ou terço, já levamos os ingredientes e depois da reza sai uma jantinha. Ou um risoto e até churrasquinho. E quando tem as festas da igreja então “nem se fala”, vem gente de outras comunidades, se faz bingo na parte da tarde. Aqui nos divertimos assim.³³⁴

Nota-se que as manifestações culturais ilustradas sob diversas formas estabelecem uma unidade entre os sujeitos históricos. O cotidiano, em suas múltiplas relações, cria práticas que falam sobre o nós e o lugar dos sujeitos no mundo. É um lugar onde aparece o sentido que se dá ao viver conforme critérios, políticos e religiosos entre outros. De certa forma, somos o que escolhemos ser e o que escolhemos não ser. É importante perceber que todas as escolhas são portadoras de significados, e foram mediadas culturalmente. É por meio desse processo que as relações sociais e culturais são produzidas e mantidas.

Nesta perspectiva, a religião, com seus rituais, símbolos, sentimentos e infinitos inter-relacionamentos, foi constituindo os espaços religiosos de convivência das comunidades. Os relacionamentos construídos através da vivência religiosa podem ser vistos como uma prática social e cultural que corporificou as normas e os valores daquela sociedade, contribuindo como um elemento unificador, culturalmente falando, e de partilha de conhecimentos e culturas.

Analisar as práticas cotidianas religiosas das comunidades que foram se formando no espaço brasiguaió ajuda a pensar compreender como as sociabilidades foram se construindo. Elas têm uma função social importante na vida dos sujeitos históricos. A religião ordena a coletividade sob uma autoridade ética e de valores em que se apoia. Por esse motivo, observar as práticas religiosas abre a possibilidade de explorar a dimensão social em sua complexidade e conjunto de relações que se estabelecem no interior da sociedade. No relato que segue é possível avaliar a amplitude social de um evento paroquial, neste caso, referindo-se a uma festa

³³⁴ DE PAIVA. C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

religiosa promovida na Gleba 11: “[...] vem gente de vários lugares. A juventude vai para se divertir, paquerar. Eu tenho parentes que casaram com gente natural daqui (refere-se aos paraguaios de origem), aí vêm às famílias deles também e todos convivem bem.”³³⁵

Tratar da religião de uma sociedade é prerrogativa para compreender a organização da existência social dos seus sujeitos. Seria um equívoco pensar diferente ou não considerar essa perspectiva no entendimento da sociedade. É fundamental agregar, sem suprimir a religião como uma força cultural e coletiva criadora e enriquecedora.³³⁶

Desde a chegada dos imigrantes brasileiros ao Paraguai, a comunidade paroquial figurou como um lugar de sociabilidades. O descendente de imigrantes Marcos Voigtt fala da existência de convivências múltiplas na paróquia da Gleba 11: “Quando tinha festa da igreja, então vinha gente de todo lugar das redondezas. E as famílias dali acabavam chamando conhecidos de outros lugares do Paraguai”.³³⁷

Ao relembrar que “vinha gente de todo lugar das redondezas” e que vinham “conhecidos de outros lugares,” evidencia-se a rede de inter-relacionamentos que um evento festivo pode proporcionar. Estes contatos, além da amizade, proporcionavam a troca de informações e novos conhecimentos que iam além do espaço paroquial.

Além das lembranças de momentos de união e de trocas culturais, as festividades proporcionam registros de fatos e de acontecimentos marcantes individuais e sociais. As festas são, muitas vezes, momentos culminantes na memória das pessoas, e as festas de igreja se mostram um lugar privilegiado para dar visibilidade à realidade social na qual os sujeitos atuam, interagem e se inter-relacionam com os demais. Marcos Voigtt, relembra com descontração que, nas festas, as pessoas se conhecem, conversam e trocam experiências. Além da alegria e da boa comida, novos relacionamentos podem acontecer, como paqueras, namoros e até casamentos inter-étnicos:

Na Gleba 11, se faz uma comida boa nas festas. Então, vem gente de vários lugares. A juventude vai para se divertir, paquerar. Eu tenho parentes

³³⁵ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

³³⁶ MASSENZIO, M. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

³³⁷ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

que casaram com gente natural daqui (refere-se aos paraguaios de origem) aí vêm as famílias deles também e todos convivem bem.³³⁸

Por meio dessas formas de sociabilidade, os imigrantes brasileiros e seus descendentes no Paraguai reafirmam de forma positiva a sua inter-relação social. Constroem-se para além de suas individualidades e se tornam capazes de buscar o pertencimento, as trocas culturais e a abertura e aceitação de novas experiências identitárias.

Em festas comunitárias ou atividades desportivas, os moradores se articulam e trabalham em prol da comunidade onde vivem. Um exemplo disto é o apoio e incentivo ao desenvolvimento cultural dos alunos nas escolas. A convivência entre os imigrantes, descendentes e a sociedade paraguaia se formalizou também em espaços festivos no ambiente da comunidade escolar, facilitando o estreitamento da convivência entre os diferentes grupos e etnias. De acordo com a filha de imigrantes agricultores Vivian Schneider, moradora e comerciante na cidade de Santa Fé del Paraná, a inter-relação na comunidade escolar é rotineira.

A gente sempre se envolve com as atividades da escola. A escola do meu filho realiza o projeto Feira das Nações. (...) a equipe do meu filho que estuda no *primeiro grado* e vão apresentar sobre o Paraguai. A história do Paraguai, as comidas típicas do Paraguai. (...) Eles montam um *stader* e se preparam com bandeira, roupas típicas, com comidas típicas, bebidas típicas como o *cocido*³³⁹, o tereré e comidas como a *chipa*, a *chipa guasú*, a *sopa paraguaia*. Os pais e a comunidade participam da feira. E tem também as festas de escola e a gente sempre participa.³⁴⁰

Ela relembra ainda que, quando era pequena, sua mãe também sempre participava das festas da escola, informando que, na Gleba 11, até hoje a chamam para ajudar nas festas da escola, mesmo que os filhos não estejam mais alunos.

O depoimento de Vivian Schneider aponta para questões inerentes ao envolvimento na comunidade escolar, em que os descendentes de imigrantes partilham e se socializam com os demais indivíduos da sociedade paraguaia, construindo uma trajetória intercultural que foi se materializando no contexto escolar.

³³⁸ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Santa Fé Del Paraná, 5 de setembro de 2015.

³³⁹ Cocido: bebida quente preparada à base de erva mate, açúcar queimado com brasas.

³⁴⁰ SCHNEIDER, V. B. **Entrevista**. Santa Fé Del Paraná, 6 de setembro de 2015.

Na escola, os descendentes aprendem e vivenciam desde a mais tenra idade a cultura paraguaia,³⁴¹ como é o caso da língua, sobre a tratamos anteriormente.

Ainda sobre as sociabilidades e interação dos imigrantes e seus descendentes no contexto escolar, Julli Wendpap, filha de imigrantes que reside no vilarejo de Cruce Guarani, relembra orgulhosa da atuação da sua mãe na comunidade em que ela e seus irmãos estudaram até concluírem a 4ª série do Ensino Fundamental, em comunidade pertencente à Puente Kija, cidadezinha de ocupação paraguaia:

Minha mãe sempre foi muito participativa. Então ela sempre participava das atividades. Desde que entramos na Escola (1985) ela estava sempre presente nas festas “puxando a frente no serviço” [quer dizer direcionando e executando os trabalhos]. Os pais de todas as crianças participavam, ou trabalhando, ou com doações, e outros só comprando fichas de almoço. Então tinha brasileiros, paraguaios. Enfim toda comunidade escolar e os familiares.³⁴²

Misturam-se formas de lazer e costumes, de modo a se encontrarem nas comunidades paroquiais, nas associações de moradores ou nos clubes desportivos.

Os clubes desportivos com seus eventos também se apresentam como espaços de convivência inter-étnica, nos quais acontecem intercâmbios dentro e fora da comunidade. Neste cenário, Camila Mascarelo, jovem descendente de imigrantes por parte da mãe e filha de pai paraguaio, conta um pouco da rotina semanal da comunidade na qual seus avós maternos fixaram residência. Ela relata sobre as atividades desportivas, informando que as mesmas também se configuram como lugares de convivência mútua entre brasileiros e paraguaios.

Na comunidade, tem um campo de futebol e um salão. Então, uma vez na semana, o jogo é na comunidade, e outra vez é na cidade. Eles juntam o time com jogadores da cidade, da *intendência*, ou do banco, fazem um time e vem jogar. (...) eles vivem fazendo jogo. Fazem os times com brasileiros e paraguaios. Depois do jogo, eles fazem um churrasquinho e bebem cerveja.³⁴³

Torcer pelo time de futebol da comunidade, ou uma simples troca de receitas de culinária com a vizinha, são práticas comuns nestes espaços que se constroem

³⁴¹ Ver terceiro capítulo desta tese.

³⁴² WENDPAP, J. T. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

³⁴³ MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

coletivamente, misturando-se antigas e novas formas de viver e de se relacionar. Cladis de Paiva, imigrante, moradora da Gleba 11 desde 1980, relembra os tempos de chegada da sua família e, discorrendo sobre a participação da comunidade em atividades desportivas, menciona com espontaneidade a existência convivência e momentos de sociabilidades, desde os tempos de chegada:

(...) tinha muito torneio de futebol. Jogo de bola e festas. Toda a juventude participava. Naquela época tinha às vezes trinta a trinta e cinco times participando de um torneio. Não importava, era tudo misturado, brasileiros e paraguaios. Nos torneios de futebol, tinha times só de paraguaios, times só de brasileiros. Tinha times de brasileiros e paraguaios. Dependia de quem queria jogar, montavam um time e pronto. Desde que chegamos no Paraguai foi sempre assim. A gente se divertia!³⁴⁴

É preciso considerar que combinar a organização dos eventos, planejar recursos, percorrer a comunidade realizando a divulgação das festas, dos campeonatos de futebol, dos almoços festivos-religiosos indicam a existência de uma comunidade ativa e participativa, articulada com os mais diversos segmentos sociais. A mobilização também abarcava o relacionamento com as autoridades paraguaias para fazer a segurança dos eventos, a liberação de alvarás e o contato com patrocinadores.

Em momentos de recreação, por meio de campeonatos de futebol, motocross, jogo de bingo, baralho e outros, os imigrantes, seus descendentes e os paraguaios foram produzindo em suas comunidades uma identidade cultural que vai além das diferenças históricas, sociais e culturais. Cria-se uma identidade de grupo entre estas pessoas que se relacionam e se divertem em um mesmo espaço de convivência. Abaixo, o descendente de imigrantes Josemar da Silva, casado com uma mulher de origem paraguaia, relata sobre as atividades de lazer das quais o casal participa:

Aqui em Katueté, tem o Clube União. Durante a semana, o pessoal vai tomar uma cervejinha com os amigos, jogar baralho ou bater uma bola. Às vezes, tem janta, quando tem alguém de aniversário. Mas quando tem promoção do clube, aí dá bastante gente. De todo lado! Tem brasileiro, paraguaio, tudo misturado. Todos se conhecem. Os paraguaios são mais do comércio, dos bancos. E os brasileiros são a maioria colonos. Alguns do comércio também. Mas aqui no clube é tudo misturado. As pessoas vem para se divertir.³⁴⁵

³⁴⁴ DE PAIVA, C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

³⁴⁵ DA SILVA, J. **Entrevista**. Curva da Lata, ((Katueté-Py) 14 de maio de 2015.

É interessante notar que a participação em torno destes espaços ultrapassa os interesses individuais ou financeiros. O que está em questão são os interesses da comunidade, visando atender e resolver as questões da coletividade. Há por parte da comunidade, uma preocupação e uma consciência sobre a importância de cultivar um lugar para atividades de lazer. “A diretoria do clube está sempre fazendo uma reforma aqui e outra ali, para deixar tudo arrumadinho para as festas. [...] Às vezes, precisa comprar mais utensílios para a cozinha [...]”.³⁴⁶

Nas diversas formas de sociabilidades, quais sejam festas, missas ou até torneios, as demandas comunitárias estão sempre em pauta e isso independe de quem são os participantes. Socializam-se as necessidades e as formas de atendê-las, sejam elas de origem brasileira ou paraguaia. A o espaço social no leste do Paraguai vai se fazendo, estreitando laços culturais e sociais entre as diferentes etnias em questão. Elizangela Zarete, descendente de imigrantes, conta um pouco de suas percepções sobre a integração étnica no lugar onde nasceu e cresceu:

Onde a gente mais percebe a mistura do povo daqui é nos clubes, nas festas. Quando tem festa nas comunidades vem bastante gente. Gente de todos os tipos. É que aqui já são todos “brasiguaios” [risos], só os mais velhos que não nasceram aqui. Eu nasci aqui e meus filhos, por exemplo, são mestiços. A gente também nota a cultura dos brasileiros aqui em Santa Fé. Até as paraguaias sabem fazer *cuca recheada*, aprenderam dos brasileiros. E, quando tem festa de casamento, não pode faltar *sopa paraguaia* nem *cuca recheada*.³⁴⁷

No depoimento acima, a interação étnico cultural se evidencia na medida em que é possível identificar a simultânea influência de uma cultura para com a outra e vice-versa. Neste ponto, é importante observar que a *cuca recheada* (um tipo de pão doce) é um prato típico que chegou ao Brasil trazido pelos imigrantes alemães, cujos descendentes imigraram para o Paraguai.³⁴⁸

Outro espaço de convivência que aparece no conjunto das entrevistas está relacionado a problemas rotineiros das comunidades. Organizarem-se para tentar resolvê-los é uma prática comum em diversas localidades. Nem sempre as políticas

³⁴⁶ DE PAIVA, C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

³⁴⁷ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

³⁴⁸ Como foi tratado no primeiro capítulo, parte dos imigrantes brasileiros radicados no Paraguai possuem uma cultura migrante, pois são descendentes de imigrantes europeus que seguiram para o Sul do Brasil e, especialmente nas décadas de 1970 e 1980 migraram para o Paraguai. Ver GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: Edunioeste, 2002.

públicas ou os gestores políticos (alguns de origem brasileira³⁴⁹) conseguem atender às necessidades de cada localidade, donde decorre a iniciativa para se organizarem em grupos, fazer reuniões, estudar as reivindicações e tomar as ações necessárias para solucionar suas demandas. Surgem, assim, os “espaços e interlocutores políticos”. A descendente de imigrantes Julli Wendpap relata a atuação do seu pai nesta prática associativa, em Puente Kyjhá³⁵⁰:

Lembro que eles (refere-se ao pai e munícipes de Corpus Cristi) formaram uma associação de agricultores para ter uma força maior: a *Comisión Vecinal* (associação de vizinhos). Se precisa reformar uma ponte, consertar a estrada, então a associação se mobiliza, vai à Prefeitura para solicitar recursos, se não conseguem, então fazem promoções. (...) certa vez compraram uma caminhonete *patrulheira* (viatura) para a polícia, porque não tinha. Meu pai estava sempre envolvido em comissões e diretoria da comunidade. Ele representava a comunidade na reunião mensal de vereadores na prefeitura. Ele nunca teve medo de dar opinião na reunião. O pessoal da prefeitura gosta dele. Ele nunca teve problema com os paraguaios.³⁵¹

A interrelação social acontece inclusive na esfera política, demonstrando que as colônias de imigrantes e seus descendentes romperam o isolamento dos tempos de chegada, formando grupos sociais integrados e atuantes na sociedade paraguaia. As questões, que antes se restringiam às que apareciam em redes de conversa nas residências, nas festas, fins de missas, nas saídas das escolas, passaram também ao âmbito das associações e foram ganhando mais força com o passar do tempo. No caso da *Comision Vecinal* mencionada acima, nota-se que esse tipo de associações viabiliza espaço de diálogo entre a sociedade organizada e os representantes do poder público, conferindo aos sujeitos um pleno exercício da cidadania.

4.2 Dos espaços de convivência ao casamento interétnico

Para Poutignat e Streiff-fenart, a identidade étnica se constrói a partir da diferença. A atração entre aqueles que se sentem iguais é indissociável da repulsa

³⁴⁹ “Em 2005, existiam quatro prefeitos “brasiguaios” nessas pequenas cidades e vários vereadores brasileiros nos departamentos de Alto Paraná e Canindeyú.” ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. **Rev. Horiz Antropol.** v. 15, n. 31, Porto Alegre Jan./June, 2009. p. 143.

³⁵⁰ Cidade do Estado de Canindeyú, Paraguai. Distante 164 Km de Foz do Iguaçu.

³⁵¹ WENDPAP, J. T. **Entrevista.** Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 24 de junho de 2015.

diante daqueles que são percebidos como estrangeiros. Esta ideia implica que não é o isolamento que cria consciência de pertença, ao contrário, é a comunicação das diferenças o mecanismo de que os indivíduos se utilizam para estabelecer fronteiras étnicas.³⁵²

No caso de casamento interétnico, há uma inevitável confrontação da fronteira étnica preestabelecida. Seria natural que os cônjuges buscassem o sentimento de pertença em ambas as culturas, ou na aceitação da diferença. Para a antropóloga Giralda Seyferth, a etnicidade enquanto sistema de símbolos étnicos, que cria uma consciência coletiva, é basicamente situacional. Termos como identidade e grupo implicam na manutenção da distintividade através de limites que definem a condição de membro. Ainda conforme Seyfert, “a família completa a fronteira étnica como principal socializadora dos membros da comunidade étnica”.³⁵³ Sendo assim, na direção contrária, quanto maior a incidência de casamentos interétnicos, maior a possibilidade da hibridação cultural e da construção de núcleos familiares onde se socializam as diferenças, num constante movimento de trocas culturais. Contudo, para os filhos que nasceram e cresceram nesse ambiente, a cultura lhes é única, caracterizando uma identidade própria.

De acordo com o antropólogo Fredrick Barth, as fronteiras étnicas são sociais, simbólicas e mutáveis. Barth considera que a identidade étnica não é estática e se transforma a partir das relações e como qualquer outra identidade, coletiva ou individual dependendo do interesse ou contexto. A interação entre os sujeitos e grupos permite transformações contínuas que modelam a identidade, em processo de exclusão ou inclusão.³⁵⁴

É notório que são diversos os condicionantes a serem considerados ao se tentar conhecer a identidade étnicocultural dos descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai. Dentre estes condicionantes está o casamento interétnico.

Como vimos precedentemente, os espaços de convivência ocasionaram o estreitamento dos laços afetivos, e os casamentos interétnicos vem corroborar essa realidade social. Os grupos imigrantes não estão em condição de isolamento, e de alguma forma precisam interagir com a sociedade receptora. Num primeiro

³⁵² POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp. s/d. p. 40.

³⁵³ SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C; VASCONCELLOS, N. (org). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: ULBRA, 1994. p. 17.

³⁵⁴ BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. (org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

momento, essa interação pode ser de caráter econômico mas, à medida que o processo de enraizamento se efetiva, trocas culturais também são realizadas, ganhando intensidade com o decorrer do tempo.

Reitera-se a ideia de que nos espaços de sociabilidade, de um modo geral, as pessoas ultrapassam os limites das fronteiras domésticas cotidianas, integrando-se a eventos e contatos com grupos maiores, com infinitos relacionamentos interpessoais, ultrapassando o dia a dia. É nestas relações que muitas pessoas se conhecem e fortalecem os seus vínculos, e outras tantas passam a se conhecer melhor, tornando-se amigas ou até mesmo enamoradas. Jovens e adultos estreitam relacionamentos, namoram e casam. Marcos Voigt, ao falar sobre a convivência entre indivíduos de origem brasileira e paraguaios, menciona os casamentos interétnicos:

[...] antigamente era mais separado, mas hoje em dia isso mudou. Na família dos meus pais tem gente casado com paraguaios. Minha tia é casada com o professor da Gleba 11. Tenho primas casadas com paraguaios. Eu acho que é normal. As pessoas vão se conhecendo e aí acabam fazendo amizades e se aproximam cada vez mais. E às vezes dá casamento.³⁵⁵

A possibilidade de aproximação interétnica ocorre, sobretudo, pela existência dos espaços de convivência e está contida na possibilidade de liberar sentimentos. Ou seja, a sociabilidade é o social em seu lado puro, tratando-se de uma interação em si, conforme afirma Gilberto Velho.³⁵⁶ São amplas as interações que ocorrem no individual ou no coletivo de práticas culturais, festivas, religiosas e associativas. Para Ariés, cabe ao historiador, organizar, analisar e compreender as estratégias comunitárias, os sistemas de valor e as organizações coletivas; isto é, o estudo de todas as condutas e relações sociais que constituem uma cultura.³⁵⁷

Dessa forma, ao tomar os espaços de convivência dos imigrantes brasileiros e seus descendentes ao longo das últimas quatro décadas na porção oriental do Paraguai, lança-se mão de uma realidade social praticamente invisível em trabalhos acadêmicos, qual seja: a existência concreta da interação interétnica entre imigrantes brasileiros e paraguaios.

³⁵⁵ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

³⁵⁶ VELHO, G. Entrevista com Gilberto Velho. **Entrevista** concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. Estudos Históricos. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 183-210, 2001.

³⁵⁷ ARIÉS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

Como afirmam as pesquisadoras argentinas Caldo e Fernandez, há um sistema de relações que provoca a vinculação e a gestação de sentimentos de pertencimento e solidariedade. As relações sociais e culturais não são só marcadas pela distância, mas, também por aproximações. A sociedade e o espaço que ela ocupa é assertivamente, o resultado de uma construção social de pertença. A distinção entre os grupos étnicos diferentes pode ser vista como uma característica extremamente significativa para a construção de um espaço social.³⁵⁸

Constituir uma família foi uma das possibilidades em que prevaleceu a opção pela troca cultural, pelas escolhas, pela aceitação, com o objetivo de melhor se relacionar. Camila Mascarelo é fruto de um casamento interétnico:

O meu pai é paraguaio. Minha mãe conta que quando eram recém casados, meu pai não comia nada que ela preparava. Ele conheceu a comida brasileira com minha mãe. Feijão, as carnes diferentes. Passou a gostar de mais tipos de salada. (...) Hoje em dia ele gosta. Tudo que se prepara ele gosta. No começo ele não comia quase nada que a família da minha mãe preparava porque a família dele tinha outras comidas. O jeito de preparar a carne, o feijão *poroto*. O *guiso*, que é uma tradição aqui, e outros tipos de comida. Minha mãe também foi aprendendo com a família do meu pai (...).³⁵⁹

No depoimento acima, evidencia-se o mútuo aprendizado. Neste caso, nos aspectos da culinária, mas o mesmo ocorre com diversos elementos do universo cultural como normas do dia a dia, idioma, vestimenta, religião e outros.

O casamento interétnico pode ser apontado como um processo que intensifica o desejo e a decisão de ficar e de pertencer a um dado território. Não só pelo casal, mas com toda rede social familiar que se forma em torno de um casamento, incluindo pais, irmãos, sogros, primos e tios. Muitos descendentes de brasileiros, ao se casarem, se depararam com diferenças culturais que se acentuam na vida cotidiana. O mesmo ocorreu com os cônjuges paraguaios. Cladis de Paiva, imigrante, moradora da Gelba 11, vivencia um casamento interétnico. Em seu depoimento, dá indicativos da construção da interação cultural no ambiente conjugal e familiar:

Conheci meu esposo em um jogo de futebol. No começo, foi difícil, porque ele não sabia falar nada em português, ele era de *Misiones*. Na casa dos

³⁵⁸ CALDO, P.; FERNANDEZ, S. Sobre el sentido de lo social: asociacionismo y sociabilidad. Um breve balance. In: FERNANDEZ, S.; VIDELA, O. **Ciudad Oblicua**: aproximaciones a temas e intérpretes de La entreguerra rosarina. Rosario: La Quinta Pata & Camino Ediciones, 2008.

³⁵⁹ MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

pais dele quando conversavam entre eles era tudo em guarani ou castelhano. Tinha umas coisas que meu esposo gostava de comer eu não sabia preparar. Aos poucos fui aprendendo. Muitas coisas aprendi com a mãe dele, como *sopa paraguaia*, *chipa aguazu*, *bori bori*. No dia a dia é normal, gostamos de assistir televisão juntos. Assistimos o noticiário daqui e também gostamos de ver as novelas brasileiras. Como ele veio morar aqui em casa, já aprendeu muito dos costumes da minha família. Ele não sabia nada de lavoura, sempre trabalhou como professor, mas já aprendeu e ajuda muito aqui em casa, depois do expediente.³⁶⁰

Neste convívio, cônjuges e familiares ganharam certa fluência no português, espanhol e guarani, na nova cultura que foi se construindo nos espaços de convívio, permitindo maior integração. Produziu-se uma nova hibridação cultural no sistema familiar, com entendimentos e rotinas que os casais vão construindo. Nota-se, que os casamentos interétnicos indicam que não houve posturas traumáticas de isolamento e segregação das comunidades de imigrantes para com a sociedade receptora e vice-versa.

Nos casos de casamento interétnico, há uma predisposição para conhecer a cultura do outro, avançando para além de estereótipos e preconceitos, tornando o viver agradável, já que proporciona aos sujeitos históricos proximidade mútua e autoafirmação. Para Moita Lopes, conhecer a cultura, os costumes e o idioma do outro proporciona às pessoas uma maior consciência de que constroem sua identidade social ao agir no mundo por meio, principalmente, da linguagem e de tantas outras trocas culturais.³⁶¹

No caso de casamento multiétnico, e, no tange a educação dos filhos, a hibridização cultural tende a se tornar uma realidade.

Cladis de Paiva, ao falar sobre o comportamento do filho diante da convivência diária com a mãe brasileira e o pai paraguaio, mostra o alcance do conceito de hibridismo cultural:

Meu filho nem percebe que convive com duas culturas, é normal para ele. Porque quando o avô paterno chega, ele fala castelhano e quando chega é com a vó materna, fala em português. Ele sabe muito de guarani também. (...) ele estuda em Santa Fé, tem amigos brasileiros e paraguaios. No lugar onde o vó paterno dele mora ele tem muitos amigos paraguaios. Ele não faz diferença, para ele é tudo igual e eu fico feliz quando vejo isso no meu filho.

³⁶⁰ DE PAIVA, C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

³⁶¹ MOITA LOPES L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

Acho que é porque ele recebeu as duas culturas em casa desde pequeno, então para ele é uma coisa só.³⁶²

Cladis expõe uma percepção reveladora: a de que seu “filho nem percebe que convive com duas culturas”. Ele transita de uma cultura para outra, por intermédio da língua, sem maior esforço. Trata-se, pois, de uma identidade que ele construiu, em vista de conviver num cenário onde habitam grupos étnicos com características culturais diferentes e semelhantes. Mas, ele se vê convivendo e fundindo culturas sem perceber onde começa uma e onde termina a outra. Pelo menos, é assim que sua mãe percebe como ele se reconhece naquele contexto.

Certamente, muitos fatores são encontrados em comum quando sujeitos históricos pertencentes a grupos étnicos diferentes são postos num mesmo espaço para coexistirem. A princípio, podem até chamar mais a atenção as diferenças entre diferentes grupos, mas aos poucos, passado o estranhamento e a negação, percebe-se que, por meio do cotidiano e das trocas de experiências vividas, existem algumas semelhanças. Diversas vezes, no conjunto das entrevistas realizadas, repetiu-se a informação de que antigamente (referindo-se aos tempos de chegada), houve um certo distanciamento ou estranhamento com os paraguaios e que aos poucos esse distanciamento foi diminuindo. Entre os entrevistados que apontaram para essa questão, está Ana Laura Khun, ela ao lembrar sobre o que já ouviu os familiares falarem sobre os primeiros tempos no Paraguai relata:

Minha mãe conta que quando chegou ao Paraguai, tinha um pouco de receio quando encontrava com os paraguaios, no comércio ou em qualquer lugar. Porque ela não entendia o que eles falavam e a comunicação era difícil. Mas aos poucos ela foi aprendendo falar. Hoje, ela vai em todos os lugares sem medo e tem muitas amigas e amigos paraguaios. Conversam e tomam tereré juntas. Eu tenho amigos filhos de imigrantes como eu e tenho amigos que são paraguaios de origem. Essa questão de origem não muda nada para nós. Acho que é porque convivemos uns com os outros desde que nascemos.³⁶³

O relato acima da descendente Ana Laura Khun (18 anos), permite perceber que o estranhamento, entre imigrantes brasileiros e paraguaios foi dando lugar a adaptação, no caso da mãe imigrante. Permite ainda, visualizar que Ana Laura Khun

³⁶² DE PAIVA, C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

³⁶³ KHUN, A. L. L. Residente em Raúl Arsenio Oviedo. Caaguazú. **Entrevista**. Concedida em Toledo, 19 de maio de 2016.

não viveu esse estranhamento por ter nascido e crescido no Paraguai, diferente de seus pais.

As histórias vividas em contextos migratórios como esta, mostra que os sujeitos históricos constroem uma identidade contrastando e entrecruzando símbolos sociais e culturais³⁶⁴. Uma identidade outrora em condição de estranhamento nos primeiros tempos da imigração brasileira para o leste do Paraguai, (década de 1970), encontra agora em seus descendentes, já nascidos naquele país, a produção de uma identidade diferente com um elemento significativo a ser reforçado. A posição de um sujeito histórico, que está tentando afirmar o sentimento de quem é e de como vai viver.

Neste momento ou tempo, produziu-se uma parte de uma nova identidade. Que ao mesmo tempo em que se afirma, está sempre em constante produção e reprodução, ou seja, um movimento constante de elaboração e reelaboração, no sentido da adaptação e manutenção da vida.

Todavia, uma identidade não é algo inalterável, imutável ou tampouco unificado. Não existe uma verdadeira identidade. Esta é fluida, construída e negociada nas diferenças e similaridades percebidas pelo sujeito histórico, pelas reivindicações tanto culturais, como sociais e econômicas. Todas essas condições, são, portanto, necessárias à construção e à manutenção da identidade.

Quando Cladis de Paiva, disse que seu filho “recebeu as duas culturas em casa desde pequeno, então para ele é uma coisa só”³⁶⁵, ela revelou os fundamentos da formação da identidade de seu filho, como foi construída e está sendo mantida por ele. Ela demonstrou as bases de como identidade, diferenças e semelhanças se relacionam numa tentativa de conceituação e de entendimento sobre as questões de formação identitária.

Entende-se que a imersão na sociedade, e também na história e no conhecimento do outro, colabora na construção da própria identidade. Elizângela Zarete, ao falar de seus filhos, permite que se reflita sobre a constituição da identidade desses descendentes de imigrantes.

No aspecto físico, meus filhos se parecem com o pai. Nos gostos e nos costumes, eles tem muito de mim e dos meus pais. Quando tem jogo de

³⁶⁴ Ver Texto HALL, S. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

³⁶⁵ DE PAIVA, C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

seleção, minha filha torce para o Brasil, e eu e meu esposo para o Paraguai [risos]. Ela fica do lado do meu pai, torcendo para o Brasil, e nós ficamos para o lado de cá da sala, torcendo para o Paraguai.³⁶⁶

Após refletir sobre a situação que havia acabado de descrever, Elizangela Zarete afirmou: “Na verdade, meus filhos têm as duas culturas!”³⁶⁷ É necessário pensar que as pessoas são moldadas e moldam a si mesmas em diferentes lugares e de diferentes formas. A matéria-prima para moldar uma identidade nunca tem a mesma fonte: o contexto, as escolhas e assimilações pessoais sempre são diferentes. Sem dúvida, a declaração acima provoca uma desestabilização do conceito que, muitas vezes, pretende a homogeneidade.

“Torcer pelo Brasil” é uma ação e uma reafirmação em querer manter uma característica cultural da identidade de origem dos avós. Trata-se de uma reivindicação de manter e reconhecer uma identidade étnica no interior de uma nova identidade. A atitude da filha de Elisangela pode significar que ela busca manter aspectos de um passado não muito distante, mas que fundindo com o presente. Lembrando que não existem identidades fixas.

Em contexto migratório ou não, cada membro de uma família pode responder de forma diferente as mesmas experiências sociais. Isso é algo subjetivo do ser humano. No caso acima, de uma família fruto de casamento interétnico, as trucas culturais são cotidianas. Os filhos partilham e fazem escolhas. No caso, torcer para a seleção paraguaia ou brasileira, não há como restaurar uma unidade de que todos da família devam torcer para o Paraguai, porque lá vivem e porque lá constroem suas vidas porque essa unidade é imaginada.

No campo da teoria, de acordo com Jörn Rüsen, os sujeitos históricos experimentam no cotidiano a necessidade das mudanças em seu mundo e em si mesmos em todos os instantes de seu dia e da sua realidade. Estas adaptações às novas e atuais realidades exigem novas interpretações que possibilitam orientar o agir no sentido de superar as situações contingenciais.³⁶⁸ Embora Rüsen não esteja se referindo especificamente sobre casamentos interétnicos, seus preceitos teóricos contribuem na compreensão das relações sociais à questão da necessidade de adaptação e trocas culturais.

³⁶⁶ ZARETE, E.S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

³⁶⁷ ZARETE, E.S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

³⁶⁸ RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência Histórica. Brasília: UNB, 2001.

Assim, no caso de casamento interétnico, é possível constatar o estreitamento de laços familiares e de aceitação mútua:

Eu não sei como é morar no Brasil, nasci e cresci aqui. Mas eu acho que seria é a mesma coisa, porque eu nunca sofri preconceito aqui. Nunca! Para mim nunca teve diferença. (...) na família dos meus sogros, eles gostam muito de mim, e brincam porque eu sou muito branca e damos risada disso. Eu e minha família sempre fomos bem tratados por eles. E meus pais também sempre se deram bem com eles. Eu aprendi muitas coisas com meu esposo.³⁶⁹

Elizangela quando diz: “nunca teve diferença!” Mas que riem de sua cor. Esse “nunca teve diferença” quer dizer que na relação interétnica das duas famílias aproximadas com o casamento, aceitam as diferenças entre si e riem, se tratam bem e se entendem desse modo. Sua fala demonstra as relações que estabeleceu com os sogros. Nota-se que a diferença se apoia na vontade em aceitar o que é diverso.

Neste cenário, não é difícil perceber que a identidade de Elizangela Zarete, assim como a de sua filha, é fruto de uma produção social multicultural. Cabe destacar que essa questão poderia ser mais problemática caso viessem a faltar essas noções de entendimento e respeito à diversidade étnica e cultural. A perspectiva de proclamar e aceitar a diferença coloca como certa a questão de que identidade e diferença se relacionam intimamente formando uma estreita dependência.

Descendentes de imigrantes brasileiros e paraguaios formam uma realidade heterogênea e, de certo modo, procuram afirmar a sua identidade quando proclamam “eu sou” brasileiro ou paraguaio. Ao expressarem sua etnia, negam não ser outro. Ser brasileiro não é ser paraguaio e vice-versa. Assim, num primeiro momento, a identidade precisa da visibilidade dessa diferença e, conseqüentemente, a diferença depende da identidade e, nessa condição, são, portanto, inseparáveis. Identidade e diferença são produzidas de forma ativa pelos sujeitos históricos num mundo real onde diversas relações se estabelecem nos campos social, cultural, econômico e político.³⁷⁰

Elizangela Zarete disse que “aprendeu muitas coisas com seu esposo!” São as escolhas para o momento, embora esse processo ocorra por tempo indefinido.

³⁶⁹ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

³⁷⁰ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, T. T. (org.) 15. ed. Pretrópolis: Vozes, 2014.

Trata-se de um vir a ser constante, permanente e infinito: um devir. Ainda de acordo com Silva, para que esse movimento seja constante, precisará sempre da diferença, que vem para desestabilizar, fazer comparar, selecionar, escolher e acrescentar à identidade. Essa identidade nova, carrega as diferenças culturais e assim por diante. O movimento se torna uma constante na vida do sujeito histórico em constante formação.³⁷¹

Elizangela Zarete, descendente de imigrantes, passou sua infância, adolescência e juventude na Gleba 11. Ao se casar, passou a residir em Alto Piquiri. É proprietária de um salão de beleza, em Santa Fé del Paraná, localizado a quinze quilômetros de distância de sua casa, para onde se dirige de automóvel todos os dias para trabalhar.

Aqui no salão vem paraguaias e brasileiras. A gente tem mania de falar “brasileiro”, mas a maioria já é nascido aqui, como eu! Nasci aqui, minha naturalidade é paraguaia. Aqui no salão, se vem cliente que fala castelhano eu falo castelhano, e se vem cliente que fala em português eu falo em português. Não gosto de escrever português porque sempre estudei aqui, então não sei as regras de ortografia do Brasil [...] Aqui no salão ninguém fica olhando qual é a origem da pessoa. Quando tem clientes esperando, às vezes, as conversas são misturadas e no final todo mundo se entendem [risos].³⁷²

Ser imigrante brasileiro ou ser paraguaio representou uma diferença ativa no processo de colonização e instalação dos imigrantes brasileiros no leste do Paraguai, por volta da década de 1970. Quando Elizangela afirma que no seu salão “ninguém fica olhando qual é a origem da pessoa”, quer dizer que esse processo de estranhamento inicial entre culturas e etnias caminhou para uma realidade diferente, neste caso, de não estranhamento. Novas percepções surgiram.

Quando Elizangela Zarete afirma que “As conversas são misturadas e todo mundo se entende”, ela sinaliza para a existência do equilíbrio das diferenças em momentos de sociabilidade. Nessa situação, aponta-se para o equilíbrio no aspecto da busca do entendimento pelo diálogo mesmo mesclando idiomas. Fala-se um pouco em português, um pouco em espanhol ou outro idioma, mas no final, todos se entendem.

Neste salão, por exemplo, não se sustenta a ideia de grupos separados. Ali,

³⁷¹ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, T. T. (org.) 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

³⁷² ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

os indivíduos não deixam de frequentar o salão pelo fato de haver a possibilidade de encontros multiétnicos. Eles guardam aspectos de ambos e já conseguiram adicionar em sua identidade o novo, resultante da fusão e de percepções pessoais do que deveria ser mantido, descartado ou acrescentado.

Inspirando-se no texto de Tomaz Silva³⁷³, que versa sobre identidade e diferença e, contextualizando as falas da depoente Elizangela Zarete, sob esse viés teórico, evidencia-se a precariedade e a temporalidade da identidade. No estudo desse movimento migratório Brasil-Paraguai e a partir da perspectiva da teoria cultural, pode-se perceber com clareza que toda identidade é instável, que toda identidade é antes de tudo cultural.

Ainda sobre a questão do casamento interétnico, ressalta-se a condição matrimonial dos entrevistados. No conjunto dos 21 (vinte) entrevistados, cinco são solteiros e 16 (quinze) são casados. No grupo dos entrevistados casados, quatro casais vêm de uma união multiétnica. E no grupo dos entrevistados solteiros temos uma entrevistada fruto de um casamento multiétnico. Isso significa que 25% do conjunto dos entrevistados, vivenciam, nas relações familiares, a convivência interétnica. Portanto, além da convivência interétnica social (espaços de convivências), há um grupo de 25% no caso dos entrevistados, que intensifica essa convivência no âmbito familiar.

Por se tratar de uma questão bastante subjetiva própria dos indivíduos, não é possível mensurar o que essa convivência multiétnica representa na prática. No entanto, ela mostra que a convivência nos espaços de sociabilidades não só acontece como estreita cada vez mais a aproximação dos dois grupos étnicos. Estas experiências desconstróem o “discurso midiático”, já referido de que imigrantes brasileiros e paraguaios vivem em conflito constantes³⁷⁴. Desconstrói também a ideia de que no “espaço brasiguai” não há lugar para as trocas culturais, onde os imigrantes brasileiros e seus descendente viveriam afastados do restante da sociedade paraguaia.

Camila Mascarelo (19 anos), filha de um união interétnica, divide fragmentos de sua história de vida:

³⁷³ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. SILVA, T. T. (org.) 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

³⁷⁴ Ver matéria: O drama dos brasiguaios: brasileiros enfrentam xenofobia dos paraguaios. Revista Mercosul. Nº74. 2001. Disponível em <http://www2.uol.com.br/revistadomercosul/pesquisa-public/mercossul/mercossul_74_1.htm>.

Minha mãe conheceu meu pai na comunidade, quando ele veio para ser professor. Desde pequena aprendi as coisas do Paraguai. Como falar em espanhol ou em guarani. A história do Paraguai, a cultura do povo. Para mim era mais fácil do que para meus colegas que eram filhos de brasileiros, porque meu pai me ensinava em casa também. Não gosto que ninguém fale mal das coisas do Paraguai. Porque me ofende! Quer ver: meu pai gosta de feijão *poroto* e minha mãe gosta feijão preto. Eu gosto dos dois [risos]. Então eu tenho um pouco de cada um.³⁷⁵

A entrevista concedida por Camila Mascarelo, entre outras informações importantes, já arroladas nos capítulos precedentes, sobre a convivência e interrelação no espaço brasiguai, dá uma pequena amostra sobre as características do universo cultural vivido por um descendente fruto de união étnica. Além de possibilitar um melhor entendimento sobre as relações sociais e culturais que estão em constante movimento no espaço brasiguai.

Certamente que, ao cruzarem a fronteira rumo ao Paraguai, brasileiros e paraguaios no início, deparam-se com o encontro de identidades diferentes. Mas o olhar atento sobre os depoimentos e práticas arroladas nesta tese, de seus descendentes, proporcionou um olhar diferente sobre a construção identitária, situações de hibridismo e, sobretudo, de trocas culturais.

O conteúdo dos depoimentos, trouxe ainda, a possibilidade de novas interpretações sobre a integração desses indivíduos à sociedade em que nasceram e cresceram, colocando em xeque algumas interpretações acadêmicas³⁷⁶ sobre a existência de um espaço brasiguai desconectado do restante da sociedade paraguaia.

4.3 O lugar das novas gerações

As novas gerações, filhos e netos dos agricultores imigrantes dos anos 1970-1980, já não se veem como brasileiros. Foram recorrentes as afirmações, por parte dos depoentes, em que diziam: “eu não sou brasileiro porque nasci aqui”, ou “eu não sei como é no Brasil porque nunca morei lá”, ou “não sei a história do Brasil porque aqui estudamos a história do Paraguai”, ou ainda “sou paraguaio porque nasci aqui e cresci aqui”. Estas afirmações são resultado de um processo complexo,

³⁷⁵ MASCARELO, C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

³⁷⁶ Ver SPRANDEL, M. A. Brasileiros de além-fronteira: Paraguai. In: **O fenômeno migratório no terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.

que reúne muitas histórias e trajetórias de vida num contexto de imigração e radicação no lugar de destino. Fazendo uma retrospectiva, trata-se do resultado de um processo que se desenrolou em meio a articulações governamentais (do Brasil e do Paraguai) e do desejo dos agricultores em aumentar suas propriedades; ou seja, num cenário de instabilidade, interesses e sonhos familiares e pessoais, como indicamos precedentemente.

As novas gerações, por sua vez, projetam suas histórias de vida no Paraguai, estreitando laços e se integrando àquela sociedade de forma espontânea. Ali é seu habitat desde que nasceram.

Não consigo me imaginar vivendo em outro país. Aqui eu me sinto segura, porque conheço todos os lugares e o costume das pessoas. Já faz bastante tempo que não vou passear nos parentes do Brasil. A última vez que fui, não via a hora de voltar, porque lá as pessoas não bebem tereré e aqui é o dia todo [risos]. Não sei explicar direito, a gente tem outro ritmo aqui, os horários, a comida as pessoas. Acho que é tudo diferente (...).³⁷⁷

Não se pode pensar em culturas fixas no tempo; contudo, pode-se examinar a identidade e o lugar das novas gerações nesse momento. Se nos tempos de chegada dos imigrantes (1970/1980), principalmente em razão da abertura de uma fronteira agrícola, os agricultores brasileiros se encontravam desconectados das cidades e dos povoados paraguaios, nos tempos atuais, isso modificou-se. São vários os elementos que contribuíram para essa mudança, dentre os quais a infraestrutura, como serviços públicos e atividades comerciais variadas proporcionaram aproximações e, conseqüentemente, a conexão do “espaço brasileiro” com o restante da sociedade paraguaia. Sobre de aproximação, tem-se o relato do descendente de imigrantes Gabriel Posselt:

Não temos muitas opções de lazer. Então quando tem baile ou festa reúne muitas pessoas, da colônia (refere-se à zona rural) e da cidade. Já teve muitos casamentos entre brasileiros e paraguaios. Eu mesmo tenho familiares que são paraguaios. Isso é comum nessa região.³⁷⁸

Os descendentes de imigrantes, em especial aqueles que procuram as universidades paraguaias para seguirem seus estudos, se integram em um grau cada vez maior nas mais diversas áreas e segmentos sociais paraguaios, como foi

³⁷⁷ NODARI, D. F. **Entrevista**. Hernandárias, 5 de setembro de 2015.

³⁷⁸ POSSELT, S. G. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-PY), 08 de setembro de 2015.

mostrado diversas vezes no capítulo três desta tese. Os paraguaios, por sua vez, são atraídos ao “espaço brasiguai” pela possibilidade de trabalho e investimentos, uma vez que a região se mostra promissora economicamente.

Diante disso, é notória a diferença dos tempos de chegada aos dias atuais. Em uma conversa descontraída, Cladis de Paiva, imigrante chegada ao Paraguai em 1985, fala sobre o comportamento do filho (fruto de um casamento misto).

Quando vejo meu filho falando em espanhol ou guarani, na escola ou com os parentes da família do meu esposo, ou em qualquer lugar que a gente vai, eu fico feliz. Nessas horas, eu percebo que ele é paraguaio. Ele se entende e conversa em qualquer um, e em qualquer lugar que vai. O que para mim era e, às vezes, ainda é difícil aprender, para ele é natural, aprendeu desde que nasceu. Então eu sei que ele não vai sofrer discriminação ou coisa parecida. Ele é paraguaio e acabou a história!³⁷⁹

A apreciação de Cladis sobre a integração do filho à sociedade paraguaia, mostra que as novas gerações tomaram posições e conquistaram seus espaços. Filha de um casamento misto entre uma mãe brasileira e um pai paraguaio, Camila Mascarelo mostra, porém, que essa identificação não é tão simples como pode parecer. Ela diz que se sente “paraguaia”, apesar de enxergar a sociedade paraguaia como a sociedade do outro, à medida em que ela afirma “ter nascido no meio deles, e ter “pegado” os costumes deles”. Não são os seus costumes, que ela parece entender como sendo os de seus pais e avós. Entretanto, ela assevera que:

Quando ouço alguém falar mal do Paraguai eu não gosto. Afinal, é minha pátria! E você acaba defendendo com garra sua pátria. Então quando você for olhar, eu sou paraguaia! Torço pelo Paraguai! Só que eu tenho sangue brasileiro dentro de mim, mas sou mais Paraguaia!³⁸⁰

As novas gerações reivindicam uma identidade que reflete a maneira pela qual se pensam e se constroem cotidianamente, no conjunto das relações e nas escolhas que estabelecem entre si e os outros (seus familiares e os paraguaios). Camila Mascarelo, ora se sente brasileira, ora paraguaia, “mas sou mais paraguaia”. É visível a construção de uma identidade ligada aos comportamentos vivenciados, a cultura e os saberes sociais apreendidos, que estão ligados ao sentido de familiaridade com ambos os universos culturais de seus pais (mãe brasileira e pai paraguaio).

³⁷⁹ DE PAIVA, C. M. **Entrevista**. Gleba 11(Mbaracayu), 11 de julho de 2016.

³⁸⁰ MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

Nessa experiência de casamento misto, Camila conviveu com a pluralidade, mas sua posição vai além da herança histórico-cultural de seus pais. Ao vivenciar as diferenças, optou, afinal, por se sentir mais paraguaia. Fez escolhas entre o que negaria e o que aceitaria das duas culturas, identificando-se subjetivamente mais com aquela em que se sente mais profundamente envolvida, construindo e afirmando suas próprias peculiaridades.

Ao afirmar que era paraguaia, Camila se permitiu fazer escolhas entre diferenças e ter a sua história contada também de maneira diferente. Em sua afirmação está a reivindicação de uma identidade, validada pelas circunstâncias da relação entre passado e presente e se concretizando no agora, no seu cotidiano. Sua fala expressa o ponto de partida do que ela é, de sua identidade cultural, a partir de sua posição histórica e cultural nesse contexto específico. Sendo assim, ela é o que ela disse ser. A intensidade de ser mais paraguaia, mesmo tendo “sangue brasileiro dentro” de suas veias, é o que posicionou para si própria na construção de sua identidade cultural, é o que enfatiza. Sem dúvida, as interações sociais – família, igreja, escola, associações, vizinhança, mídia – apresentaram um grau variado de recursos que Camila se utilizou para tomar suas posições. Esta situação vivenciada por Camila Mascarelo é recorrente, como indica a geógrafa Karoline Gonçalves que, em seus estudo sobre territórios e identidade de brasileiros no Paraguai, afirma:

Os filhos “brasiguaios” fazem parte de uma geração em que a identidade paraguaia é mais evidente que a brasileira, porque eles já nasceram em um território em que o número de paraguaios que viviam na região é maior se comparado com épocas anteriores, além de que as relações com os mesmos são estabelecidas com maior frequência e intensidade, pois esses indivíduos possuem a cidadania paraguaia.³⁸¹

Karoline Gonçalves afirma que “a identidade cultural paraguaia é mais evidente que a brasileira” em função da quantidade de paraguaios na cidade de Nueva Esperanza, situada no Departamento de Canindeyú, que supera a de brasileiros e seus descendentes nascidos lá.

É preciso considerar que a pesquisadora Karoline Gonçalves, dialoga com a ideia de que toda identidade social é marcada pelo território, através de uma relação

³⁸¹ GONÇALVES, C. B. **Migrações brasileiras para o Paraguai**: território e identidade na colônia Nueva Esperanza (Yby Yaú-Concepción). Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2012.

de apropriação que se dá tanto no campo das ideias, quanto na realidade concreta, dessa maneira o espaço geográfico se torna parte fundamental dos processos de identificação social. Entende que território é um produto e produtor de identidades, ou seja, o território resulta das relações de poder, econômicas, políticas, sociais e culturais nas quais o sujeito histórico está imerso³⁸².

Enfatiza-se que, quando os descendentes de brasileiros e paraguaios passaram a ocupar no início da colonização o mesmo espaço, as características dos dois grupos étnicos não receberam o mesmo peso e a mesma medida, ou seja, um peso igual. Em particular, essas divisões estão relacionadas primeiramente à oposição entre as duas. Após, inicia-se o processo de classificação e de uma escala, nas quais os contrastes são percebidos e, uma rede de significados passam a ser construídos e fixados. E, nesse caso, garantiu-se a permanência da cultura, costumes, valores dos paraguaios. Por serem maioria, por terem realizado escolhas e porque os descendentes de brasileiros já nasceram num lugar que era assim com a maioria paraguaia e com essa cultura dominante. Aparentemente, os descendentes de brasileiros realizaram uma adaptação conforme as contingências do local³⁸³.

No caso dos descendentes de brasileiros em Nueva Esperanza, investiram numa identidade pessoal assumindo a identidade paraguaia. Adotaram uma identidade com seu conjunto de significados, posicionando-se a si próprios³⁸⁴. Uma identidade pode ser constituída com aquilo que o sujeito histórico assumiu para ele e com as quais passa a se identificar e a utilizar em seu meio social, tornando-se socialmente aceitável. Um sujeito histórico ativo pode adotar posições de outros diferentes dele.

Neste ponto, há que se recordar que uma identidade ou uma posição de um sujeito histórico é antes de tudo algo que se quer assumir, negar ou resistir. E, nesse caso, de reconhecer-se como paraguaio. Para Hall, uma identidade é sempre

³⁸² HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Org). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993. Citado por GONÇALVES, K. **Migrações brasileiras para o Paraguai**: território e identidade na colônia Nueva Esperanza (Yby Yaú-Concepción). Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2012.

³⁸³ GONÇALVES, K. **Migrações brasileiras para o Paraguai**: território e identidade na colônia Nueva Esperanza (Yby Yaú-Concepción). Dissertação de mestrado. Departamento de Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, 2012.

³⁸⁴ Ibid., p. 171.

relacional e particular e por isso, nem sempre explícita sobre os motivos que os levaram a essas posições: causas políticas, sociais, ideológicas, pessoais e religiosas. Não existiriam sujeitos históricos fixos e unificados, tornando possível a mudança pessoal³⁸⁵. Foi certamente, nas relações sociais cotidianas construídas entre descendentes de brasileiros e paraguaios que emergiu essa construção de identidade, em que os descendentes de brasileiros se identificam e se reconhecem como paraguaios no sentido étnico cultural.

Como já indicado anteriormente, foi recorrente os descendentes expressarem seus sentimentos de pertencimento à cultura e à sociedade paraguaia. Sinalizaram a aceitação das diferenças, sem fazer diferença com estigmas sociais, estereótipos, discriminações socioeconômicas ou imposições culturais. Sobre o sentimento de pertença, Marcos Voigt, descendente de brasileiros nascido no Paraguai, filho de pequenos agricultores, e que cursou Engenharia Elétrica na Universidade Católica de Cidade de Leste, manifestou-se assim:

Por ser engenheiro, tenho que passar informação e dar instruções para outros funcionários. (...) Tenho que *interactuar* com todos. E eu nunca me senti diferente na empresa. Sou bem tratado e como domino a língua espanhola não há diferença nem dificuldade. Depois do trabalho a gente sai pra bater uma bola e vamos todos juntos. A gente joga conversa fora e assim a gente se diverte.³⁸⁶

Nota-se no relato, e em diversos outros relatos de descendentes de brasileiros radicados no Paraguai, que existe relacionamento entre eles e os paraguaios nos mais diversos segmentos sociais. Nos espaços de sociabilidade formais ou informais, já mencionados anteriormente, constata-se a heterogeneidade, o respeito à diversidade e a mistura de culturas. Demonstra-se, sobretudo, a capacidade do sujeito histórico em ser crítico de si mesmo e de sua história para além das fábulas midiáticas que mascaram frequentemente os interesses institucionais em seus textos e narrativas. As mídias³⁸⁷ têm, em geral, generalizado

³⁸⁵ HALL, S. Quem precisa de Identidade? In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. SILVA, T. T. (org.) 15. ed. Pretrópolis: Vozes, 2014.

³⁸⁶ VOIGT, M. A. S. **Entrevista**. Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

³⁸⁷ Ver: Tensão obriga 'brasiguaios' a se refugiarem no Brasil. **Estadão**, 29 de Abril de 2010. Disponível: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,tensao-obriga-brasiguaios-a-se-refugiarem-no-brasil,544558>> O título da matéria a generaliza a idéia todos os brasiguaios estão sob ameaça. Na realidade, são casos isolados.

a existência de conflitos étnicos acirrados no “espaço brasiguai” e escondem as relações humanas e sociais que privilegiaram novos arranjos nesse espaço.

Nos espaços de sociabilidade, os relacionamentos interpessoais no trabalho e no jogo de futebol demonstram que pessoas de diferentes etnias podem organizar uma comunidade onde os indivíduos podem partilhar suas experiências. Marcos Voigt diz que nunca se sentiu “diferente na empresa” e que “não há diferença e nem dificuldade” nos seus relacionamentos diários. Ele chama a atenção, porém, para o seu domínio da língua espanhola, e isso o identifica ainda mais com os “outros funcionários”, os quais, se entende, serem paraguaios. Sem dúvida, o idioma é um dos elementos importantes, sem o qual, talvez, a facilidade nos relacionamentos de amizade, no trabalho e no lazer, poderia não ser a mesma.

Marcos Voigt, entre ser brasileiro ou paraguaio, ele tem comportamentos que desconstruem, superam e transcendem concepções étnicas nacionais, racionalistas ou estereotipadas. No seu relacionamento com os colegas no trabalho e no lazer, esses tipos de concepções étnicas já não tem mais sentido algum, não tem necessidade de serem discutidas e podem ser deixadas totalmente de lado. Existem outros conceitos que podem substituí-los, tais como hibridismo, multiculturalismo, amizade, diversidade e respeito às diferenças.

Não se trata do abandono de um velho conceito. Mas, uma tentativa de articular esse mesmo conceito para que ele possa dar conta da imensa riqueza de arranjos sociais e culturais possíveis de serem construídos nas sociedades em que os imigrantes se inserem. Ao trabalharmos com novas concepções torna-se possível compreender melhor o sujeito que age, pensá-lo numa nova posição, diferente, como ser real e não como ser imaginado.

Parece importante demonstrar a importância da rearticulação entre conceito de identidade e sujeito histórico, dada a necessidade de atualizá-lo e expandi-lo, evitando as exclusões e desclassificações de experiências vividas que não conseguem se enquadrar no conceito.

Seria um equívoco acreditar que não há conflitos e contradições de cunho étnico cultural no “espaço brasiguai”, como mostra Camila Mascarelo:

Alguns paraguaios ainda acham que os brasileiros são uma ameaça, mas são poucos. Os que estão mais envolvidos na comunidade, que sempre

participam de tudo, no jogo de futebol e tudo mais, esses não pensam assim³⁸⁸.

Quem seriam esses “alguns paraguaios”? E quem seriam aqueles “que sempre participam de tudo com a gente”? Existe aqui um nós e um eles! Cabe lembrar que a comunidade a qual Camila se refere localiza-se em uma área rural de concentração de imigrantes brasileiros. Por ser filha de casamento misto, ela pode estar, neste momento, sinalizando para aquilo que Hall aponta como uma identidade híbrida, onde se transita por duas identidades culturais ao mesmo tempo. Camila, ao se referir àqueles paraguaios que acham os brasileiros uma “ameaça” indica a força do senso comum existente na sociedade paraguaia sobre esse assunto, o qual, como vimos, tem suas raízes desde séculos passados. Ela não está se referindo a como ela vê seus conterrâneos. Contudo, ela também mostra que este senso comum pode ser desconstruído no contexto da sociabilidade. É no campo das sociabilidades que os estereótipos tendem a desaparecer. Veja-se que ela também sinaliza que os paraguaios que se relacionam com a comunidade, quer dizer, a aproximação desconstruiu o preconceito. Ao relacionar-se com os brasileiros desconstrói-se a ideia que persiste no senso comum dando lugar a novas experiências.

Ao mencionar que, para alguns paraguaios, os “brasileiros são uma ameaça”, identifica-se um estereótipo que pode advir da ideia ou imagem do Brasil como uma nação moderna e superior ao Paraguai. São que acabaram permeando o cenário das imigrações de brasileiros para o Paraguai. Para Albuquerque, os imigrantes agricultores brasileiros criaram uma autoimagem de superioridade e veem os paraguaios como inferiores; apresentaram-se como os escolhidos do presidente Stroessner, principalmente os descendentes de alemães e que dominavam uma tecnologia agrícola no Brasil e entraram no Paraguai “sabendo tudo” relacionado com a produção de uma agricultura moderna.³⁸⁹

Conforme Sprandel, os estereótipos construídos sobre os imigrantes brasileiros e os paraguaios só fez aumentar tensões e choques culturais e causar constrangimentos diversos neste encontro de etnias no leste do Paraguai. A auto identificação de brasileiros e paraguaios denota assimetrias entre as formas como

³⁸⁸ MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

³⁸⁹ ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre Brasil e Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010. p.178.

elaboraram o seu modo de vida em todos os aspectos: cultural, socioeconômico, político e histórico³⁹⁰.

No entanto, essa visão estereotipada não forma um padrão, conforme pode ser observado em depoimentos de imigrantes e de seus descendentes.

As entrevistas mostram que a dinâmica dos sujeitos históricos que estamos enfocando traz a sensação de pertencimento e de aceitação, precisamente porque a identidade é construída dentro e a partir do grupo social em que se está inserido, num contexto histórico específico, com as suas relações econômicas e políticas construídas na diferença e não fora dela.

A descendente Fabiana Schwerz nascida em Puente Kyjhá, departamento de Canindeyu, explicita uma situação de preconceito, mas por parte de brasileiros para com o Paraguai e para com os que vivem naquele país, independente da origem étnica:

(...) tive que ficar internada num Hospital no Brasil, na cidade de Cascavel. Lá percebi que, para eles (refere-se aos brasileiros no Brasil), o Paraguai é o fim do mundo. Eu acho que não tem nada disso, eu gosto de viver no Paraguai. É a minha vida e gosto daqui. Eles têm muito preconceito contra o Paraguai.³⁹¹

Fabiana Shcwertch manifesta seu sentimento de pertencimento para com o lugar em que vive e que estabeleceu relações sociais e culturais: afirma que gosta de viver no Paraguai. É em função deste sentimento de pertença e desta identidade que vai sendo constantemente moldada que vão sendo construídos os laços sociais, culturais e os projetos de vida dos sujeitos históricos. Certamente, causa-lhe constrangimento o preconceito que os brasileiros residentes na cidade de Cascavel, no estado do Paraná, possuem em relação ao Paraguai.

De certo modo, podemos pensar, como Haesbart da Costa, que uma identidade “nunca é apenas um produto ou resultado da criação e manipulação de uma fração da classe dominante, cabe compreender também a força de suas raízes populares”.³⁹² Fabiana Shcwertch, assim como tantos outros descendentes de

³⁹⁰ SPRANDEL, M. A. **Brasiguaios**: conflito e identidade em fronteiras internacionais. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PPGAS/ Museu Nacional/ UFRJ, 1992.

³⁹¹ SHCWERTCH, F. M. **Entrevista**. Curva da Lata, (Katueté-Py), 14 de maio de 2015.

³⁹² HAESBAERT DA COSTA, R. **Latifúndio e identidade regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. p. 91.

imigrantes brasileiros que construíram suas vidas em solo paraguaio, o fizeram consoante com a cultura local.

Edicleide Turcato, ao se casar com um brasileiro, residiu seis meses no Brasil (2010). Passado este tempo, convenceu o esposo a residir no Paraguai, porque não conseguiu se acostumar no Brasil. Ela enfatiza:

(...) Se me tiram do Paraguai não sou nada porque sou daqui, sou paraguaia, ninguém pode negar isso! (...) No Brasil, era tudo diferente, o jeito das pessoas, os costumes. Tudo era diferente! Eu não sei explicar com palavras (...) aqui eu sinto que é a minha terra, lá eu sou uma estranha.³⁹³

O depoimento de Edicleide é expressivo na medida em que apresenta uma experiência diferente dos demais depoentes: o retorno à terra de origem de seus avós. No entanto, ela não se reconheceu como parte integrante desse lugar: “lá (refere-se ao Brasil) eu sou uma estranha”. Os elementos que envolvem a construção identitária de um indivíduo irão marcar sua percepção sobre coisas e lugares que lhe podem ser estranhas ou não.

No caso de Edicleide, causou-lhe estranheza estar no Brasil. E a experiência vivida por ela torna evidente o quanto ela e os descendentes de imigrantes podem ter se distanciado da cultura de origem e dotado elementos culturais do lugar onde nasceram e cresceram. A interação com o outro e as diversas possibilidades de se lidar com esse outro foram criadas e recriadas neste espaço de convivência, na construção de suas identidades e alteridades.

Voltando à questão das sociabilidades, foi recorrente nas entrevistas relatos sobre o estreitamento dos laços interétnicos resultante dos espaços de convivência nos mais diversos segmentos sociais. A imagem a seguir, apresenta filhos de um casamento interétnico (mãe de origem brasileira e pai paraguaio). De acordo com informações fornecidas pela depoente, Elizangela Zarete, sua filha está segurando o irmão no colo, antes do desfile cívico promovido pela escola, em Santa Fé del Paraná, no Paraguai, em maio de 2016. A jovem veste roupa típica paraguaia com detalhes em ñanduty³⁹⁴. O menino no colo tem as cores do Paraguai na faixa que lhe cinge a barriga.

³⁹³TURCATO, E. B. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 13 de maio de 2015.

³⁹⁴Ñanduty: Traduzido do guarani, teia de aranha. Um tipo de rendado típico manual.

A mãe relata com entusiasmo “sempre participamos das atividades cívicas da escola. Quando era criança, eu e minhas irmãs também participávamos.”³⁹⁵

Figura 12 - Irmãos biológicos, filhos de casamento misto, pai paraguaio e mãe descendente de imigrantes brasileiros.



Fonte: Acervo particular de Elizangela e Roberto Zarete. Maio de 2016.

A imagem retrata a interação étnica e cultural, confirmando o que foi mencionado anteriormente sobre a interação dos descendentes no ambiente escolar.

A construção de uma identidade define distâncias, mas também aproximações. Elabora-se num processo de relações cujas distinções entre a cultura dos imigrantes brasileiros e a dos paraguaios forneceu a base para que uma nova identidade pudesse emergir. Não há como negar que as diferentes etnias envolvidas nesse processo são extremamente significativas para a construção de novos conceitos e reelaborações identitárias. E que as variações das identidades ou a gradação das mesmas acontecem em função das escolhas e dos diferentes relacionamentos e vínculos estabelecidos no interior de cada grupo social e de cada

³⁹⁵ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

espaço.

Estas relações e vínculos articulam-se de forma dinâmica e em conjunto com as lutas e disputas culturais, através das quais persiste a reiteração das semelhanças e diferenças que antes dividiam brasileiros e paraguaios, e que, agora, dentro de um espaço mútuo, refazem suas identidades permeáveis e mutáveis.

Os espaços de convivência que indicamos anteriormente são resultado de uma criação contínua. É preciso buscar entender o mundo social, com seus acordos culturais, suas diferenças, seus julgamentos precipitados, as questões políticas, os interesses recíprocos, as mistificações. O sujeito histórico passa, assim, a ser visto, percebido e compreendido, tal como existe e faz seu estilo de vida. Não existe a construção de um espaço sem as concepções e o reconhecimento de uma maneira particular de viver, elaborada a partir da sociedade e da época em que se vive, ou seja, de acordo com o contexto histórico social.

Cada espaço, em seu interior, recebe sujeitos que organizam o lazer, o esporte, a administração e a cultura, desenhando estilos de vida, distinções, separações, regras e condições implícitas e explícitas de pertencimento. Esta noção de pertença está contida no relato da descendente de imigrantes Edicleide Turcato:

Eu me sinto parte daqui. Não tem separação! Conversar com alguém de origem brasileira ou com o paraguaio nato é a mesma coisa. Somos todos daqui. As pessoas que falam mal do Paraguai é porque não conhecem direito. Só morando aqui para saber como é. Eu me sinto como na minha casa. Se me falarem que não sou paraguaia, falaria que nasci aqui, sempre morei aqui. Minha história é aqui! E gosto daqui!³⁹⁶

Edicleide Turcato diz que “somos todos daqui”, que “minha história é aqui!”, que “gosto daqui!”, que “me sinto como na minha casa”. Essas asserções demonstram que há um ponto em comum nas expressões de sensações e de subjetividades que constroem as posições dos sujeitos históricos. Elas expressam um ensaio ou uma breve descrição da adoção da cultura do lugar em que vive, experiência vivida por ela e por outros descendentes de imigrantes que, como ela, estão construindo sua identidade cultural no Paraguai.

A declaração de Edicleide Turcato expressa um sentimento de pertença, a autoafirmação e a sensação de bem-estar em viver no Paraguai, que é o resultado

³⁹⁶ TURCATO, E. B. **Entrevista**. Cruce Guarani (Corpus Christi-Py), 13 de maio de 2015.

de uma trajetória de vida em um lugar que não é mesmo lugar de origem dos pais imigrantes, mas que é o seu lugar.

As novas gerações, os descendentes dos imigrantes brasileiros, estão em praticamente todos os segmentos da sociedade em que nasceram e cresceram: no comércio, nas associações, no campo, nas cooperativas, nas escolas, nas universidades, na política, com mais ou menos intensidade, dependendo do segmento. No conjunto das entrevistas, engenheiro, esteticista, comerciante na área farmacêutica, metalúrgica, tabelião, agrônomo, agricultor, mensalista em panificação, doméstica e mensalista na zona rural foram profissionais que expuseram suas verdades. Ao se considerar que os pais e avós desses profissionais eram essencialmente agricultores, ou ligados a atividade agrícola, nota-se a inserção desses indivíduos na sociedade em que vivem. Em um breve tempo (quatro décadas), construíram uma teia de relações sociais e culturais que se estendem para além das antigas colônias construídas pelos imigrantes.

Corroborando à ideia da inserção das novas gerações, na sociedade em que vivem, há ainda o relato da jovem descendente Ana Lorenzoni Khun, com dezoito anos:

Tive uma professora no ensino médio que é de origem brasileira, os avós dela vieram do Brasil. Ela nasceu aqui e estudou aqui até se formar professora. (...) Não tem diferença. Ela fala espanhol e dá aula em espanhol. Ela é paraguaia, na verdade!³⁹⁷

O que seria ser “paraguaia na verdade”? É uma questão intrigante! Quando Ana diz que sua professora nasceu, estudou, se formou e é professora; que dá aulas em espanhol e que não há “diferença”, ela está respondendo à nossa indagação. Para ela, ser paraguaia é desconsiderar a questão do sangue e apoiar-se na questão do nascimento e da cultura. Ana Lorenzoni, ao indicar sua professora como exemplo, indica também quais as características que, segundo ela, caracterizam uma “paraguaia”, de verdade. A depoente incorporou de fato e na integridade o lugar onde vive e, ao comparar-se com a professora, se auto projeta, uma vez que sua trajetória de vida se assemelha ao exemplo dado. A descendente de imigrantes se

³⁹⁷ KUHN, A. L. L. **Entrevista**. Toledo, 16 de maio de 2016. Depoente residente em Raul Arcenio Oviedo, Caaguazú-Py.

colocado por inteiro como sujeito de sua história, agindo como tal, se construindo e se entendendo como paraguaia.

Quaisquer que fossem os atributos, características ou atividades de outros entrevistados, o que contaria aqui e faria a diferença é o nível de imersão na sociedade com fins de realização. “Ser paraguaia” é exercer sobre si mesma a hermenêutica de ser quem se quer ser: é se reconhecer como sujeito independente da forma, do conceito, da modalidade ou simplesmente, como sujeito de sua identidade, ocupando o seu lugar no grupo social e cultural.

A narrativa de Ana Lorenzoni e as dos demais descendentes, seus gestos, suas expressões e suas falas sugerem condutas portadoras de um sentido, são expressões de códigos históricos, sociais e culturais que nelas imprimem significado, resultantes da memória e da rede de sociabilidades construídas ao longo de suas vidas em solo paraguaio. Participar de eventos e dos diferentes espaços de convivência significa partilhar os “rituais de pertencimento” de uma sociedade que vai se construindo diariamente. A consolidação de uma realidade e a relação entre sujeitos históricos de diferentes orientações étnicas, nos campos silenciosos da trajetória humana para sobreviver e viver, constituem outra identidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao arrogar-se das experiências de agricultores brasileiros radicados no Paraguai nas décadas de 1970 a 2016 e suas relações socioculturais com a sociedade receptora medram-se novas reflexões em torno desses sujeitos históricos. O cotejamento entre obras históricas relacionadas ao tema, as informações coletadas nas entrevistas e as observações da realidade vivida, proporcionaram novas tessituras sobre as configurações humanas naquele espaço brasiguai.

As migrações de brasileiros para o Paraguai iniciaram timidamente a partir de 1950, aceleraram-se na década de 1960 e se intensificam na década de 1970 para a região Leste do Paraguai. Desde então, a radicação de imigrantes no Paraguai vem ocorrendo paulatinamente até os dias atuais. Neste quadro, iniciam-se os olhares perscrutadores e demarca-se a espacialidade e a temporalidade desta pesquisa.

As migrações tiveram como fatores principais a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu, a modernização agrícola, especialmente na região sul do Brasil, desejos, sonhos familiares e pessoais em adquirir mais terras no Paraguai. Essas experiências, mormente, foram relatadas pelos sujeitos que vivenciaram e vivenciam este processo multicultural, no contato entre brasileiros e paraguaios no Paraguai. No aprofundamento teórico desenvolvido nesta tese, entrecruzam-se pressupostos sociais e culturais e, em especial, a questão das identidades. Ademais, o escopo dessa investigação ponderou sobre esta questão: De que forma as identidades étnico-culturais de brasileiros migrantes radicados, seus descendentes e a sociedade paraguaia conviveram, resignificaram, fragmentaram e ou mesclaram os processos identitários?

O encontro entre brasileiros e paraguaios que, inicialmente provocou estranhamento, choques culturais, estigmatizações, preconceitos e até mesmo uma crise identitária nos descendentes de imigrantes é abordado nessa discussão como um processo amplo, de mudança, de adaptação social e cultural. As novas gerações constituídas pelos descendentes deslocaram as suas “velhas” estruturas históricas, sociais e culturais modificando quadros de referência étnico-cultural que dava certa estabilidade aos seus pais ou familiares e a eles mesmos. Mas que, sobretudo,

modificaram-se a partir da experiência de radicação no Paraguai.

Todavia, considerando-se que descendentes de imigrantes partilham de uma “cultura híbrida”, questiona-se de que forma estes sujeitos históricos teriam organizado as suas estruturas sociais e culturais? Que escolhas realizaram entre passado e presente para conviver nas comunidades paroquiais, nas festas da comunidade, na escola, nos novos arranjos familiares e para “pertencerem” e serem aceitos no outro grupo ou na outra sociedade? Por fim, que sujeitos históricos se tornaram?

As respostas estão em intermitência com os aspectos étnicos e culturais, como o idioma por exemplo, as formas de contatos estabelecidos e as trocas culturais nos espaços de sociabilidades. Explorar estas questões foi sem dúvida algo complexo e, que por vezes, apresentou contradições. Portanto, com base nesses pressupostos, as conclusões se desenvolvem na perspectiva de que a convivência – em especial dos descendentes de brasileiros com a sociedade paraguaia – geraram situações e experiências que lhes conferiram uma identidade diferente e assim, desmistificaram conceitos de que uma identidade é sólida e imutável.

Avançou-se de uma concepção que considera o sujeito histórico como um ser unificado, racional, de consciência e de ação, contendo em seu interior uma essência que nasce com ele permanecendo eterna ao longo de toda a sua existência e desenvolvimento. Ou seja, os sujeitos permaneceriam sempre os mesmos em sua identidade e as suas concepções seriam sólidas. Sobre a convivência nos espaços de sociabilidade surgiu a afirmação: “Ninguém fica olhando qual é a origem da pessoa”³⁹⁸, ou seja, atesta-se que as questões de origem étnica foram transcendidas. Dessa forma, arremata-se que a origem étnica não é um fator de separação ou algo que não possa se mesclar com o passar do tempo.

Sendo assim, as experiências dos imigrantes brasileiros radicados refletem a complexidade inerente às trajetórias de vida, as quais revelam particularidades. Desse modo, a identidade dos descendentes foi formada na relação entre brasileiros e paraguaios, mediadas por sua graduação de valores, sua cultura e seus símbolos. Da relação interativa entre o “mundo do outro” (sociedade paraguaia) e o “próprio mundo” (família migrante), constrói-se a identidade ou o “indivíduo”.

A partir dessa discussão, entende-se que a identidade dos descendentes

³⁹⁸ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

resultou da interação entre o eu de cada um e a sociedade em que viviam e se inseriram de diferentes maneiras. Isso fica implícito no relato a seguir em que a entrevistada fala sobre o comportamento do filho em relação ao não estranhamento étnico cultural: “[...] é porque ele recebeu as duas culturas desde pequeno, então para ele é uma coisa só”³⁹⁹. É claro que ele recebeu e recebe fragmentos da herança cultural e étnico brasileira, mas ele modificou essa identidade cultural (da mãe imigrante) numa relação contínua com outros (sociedade em que vive) e os símbolos diferentes que estes ofereceram. Esta nova identidade, passou a ser a síntese entre o passado e o presente, entre o interior e o exterior, entre o pessoal e a sociedade. Não obstante, é o próprio sujeito que constrói e projeta a sua identidade cultural, tornando-se um “eu” ao mesmo tempo que é também uma “parte do nós”.⁴⁰⁰

“Na verdade, meus filhos têm as duas culturas!”⁴⁰¹ Dessa forma, a identidade é a síntese que estabiliza momentaneamente o sujeito em relação à realidade dual que ele habita. Contudo, tende novamente a “entrar em crise” para formar novas identidades posteriormente. Os sujeitos históricos, ao longo de sua existência, forjam várias identidades, buscando resolver contradições, compor novos espaços e se adaptarem às novas necessidades objetivas da cultura e da sociedade. Tornando-se provisória, variável e emblemática.⁴⁰²

De sobremaneira, os descendentes de imigrantes brasileiros, que vivenciaram o entrecruzamento cultural e étnico em um contexto de radicação de imigrantes na sociedade receptora, fizeram emergir um sujeito diferente, que carrega elementos de dois mundos culturais. Esses indivíduos realizaram escolhas dentro do duplo universo cultural e construíram um jeito impar de viver, que não se define nem como brasileiro nem como paraguaio, mas, portanto, na construção de ambos - num movimento inacabado. Movimento este, que no contexto de abertura de fronteiras agrícolas no Leste paraguaio foi transformando concomitantemente a realidade e o espaço das comunidades, das vilas e, agora, das cidades do Paraguai, desenhadas e redesenhadas com elementos de ambos universos culturais (brasileiro e paraguaio). A propósito, Corpus Christy, Katueté, Curva da Lata, Gleba 11, Cruce

³⁹⁹ DE PAIVA, C. M. S. **Entrevista**. Gleba 11 (Mbaracayu-Py), 11 de julho de 2016.

⁴⁰⁰ SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

⁴⁰¹ ZARETE, E. S. V. **Entrevista**. Santa Fé del Paraná, 12 de julho de 2016.

⁴⁰² HALL, S. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

Guaraní, Hernadárias, Santa Rita, Laranjal, Santa Fé de Paraná, Puente Kujá, Raúl Arcenio Oviedo entre outros, são espaços de convivência, acima de tudo, mútua entre paraguaios e imigrantes radicados e seus descendentes. As informações colhidas no conjunto das entrevistas atestam a existência de traços culturais dos dois grupos étnicos nesses espaços.

Diante do exposto, esta tese acrescenta uma nova dimensão a esta constatação – os descendentes de brasileiros e paraguaios na sua existência e convivência, enquanto sujeitos humanos e históricos ressignificaram a sua identidade cultural, seus valores e sua realidade. Nesse processo, tornaram-se capazes de assumir várias e múltiplas identidades. Fizeram opções, incluíram, excluíram e produziram mesclas. Logo, construiu-se outras identificações com um novo jeito de ver, pensar e significar as coisas.

Nesse contexto, são inúmeras as indagações acerca de quais teriam sido as nuances deste novo “eu” que surge? Que aspectos étnicos, sentimentais, culturais, econômicos, sociais e de solidariedade teriam se integrado para formarem a sua identidade, da sua maneira e de seu jeito único e complexo? Notadamente, os depoimentos deram visibilidade ao cotidiano que lhes é próprio, em seu contexto, em suas representações e contradições. Foi necessário sensibilidade para escutar e traduzir as falas dos descendentes. A multiplicidade de experiências relatadas, reproduziu cenários de espaços de sociabilidade, mas que de sobremaneira despertaram a compreensão de que cada entrevistado com seus relatos ajudou a compor uma história singular. Cada indivíduo a sua maneira e com as suas próprias experiências construiu a sua história. Portanto, não existem formas homogêneas de cultura e cada sujeito histórico, inserido em uma rede de sociabilidades ajudou a construir um lugar para as novas gerações, tendo o Paraguai como sua terra natal e cuja identidade é fluida.

A expressão “(...) eu tenho sangue brasileiro dentro de mim, mas sou mais Paraguaia!”⁴⁰³, reflete o cenário que está posto, especialmente para os descendentes de imigrantes que nasceram e cresceram no Paraguai, em alguns casos, filhos de casamento intercultural. Percebe-se que são um pouco brasileiros, um pouco paraguaios, um pouco mais de um, um pouco mais do outro e um pouco inventado da mistura dos dois. Dessa forma, engendraram ambientes, dinamizaram

⁴⁰³MASCARELO, C. C. **Entrevista**. Katueté, 19 de novembro de 2014.

os espaços partilhados, redesenharam a sociedade em que vivem, a economia, combinando a atividade produtiva, a princípio como agricultores em sua grande maioria, e posteriormente com novos arranjos sociais e culturais. Sujeitos e lugares se transformaram numa dialética própria do espaço brasiguai.

Se por um lado, o espaço brasiguai é caracterizado, por alguns pesquisadores como Souchaud⁴⁰⁴ ou Albuquerque⁴⁰⁵, como voltado para o mercado e para o agronegócio num contexto macroeconômico, é por isso, por outro lado, fonte de preocupação e disputas constantes. No entanto, o que se discute é o que manter de regionalidade, de agricultura familiar e que setores inserir ou não na globalização. Essa condição gera conflitos étnicos que têm como pano de fundo a posse da terra. Por outro lado, os descendentes, diretamente inseridos neste contexto, promoveram e promovem adaptações e assimilam as fronteiras culturais e étnicas entre duas culturas – brasileiros e paraguaios.

O “espaço brasiguai”, hoje, sinaliza a existência da “mistura”. Foi isso que ficou evidenciado no cotidiano e nas falas dos descendentes das famílias de imigrantes radicados com os quais se teve contato. A interação com o outro e as diversas possibilidades de se lidar com esse outro foram criadas e recriadas neste espaço de convivência, na construção de suas identidades e alteridades: isto se dá num processo histórico de mais de quatro décadas de residência no Paraguai.

Diante disso, ficou evidenciado que os descendentes de imigrantes brasileiros no Paraguai construíram uma realidade e uma identidade impar que, de fato, lhes é fluida, fruto de suas histórias de vida em um contexto migratório e de radicação dos pais e avós em uma nova terra. Nesse cenário construíram novas vidas deparando-se com uma realidade complexa e dinâmica, a qual emergiu a partir da presença de milhares de brasileiros em solo paraguaio, marcando uma nova relação entre grupos étnicos distintos, abrangendo aspectos políticos, sociais, econômicos e culturais diferentes, cujo caráter de transitoriedade necessitou de uma constante redefinição, que surge da própria mobilidade dos sujeitos e da “modernização” ou, da adaptação frente às novas realidades. A identificação dos sujeitos é redefinida historicamente mediada pelas interpelações sociais,

⁴⁰⁴ Ver SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña em Paraguay**. Asunción: UNFPA, 2007, p. 121.

⁴⁰⁵ Ver: ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Fortaleza. 2005. 274 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005, p. 99.

econômicas, políticas e culturais nas quais estão envolvidos.

Nesta tese, arrazoa-se que para entender quem são os “brasiguaios”, é preciso considerar o tempo e o espaço, bem como, refletir sobre as mudanças, práticas sociais e culturais permanentemente. E ainda, considerar que estas mudanças afetam as fragmentações internas dos sujeitos em sua cotidianidade. É necessário também compreender que no “espaço brasiguaiio”, as sociedades e as identidades que se engendram são um “vir a ser” permanente, aberto, perturbador e provisório com inúmeras possibilidades. Em outras palavras, apresentam um formato específico reconstruído a partir das experiências dos sujeitos que ali vivem.

FONTES ORAIS

BACKES, Sinaide. **Entrevista.** Gleba 11, 02 de janeiro de 2010.

CHIOSSI, Cláudio. **Entrevista.** Curva da Lata, 07 de julho de 2009.

DA SILVA, Josemar. **Entrevista.** Curva da Lata, 14 de maio de 2015.

DE PAIVA, Cladis M. S. **Entrevista.** Gleba 11, 11 de Julho de 2016.

DALKE, Joseli Débora. **Entrevista.** Santa Rita, 25 de novembro de 2009.

FRIGUETTO, Áureo. **Entrevista.** Gleba 11, 31 de janeiro de 2009.

KHUN, Ana Laura Lorenzoni. **Entrevista.** Toledo, 19 de maio de 2016.

LEICHTWEIS, Lourdes. **Entrevista.** Gleba 11, 30 de janeiro de 2009.

MASCARELO, Camila Caseres. **Entrevista.** Katueté, 19 de novembro de 2014.

MOH, Eduino. **Entrevista.** Curva da Lata, 8 de julho de 2009.

NODARI, Daniela F. **Entrevista.** Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

POSSELT, S. Gabriel. **Entrevista.** Entrevista. Gleba 11 08 de setembro de 2015.

SALVADEGO, Wagner Fernando de Oliveira. **Entrevista.** Katueté, 24 de junho de 2015.

SCHNEIDER, Vivian Beatriz. **Entrevista.** Santa Fé del Paraná, 6 de setembro de 2015.

SCHNEIDER, Nildo. **Entrevista.** Toledo, 12 de outubro de 2009.

SCHNEIDER, Renato. **Entrevista.** Gleba 11, 30 de janeiro de 2009.

SHCWERZ, Fabiana Mendes. **Entrevista.** Curva da Lata, 14 de maio de 2015.

TURCATO, Edileide Bonato. **Entrevista.** Cruze Guarani, 13 de maio de 2015.

VOIGT, Marcos Adriano S. **Entrevista.** Hernandárias, 05 de setembro de 2015.

WENDPAP, Julli Thamara. **Entrevista.** Cruze Guarani, 24 de junho de 2015.

ZARETE, Elizangela S. V. **Entrevista.** Santa Fé del Paraná, 12 de Julho de 2016.

REFERÊNCIAS

- AGULHON, M. Visão dos bastidores. In: NORA, P. (Org.) **Ensaio de Ego-História**. Lisboa: Difel, 1987.
- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos "brasiguaios" entre os limites nacionais. **Rev. Horiz. Antropol**, v. 15, n. 31, Porto Alegre Jan./June, 2009.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais**: a imigração brasileira no Paraguai. Fortaleza. 2005. 274 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. As línguas nacionais na fronteira Paraguai-Brasil. In: Seminário internacional: fronteiras étnico-culturais e fronteiras da exclusão, 2., 2006, Campo Grande. **Anais**. Campo Grande: Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas (NEPPI), 2006. Disponível em: <http://www.neppi.org/anais/textos/pdf/linguas_nacionais_frenteira>. Acesso em 17 de set. de 2008.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. Fronteiras: entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação. In: **I Colóquio internacional sobre dinâmicas de Fronteira**. Toledo: UNIOESTE, 2012.
- ARIÉS, P. A história das mentalidades. In: LE GOFF, J. **A história nova**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- AZEVEDO, T. de. **Italianos e gaúchos**. Os anos pioneiros da colonização italiana no Rio Grande do Sul. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: Fundação Pró-Memória, 1982.
- BARBARA, M. S. Brasiguaios: territórios e jogos de identidade. In: PÓVOA NETO, H.; FERREIRA, A. P. (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. **Teorias da etnicidade**: grupos étnicos e suas fronteiras. São Paulo: UNESP, 1998.
- BARTH, F. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T. (org.). **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Tratado de

sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1999.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz. Edusp, 1987.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, P. Ao leitor. In: BOURDIEU, P. (Coord). **A miséria do mundo**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRACAGIOLO NETO, A. **A fronteira dos excluídos**: a trajetória social dos brasiguaios. Porto Alegre/RS: Cadernos de Sociologia PPGS, 1994.

BRAIDO, J. F. Colonos brasileiros en el Paraguay. **Revista Paraguaya de Reflexión y Diálogo**, Paraguay, n. 16, p. 25-30, nov. 1972.

BRAND, A. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/guarani**: os difíceis caminhos da palavra. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre/PUC. Porto Alegre, 1997.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BUTTINI, P. L. **Entrevista concedida A. C Gutiérrez**. In: GUTIÉRREZ, A. C. Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay: enseñan a colonos paraguayos a plantar soja mecanizada. Última Hora, Assunção, 25 de setembro de 2003.

CALDO, P.; FERNANDEZ, S. Sobre el sentido de lo social: asociacionismo y sociabilidad. Um breve balance. In: FERNANDEZ, S.; VIDELA, O. **Ciudad Oblicua**: aproximaciones a temas e intérpretes de La entreguerra rosarina. Rosario: La Quinta Pata & Camino Ediciones, 2008.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas Híbridas**. São Paulo, EDUSP, 3ª ed., 2000.

CANDAU, V. M. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. e CAUDAU, V. M. (Org.), **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CANDAU, V. M. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: CANDAU, V. M. (Org.). **Culturas e educação**. Entre o Crítico e os pós-crítico. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CARDIN, E. G. **Laranjas e sacoleiros na Tríplice Fronteira**: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

CARDOSO, J. A. **Atlas histórico do Paraná**. 2. ed. Curitiba: Livraria Chain, Editora, 1986.

CARVALHO, M. L. B. **Das terras dos índios a índios sem terras, o estado e os guarani de Oco'y**: violência, silêncio e luta. São Paulo: USP - Departamento de Geografia, 2013.

CASTELANO, M. J. Conflitos na fronteira: a atuação da comissão Pastoral da Terra (CPT) junto aos trabalhadores rurais e a Itaipu nas décadas de 1970-1980, no oeste do Paraná. In: **Anais** do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória – ES: 10 a 16 ago. 2014.

CEM – Centro De Estudos Migratórios. **Os emigrantes brasileiros no Paraguai**. Estudos 4. São Paulo, 1971.

CHARTIER, R. **A história cultural práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

CHIAVENATO, José Julio. **Stroessner**: Retrato de uma ditadura. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

COLODEL, J. A. **Obrages e Companhias colonizadoras**: Santa Helena na história do Oeste paranaense até 1960. Santa Helena: Prefeitura municipal, 1988.

CPI da Desapropriação, Curitiba, 19 de abril de 1979, *apud* RIBEIRO, M. de F. **Memórias de concreto**: vozes na construção de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.

CUNHA, M. C. **Cultura com aspas**. São Paulo: Cosac Nayfi, 2009.

DIRECCIÓN GENERAL DE MIGRACIONES. **Rervista Migraciones e Integracion**. Ministerio del Interior. Ano n.1 Diciembre 2009.

DORATIOTO, F. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESPÓSITO NETO, T. As relações Brasil-Paraguai: do litígio da fronteira brasileiro-paraguaia (1962) à Ata das Cataratas (1966). In: **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 7, n. 1, Dourados – MS, 2013.

ESTADÃO DIGITAL. Tensão obriga 'brasiguaios' a se refugiarem no Brasil. **Estadão**, 29 de abril de 2010. Disponível em: < <http://internacional.estadao.com.br/geral,ten-sao-obriga-brasiguaios-a-se-refugiarem-no-brasil,544558> >.

ESTRELA, E. S. Vozes da Itaipu: o testemunho de uma expropriação. Imaginário, 12, n.13, São Paulo, 2006, Resenha.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da língua portuguesa.** 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FIORENTIN, M. I. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010).** Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná: Curitiba, 2010.

FIORENTIN, M. I. S. **Imigração Brasil-Paraguai: a experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010).** Curitiba: Juruá Editora, 2012.

FIGUEREDO, O. A. T.; FILIPPI, E. E. O Paraguai e sua inserção econômica na globalização: o caso da soja. In: **XLIII CONGRESSO DA SOBER: "Instituições, Eficiência, Gestão e Contratos no Sistema Agroindustrial"**. Ribeirão Preto, 24 a 27 de julho de 2005.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. In: **Revista Brasileira de Educação.** maio-ago. 2003, n. 23, p. 16-35.

FROTSCHER, M. Trabajadores brasileños, brasileños trabajadores: resignación de la identidad étnica entre migrantes de origen rural. In: **Despazamientos em Argentina y Brasil: aproximaciones em el presente desde la historia oral.** Buenos Aires: Imago Mundi, 2011.

FELIÚ, F. S. **Los brasiguaios.** Canindeyú/Zona Alta, s/d.

FERRARI, A. C. **O avanço do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no município da San Alberto:** departamento de Alto Paraná/Paraguai. Centro de Ciências Humanas e Letras: Marechal Candido Rondon, 2006.

FERREIRA, M. M. História oral: um inventário das diferenças. In: _____ (Coord.). **Entrevistas: abordagens e usos da história oral.** Rio de Janeiro: FGV, 1994. p. 1-13.

FERREIRA, M. M. História oral e tempo presente. In: MEIHI, J. C. S. **(Re) Introduzindo história oral no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1996.

FIGUEIREDO, O. A. T.; MIGUEL, L. A. **Desenvolvimento territorial e ruralidade: a modernização da agricultura e os brasiguaios no Paraguai.** Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

FLEURI, R. M. Intercultura e educação. In: **Revista Brasileira de Educação,** maio-ago. 2003, n. 23, p. 16-35.

FOGEL, R. Efectos socioambientales del enclave sojero. Dinâmica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: uma organização del território aL estilo brasileiro. In: **Merma, soberania y pobreza**. FOGEL, R.; RIQUELME, M. CERI, 2005.

FOUCHER, M. **Obsessão por fronteiras**. São Paulo: Radical Livros, 2009.

FRANK, R. Questões para as fontes do presente. In: CHAUVEAU, T. **Questões para a história do presente**. Editora da Unv. do Sagrado Coração, 1999.

GAGLIETTI, M. **A questão da hibridização cultural em Néstor Garcia Canclini**. Trabalho apresentado ao VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul. Passo Fundo/RS. S.d.

GATTERMANN, B. **Itaipu, a pedra que canta o desespero e o desencanto dos Agricultores atingidos pela barragem**. Cascavel, 2006. p. 24 Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em História da Educação Brasileira, do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. Disponível em: <http://www.unioeste.br/projetos/histedopr/monografias/monografia_Beatriz.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2014.

GERMANI, F. Os expropriados da Itaipu. O conflito: Itaipu x Colonos. **Cadernos do Propur**. Porto Alegre: UFRS, 1982.

GOETTERT, J. D. Narrativas de fronteira: gentes e lugares em multiplicidade. In: **Fronteiras e fronteiriços**. GONÇALVES, K. B.; FERNANDES, R. M. S. (Org.) Eumde.net, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. (Trad. Márcia B. de Mello L. Nunes) Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan, 1988.

GONÇALVES, K. B. **Migrações brasileiras para o Paraguai**: territórios e identidades da Colônia de Nueva Esperanza. (YBY YAU) – Concepción. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação Mestrado em Geografia, Universidade Federal da Grande Dourados, 2012.

GREEN, N. **Tempo e estudo da assimilação**. Antropolítica. Niterói n. 25, p. 23-47, 2. sem. 2008.

GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: Edunioeste, 2002.

GRIMSON, A. **Fronteras, naciones e identidades**: la periferia como centro. Buenos Aires: La Crujia, 2000.

GUTIÉRREZ, A. C. **Nací en Brasil, pero quiero pasar el resto de mi vida en Paraguay**: enseñan a colonos paraguayos a plantar soja mecanizada. Última Hora, Assunção, 25 de setembro de 2003.

GUTIÉRREZ, H. (org). **Fronteiras, paisagens personagens, identidades**. Franca:

Ed.Unesp, São Paulo: Olho d'água, 2003.

HAESBAERT, R. **Dês-territorialização e identidade**: a rede “gaúcha” no nordeste. Niterói: EdUFF, 2007.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização, multiterritorialidade e regionalização. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério. MOREIRA, Ruy. **Por uma nova regionalização**. São Paulo: Max Limonad, 2004.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

IPARDES. **Paraná**: diagnóstico social e econômico. Curitiba, 2004.

LAINO, D. **Paraguai**: fronteiras e penetração brasileira. São Paulo, Global Editora e Distribuidora Ltda, 1979.

LE GOFF, J. **História e memória**. 2. ed. Campinas (SP): Unicamp, 1992.

LEONARDON, M. B. **Sem-terra e sem “Pátria”**: um estudo dos brasiguaios. 2003.

LIMA, I. C. de. **Itaipu**: as faces de um megaprojeto de desenvolvimento (1930-1984). Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2004.

LUGON, C. **A república comunista cristã dos guaranis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

MAGALHÃES, G. M. **Fronteira do direito humano à educação**: um estudo sobre os imigrantes bolivianos nas escolas públicas de São Paulo. USP, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu, 2010. (Dissertação de Mestrado).

MARQUES, D. H. F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil**: o estudo de caso dos “brasiguaios”. Tese Doutorado. Centro de Desenvolvimento e planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MÁRQUEZ, G. G. **Vivir para contar**. Bogotá: Editorial Norma, 2002.

MARTINI, G.; GARCIA, R. C. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

MASSENZIO, M. **A história das religiões na cultura moderna**. São Paulo: Hedra, 2005.

MAZZAROLLO, J. **A taipa da injustiça**: esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. São Paulo: Loyola, 2003.

- MEIHY, J. C. B. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- MENEZES, M. **Os brasiguaios**: nem brasileiros nem paraguaios. São Paulo: Loyola, 1992.
- MIRANDA NETO. **A Expropriação dos alimentos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
- MIRÓ, M. I. **Alimentación y religiosidade paraguaiya**: chipa, elpan sagrado. Sevilibro. Asunción – Paraguay, 2001.
- MIZUSAKI, M. Y. **Território e reestruturação produtiva na avicultura**. Dourados: UFGD, 2009.
- MOITA LOPES L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- MUELLER, C. C. Dinâmica, condicionantes e impactos socio-ambientais da evolução da fronteira agrícola no Brasil. **Revista Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n.3, p. 64-87, jul./set. 1992.
- MULLERRE, K. M.; RADDATZ, V. L. S. Fronteiras comunicação e práticas socioculturais fronteiriças. In: NUÑES, A; PADOIN, M. M.; OLIVEIRA, T. C. M. **Dilemas e diálogos platinos dilemas**. 2. v. Dourados, MS: UFGD, 2010.
- NASCIMENTO, V. A. **Mestiçagem e identidade étnica no Paraguai**: uma contribuição ao debate. Cadernos do Leme: Campina Grande, v. 5, n. 1, jan.- jun. 2013.
- NAVARRO, J. N. Sociabilidad e historiografía: trayectorias, perspectivas y reto. SAITABI. **Revista de La Facultad de Geografía y Historia**. Universidad de Valência. Valência, n. 56, p. 99-120, 2006.
- NICKSON, R. A. Colonización brasileña en la región Oriental del Paraguay. In: FOGEL & REQUIELME. **Enclave sojero – merma de soberanía y pobreza**. Asunción, CERJ, 2005.
- NICKSON, R. A.; MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL, 1996 e 2002. Citados por ZAMBERLAN, J; CORSO, G. (Org.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai**. Porto Alegre: Solidus, 2007.
- OLIVEIRA, A. U. **Integrar para não entregar**: políticas públicas e Amazônia. Campinas: Papirus, 1988.
- OLIVEIRA, C. **Políticas governamentais do Brasil e do Paraguai**: Imigração brasileira em direção ao Paraguai. I Seminário Internacional dos Espaços de Fronteira. III Seminário Regional sobre Território, Fronteira e Cultura. VII Exposição Geográfica da Unioeste: Espaços de Fronteira – Território e Ambiente. Marechal

Cândido Rondon: UNIOESTE, 14-17 set. 2011.

ORTIZ, R. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PALAU, T. Migração transfronteiriça entre Brasil e Paraguai: o caso dos brasiguaios. In: PATARRA, N. L. **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Campinas: FNUAP, 1995.

PAOLI, M. Z. **O caso Itaipu**. Maio 1992. (Relatório mimeog.).

PARAGUAY. Resultados finales. **Censo Nacional de Población y viviendas**. Año 2002 – Total país. Fernando de La Mora: DGEEC.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

PEREIRA, J. H. do V. Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul. In: **Revista de Múltiplas Leituras**, Jan. Jun., 2009, v. 02, n.1, p. 51-63. p. 58.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. p. 203.

POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp. s/d.

REYDON, B. P.; PLATA, L. A. Migrações e mercados de terra agrícolas no Cone Sul. In: PATARRA, N. L. **Emigrações e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

RIBEIRO, M. de F. **Memórias de concreto**: vozes na construção de Itaipu. Cascavel: Edunioeste, 2002.

RIQUELME, M. Migrações Brasileiras no Paraguai. In: OLIVEIRA, T. C. M. (Org.). **Território sem limites**: estudos sobre fronteiras. Campo Grande: EdUFMS, 2005.

RIQUELME, M. Notas para el estudio de las causas y efectos de las migraciones brasileñas em el Paraguay. In: FOGEL & RIQUELME. **Enclave sojero**: merma de soberanía y pobreza. Asunción, CERJ, 2005.

ROESLER, M.; CESCNETO, E. Políticas populacionais, migrações e desenvolvimento. **VIII Congresso Luso-Africano de Ciências Sociais**. Coimbra 16,17 e 18 de setembro de 2004. Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Coimbra. Coimbra/Portugal. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/LAB2004>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

RÜSEN, J. **Razão histórica**: teoria da história: fundamentos da ciência Histórica. Brasília: UNB, 2001.

SALES, T. Migrações de fronteira entre o Brasil e os países do Mercosul. **Revista**

Brasileira de Estudos de População, Campinas, v.13, n.1, p. 87-98, jan./jun, 1996.

SALIM, C. A. A questão dos brasiguaios e o Mercosul. In: PATARRA, N. L. **Emigrações e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico - científico - informacional**. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1998.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. 4. ed. São Paulo: Hucitec: Anpur, 1998.

SANTOS, A. C. A. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de vida e história**. Comunicação apresentada à Mesa Redonda “A produção historiográfica e as fontes orais, no Evento comemorativo ao Sesquicentenário do Arquivo Público do Paraná”. Curitiba, Paraná, 2005.

SANTOS, C. R. A. **A história da alimentação no Paraná**. Curitiba: Juruá, 2007.

SANTOS, M. E. P. **O cenário multilingue/multidialeto/multicultural de fronteira e o processo identitário “brasiguai” na escola e no entorno social**. Campinas: UNICAMP, Doutorado em Linguística Aplicada, 2004. (Tese de Doutorado).

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SCHREINER, D. Cotidiano trabalho e poder. In: **A formação da cultura do trabalho no Extremo Oeste do Paraná**. Toledo: EdT, 1997.

SCHLOSSER, M. **Nas ondas do rádio: a visibilidade da modernização agrícola do oeste do Paraná. (1960-1980)**. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Estadual de Maringá, 2001.

SEYFERTH, G. **A colonização alemã no Vale do Itajaí-mirim**. Porto Alegre: Movimento/SAB, 1974.

SEYFERTH, G. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: MAUCH, C; VASCONCELLOS, N. (orgs). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: ULBRA, 1994.

SILVA, J. G. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1992.

SILVA, T. T. A. **A produção social da identidade e da diferença**. Petrópolis: vozes, 2000.

SILVA, H. M. **Fronteiriços: as condicionantes históricas da ocupação e colonização do oriente paraguaio – a região de Katuetê, no Departamento de Canindeyú – 1970-2000**. Tese de Doutorado. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2007.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

SINGER, P. **Dinâmica populacional e desenvolvimento**. São Paulo: Cebrap, 1970).

SINGER, P. Migrações internas: considerações teóricas sobre seu estudo. In: MOURA, H. A. de (Coord.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil - BNB, Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, 1980. t. 1, p. 211-244. (Estudos econômicos e sociais, 4).

SINGER, P. **Economia política da urbanização**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

SPINELLI JUNIOR, V. Bauman e a impossibilidade da comunidade. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais – CAOS**, n. 11. p. 01-13. Out. 2006. Disponível no site: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos>>. Acesso em: 04 abr. 2016.

SPRANDEL, M. A. Brasileiros de além-fronteira. In: **O fenômeno migratório no terceiro milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SPRANDEL, M. A. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. **Estudos avançados**. V. 20, n. 57, São Paulo, maio-ago, 2006.

SPRANDEL, M. Uma identidad de frontera y suas transformaciones. In: **Colección Signo**. Tradução: Laura Abramzón. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, setembro de 2000.

SOUCHAUD, S. **Dinâmica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: uma organización del território aL estilo brasileño**. CERI, 2005.

SOUCHAUD, S. Dinâmica de la agricultura de exportación paraguaya y el complejo de la soja: uma organización del território aL estilo brasileño. In: **Merma, soberania y pobreza**. FOGEL, Ramón. RIQUELME, Marcial. CERI, 2005.

SOUCHAUD, S. **Geografía de la migración brasileña en Paraguay**. Asunción: UNFPA/ ADEPO, 2007.

SOUCHAUD, S.; CARMO, R. L. Migração e mobilidade no Mercosul: a fronteira do Brasil com Bolívia e Paraguai. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. **Anais**. Caxambu: ABEP, 2006. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/>>. Acesso em: 07 mar. 2008.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre o espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

SPRANDEL, M. Uma identidad de frontera y suas transformaciones. In: **Colección**

Signo. Tradução: Laura Abramzón. Buenos Aires: Ediciones Ciccus, setembro de 2000.

STURZA, E. R. **Línguas de fronteira:** o desconhecido território das práticas linguísticas nas fronteiras brasileiras. *Ciência e Cultura*, 2, 57, São Paulo. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php>>. Acesso em: 02 ago. 2015.

SYLVAIN, S. **Geografia da la migracion brasileña em Paraguay.** Asunción: UNFPA/ADEPO, 2007.

TEDESCHI, L. A. Interculturalidade: igualdade e diferença em debate. In: TEDESCHI, L. A. et al. (Org.). **Abordagens interculturais.** Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado.** São Paulo: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. In: **Revista brasileira de história.** São Paulo, v. 22, n. 44, 2002.

TUAN, Y. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

VALLE, E. **Conversão:** da noção teórica ao instrumento de pesquisa. *Revista Eletrônica de Estudos da Religião – REVER.* Disponível no site: <http://www.puc.br/rever/rv2_2002/t_valle.htm>. Acesso em: 07 mar. 2016.

VELHO, G. Entrevista com Gilberto Velho. **Entrevista** concedida em 3 de julho de 2001 a Celso Castro, Lucia Lippi Oliveira e Marieta de Moraes Ferreira. *Estudos Históricos.* Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 183-210, 2001.

VIEIRA, H. **Comidas típicas do Paraguai.** Disponível em: <http://www.diparma.com.br/post/comidas-tipicas-do-paraguai>> Acesso em: 03 de mar. 2016.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, mensus e colonos:** história do oeste paranaense. Curitiba: Vicentina, 1988.

WAGNER, C. **Brasiguaios:** homens sem pátria. Petrópolis: Vozes, 1990.

WEBER, M. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva. Vol. 1. Brasília: Unb, 1991.

ZAAR, M. H. **A migração rural no oeste paranaense:** a trajetória dos brasiguaios. Doutorado em Geografia. Universidade de Barcelona, 1 ago. 2001.

ZAAR, M. H. A migração rural do oeste paranaense / Brasil: a trajetória dos “brasiguaios”. In: Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales,** Universidad de Barcelona, n 94, 1 de agosto de 2001.

ZAAR, M. H. O processo migratório no extremo oeste do Estado do Paraná/Brasil com a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu. **Revista de Geografia e**

Ciências Sociais, Universidad de Barcelona, n. 69, 1 ago. 2000.

ZAMBERLAN, J; CORSO, G.(Orgs.). **Emigrantes brasileiros no Paraguai: presença scalabriniana**. Porto Alegre: Solidus, 2007.